

GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS

**O PROCESSO DE COOPERAÇÃO NA PSICOTERAPIA
DE GRUPO EM GESTALT-TERAPIA**

FORTALEZA - CEARÁ
1992

CATIVO

UFCE - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Biblioteca Lirada Facó

**O PROCESSO DE COOPERAÇÃO NA PSICOTERAPIA
DE GRUPO EM GESTALT-TERAPIA**

Dissertação Submetida à Coordenação do
Curso de Mestrado em Educação, como
Requisito Parcial para Obtenção do
Grau de Mestre em Educação pela Uni-
versidade Federal do Ceará

FORTALEZA - CEARÁ
1992

CATIVO

UFC - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Biblioteca Liréda Facó

Esta dissertação foi submetida à Coordenação do Curso de Mestrado em Educação, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida, desde que feita em conformidade com as normas da ética científica.

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Georges Daniel Janja Bloc Boris

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 22/05/1992

Susana Vasconcelos Jimenez - PhD

Professora Orientadora

Virginia Moreira Leitão - PhD

Maria Gercileni Campos de Araújo - MS

Ângela de Alencar Araripe Pinheiro - MS

Em meu entender, a vida consiste em três partes: o absorvente e habitualmente agradável presente, que corre minuto a minuto com velocidade fatal; o futuro, obscuro e incerto, quanto ao qual podemos fazer inúmeros planos interessantes, e se insólitos e improváveis tanto melhor, visto que - como nada virá a ser como esperávamos que fosse - ao menos nos divertimos enquanto planejavamos; e a terceira parte, o passado, as recordações e as realidades que são os alicerces da vida presente e que nos surgem de repente, trazidas por um perfume pela forma de uma colina, qualquer canção antiga, trivialidades que nos fazem de súbito murmurar 'Eu me lembro...' com um peculiar e quase inexplicável prazer.

AGATHA CHRISTIE

Aos meus filhos Marcelo, Lucas e André, e à
Wanise, a compensação pelas horas 'roubadas'
de nosso convívio.

A meus pais, Francis e Myriam, e à tia
Chloris, apoio e confiança constantes.

A meus clientes, especialmente os de psicote-
rapia de grupo, meus leigos professores da
cooperação humana.

A G R A D E C I M E N T O S

À Susana, que soube confiar e respeitar meu ritmo e minha capacidade de cumprir esta empreitada.

À Virginia, amiga e irmã, um modelo a seguir, com toda a certeza.

À Gercy, amiga e mestra, que, com sua sabedoria, ensinou-me muito do que sei.

À Ângela, exemplo de honestidade, simplicidade e bom humor, que soube 'pegar o bonde andando'.

A todos os meus amigos, os melhores irmãos porque escolhidos, companheiros de caminhada.

A meus alunos, estagiários e treinandos em Gestalt-Terapia, pelo muito que aprendi, desejando que este trabalho seja uma amostra da cooperação que podemos construir juntos.

À Universidade de Fortaleza, especialmente nas pessoas dos professores José Batista de Lima (diretor do Centro de Ciências Humanas), Regina Márcia Fraga Lobato (coordenadora do Curso de Informática), Fernando Lincoln Carneiro Leão Mattos (do Curso de Pedagogia), dos funcionários Neuman Moreira da Silva e Valdir Costa (auxiliares do Laboratório de Informática), e do aluno Samuel Rocha Lôbo (estudante do Curso de Informática), cuja disponibilidade e cooperação muito facilitaram a confecção desta dissertação.

À professora Terezinha Maciel, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, pela disponibilidade e dedicação na viabilização de minha defesa, especificamente na 'reta final'.

À Márcia e ao Alvim, pela impressão final deste trabalho.

BORIS, G.D.J.B. O Processo de Cooperação na Psicoterapia de Grupo em Gestalt-Terapia. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, 1992, 276 págs.

R E S U M O

A cooperação é definida e analisada a partir da perspectiva sócio-crítica do materialismo histórico e dialético, sendo abordado o tratamento desta questão pela psicologia social, especialmente no que diz respeito aos pequenos grupos humanos como seu espaço de manifestação por excelência.

A evolução histórica das práticas psicoterápicas de grupo é descrita e analisada, sendo caracterizada e tratada criticamente a proposta de psicoterapia grupal da gestalt-terapia, a partir da vida pessoal, das fontes e das influências sofridas por seu criador, Frederick (Fritz) Perls.

A ocorrência de processos cooperativos nos grupos gestálticos é investigada, sendo estes grupos compreendidos como instâncias mediadoras entre o indivíduo e a sociedade. O papel do psicoterapeuta é delimitado a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. As tarefas e objetivos sócio-pedagógicos do gestalt-terapeuta de grupo são definidos em termos da facilitação de atitudes cooperativas, sendo descritos através da análise de um processo psicoterápico grupal neste referencial.

Finalmente, são apontadas categorias, proposições e ênfases necessárias à facilitação da cooperação nos grupos gestálticos vivenciais e de psicoterapia.

BORIS, G.D.J.B. The Group Psychotherapy Co-operation Process in Gestalt Therapy. Fortaleza, Ceará, 1992, 276 pages.

A B S T R A C T

Co-operation is defined and analysed from the social-critical perspective of historical and dialectical materialism. The treatment of this question by social psychology is dealt specially in reference to the human small groups as its manifestation space "par excellence".

The historical evolution of the practices of group psychotherapies is described and analysed, and the proposal of the Gestalt therapy group is characterized and critically considered from the personal life and the inherited sources and influences of its creator, Frederick (Fritz) Perls. The occurrence of co-operative processes in Gestalt groups is investigated. These groups are realized as mediating instances between the individual and society. The psychotherapist role is delimited from the phenomenological and existential perspective. The social-pedagogical tasks and purposes of the group Gestalt therapist are defined in terms of the facilitation of co-operative attitudes, and are described by the analysis of a group psychotherapy process in this approach.

In conclusion, the necessary categories, propositions and emphases to the facilitation of co-operation in Gestalt "living" and psychotherapy groups are pointed out.

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - A COOPERAÇÃO NA PSICOLOGIA SOCIAL.....	7
1.1 Psicologia Social e Caracterização da Coopera- ção.....	7
1.1.1 Análise histórico-crítica da Psicologia Social.....	7
1.1.2 Cooperação: definição e investigação psi- cossociológica.....	22
1.2 A Cooperação nos Pequenos Grupos Humanos.....	27
CAPÍTULO II - O GRUPO PSICOTERÁPICO: SURGIMENTO E TRANSFORMAÇÕES - O MODELO GESTÁLTICO.....	47
2.1 Delimitação e Histórico da Psicoterapia de Grupo.....	47
(2.2) Caracterização da Gestalt-Terapia e de seu Trabalho com Grupos.....	63
2.2.1 Fritz Perls: uma marca pessoal.....	63
2.2.2 Fontes e influências da Gestalt-Terapia.....	71
(2.2.3) Análise crítica do trabalho com grupos em Fritz Perls.....	107

CAPÍTULO III - A MEDIAÇÃO INDIVÍDUO-SOCIEDADE NOS GRUPOS GESTÁLTICOS COMO PROCESSO PEDAGÓGICO DE COOPERAÇÃO.....	112
3.1 A Cooperação na Psicoterapia de Grupo em Gestalt-Terapia.....	112
3.2 O Papel Sócio-Pedagógico do Psicoterapeuta de Grupo em Gestalt-Terapia como Facilita- dor de Atitudes Cooperativas.....	138
3.2.1 Delimitação do papel do psicoterapeuta.....	138
3.2.2 Objetivos e tarefas do psicoterapeuta grupai.....	144
3.2.3 Ilustração do Processo de Grupo Gestálti- co e do Trabalho do Psicoterapeuta Grupai.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	239
ANEXO I.....	251
ANEXO II.....	274

I N T R O D U Ç Ã O

PI/MANTER-SE UNIDO (SOLIDARIEDADE)

--

-- Acima K'AN, O ABISMAL, ÁGUA

-- Abaixo K'UN, O RECEPTIVO, TERRA

--

--

... Aqui o que se requer é a união com os outros de modo a que, graças a um espírito de solidariedade, possa haver uma complementação e ajuda entre todos. Uma tal união requer uma figura central em torno da qual as pessoas se congreguem. Tornar-se um centro de influência unindo as pessoas é uma tarefa grave e de pesadas responsabilidades. Requer grandeza interior, firmeza e força ...

Mas quando existe um ponto de convergência real, aqueles que ao início estavam hesitantes e incertos pouco a pouco aproximam-se espontaneamente ... Relacionamentos formam-se e se consolidam de acordo com leis internas definidas. Vivências compartilhadas fortalecem esses vínculos ...

I CHING. O livro das mutações

Meu interesse por grupos se reporta aos primeiros anos do curso de psicologia da Universidade Federal do Ceará, iniciado em 1976. Por motivos pessoais, iniciei psicoterapia (como cliente individual) e, durante o ano de 1979, tive minha primeira experiência como cliente de psicoterapia grupal, numa abordagem psicodramática. Durante o curso de graduação, tive a oportunidade, durante vários semestres, de trabalhar como co-facilitador voluntário de grupos, numa proposta vinculada à abordagem centrada na pessoa, mas que incluía elementos de outros referenciais. Durante meu estágio obrigatório (1980-1981) em psicologia clínica, continuei incluindo a psicoterapia de grupo como minha principal atividade prática.

Antes da conclusão do curso (1981), vi a necessidade de um treinamento especializado, pois era minha pretensão tornar-me psicoterapeuta. Assim, de 1980 a 1983, participei de treinamento em dinâmica de grupo, psicoterapia grupal e psicodrama, numa abordagem triádica, que trabalha prioritariamente com grupos, sob as perspectivas de Freud, Kurt Lewin e Moreno, entre outros. A partir de minha graduação como psicólogo, venho trabalhando freqüentemente com grupos, tanto através de psicoterapia, quanto de grupos de encontro e 'workshops', bem como tenho participado de simpósios, conferências e palestras acerca deste tipo de experiência. Esta mesma experiência, por ser deveras enriquecedora, tem me proposto questionamentos, a partir de minhas próprias observações e das indagações dos clientes, que podem ser resumidas no seguinte: 'o que é um grupo?'; 'o que é preciso para que um grupo se constitua enquanto tal?'; 'o que acontece num grupo?' Assim, cada vez mais tornou-se-me um desafio tentar descrever os tipos de grupos dos quais venho participando e determinar os fenômenos que os caracterizam.

Estas questões me acompanham ao longo destes anos. Entre 1983 e 1984, voltei a me submeter à psicoterapia grupal, sob o referencial da gestalt-terapia. O desejo de me aprofundar e de me aperfeiçoar nesta abordagem levou-me à

inclusão, entre 1984 e 1987, em grupo de treinamento em gestalt-terapia, abordagem que, ainda hoje, norteia minha experiência como psicoterapeuta.

Em 1985, tornei-me professor do curso de psicologia da Universidade de Fortaleza, ministrando a disciplina 'Sistemas e Teorias em Psicologia II', que trata das bases filosóficas e psicológicas dos referenciais fenomenológicos, existenciais e humanistas. Anos depois, passei a supervisor de estágio em psicologia clínica, em gestalt-terapia, acompanhando pequenos grupos de alunos do último ano do curso em suas primeiras experiências como psicoterapeutas.

O reconhecimento das inegáveis carências de fundamentação teórica na formação dos cursos de psicologia e a necessidade de aperfeiçoamento pedagógico e acadêmico levaram-me a buscar, em 1986, no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, maior consistência acerca das bases filosóficas, sociológicas, políticas e econômicas de meu papel enquanto psicólogo, psicoterapeuta e professor. Meu trabalho como psicoterapeuta e educador passa, então, cada vez mais a ser compreendido como tendo um caráter essencialmente sócio-pedagógico, e, especificamente nas práticas grupais, como uma facilitação de atitudes cooperativas.

Nas várias disciplinas que cursei neste Mestrado, tive a oportunidade de evidenciar o quanto a psicologia era freqüentemente percebida como uma ciência - e até mesmo este estatuto era questionado - elitista, burguesa, individualista, fútil ou mesmo inútil. Estes questionamentos exacerbaram meu desejo de buscar defendê-la, demonstrando as possibilidades de práticas mais amplas, socializantes e eficazes, mesmo em meio à opressão a que estamos submetidos. As práticas grupais foram se tornando meu foco especial de atenção.

Pouco a pouco, meus interesses foram me dirigindo a textos de psicologia social, especialmente os baseados no materialismo histórico e dialético. Nestes textos, encontrei

respaldo para uma perspectiva do processo e do trabalho grupais menos atrelada ao indivíduo e que, sem prescindir da autoridade do líder, busca fundar sua postura num objetivo participativo, comunitário e cooperativo. Um grande achado foi o texto de Marx, 'Cooperação', em 'O Capital', em que o mesmo trata da evolução da cooperação nas sociedades capitalistas. Ao mesmo tempo, eu havia tido acesso a textos mais recentes de gestalt-terapia, especialmente os de Kepner, Yontef, Zinker, Tellegen e Fonseca, que lançam luz, criticamente, sobre o trabalho com grupos de Perls e seus primeiros seguidores e propõem uma maior atenção às regularidades, fases e temas grupais, bem como aos diferentes níveis de intervenção do facilitador de grupos.

Atualmente, desenvolvo, mais uma vez através do processo grupal, um trabalho de treinamento de psicoterapeutas em gestalt-terapia, buscando inserir no mesmo uma perspectiva cooperativa e comunitária, que considere as questões levantadas nesta dissertação.

A abordagem gestáltica utiliza-se da metodologia fenomenológica para a compreensão dos fenômenos que estuda, adotando como passo principal a descrição destes mesmos fenômenos. Entretanto, em muitos casos, esta metodologia não analisa e, portanto, omite a determinação sócio-histórica e cultural, político-ideológica e, principalmente, econômica da atividade criativa do homem, que, ao mesmo tempo, cria este mesmo homem. Atendo-se à descrição dos grupos gestálticos, corremos o risco de não captar a mediação ideológica e reprodutiva destes grupos e das instituições a que se vinculam, compreendendo a sociedade como um produto a-histórico e não dialético. Assim, optamos por partir do empírico (a experiência dos grupos gestálticos como tem sido exercida), e, através de análises sucessivas, ir além do aparente, repensando e superando cada momento empírico. Para tanto, utilizamo-nos de categorias que nos levem à compreensão do processo subjacente a estes fenômenos grupais, e de uma pesquisa participativa que recupere seu processo histórico espe-

cífico. A sua reflexão crítica permite a criação de novos caminhos de investigação científica.

Esta perspectiva crítico-social encontramos no materialismo histórico e dialético, que compreende "... que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos" (Gramsci, 1984, p. 38),

"... já que todo indivíduo é não somente a síntese das relações existentes, mas também da história destas relações, isto é, o resumo de todo o passado. Dir-se-á que o que cada indivíduo pode modificar é muito pouco, com relação às suas forças. Isto é verdadeiro apenas até um certo ponto, já que o indivíduo pode associar-se com todos os que querem a mesma modificação; e, se esta modificação é racional, o indivíduo pode multiplicar-se por um elevado número de vezes, obtendo uma modificação bem mais radical do que à primeira vista parecia possível (p. 40)".

Esta afirmação, sem dúvida, reforça a importância que damos ao processo de cooperação que se desenvolve nos grupos humanos, como destacaremos neste trabalho.

Dentre as atividades humanas, destaca-se o trabalho, enquanto transformador da adaptação passiva e reativa e da reprodução do mundo em uma nova realidade: a adaptação ativa e consciente do ser social e seu novo modelo de ser-com-os-outros (Lukács, 1978). Nos grupos psicoterápicos e nos grupos vivenciais, se o 'trabalho' não visa à produção material, objetiva a construção de uma nova realidade a partir não apenas das peculiaridades de cada participante e de seus líderes, mas do conjunto da comunidade grupal; os veículos desta transformação são a interação e a cooperação criadas neste grupos.

Considerando que a psicologia social historicamente tem se voltado para a investigação dos grupos sociais, partimos de uma análise histórica e crítica de como este ramo da psicologia tem tratado a questão da cooperação, e, mais especificamente, no que se refere aos pequenos grupos humanos (Capítulo I).

A partir da história da psicoterapia de grupo, o Capítulo II enfoca a proposta gestáltica de grupo, conforme seu principal expoente, Frederick S. Perls, descrevendo suas fontes e influências e analisando criticamente sua prática e a de seus primeiros seguidores sob a perspectiva da possível facilitação da cooperação em seus grupos; ou seja, a questão aqui é: 'a proposta de grupo de Perls facilita a criação de atitudes cooperativas entre seus participantes?'

O Capítulo III amplia esta perspectiva, tratando de grupos gestálticos que vão além da proposta meramente psicoterápica e discute a mediação indivíduo-sociedade neste tipo de grupos. Neste novo enfoque, é caracterizado o papel do psicoterapeuta (de uma forma geral) a partir das concepções de vários autores ligados às abordagens fenomenológico-existenciais e à gestalt-terapia. São especificados, então, os objetivos e tarefas peculiares ao facilitador gestáltico de grupos, ilustrando-os através da descrição e análise de todo um processo psicoterápico grupal nesta abordagem.

Finalmente, esta dissertação é concluída com considerações acerca da perspectiva de desenvolvimento de trabalhos grupais tendo como enfoque principal a cooperação entre seus membros e o trabalho com os diferentes níveis sistêmicos, tanto nos grupos de psicoterapia gestáltica quanto nos chamados 'grupos vivenciais'. Todas estas questões nos levaram a ir além da perspectiva clínica, seus procedimentos, concepções e técnicas, inserindo nossa análise numa perspectiva psicossocial, histórica e crítica.

CAPÍTULO I - A COOPERAÇÃO NA PSICOLOGIA SOCIAL

O estudo da interação entre os indivíduos nos sistemas de atividade conjunta organizada permite estabelecer alguns mecanismos dos quais depende, tanto a efetividade da atividade de organização, como a saúde mental e a capacidade de trabalho dos alunos.

PREDVECHNI & SHERKOVIN

1.1 - Psicologia Social e Caracterização da Cooperação

Embora muitos executem simultânea e conjuntamente o mesmo ou algo semelhante, o trabalho individual de cada um pode ainda assim representar, como parte do trabalho grupal, diferentes fases do próprio processo de trabalho, as quais o objeto de trabalho percorre mais rapidamente em virtude da cooperação.

MARX

1.1.1 Análise Histórico-Crítica da Psicologia Social

Embora sua origem remonte aos antigos pensadores gregos, a psicologia social é uma ciência recente, tendo seus

primeiros estudos formais se iniciado no século passado e a maioria das pesquisas psicossociológicas se desenvolvido a partir das duas guerras mundiais (Lane, 1986; Pariguin, 1972; Wheldall, 1976). Por este motivo, os limites de sua área de atuação e de seus objetos de estudo ainda estão por ser definidos. Para que possamos compreender como a questão da cooperação se insere no campo da psicologia social, faz-se necessário investigar a história das transformações deste domínio do conhecimento.

Vários autores (Hiebsch & Vorweg, 1980; Lane, 1987a; Pariguin, 1972; Predvechni & Sherkovin, 1986) descrevem a história da psicologia social. Exporemos aqui algumas das explanações destes autores sobre a questão.

Não foram ainda escritas nem a história da psicologia nem a da psicologia social sob o ponto de vista do materialismo histórico.

"Também a psicologia social burguesa, que surgiu como expressão de necessidades sociais da sociedade capitalista, ... pode ser entendida como reflexo das condições sociais e como apologética da dominação de classe burguesa - serva que atende as necessidades desta. Por outro lado, na sociedade socialista e entre os seus representantes progressistas dos países capitalistas, ela tornou-se hoje uma ciência activa, transformadora da realidade" (Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 15).

Abordando a questão da relação entre o indivíduo e a sociedade, vários autores reportam-se à filosofia da antiguidade clássica, referindo-se à oposição entre Platão, que assume uma perspectiva coletivista (partindo da sociedade como variável independente e o indivíduo como sua variável dependente), e Aristóteles, que encarava o indivíduo como

base das estruturas sociais (Hiebsch & Vorweg, 1980; Pariguin, 1972; Predvechni & Sherkovin, 1986).

Como evolução destas duas perspectivas, se desenvolvem, na idade moderna, nos primórdios do capitalismo e sob influência da tradição cristã, por um lado, o individualismo e o 'livre arbítrio', em Hobbes, Smith e Bentham, e por outro, o 'sociocentrismo', em Shakespeare, Machiavelli, Vico e Proudhon (Hiebsch & Vorweg, 1980).

Apenas na segunda metade do século XIX, com a psicologia se tornando uma disciplina independente, a investigação psicossociológica dará seus primeiros passos, fundamentando-se numa orientação burguesa, e se desenvolverá especialmente como psicologia individual, de inspiração materialista mecanicista, omitindo deliberadamente as concepções de Marx e de Engels. Conseqüentemente, no último terço do século XIX, no apogeu da sociedade capitalista (fase imperialista), com o proletariado tornando-se um fenômeno de massas, a luta de classes entre a burguesia e o proletariado exacerba-se e novas teorias são necessárias para explicar estes fenômenos (Hiebsch & Vorweg, 1980).

Surgem, portanto, três vertentes da psicologia social burguesa: a psicologia dos povos - especialmente na Alemanha, com Hegel, Humboldt, Lazarus, Steinthal, Wundt e Geiger - que defendia a tese da existência de uma alma supra-individual, subordinada a uma totalidade também supra-individual: o povo, a nação; a psicologia das massas, principalmente na Itália e na França, dedicada a explicar, baseada em Tarde, Sighele e Le Bon, as ações espontâneas da classe operária contra seus opressores e por melhores condições econômicas e políticas de vida, atribuindo-lhes como fundamento a imitação e o elemento afetivo (irracional); e as teorias do comportamento social como instinto, formuladas na Inglaterra e nos Estados Unidos, no princípio do século XX, especialmente em McDougall, e dedicadas a explicar o comportamento

humano, especialmente o social, como "instintos" [... ou...] "disposições psicofísicas" (Hiebsch & Vorgerg, 1980, p. 26).

Na atualidade, surge uma série de teorias de alcance intermediário: as que se ocupam de estudos comparados interculturais, influenciadas pela antropologia cultural (Malinowski, Mead, Bateson e Benedict) e parcialmente pela neopsicanálise (Adler, Horney, Fromm e Sullivan); as que estudam a atitude e a mudança social (Festinger, Hovland, Bandura e Thurstone); as que investigam o processo de socialização através da teoria da aprendizagem (Miller e Dollard, Skinner, Homans, Thibaut e Kelley); o novo campo de investigação, a interação social, baseado na cibernética e em seus ramos particulares; e finalmente, "a corrente mais largamente difundida no seio da presente psicologia social ocidental deve ser a 'investigação dos pequenos grupos' ou a 'dinâmica dos grupos'" (Hiebsch & Vorwerger, 1980, p. 31).

No antigo bloco socialista, ocorrem dificuldades e avanços na construção de uma psicologia social marxista, particularmente na ex-República Democrática Alemã. Há uma série de resistências à psicologia social: toda psicologia seria obviamente uma psicologia social; a psicologia social marxista seria idêntica ao materialismo histórico; sua problemática seria equivalente à da teoria pedagógica de Makarenko, já desenvolvida; seria desnecessária como disciplina particular, por ter seu campo limitado à investigação e à comprovação da determinação social do fato psíquico; teria surgido de necessidades da sociedade capitalista e, portanto, serviria à sua conservação; em certos meios, havia expectativa de que a psicologia social propusesse soluções para problemas concernentes a outras ciências (Hiebsch & Vorwerger, 1980).

Os pressupostos teóricos de uma psicologia social marxista podem ser encontrados nas 'Teses contra Feuerbach', de Marx (1978): o homem como ser social, que produz suas próprias condições de vida (contingências externas e mudança

de si mesmo), transformando-as e se transformando através de sua atividade. Mesmo a tese dialética da determinação externa dos fenômenos psíquicos conclui que "a actividade humana pressupõe não só um objecto para as suas acções mas também outros sujeitos que colaboram na actividade (portanto, que actuem em sociedade)" (Rubinstein, 1979 apud Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 36). Ao enfatizar a categoria da atividade humana, o materialismo histórico e dialético destaca não apenas o caráter determinado, mas também o caráter determinante da ação do homem.

Entre os objetos de investigação da psicologia social, a interação social se refere:

- a) ao mecanismo de determinação, na medida em que ele é directamente 'refractado' por leis específicas do fenômeno grupo;
- b) às regularidades segundo as quais as forças essenciais do homem aumentam na cooperação, nomeadamente em relação aos componentes da capacidade de trabalho (aumento do rendimento do grupo) e no que respeita aos componentes da atitude (efeito educativo do grupo);
- c) às próprias leis da interacção subjacentes a estes e que podem dar informação sobre a sua relação com os processos de cooperação e, ao mesmo tempo, esclarecem o seu efeito;
- d) às leis a que estão subordinadas as situações que 'são mediadoras' da interacção dos homens na cooperação, ou seja, a comunicação e o grupo, em particular as suas estruturas (Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 37-38).

Neste contexto, a questão da cooperação deveria ser o centro dos estudos e trabalhos psicossociológicos, pois "a

cooperação humana é o ponto de partida básico da investigação psicossociológica; seu objeto é a interação social" (Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 37). Portanto, a

"tarefa social da psicologia social [seria] pôr à disposição o correspondente saber sobre a otimização do processo de intercâmbio das forças essenciais do homem, ou seja, da cooperação, e isto no que se refere ao seu aspecto subjetivo do comportamento" (p. 39).

A fusão específica das atividades individuais em sociais se dá no ato de cooperação (Marx, 1985); por conseguinte, "no acto de cooperação realiza-se a determinação externa da psique humana, nomeadamente sob a forma de determinação social" (Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 36). A partir disto,

"o processo de cooperação é um encontro, um confronto entre condições de vida, as externas e as já interiorizadas; é o 'ponto de partida' e o 'ponto de retorno' das forças essenciais do homem. Se a actividade é o veículo da determinação, pode-se, então, designar a cooperação como o processo de circulação das determinantes da actividade humana ... A psicologia social se ocuparia do aspecto subjetivo do comportamento no processo de circulação. Este consiste, essencialmente, na influência recíproca que os homens exercem durante a cooperação" (p. 36-37).

Conseqüentemente,

"... a pesquisa psicossociológica se orientará principalmente para aquelas formações sociais em que se podem observar directamente

processos concretos de cooperação [e] ... o chamado 'pequeno grupo', pelas razões apontadas, tem de se situar no primeiro plano de nossa observação, pois aqui se realiza realmente o intercâmbio directo das forças essenciais do homem ..., [pois a] ... natureza da cooperação ... se realiza concretamente entre conjuntos humanos de efectivos limitados" (Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 38).

O objeto de estudo e observação por excelência da psicologia social é o grupo, "um conjunto de homens que se encontram em interação 'directa' uns com os outros" (p. 39).

Podemos deduzir que a investigação psicossociológica deve se centrar na interação social, que se manifesta regularmente nos grupos sociais, favorecida pelo fenômeno da cooperação. Este fenômeno é particularmente percebido nos pequenos grupos humanos, que, por conseguinte, devem ser objeto de atenção especial dos psicólogos sociais.

Existem várias interpretações quanto ao surgimento e à natureza da psicologia social. Pariguin (1972) afirma que a psicologia social, na verdade, teria nascido em 1859, com Steinthal e Lazarus, e que as várias idéias quanto à cronologia de seu surgimento se devem a diferentes concepções sobre sua origem, pressupostos e inclusão em um dos vários ramos das ciências sociais. Assim, refere-se a Mansurov, Kuzmin e à 'Grande Enciclopédia Soviética', que sustentam que a psicologia social surgiu como um ramo da psicologia burguesa; por outro lado, refere-se a Zamoshkin, Kovaliov, Kon e Osipov, que tributam o nascimento da psicologia social a uma psicologização da sociologia burguesa, sendo, portanto, um ramo desta. A psicologia social tem como raízes, além da sociologia, a psicologia, a fisiologia, a biologia, a antropologia, a psiquiatria e outras ciências humanas. Quanto à sua ideologização, é inegável, mas

"a Psicologia Social burguesa não se reduz à sua função ideológica. Caracteriza-se, além disso, por conter um determinado conjunto de dados, de problemas reais, de recursos técnicos eficientes e de métodos para obter e elaborar informação científica, tudo o que, se se exime de seu matiz idealista, pode ser utilizado com êxito no interesse do conhecimento científico e da atividade prática" (Pariguin, 1972, p. 11).

Em grande parte, Pariguin (1972) reforça a exposição de Hiebsch & Vorweg (1980) acerca das origens da psicologia social, desde Platão e Aristóteles, passando por sua feição idealista, pelo avanço do capitalismo e da burguesia, pelo confronto com as idéias de Marx e de Engels e as conseqüentes teorizações burguesas, até o seu nascimento como ciência independente, entre 1930 e 1940.

A partir dos anos 20 e especialmente após a II Guerra Mundial, há uma grande ramificação da psicologia social burguesa, que, gradativa e incessantemente, vai diminuindo o interesse pelas questões teóricas e filosóficas e aumentando as tarefas de caráter aplicado, principalmente o estudo dos pequenos grupos sociais; esta concepção microssociológica sofre restrições, pois

"dá uma representação tergiversada das correlações psicossociais, bem como das relações econômico-sociais da sociedade, de sua macro e microestrutura. Este enfoque específico e isolado está em oposição à teoria marxista das classes e tem por objetivo diluir o conceito de classe em uma categoria mais ampla de grupo social, criando com isso uma aparência de homogeneidade social na sociedade burguesa contemporânea" (Pariguin, 1972, p. 36).

Portanto, é freqüentemente criticada pela "tentativa de fundamentar metodologicamente o empirismo como método fundamental de investigação" (p. 37), mas, ao mesmo tempo, pode-se destacar

"o indubitável valor do experimento psicossocial, sua efetividade como método de investigação e, em vários casos, a validade dos resultados que os psicólogos sociais burgueses de nosso tempo obtêm utilizando o referido método" (p.38).

Alguns setores da psicologia social burguesa não consideram o empirismo estrito como atributo de sua ciência, buscando concepções novas, mais flexíveis e menos ortodoxas, proporcionando a inclusão da interação entre a sociedade e o indivíduo entre seus objetos de estudo da psicologia social. Entre outras, incluem a psicologia gestaltista, um dos fundamentos da gestalt-terapia, objeto de nossa atenção neste trabalho. Entretanto, advertem que estas tentativas não significam necessariamente uma aceitação do marxismo e da análise de classe, por exemplo. Os fundadores do marxismo nada escreveram sobre temas específicos de psicologia social, mas Marx e Engels, antes do surgimento da psicologia social burguesa, deram uma visão científica da psicologia social.

"Ao mesmo tempo que assinala o caráter socialmente condicionado da consciência, o marxismo reconhece também o papel ativo do fazer humano - o momento psicológico, subjetivo - na história da sociedade" (Pariguin, 1972, p. 44).

Além disto, vários pensadores marxistas (Labriola, Gramsci, Plekanov e Lenin) destacaram a necessidade do desenvolvimento dos estudos da psicologia social materialista.

Apesar de criticar a ideologização da psicologia social 'burguesa', Pariguin (1972) mantém o resgate de setores desta que se voltam para a interação social e, além disto, entre os grandes nomes do pensamento marxista, aqueles que, embora não sendo psicólogos sociais, trataram do estudo da atividade, do psiquismo e da subjetividade humanos.

Numa breve análise da história da psicologia social, percebe-se como objeto de estudo "... os fenômenos psíquicos que surgem durante as relações dos homens nos grupos, coletivos¹ e, mais amplamente, nas distintas comunidades humanas organizadas e não organizadas" (Predvechi & Sherkovin, 1986, p. 8). Na mesma perspectiva histórico-crítica de Hiebsch & Vorweg (1980) e de Pariguin (1972), pode-se entender como objetivo da psicologia social esforçar-se

"... em determinar as regularidades do reflexo do ser social na consciência individual e social, em utilizar as regularidades conhecidas para otimizar os processos de relação entre os homens" (Predvechni & Sherkovin, 1986 p. 5).

Deve-se relembrar que os fundamentos metodológicos da psicologia social marxista podem ser encontrados nos trabalhos de Marx, Engels e Lenin e de vários marxistas renomados, pois nas obras iniciais de Marx e Engels percebe-se

1. "O coletivo é um conjunto de indivíduos organizados com um fim e que possui órgãos de direção coletiva. Onde há organização de coletivo, há órgãos de coletivo, há uma organização de pessoas com poderes, que goza da confiança do coletivo; e a questão da relação de um companheiro com outro não é uma questão de amizade, nem de amor, nem de vizinho, é uma questão de dependência quanto à responsabilidade" (Makarenko, A. S. "Obras". Moscú: [s.n.], 1951, t. 2 apud Predvechni, G. P. & Sherkovin, Yu. A. [colectivo de autores]. Psicologia social. La Habana: Política, 1986, p. 20).

"claramente um interesse pelos fenômenos de ordem psicológico-social. E em seus trabalhos posteriores voltaram, em mais de uma ocasião, aos interesses sociais de classes e de grupos, às ilusões e equívocos dos diferentes grupos sociais, às suas contradições e costumes, quer dizer, aos fenômenos e processos que são estudados na atualidade pela psicologia social" (p. 12).

Assim, fica claro que "para Marx o problema da história tem sido também em certo sentido um 'problema psicológico'" (Plejanov, 1956 apud Predevechni & Sherkovin, 1986, p. 12).

Lenin se evidencia por sua ênfase à questão do processo de formação da autoconsciência de classe e à influência do aspecto emocional, além das contribuições de vários pensadores marxistas (Labriola, Plejanov, Mehring, Luxemburgo, Gramsci, Bevel e outros). Na extinta União Soviética, nos primeiros anos após a 'Revolução de Outubro', Bejterev se destaca pela intenção de "reduzir as leis da psicologia das massas a leis físicas fundamentais" (Predvechni & Sherkovin, 1986, p. 17), sob a influência de Tarde e de McDougall. Esta intenção é criticada por ser abstrata, mecanicista, idealista e anticientífica. Nos anos 20, vários autores (Chelpanov, Voitlovski, Reisner, Zalkind e Frankfurt) tentaram unir as diferentes teorias psicossociais com o marxismo, numa combinação eclética, resultando em métodos inadequados devido a seu parco domínio do marxismo-leninismo, mas, por outro lado, estimulando o aprofundamento na fundamentação marxista e a análise psicológica da atividade revolucionária.

Neste campo, desponta o trabalho de Makarenko e sua teoria do coletivo, que estimulou uma série de estudos sobre o problema do indivíduo e do coletivo, sobre as qualidades

da personalidade humana, sua esfera motivacional e os mecanismos de formação de suas qualidades sociais (Predvechni & Sherkovin, 1986).

Por outro lado, ocorre a aplicação cada vez mais ampla dos métodos experimentais, desde o final dos anos 50 e início dos anos 60, especialmente no estudo psicossocial do coletivo, o que veio a gerar grandes dificuldades metodológicas, mas que vão sendo eliminadas a partir da segunda metade da década de 60 e início dos anos 70. Investigando criticamente os estudos da psicologia social ocidental sobre os pequenos grupos (que os considera como conjuntos de atos interativos e comunicativos de caráter emocional, trasladando posteriormente estes critérios para as relações sociais em geral), os psicólogos sociais soviéticos puderam diferenciar os determinantes do grupo difuso (ou de contato) e das associações (relações diretas e ação mútua entre os indivíduos) e os do coletivo, que "é um grupo onde as relações interpessoais estão mediadas pelo conteúdo de valor social e de significação pessoal da atividade conjunta" (Predvechni & Sherkovin, 1986, p.25). No coletivo, são também determinantes a ação mútua e as relações diretas entre seus membros, mas estas são mediadas por objetivos, tarefas e valores da atividade conjunta, ou seja, por conteúdo real.

A história recente da psicologia social, na década de 50, apresenta duas vertentes predominantes:

"uma, na tradição pragmática dos Estados Unidos, visando alterar e/ou criar atitudes, interferir nas relações grupais para harmonizá-las e assim garantir a produtividade do grupo - é uma atuação que se caracteriza pela euforia de uma intervenção que minimizaria conflitos, tornando os homens 'felizes' reconstrutores da humanidade que acabava de sair da destruição de uma II Guerra Mundial. A outra tendência, que também procura conhecimentos que

evitem novas catástrofes mundiais, segue a tradição filosófica européia, com raízes na fenomenologia, buscando modelos científicos totalizantes, como Lewin e sua teoria de Campo (Lane, 1987a, p. 10).

Esta euforia dura relativamente pouco, tendo sua eficácia questionada em meados dos anos 60, pois "não conseguia intervir nem explicar, muito menos prever comportamentos sociais [, o que leva a um] retorno às análises fatoriais e novas técnicas de análise de multivariância" (p. 10-11).

Na França, após o movimento de 68, retoma-se intensamente a tradição psicanalítica, fazendo-se

"uma crítica à psicologia social norte-americana como uma ciência ideológica, reprodutora dos interesses da classe dominante, e produto de condições históricas específicas, o que invalida a transposição tal e qual deste conhecimento para outros países, em outras condições histórico-sociais" (Lane, 1987a, p. 11).

Tal movimento, por sua vez, repercute na Inglaterra, onde, sob o ponto de vista epistemológico, o positivismo é criticado por perder o ser humano em nome da objetividade.

"Na América Latina, Terceiro Mundo, dependente econômica e culturalmente, a Psicologia Social oscila entre o pragmatismo norte-americano e a visão abrangente de um homem que só era compreendido filosófica ou sociologicamente - ou seja, um homem abstrato" (p. 11),

mas, no final dos anos 70, após uma fase de críticas, vários movimentos assumem propostas concretas, baseadas no materialismo histórico e dirigidas para trabalhos comunitários.

Podemos questionar, apesar dos inegáveis avanços dos movimentos comunitários nos países capitalistas latino-americanos, a profundidade destas propostas: estes movimentos parecem ter se centralizado nas comunidades e associações, e, posteriormente, nos sindicatos, mas sua influência pouco se fez presente a nível dos partidos políticos, que carecem, inegavelmente, de concepções concretas acerca do homem sobre o qual pretendem exercer o seu poder, e muito menos em outros grupos e organizações de caráter ideológico-político, mas sem vinculação partidária.

Tendo em vista a série de questionamentos em que se debateu a psicologia social ao longo dos últimos anos, podemos concluir que

"é dentro do materialismo histórico e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para a reconstrução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo - objeto da Psicologia Social" (Lane, 1987a, p. 15-16).

A partir de uma série de categorias essenciais à construção da psicologia social como práxis científica, podemos considerar que

"a análise do processo grupal nos permite captar a dialética indivíduo-grupo, onde a dupla negação caracteriza a superação da con-

tradição existente e quando o indivíduo e grupo se tornam agentes da história social, membros indissociáveis da totalidade histórica que os produziu e a qual eles transformam por suas atividades também indissociáveis" (Lane, 1987a, p. 17).

Conseqüentemente, a pesquisa-ação, por seu caráter de intervenção, se caracteriza como práxis metodológica por excelência na investigação do processo grupal.

Por sua vez, Sève (1981), que se dedica à concepção marxista da teoria da personalidade, inclui como tarefa da psicologia social o trabalho de desenvolvimento universal da tomada de consciência, dando força ao movimento político de massas e lutando contra todo tipo de mistificação ideológica.

Como vimos, a psicologia social deu seus primeiros passos em época muito próxima dos avanços do capitalismo. Inevitavelmente, esta ciência não poderia se ver isenta das influências do pensamento burguês. Consultando Marx (1985), podemos entender que "a própria cooperação aparece como forma específica do processo de produção capitalista" (p. 265). Dado o destaque de Hiebsch & Vorweg (1980) de que a cooperação se realiza efetivamente em grupos pequenos e que, portanto, a pesquisa psicossociológica deve se voltar para a investigação destas configurações, compreendemos a importância da análise dos estudos efetivados pela psicologia social a este respeito, especialmente quando se voltam para a questão da cooperação.

Entretanto, para que tal análise possa ser feita, faz-se necessário adotar uma perspectiva crítica que, sem desprezar as contribuições da psicologia social 'burguesa', possa avançar no sentido de apreender a realidade social em que estamos inseridos e na qual intervimos. Acreditamos,

juntamente com Lane (1987a), que, especialmente para a análise de processos grupais, a perspectiva que melhor atende aos nossos propósitos é a do materialismo histórico e dialético, dada a sua histórica atenção aos fenômenos sociais. Além disto, este referencial permite uma melhor interpretação da relação entre os determinantes internos e externos (pouco explicitada por outras perspectivas) dos processos grupais, entre os quais se encontra a cooperação, que propicia a criação de um sentimento comunitário.

1.1.2 Cooperação: Definição e Investigação Psicossociológica

Como nosso objetivo é desenvolver uma análise acerca do processo de cooperação na psicoterapia de grupo em gestalt-terapia, o próximo passo deve ser definir cooperação. Consultando o dicionarista brasileiro Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975, p. 380), encontramos:

"Cooperação. [Do lat. 'cooperare', por 'cooperari'.] V.t.i. 1. Operar ou obrar simultaneamente; trabalhar em comum; colaborar: 'cooperar para o bem público'; 'cooperar em trabalhos de equipe'. Int. 2. Ajudar, auxiliar; colaborar".

Pinto (1970) afirma que "a palavra - cooperação - vem do latim: 'cum' + 'operationem' (trabalho com) e se define como uma conjugação de ações sociais, tendo em vista objetivos comuns" (p. 116), enquanto Willems et al. (1961 apud Pinto, 1970) concluem que "cooperação é a ação conjugada em que pessoas se combinam de modo mais ou menos organizado para alcançar o mesmo objetivo" (p. 84).

Marx (1985) aprofunda a questão, definindo cooperação como "a forma de trabalho em que muitos trabalham planejadamente lado a lado e conjuntamente, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos" (p. 259). O próprio Marx esclarece as evidentes vantagens do trabalho cooperativo sobre o individual, pois além do aumento da força produtiva individual por meio da cooperação, há a criação de uma força produtiva que é, inegavelmente, uma força de massas. As qualidades da cooperação são exaltadas de uma forma mais ampla, pois, "ao cooperar com outros de um modo planejado, o trabalhador se desfaz de suas limitações individuais e desenvolve a capacidade de sua espécie" (p. 262). Assim, a cooperação humana parece ser uma atividade essencial tanto para a capacidade de trabalho individual, grupal e social do homem, quanto para o desenvolvimento da capacidade produtiva de sua espécie.

Pinto (1970) utiliza três critérios para classificar os tipos de cooperação:

- quanto à vontade:

- a. espontânea ou voluntária: seus participantes são livres para agir;
- b. coercitiva ou forçada: baseada na força, coação e no receio de sanções. Com o desenvolvimento dos grupos, tende a diminuir a cooperação puramente espontânea, pois as formas mais simples de necessidades humanas, decorrentes dos perigos das forças da natureza, provocam uma espécie de compulsão que propicia a cooperação (Mannheim, 1962 apud Pinto, 1970).

- quanto ao modo:

- a. direta: quando o empenho dos participantes para alcançar o objetivo comum é simultâneo, depen-

dendo de todos. Nem todos os teóricos, entretanto, adotam este critério de simultaneidade, pois crêem que a essência da cooperação "reside em que a gente faça em companhia as mesmas coisas que poderia fazer também separada ou isoladamente" (MacIver & Page, 1963 apud Pinto, 1970, p. 117), ou seja, na realização conjunta (não necessariamente simultânea) das mesmas atividades;

- b. indireta: ocorre quando o trabalho é dividido e os esforços conjugados são distribuídos em atividades distintas. São "atividades em que as pessoas efetuam tarefas claramente desiguais que tendem a um só fim" (MacIver & Page, 1963 apud Pinto, 1970, p. 117). Esta é a forma típica de cooperação das sociedades mais desenvolvidas: a divisão de trabalho.

- quanto ao fim:

- a. competitiva ou antagônica: na qual, para usufruir de vantagens imediatas, os participantes põem de lado provisoriamente suas tendências divergentes. É "a cooperação onde antagonismos inevitáveis são suprimidos em vista das conveniências superiores, realmente experienciadas, ou previstas, de fazer causa comum" (Keller in: Fairchild [ed.], 1967 apud Pinto, 1970, p. 118). Um exemplo típico de cooperação competitiva se dá quando partidos políticos ideologicamente diferenciados se aliam para derrotar terceiros, em eleições;
- b. ecológica: quando indivíduos ou grupos se ajudam reciprocamente para aumentar os recursos restritos de um meio ambiente ou para minorar seus inconvenientes ou perigos.

Portanto, podemos definir

"uma 'situação cooperativa' como sendo aquela em que os objetivos ('goal regions') dos indivíduos de uma situação são de tal ordem que, para que o objetivo de um indivíduo possa ser alcançado, todos os demais integrantes da situação deverão igualmente alcançar seus respectivos objetivos" (Deutsch, 1949a apud Rodrigues, 1977, p. 149).

A partir desta definição, levantamos hipóteses relativas ao comportamento de indivíduos em pequenos grupos, comparando situações cooperativas e competitivas² e defendendo a superioridade das primeiras, pois:

- há melhor percepção de que o atingimento dos objetivos é parcialmente determinado pelas ações dos demais membros grupais;
- há maior probabilidade de valorizar ações facilitadoras à condução dos objetivos grupais e maior resistência às ações impeditivas;
- há mais sensibilidade às solicitações alheias;
- há maior frequência de ajuda mútua;
- após um certo período, há maior frequência de coordenação de esforços;
- há mais homogeneidade na quantidade de contribuições ou participações;

2. Para outras considerações sobre esta questão, pode-se consultar Freedman, J.L., Carlsmith, J.M. & Sears, D.O. Psicologia social. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

- há maior especialização de atividades entre os membros do grupo;
- há mais pressão para realizações coletivas;
- há maior observação atenciosa aos sinais dos demais membros do grupo;
- há maior produtividade qualitativa;
- há mais manifestação de amizade;
- há mais avaliação favorável das produções do grupo;
- há maior porcentagem de funções grupais;
- há melhor percepção da própria capacidade de produzir efeitos nos demais membros do grupo (Deutsch, 1949b apud Rodrigues, 1977).

Como podemos perceber, a psicologia social é uma ciência recente e sua trajetória tem oscilado entre o enfoque sobre o indivíduo, as massas, os grupos humanos e, mais raramente, sobre as classes sociais, o que é percebido por muitos como, no mínimo, um percurso de avanços e recuos. Até mesmo a origem desta ciência é discutida: entre os psicólogos sociais marxistas, esta fonte é detectada na psicologia burguesa ou numa psicologização da sociologia burguesa, o que determinaria seu caráter ideológico, especialmente desenvolvido com o avanço do capitalismo.

Entretanto, alguns pensadores concebem a psicologia social como tendo uma origem multideterminada, a partir de várias ciências, não se limitando ao seu caráter ideológico, sendo necessário reconhecer, ao se expurgar esta função manipuladora, o valor de seus dados, problemas, técnicas, métodos e informações científicos.

Nossa preocupação aqui, mais do que elaborar uma classificação e uma definição taxonômicas das formas de cooperação, visa a expor como a psicologia social tem analisado esta questão. Neste contexto, o processo de cooperação tem sido tratado de forma esporádica e fragmentada, sendo o materialismo histórico e dialético, entre os referenciais utilizados pela psicologia social, aquele que mais tem se aprofundado nesta análise. Como a cooperação pressupõe interação social, esta questão tem sido estudada, no campo psicossociológico, especialmente por aqueles que têm se dedicado à investigação acerca dos chamados 'pequenos grupos'. Destaque-se, aqui, a título de advertência, o cuidado com certa tendência, nesta área, a conceber a sociedade como um somatório de indivíduos e/ou grupos, escamoteando o caráter mediador dos grupos humanos e a determinação, em grande parte sócio-econômica, das relações sociais.

De qualquer forma, é nos pequenos grupos humanos que é possível o melhor campo de observação e investigação acerca da cooperação. Portanto, nosso próximo passo é tratar como a psicologia social tem abordado a questão da cooperação neste tipo de grupo e, a partir disto, nos grupos de psicoterapia gestáltica. Aqui, adotamos como definição de cooperação o trabalho planejado conjunto, baseado em objetivos comuns, que propicia o surgimento de um sentimento comunitário, o aumento da força produtiva de seus participantes, bem como da produção grupal.

1.2 A Cooperação nos Pequenos Grupos Humanos

Quase nenhuma ação humana tem por sujeito um indivíduo isolado. O sujeito da ação é um grupo, um 'Nós', mesmo se a estrutura atual da sociedade, pelo fenômeno da reificação, tende a encobrir esse 'Nós' e a transformá-lo numa soma de várias individualidades distintas e fechadas

umas às outras. Há entre os homens uma outra relação possível além da relação de sujeito a objeto ou da de Eu a Tu: é uma relação de comunidade que chamaremos o 'Nós', expressão de uma ação comum sobre um objeto físico ou social.

GOLDMANN

Como tratamos anteriormente, uma larga corrente da psicologia social ocidental tem se especializado na investigação dos pequenos grupos humanos, nos quais, como também demonstramos, é possível abordar os processos cooperativos facilmente detectáveis entre os seus participantes. Neste sentido, podemos destacar a afirmativa de que esta corrente apresenta como qualidade favorável, entre seus ramos, "que os seus representantes reconheçam o facto de, em grupos restritos, os homens serem capazes, por si próprios, de estabelecer uma ordem adequada à sua tarefa" (Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 31).

Entretanto, este destaque não deixa de provocar problemas. Se, por um lado, podemos apontar os trabalhos de Lewin (continuados por Festinger, Deutsch, Bavelas, Cartwright, Kelley, Lippit, Heider, Schachter e Thibaut) por suas investigações acerca das formas de liderança e sua clara contraposição à ideologia fascista, por outro, devemos registrar criticamente estes mesmos estudos, especialmente em Moreno (1974; 1975), pela

"concepção de que os pequenos grupos podem servir de 'modelo' para o estudo da sociedade, o que quer dizer que mais se concebe a sociedade como um agregado de pequenos grupos do que os pequenos grupos como 'imagens' da sociedade [acrescentando] que uma tal concepção pode ser facilmente utilizada com intenção apologética" (Hiebsch & Vorweg, 1980, p. 32).

Assim, faz-se necessário cuidar da perspectiva acerca dos grupos e da sociedade, no sentido de não se tomar os pequenos grupos como a unidade central, a partir da qual se concebe a sociedade, as classes e mesmo os indivíduos. A sociedade é a totalidade primeira, e seus grupos, classes e indivíduos são determinados por suas relações sociais, originando, ao mesmo tempo, a estrutura da sociedade. Qualquer mudança interfere em todos os elementos sociais.

Neste sentido,

"desenvolver relações sociais que se efetivem através da comunicação e cooperação entre pessoas, relações onde não haja dominação de uns sobre os outros, por meio de procedimentos educativos e, basicamente, preventivos, se tornou o objetivo central de atividades comunitárias, ..., desde que estes se identifiquem por necessidades comuns a serem satisfeitas, através de atividades planejadas em conjunto e que impliquem em ações de vários indivíduos, para atingir o objetivo proposto" (Lane, 1986, p. 68).

Assim, a cooperação é um processo educativo e preventivo das atividades grupais, tendo como pressuposto básico necessidades e ações conjuntas comuns.

A reflexão acerca das origens das necessidades grupais e dos processos ativos utilizados pelos grupos no sentido de sua concretização assume um caráter educativo, recuperando a história individual e social, bem como a consciência de si e das relações historicamente determinadas, através do pensamento, da ação, da comunicação e da cooperação entre os membros grupais (Lane, 1986):

"quando um grupo se reúne para discutir seus problemas, muitas vezes sentidos como exclu-

sivos de cada um dos indivíduos, descobrem existirem aspectos, decorrentes das próprias condições sociais de vida; o grupo poderá se organizar para uma ação conjunta visando a solução de seus problemas. E aquelas necessidades, que sozinhos eles não podiam satisfazer, passam a ser resolvidas pela cooperação entre eles" (p. 69).

A partir desta discussão, podemos rever a noção de pequenos grupos, não mais considerando o grupo

"como dicotômico em relação ao indivíduo (Indivíduo sozinho x Indivíduo em grupo), mas sim como condição necessária para conhecer as determinações sociais que agem sobre o indivíduo, bem como a sua ação como sujeito histórico, partindo do pressuposto que toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam" (Lane, 1987b, p. 78).

Assim, descrevemos criticamente os estudos tradicionais sobre os pequenos grupos vinculados à teoria de K. Lewin (1978), que os compreende como espaço topológico e sistema de forças (noção de 'campo'), buscando apreender a dinâmica interpessoal de membros grupais quando em situações de interdependência quanto a uma tarefa (sócio-grupo) e/ou quanto aos próprios membros (psico-grupo). Como consequência de observações e experimentos, ter-se-iam desenvolvido conceitos (coesão, liderança, pressão etc.) e descrições de processos grupais meramente reprodutivos para o sistema social mais amplo, através de valores individualistas, harmônicos e mantenedores dos mesmos. A função grupal seria a definição de papéis e da identidade social dos membros, garantindo sua produtividade social. O grupo (coeso, estruturado,

ideal, acabado) seria visto como a-histórico numa sociedade também a-histórica, limitado apenas à história individual de cada membro do grupo com os demais (Lane, 1987b).

Lewin é criticado por descrever apenas o aparente, quando, por exemplo, conceitua liderança sem captar as relações de poder existentes mesmo sob liderança democrática, e por concluir paradoxalmente a necessidade de uma liderança 'forte' para um grupo ser autônomo. Afirma Lane (1987b) que

"a pressuposição de um líder forte implica um poder que será 'doador' a todos, impedindo a emergência da contradição e conseqüentemente a conscientização dos membros do grupo ... Sob esta perspectiva os grupos só podem reproduzir relações mantenedoras do 'status quo'" (p. 92).

Conseqüentemente, os pós-lewinianos, através destes pressupostos e desta metodologia, levariam à reificação grupal (como processo 'natural' e 'universal') e à reprodução da ideologia dominante (definidora dos papéis grupais como complementares, produtivos e coesos), sem analisar a instituição e suas determinantes históricas.

Horkheimer & Adorno (1978) estariam entre aqueles que analisam os processos grupais inseridos social e institucionalmente. O microgrupo seria visto como mediador necessário entre o indivíduo e a sociedade, assumindo sua estrutura formas historicamente variáveis (Lane, 1987b).

Portanto, ao criticarem o estudo dos microgrupos, estes autores destacam a historicidade grupal e a impossibilidade de generalizações baseadas no empírico, pois

"na aparência as relações são peculiares e somente no aprofundamento da análise do processo ocorrendo, com suas determinações so-

ciais mais amplas, pode-se captar a natureza reprodutora das relações que se desenvolvem em cada grupo, enquanto relações de dominação (Horkheimer & Adorno, 1978 apud Lane, 1987b, p. 93).

Em Loureau (1975), se destaca sua proposta de análise institucional por meio das relações grupais ocorrentes na instituição e sua caracterização do 'grupo-objeto' (cuja segmentariedade visa a justapor os membros para a realização de um trabalho e a divisão de trabalho leva à hierarquização do poder) e do 'grupo-sujeito' (capaz de captar objetiva e conscientemente a mediação da instituição). Apenas através da análise da transversalidade se poderia conhecer a segmentariedade, a autonomia e os limites do grupo, condição necessária para a sua transformação em 'grupo-sujeito'. Neste sentido, na medida em que a coesão, a harmonia e a unidade permeiam as relações, as hierarquias de poder são mantidas e, conseqüentemente, o grupo permanece um 'grupo-objeto' (Lane, 1987b).

Lapassade (1983) analisa grupos quanto a seu nível dinâmico e institucional. Este último nível determinaria as características grupais, ocorrendo numa contradição entre serialização e totalização. Baseado em Sartre, Lapassade (1983) caracteriza a serialidade como a própria negação do grupo, pois, apesar do objetivo comum, a relação entre os membros é uma mera somatória. Apenas através da organização poder-se-ia falar em grupo, capaz de definir, controlar e corrigir a práxis comum (Lane, 1987b). Como veremos no próximo capítulo, os primeiros grupos de psicoterapia e até mesmo os de Perls (o criador da gestalt-terapia) eram tratados no sentido da serialidade, pois mais trabalhavam com os participantes do grupo do que com a totalidade ou organização grupal.

A categoria de "não-grupo" (Lane, 1987b, p. 97) se identifica com a segmentariedade de Loureau (1975) e a serialidade de Sartre e Lapassade (1983):

"são agrupamentos onde, tanto as necessidades como os motivos e as atividades decorrentes são individuais e não conseqüências de uma relação onde predomina o 'nós' e que exige a cooperação de todos (Lane, 1987b, nota de rodapé à p. 97).

Podemos conceber a teoria de Pichon-Rivière (1986) como uma proposta dialética, pois, para este, o grupo é

"o conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua 'mútua representação interna', que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade" (Pichon-Rivière, 1986, p. 177).

Dentro desta proposta, é desenvolvida uma técnica operativa para capacitar ativamente o grupo para a resolução das dificuldades internas dos seus membros, devidas à ansiedade criada pelo medo da perda do equilíbrio anteriormente obtido e da situação nova e desconhecida, o que gera resistência à mudança e limitações na comunicação e na aprendizagem. Partindo de situações cotidianas, busca uma análise sistemática das contradições emergentes, compreendendo as ideologias inconscientes, geradoras de contradição e/ou estereótipos na produção do grupo, que estruturam as relações sociais e interpessoais. Esta proposta, entretanto, é passível de algumas críticas, pois há a possibilidade da ocorrência de relações de dominação, geradoras de ansiedade, o que facilmente levaria os grupos a se desfazerem. Teoricamente, é criticável a utilização de um esquema conceitual, em vez

de categorias que se relacionem com fatos concretos, o que caracteriza a proposta como dialética idealista, já que pressupõe contradições (interno/externo, sujeito/grupo, implícito/explicito, projeto/resistência à mudança) sem relação com a contradição fundamental das condições histórico-sociais nas quais o grupo está inserido. Assim, o psicólogo-coordenador seria concebido como uma entidade em si, numa visão dicotômica e idealista do homem, dotado de um saber que lhe capacita a interpretar o psíquico oculto dos membros do grupo, ou seja, uma figura de poder. Lane (1987b) classifica a proposta de conscientização desta teoria como

"um processo terapêutico tradicional (autocomehecimento) sem que necessariamente seja um processo de conscientização social onde determinações históricas de classe e as especificidades da história individual se aclaram e se traduzem em atividades transformadoras (p. 94).

Nesta teoria, os papéis, apesar de definidos institucionalmente, são objetivo de expectativas individuais (produto isento das determinações histórico-sociais), dando espaço à mediação ideológica dos mesmos, pois se reporta apenas à contradição interno/externo, omitindo a reprodução das relações sociais.

O grupo operativo é analisado por Calderón & De Góvia (1978), que o definem como "uma relação significativa entre duas ou mais pessoas" (Calderón & De Góvia, 1978 apud Lane, 1987b, p. 80), que ocorre através de ações encadeadas, em função de necessidades materiais e/ou psicossociais, objetivando produzir satisfações. A produção grupal seria realizada em função de metas grupais que, para a sua consecução, necessitaria da cooperação entre seus membros. Estes autores caracterizam os grupos em termos de fases, pois compreendem não existirem grupos puros, já que se processam constante e dialeticamente, um estágio envolvendo aspectos

do estágio anterior, transformando-se na medida em que criam os meios para satisfazer as necessidades grupais. Assim, numa primeira fase de baixa produtividade, o 'grupo aglutinado' consiste numa forma de relação na qual os membros têm expectativa de propostas de ações conjuntas que visem a soluções por parte do líder. Segue esta fase o 'grupo possessivo', no qual o líder passa a ser um coordenador funcional e as tarefas exigem a participação de todos os membros, o que proporciona maior integração e conhecimentos mútuos. Num terceiro momento, o 'grupo coesivo' proporciona aceitação mútua entre seus membros, o líder ainda é um coordenador e a ênfase das preocupações do grupo se volta para a manutenção da segurança obtida, o grupo se fechando para evitar a possibilidade de inclusão de novos membros. Finalmente, a partir da acumulação de experiências e aprendizagens, surge o 'grupo independente', onde a liderança é compartilhada, as relações de dominação minimizadas, tendendo à auto-gestão e à satisfação de suas metas, o que leva ao surgimento de novas metas que visam ao desenvolvimento dos membros e daqueles que com eles se relacionam. Lane (1987b) considera esta abordagem a que mais se aproxima da sua, uma proposta materialista histórica,

"... mantendo a unicidade individual como produto histórico e manifestação de uma totalidade social. São as necessidades que reúnem indivíduos em grupo para, cooperando, satisfazê-las. Para tanto, se organizam de formas próprias (lideranças) ..." (p. 95).

Entretanto, ressalva que a caracterização de estágios ou tipos grupais não garante a compreensão do processo do grupo, da superação das contradições e da conscientização de seus membros, o que os tornaria agentes históricos.

A partir desta revisão crítica das teorias sobre o grupo, feita por Lane (1987b), detectamos, por um lado, teorias tradicionais que atribuem ao grupo a função de definir

papéis e a identidade social dos seus membros e de garantir a produtividade através da harmonia das relações estabelecidas; existem também teorias que enfatizam a mediação do grupo na relação indivíduos-sociedade e o seu processo de auto-produção, compreendendo a presença necessária dos determinantes sociais mais amplos nas relações grupais.

Conseqüentemente, podemos ter alguns pressupostos que possibilitem o conhecimento acerca do grupo:

- (a) apenas uma perspectiva histórica pode descobrir o significado tanto da existência quanto da ação grupal, ou seja, considerando sua inserção na sociedade e suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas;
- (b) parece ser mais coerente se falar em processo grupal em vez de grupo, pois este só poderá ser conhecido enquanto processo histórico; e
- (c) como conseqüência dos enunciados anteriores, todo grupo tem a função histórica de manter ou transformar as relações sociais decorrentes das relações de produção. Portanto, o grupo, tanto como forma de organização como em sua ação, reproduz ideologia e só uma análise histórica permite compreendê-la, já que o estudo isolado de pequenos grupos reforça a ideologia grupal como natural e universal, reproduzindo-a com uma capa científica.

Podemos ir mais além, concluindo que

"toda análise que se fizer do indivíduo terá de se remeter ao grupo a que ele pertence, à classe social, enfocando a relação dialética homem-sociedade, atentando para os diversos momentos dessa relação (Lane, 1987b, p. 84).

Assim, baseados em Lane (1987b), sugerimos alguns passos para uma análise materialista dialética do indivíduo num processo grupal:

- (1) Deve-se partir da idéia de que, apesar de formas e graus diferenciados, o homem de quem se está tratando é o homem alienado, cujas representações e consciência de si e do outro são, inicialmente, desconectadas da produção de suas determinações concretas. Este mesmo homem opera, enquanto vivência subjetiva, ideologicamente (capitalismo), se representando como um indivíduo livre, autodeterminado e consciente de sua ação e representação; por outro lado, a nível da realidade objetiva, as ações e interações são moldadas por papéis sociais, restringindo-as ao permitido e ao desejado (manutenção do 'status quo'), reproduzindo o sistema (relação dominador-dominado, explorador-explorado). Uma análise materialista dialética do processo grupal tem que partir destes dois níveis de análise para que as determinações concretas possam romper as representações ideológicas, emergindo uma consciência histórica e uma ação social como práxis transformadora, dissolvendo esta dualidade;
- (2) Como todo grupo sempre existe inserido em instituições, é necessária uma análise do tipo de inserção grupal na instituição na qual o grupo está incluído, observando-se como suas tarefas são acionadas em relação ao nível da vivência subjetiva e das determinações concretas;
- (3) É importante a análise da história de vida de cada membro grupal, mas compreendendo esta história como uma condensação do sistema de papéis assumidos e desempenhados na história do processo grupal;

- (4) Mesmo reconhecendo a determinação recíproca dos níveis de análise da vivência subjetiva e das determinações concretas do processo grupal, é no nível do desempenho dos papéis (nível das determinações concretas) que deve se assentar a análise dialética deste processo, pois é aí que se reproduz a luta pelo poder e a relação dominador-dominado e emergem a oposição, a negação, a contradição e a negação da negação, constituintes da dialética do grupo;
- (5) É importante também a análise do desenvolvimento das vivências subjetivas e das representações ideológicas grupais, pois estas refletem o grau de mascaramento ou de emersão (como consciência prática) das determinações concretas.

"De forma geral, diríamos que as contradições fundamentais se dão no nível da ação e da interação grupal, onde o exercício da dominação tenderia a gerar contradição e negação da própria dominação (através dos papéis). Ora, é a dominação e o seu exercício que sustentam a representação ideológica do 'individualismo' (na medida em que o indivíduo só pode ser 'livre' e autônomo pela negação de outro indivíduo, quer dizer, pela negação na interdependência entre si mesmo e o outro)" (Lane, 1987b, p. 86).

Essas contradições emergentes ao nível das vivências subjetivas tenderiam a produzir outra contradição periférica (contradição entre este último nível e o das determinações concretas), da qual poderia surgir uma consciência prática, geradora de práxis grupal. Entretanto, esta consciência prática pode ser impedida de emergir pelo

refluxo das representações ideológicas já existentes no grupo (Lane, 1987b);

- (6) Os papéis sociais tanto podem se manifestar como interação efetiva no nível das determinações concretas (reproduzindo a estrutura relacional do sistema), quanto como representação ideológica ao nível das vivências subjetivas. Por exemplo, o papel de líder, ao nível das vivências subjetivas e representações ideológicas, pode ser percebido como um mero coordenador (função de máscara), enquanto que, ao nível das determinações concretas, pode ter uma ação dominadora (função de denúncia e motor da dialética) (Lane, 1987b).

Em decorrência destas reflexões teóricas, observações acerca da participação dos membros de grupos em situações naturais mostram que, inicialmente, a participação grupal sugere uma caracterização em termos de oposição e/ou conflitos, mas, posteriormente, a mesma ocorre "na forma de 'acrêscimos' ou de 'contribuições', dentro de um processo de comportamentos encadeados" (Lane, 1987b, p. 87). A partir destas observações, também é possível compreender o significado dos comportamentos paralelos (por exemplo, comentários entre dois membros) como participação apenas quando se trata de ação efetivamente compartilhada com todo o grupo. Da mesma forma, o significado das participações individuais não é fornecido pela própria situação, mas pelo modo de inserção dos membros e pelas relações sociais com a instituição na qual o grupo está incluído.

Ainda dentro da questão da participação dos membros grupais, o ato de assumir papéis de forma prévia ao grupo e definida institucionalmente amiúde tem

"a função implícita de reproduzir relações sociais e, como tal, mascarar as contradições

decorrentes de relações de dominação existentes em papéis ditos complementares. Na medida em que os papéis são desempenhados como 'naturais', os indivíduos têm pouca consciência de sua participação no grupo: as coisas acontecem como 'devem ser'; senão, é porque alguém não cumpriu com o seu papel ..." (Lane, 1987b, 87-88).

Conseqüentemente, há a cristalização de papéis, ou seja, a evitação de comportamentos novos que propiciem o questionamento e a possível desestruturação do grupo, agindo-se no sentido de evitar conflitos (participação circular e preservação da alienação). Portanto, há a necessidade de se analisar e questionar o assumir papéis e as determinações institucionais que permeiam as relações entre os membros, propiciando

"... a emergência de um sentido de 'nós o grupo'... [num] ... processo em espiral, onde as contradições acabariam por se aclarar, levando o grupo a uma transformação qualitativa na participação e na produção grupal" (p. 88).

Só assim os membros do grupo poderão tomar consciência das determinações históricas presentes na sua participação no processo grupal.

Assim, pode-se criticar as técnicas de treinamento de grupo que centram sua ênfase na liderança funcional e na troca de papéis, impedindo o surgimento de contradições e mantendo o grupo como reproduzidor ideológico das relações sociais (Lane, 1987b).

"Quanto à questão da participação grupal, esta ... se dá dentro de um processo de produ-

ção grupal ... A produção do grupo não poderia ser identificada, necessariamente, com a tarefa nem com os objetivos do grupo. A produção seria a própria ação grupal, que se dá pela participação de todos, seja em torno de uma tarefa, seja visando um objetivo comum. Seria processo de produção o grupo se organizar, assumir papéis, realizar tarefas, em outras palavras, seria se produzir como grupo, ou seja, a práxis grupal ... Nas relações entre os indivíduos, pela participação entre eles, estes se transformam e transformam o grupo, produzindo o próprio grupo" (Lane, 1987b, p. 89).

Acreditamos que a produção grupal ocorre num processo em espiral, que parcialmente tem sido abordado pelas teorias da dinâmica de grupos (caracterização da individualização no assumir papéis e análise do grupo como necessária para definir a identidade social de seus membros). Estas teorias geralmente se limitam ao reconhecimento da estagnação da cristalização de papéis e às propostas de alternativas de participação (troca de papéis, liderança funcional etc.) como saídas para garantir o bom funcionamento grupal ou "circularidade" (Lane, 1987b, p. 89) na participação. Aplicando a lei da negação à análise do processo de produção, as teorias tradicionais se mantêm na primeira negação, compreendendo

"o grupo como negação da condição de 'espécie biológica' do homem que os mantém semelhantes, permitindo a concretização de individualidades, de diferenciações entre elas, diferenciações que se cristalizam em papéis que definem as relações sociais a serem mantidas. No momento em que isto se dá, cessaria o processo de produção" (p. 89),

dando-se a rotina ou institucionalização do grupo.

Entretanto, observações indicam que não se confirma a perpetuação desta condição proposta pelas teorias tradicionais, pois "o grupo entra em 'crise', se desestrutura" (Lane, 1987b, p. 89). A análise da participação possibilitaria uma segunda negação (negação da negação), constatando a função ideológica (máscara) dos papéis assumidos num contexto histórico, possibilitando a desalienação (percepção como membros da sociedade, semelhantes quanto às suas determinações históricas) e um desapego à individualidade institucionalizada, assumindo uma identidade e uma ação grupais, propiciadoras da transformação social. Portanto,

"o estudo de pequenos grupos se torna necessário para entendermos a relação indivíduo-sociedade, pois é o grupo condição para que o homem supere a sua natureza biológica e também condição para que ele supere a sua natureza 'individualista', se tornando um agente consciente na produção da história social" (p. 90).

Assim, resumimos algumas categorias básicas para a análise do processo grupal:

- (1) Categoria de produção: a produção da satisfação de necessidades (Calderón & De Govia, 1978) induz necessariamente à produção de relações grupais; portanto, "a produção do grupo é produção grupal - é o processo histórico do grupo. Ou seja, o processo grupal se caracteriza como sendo uma 'atividade produtiva'" (Lane, 1987b, p. 96);
- (2) Categoria de dominação: na sociedade capitalista brasileira, para a reprodução da infraestrutura, são necessárias mediações diversas que reproduzam

relações de dominação-submissão. Nos grupos que se propõem a um relacionamento de igualdade entre seus membros, há dominação através da submissão destes a outrem. Portanto, impõe-se a análise das instituições que atuam como mediadoras infra e superestruturais, por meio da definição de papéis reprodutores das relações sociais (Lane, 1987b);

- (3) Categoria de grupo-sujeito (Loureau, 1975): que só se caracteriza quando o observador, também participante, analisa as contradições produzidas pelas relações de dominação, propiciando uma auto-análise grupal (Lane, 1987b).

Trataremos mais extensamente, no terceiro capítulo, acerca do papel do observador (psicoterapeuta) grupal enquanto facilitador desta auto-análise do grupo, propiciadora do 'grupo-sujeito'.

Concordamos com Lane (1987b) quando destaca que, em suas observações, não conseguiu detectar nenhum grupo que, na totalidade de seus membros, agisse em plena consciência.

"Detectou-se pessoas em processo de conscientização, enquanto outras resistiam a mudanças, e, quando a pressão oriunda da análise se tornava perturbadora, a tendência era sempre de o grupo se desfazer, seja pela separação física, seja pela reorganização de tarefas de forma a torná-las independentes entre si, fazendo com que o produto final fosse apenas somatória de produtos individuais, ou seja, uma reorganização que é a própria negação do grupo" (Lane, 1987b, p. 96).

- (4) Categoria de não-grupo: grupo no qual as tarefas são sempre individuais, sem a necessidade de

ações encadeadas para a produção. Conseqüentemente, "só é grupo quando ao se produzir algo se desenvolvem e se transformam as relações entre os membros do grupo, ou seja, o grupo se produz" (Lane, 1987b, p. 97).

Portanto, para um grupo se configurar como grupo-sujeito, necessita de pressão exterior, ou vivenciar uma condição de marginalização, ou um intenso compromisso (por exemplo, político) entre seus membros, pois a conscientização ocorre diferenciadamente, em termos de estágios, entre seus membros, o que engendra contradições de difícil superação, muitas vezes levando à dissolução do grupo antes da sua conscientização. Nossa sociedade é fértil em recursos inibidores da conscientização grupal (Lane, 1987b).

Assim, "o grupo social é condição de conscientização do indivíduo" (Lane, 1987b, p. 97), mas, por outro lado, é passível de produzir relações sócio-históricas mantenedoras das relações de produção, através de mediações institucionais. Decorre daí, portanto, a necessidade de o grupo se auto-analisar, pois senão apenas se re-ajusta, sem proporcionar mudanças qualitativas nas relações entre seus membros.

Neste capítulo, após tratarmos da história da psicologia social e da inserção da questão da cooperação entre os seus objetos de estudo, vimos que este ramo da ciência psicológica tem se especializado no enfoque dos pequenos grupos humanos, já que estes permitem evidenciar a manifestação de atitudes cooperativas entre os participantes grupais.

Este destaque ao pequeno grupo tem, por outro lado, gerado equívocos tanto teóricos quanto práticos. Várias teorias da psicologia social ocidental têm concebido o grupo como modelo para os estudos sociais, escamoteando o fato de que os grupos são mediações entre os indivíduos e a socieda-

de, e que a sociedade é a real determinante da individualidade e mesmo dos próprios grupos.

Assim, os grupos devem ser compreendidos como espaços que permitem o conhecimento de como a sociedade determina as individualidades específicas e de como estas, a partir de seu agrupamento, se transformam e transformam a sociedade em que estão inseridas. Portanto, já não faz sentido a dicotomia indivíduo-sociedade, pois estes 'níveis' são definidos a partir de constituição histórica mútua.

Concordamos com Lane (1987b) quando expõe os pressupostos e passos necessários para o conhecimento do indivíduo em grupos: adoção de uma perspectiva histórica, processual e dialética; concepção dos grupos como mantenedores/transformadores das relações sociais; visão do homem que tratamos como alienado, situado numa sociedade dominadora (capitalista); necessidade de análise da inserção grupal nas instituições sociais; importância da análise histórico-individual, inserida num sistema de papéis assumidos e desempenhados no processo grupal, reprodutores das contradições sociais (dialética grupal) a nível subjetivo, e mascaradores de suas determinações concretas, tanto no que se refere aos participantes comuns quanto ao líder; necessidade de análise da participação e, especialmente, da produção grupal, como categoria básica, constituidora da essência do grupo: a produção e constante transformação de si mesmo.

Nossa intenção, aqui, não é analisar os grupos de uma forma geral, mas os grupos de psicoterapia gestáltica, mais especificamente aquele tipo de grupo que, em psicologia social, é denominado de 'grupo-sujeito'. Apesar de, geralmente, o grupo-sujeito se configurar apenas parcialmente, pretendemos investigar se e como a psicoterapia de grupo gestáltica possibilita a cooperação e o processo de conscientização grupal, e, a partir disto, como se dão as condições facilitadoras deste processo. Como veremos no terceiro ca-

pítulo, o psicoterapeuta grupal tem um papel sócio-pedagógico decisivo na facilitação do constante vir-a-ser do grupo enquanto 'grupo-sujeito' (Loureau, 1975). Nesta perspectiva, trataremos agora da contextualização e evolução da psicoterapia de grupo e, particularmente da gestalt-terapia e de seu trabalho grupal.

CAPÍTULO II - O GRUPO PSICOTERÁPICO: SURGIMENTO E TRANSFORMAÇÕES. O MODELO GESTÁLTICO

... a aprendizagem no sentido que se aplica aqui, isto é, aprendizagem vital, pressupõe uma mudança de atitude a respeito da pessoa inteira. Quando usada neste sentido, parece não haver diferença nítida entre a aprendizagem e os processos terapêuticos

FOULKES

2.1 - Delimitação e Histórico da Psicoterapia de Grupo

A teorização sobre os grupos vivenciais tem sido muito limitada e escassa, ainda que hajam contribuições significativas. Mesmo da parte daqueles que os propuseram originalmente, na forma que eles têm tomado na Psicologia Humanista. Acreditamos mesmo que estes que elaboraram o modelo original - no que pese a riqueza desse modelo - nunca conseguiram dizer satisfatoriamente as linhas gerais daquilo que têm intuito.

FONSECA

Deixando de lado manifestações primitivas (como o teatro grego, as curas em santuários, os rituais de feitiçaria, o curandeirismo e as romarias), parece haver uma certa unanimidade quanto ao fato de que o médico Joseph Henry Pratt, em Boston (EUA), seria o iniciador do que viria a ser caracterizado como psicoterapia de grupo, no ano de 1905. Pratt organizou grupos com vinte a trinta pacientes tuberculosos, que se reuniam uma ou duas vezes por semana (Kadis et al., 1976; Kaplan & Sadock, 1983; Rattner, 1977). Tratava seus pacientes mais como alunos, lendo para eles acerca da doença, do método de cura e os apoiando quanto ao prognóstico. Eventualmente, havia a presença de pacientes que melhoraram com o tratamento e os pacientes difíceis eram atendidos por uma enfermeira, em sessões individuais. Parece haver influência de Pratt na proposta de grupos homogêneos (que reúnem pacientes com a mesma sintomatologia), devido ao incentivo da presença de pacientes que obtiveram sucesso com o tratamento, como, por exemplo, os 'Alcoólicos Anônimos' (Kaplan & Sadock, 1983).

Em 1910, Moreno descreve o uso da psicoterapia de grupo. Criou, em Viena, o 'Teatro do Homem Espontâneo', no qual veicula o psicodrama e a representação de papéis, utilizando situações-problema para desenvolver a conscientização dos conflitos e propiciar sua resolução. O psicoterapeuta ('diretor') facilita ao paciente ('ator', 'protagonista' ou 'sujeito') a expressão espontânea, através da dramatização de experiências passadas ou atuais, ansiedades e expectativas futuras e mesmo de fantasias e sonhos, contando com a cooperação de outros profissionais ('egos auxiliares') ou dos membros do grupo ('platéia'). Ao final da representação, esta é comentada com o grupo, servindo de ajuda para o paciente e também para os demais componentes. Em 1925, Moreno introduz sua técnica nos Estados Unidos, e, no início dos anos trinta, propõe o termo 'psicoterapia de grupo' para descrever este tipo de prática. Representando papéis em vez de simplesmente falar, Moreno acreditava que os pacientes

poderiam desenvolver sua espontaneidade e criatividade embotadas (Kadis et al., 1976; Kaplan & Sadock, 1983; Rattner, 1977). Para Moreno, a psicoterapia de grupo seria uma nova cosmovisão, criando uma consciência cósmica, ao "libertar, já não o proletariado econômico, mas o terapêutico, isso é, todos aqueles que sofrem de deformações psíquicas" (Rattner, 1977, p. 23).

Ao se afastar de Freud, em 1912, Adler foi influenciado por alguns conceitos marxistas, especialmente o de 'luta de classes', acreditando que o 'interesse' ou 'sentimento social' fosse a realidade mais básica da vida do ser humano, o que o levou a adotar um clima de igualdade, abertura e discussão livre em seus grupos. Esta postura, utilizada desde o final da primeira década deste século, já renunciava a atual psicoterapia de grupo (seus grupos não eram terapêuticos), pois se propunha a indicar ao neurótico o "caminho para dentro da comunidade, ... em ambiente social, a fim de que o maior número de pessoas pudesse dele aproveitar-se" (Rattner, 1977, p. 21).

Com um método semelhante ao de Pratt, em 1919, Marsh foi o pioneiro na concepção do hospital como 'comunidade terapêutica', utilizando tratamento grupal para pacientes mentais institucionalizados, grupos de discussão com o corpo técnico hospitalar e alto-falantes para se comunicar com toda a população do hospital. Por volta dos anos vinte, Lazell tratava pacientes esquizofrênicos com o método de Pratt, sendo um dos primeiros a teorizar sobre o método grupal, sugerindo que a socialização dos pacientes facilitava a mudança, e criando associações de ex-pacientes (Kadis et al., 1976; Kaplan & Sadock, 1983).

Em 1921, Freud publica 'Psicologia de Grupo e a Análise do Ego', dirigindo sua atenção para a psicologia coletiva:

"a psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo³ como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição ou como parte de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido" (Freud, 1976, v. XVIII, p. 92).

Diferenciava o grupo sem líder (horda, turba, massa), que é rebelde, capaz de excessos, ou mesmo perigoso, do grupo centrado em um líder, no qual os membros se identificam com este, se relacionando com o mesmo como um substituto parental e com os demais membros como irmãos numa família, vivenciando, portanto, uma mutualidade de amor e ódio (Kadis *et al.*, 1976; Kaplan & Sadock, 1983; Rattner, 1977). Freud, semelhantemente a Trotter, seu contemporâneo, atribuía ao homem um instinto de rebanho, mas Freud não via esta predisposição humana como um instinto primário e indivisível, preferindo conceber o homem como criatura individual, incluída num grupo chefiado por um líder. Entretanto, Freud enfatizava a importância do papel do líder, acreditando que a análise deste papel fosse essencial para a compreensão do grupo. Conseqüentemente, tendia a crer que, sob liderança adequada, a psicoterapia grupal pudesse propiciar alívio às doenças mentais (Kaplan & Sadock, 1983).

No início dos anos vinte, nos Estados Unidos, Burrow introduz o termo 'análise grupal' ou 'filoanálise', convicto de que os indivíduos de uma mesma cultura sofrem de problemas psíquicos comuns. Discípulo de Freud e de Jung, não teve a aprovação de Freud à denominação de seu método e, em 1933, foi-lhe negada participação na 'Associação Psicanalítica Americana', que havia fundado, mas vários anos depois, recebeu desta grandes premiações. Burrow acreditava que o maior

3. O grifo é nosso.

valor do grupo se referia à sua capacidade de diminuir as resistências do paciente ao tratamento, pois este entrava em contato com outras pessoas que apresentavam problemas semelhantes, sendo encorajado a compartilhar suas questões e a criar com o grupo uma validação consensual, o que propiciaria maior conscientização psíquica. Organizou, ainda nos anos vinte, a primeira 'comunidade terapêutica', denominada 'Lifewynn', situada nas montanhas Adirondack, de Nova York, consistindo num grupo em torno de vinte pessoas que viviam e trabalhavam juntas num acampamento de verão. A influência de Burrow parece ter sido nítida no surgimento de outros centros de crescimento ligados ao chamado 'movimento do potencial humano', no qual se insere a gestalt-terapia, e que trataremos mais adiante (Kadis et al., 1976; Kaplan & Saddock, 1983; Rattner, 1977).

Na década de trinta, Bierer, discípulo de Adler, emigrado para a Inglaterra, reunia ex-pacientes psiquiátricos em 'clubes sociais' e 'comunidades terapêuticas', obtendo grande repercussão neste país, o que levou à criação posterior de 'hospitais diurnos e noturnos' para neuróticos e 'casos fronteiros' (Kadis et al., 1976; Rattner). Bierer buscava mais um 'tratamento situacional' do que um conhecimento sobre o 'subconsciente', visando a uma experiência concreta que levasse a uma mudança de atitude, fazendo o cliente abandonar seu papel de 'objeto' e se assumir enquanto 'sujeito'. Seus grupos se reuniam semanalmente com o terapeuta para discutir problemas pessoais de forma impessoal; o psicoterapeuta geralmente adotava uma postura passiva e o grupo realizava atividades variadas (diversão, esportes, pintura, discussões). São vantagens da terapia situacional de Bierer:

- "1) Eliminava o abismo entre percepção e cura que existe na psicanálise individual; (Isto se assemelha à filosofia de Burrow).

- 2) Os pacientes no hospital tornavam-se mais independentes, ativos e capazes de decidir por si próprios, o que apressava sua cura.
- 3) Tornava mais fácil para o paciente resolver problemas sociais que lhe criavam conflito no mundo exterior" (Kadis et al., 1976, p. 26).

Também nos anos trinta, Wender combinava, no hospital, psicoterapia grupal com individual, e o método de 'aulas' e palestras com entrevistas terapêuticas. Trabalhando com doentes mentais brandos, baseou-se em conceitos psicanalíticos, apesar de utilizar o método 'educativo': o grupo era percebido como uma recriação da família e os pacientes como irmãos simbólicos; foram encontradas relações transferenceis entre pacientes e terapeuta e entre os pacientes, tendo o terapeuta um papel central; também havia discussão e interpretação superficial dos sonhos. Wender acreditava que os grupos aumentavam a espontaneidade do paciente, favoreciam a exposição de material conflituoso nas sessões individuais e que, conseqüentemente, a tendência a se relacionar bem com outras pessoas era maior na psicoterapia de grupo do que na psicoterapia individual (Kadis et al., 1976; Kaplan & Sadock, 1983).

Schilder, psiquiatra austríaco emigrado para os Estados Unidos na década de 1930-40, também adotou uma combinação de psicoterapia individual e de grupo. Semelhantemente a Slavson e Klapman, utilizava procedimentos analíticos mais rigorosos do que os de Wender, trabalhando em um hospital com pacientes neuróticos adultos, tanto internos quanto externos, formando grupos de quatro ou cinco participantes (Kaplan & Sadock, 1983; Rattner, 1977). Schilder, Slavson e Klapman são os responsáveis pela introdução da interpreta-

ção⁴ psicanalítica na situação coletiva, pois trabalhavam com grupos homogêneos (em termos de enfermidade, sexo, idade, nível sócio-econômico etc.), a partir da estrita seleção de seus membros, centrados num tema previamente proposto, o que facilitava com que as interpretações individuais servissem para todos. Tal fato permite a classificação da proposta de Schilder (bem como a de Slavson e a de Klapman) como uma "terapia interpretativa individual 'no' grupo" (Grinberg, Langer & Rodrigué, 1957, p. 38). Schilder utilizava o conceito de "ideologia neurótica" (Rattner, 1977, p. 22):

"As ideologias dos pacientes se construía em torno da imagem do eu ou do corpo e dela se desenvolviam. A psicoterapia permitia ao paciente ver que suas convicções tinham pouca base nos fatos. O paciente era forçado a perguntar a si próprio como chegara a aceitar aquela determinada ideologia e como ela adquirira tanta influência sobre suas ações. Schilder acentuava que as idéias e convicções do paciente faziam parte de sua vida na comunidade e que era muito lógico discutir as ideologias de um paciente diante do grupo ... A discussão começava em nível intelectual e conduzia às experiências da vida privada da pessoa. Este processo tirava o problema da esfera do indivíduo e atenuava o sentimento

4. Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. Vocabulário de psicanálise. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.] "A) Destaque pela investigação analítica, do sentido latente existente nas palavras e nos comportamentos de um indivíduo. A interpretação traz à luz as modalidades do conflito defensivo e, em última análise, tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção do inconsciente. B) No tratamento, comunicação feita ao indivíduo e procurando fazê-lo aceder a esse sentido latente, segundo regras determinadas pela direção e a evolução do tratamento" (p. 318-319).

que o paciente tinha de estar isolado. Quando outros pacientes eram capazes de identificar-se com o problema, tornavam-se mais capazes de trabalhar com ele e resolvê-lo ... O terapeuta de grupo precisa ter participação ativa com disposição de revelar sua própria ideologia e justificá-la perante o grupo" (Kadis et al., 1976, p. 25).

Em 1934, Slavson, originalmente um engenheiro, ao observar que a atividade espontânea de crianças em grupos recreativos produzia mudanças de comportamento, desenvolveu o 'método ativo' na psicoterapia de grupo infantil, no qual o psicoterapeuta é permissivo e aceitador, proporcionando uma situação grupal especialmente planejada para a exposição dos conflitos. Apesar de sua formação, Slavson adotou o referencial psicanalítico, enfatizando mais o indivíduo do que o grupo como um todo e ampliando sua prática para incluir a psicoterapia de grupo com adolescentes e adultos (Kadis et al.; Kaplan & Sadock, 1983; Rattner, 1977).

"É conceito de Slavson que os elementos comuns a todas as psicoterapias sólidas, incluindo a psicoterapia de grupo analítico, são os seguintes: (1) transferência; (2) catarse; (3) percepção ('insight'); (4) prova da realidade; e (5) sublimação".⁵ É sua crença que a psicoterapia individual, embora contendo os três primeiros elementos, não contém os dois últimos como parte da situação de tratamento. A terapia de grupo, por outro la-

5. Para melhor elucidação destes termos, consultar Laplanche & Pontalis ([s.d.], p. 95-97, 135-141, 490-495, 637-641 e 668-678) e Cabral, A. & Nick, E. Dicionário técnico de psicologia. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 54, 190 e 198, 285 e 329, 371 e 386.

do, contêm todos esses cinco elementos. Dentro da situação de grupo, vários tipos de relações podem levar ao apoio mútuo, a possível descarga de agressão ou ao abrandamento de sentimentos de culpa (Kadis et al. 1976, p. 28).

Em 1948, Slavson fundou a 'Associação Americana de Psicoterapia de Grupo'.

O mesmo Slavson (1953) e Grinberg, Langer & Rodrigué (1957) descrevem uma série de trabalhos de outros profissionais anteriores e contemporâneos a eles: Green trabalhava com grupos de gogos, já em 1920; Buck, em 1937, utilizava um método semelhante ao de Pratt com pacientes hipertensos; Chappel, Stefano, Rogerson e Pike, na mesma época, aplicaram este método em pacientes com úlcera gástrica; Hadden, em 1942, fez o mesmo com tuberculosos, diabéticos, neuro-sifilíticos e pacientes sem problemas orgânicos; Altschuler incluiu a atividade artística em sua proposta; Weininger, nos anos quarenta, trabalhou com uma clientela privada, mas sem publicar suas conclusões, numa atitude semelhante à de Wolf, que fazia tratamento individual no grupo, tendo originado a sessão alternada (encontros sem a presença do psicoterapeuta).

Embora não sendo um psicoterapeuta, mas um psicólogo social, Lewin, juntamente com Lippit e White, pesquisou as relações entre vida grupal e liderança, enfocando a 'dinâmica de grupo', termo criado por ele em 1939 (Kaplan & Sadock, 1983; Rattner, 1977).

"A tendência na psicoterapia de grupo foi estudar o indivíduo dentro do grupo. Embora tentativas tenham sido feitas de examinar como o grupo como uma totalidade funcionava, o grupo era, como o colocava Freud, simplesmente uma coleção de indivíduos reunidos juntos

para um objetivo particular. Foi o movimento da psicologia social, encabeçado por homens como Kurt Lewin, que viu o grupo como diferente qualitativamente da simples soma de suas partes. De acordo com Lewin, o grupo é uma entidade em seu próprio direito, com qualidades particulares e únicas que são diferentes dos indivíduos dos quais é composto ... Para Lewin, os atos do indivíduo não podem ser explicados sobre a base de uma psicodinâmica do indivíduo, mas devem ser explicados sobre a base da natureza das forças sociais, o campo, ao qual está exposto" (Kaplan & Sadock, 1983, p. 4).

Representando uma nova versão da psicologia 'gestalista', Lewin compreendeu que a pressão grupal influenciava os membros de um grupo no sentido de alterar seu comportamento, e estes, por sua vez, influenciam o grupo, formando uma 'gestalt' ou totalidade, composta de elementos heterogêneos, mas funcionando enquanto unidade. Rattner (1977) afirma que

"Lewin e seus colaboradores puderam provar que dos três estilos de liderança experimentalmente examinados ('autocrático', 'democrático' e 'laissez faire') somente o princípio democrático de liderança promovia nos sujeitos do experimento, espontaneidade e capacidade de colaborar" (p. 25).

Sob a influência de Lewin e de outros psicólogos sociais, foram fundados, em 1947, os 'National Training Laboratories' (N.T.L.), que desenvolveram o 'grupo-T' ('grupo de treinamento'), visando a enriquecer o processo educacional. Este tipo de grupo, geralmente composto de pessoas psicologicamente saudáveis, foi chamado de

"terapia para normais" [, ...] mas pessoas perturbadas freqüentemente encontram seu caminho no grupo-T para o tratamento de desordens mentais, em vez de nas formas tradicionais de psicoterapia. O grupo-T atrai especialmente aquelas pessoas que se sentem isoladas e alienadas, que têm dificuldade de se relacionar com outras pessoas e com falta de auto-determinação" (Kaplan & Sadock, 1983, p. 5).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Foulkes empregou suas técnicas psicoterápicas grupais a serviço das forças armadas britânicas (Kadis et al., 1976; Kaplan & Sadock, 1983). Trabalhando com grupos selecionados em termos de faixa etária e nível de inteligência, buscou fazer uma 'ponte' entre a vida passada do paciente e o 'aqui-e-agora' situacional. Utilizando o referencial psicanalítico, descreveu a situação transferencial dos membros do grupo acerca do psicoterapeuta, entre os membros grupais e também destes em relação ao grupo como totalidade (Kaplan & Sadock, 1983). A psicoterapia de grupo seria "um novo campo de interação no qual cada indivíduo tem um novo começo" (Foulkes in: Kadis et al., 1976, p. 17), numa situação imparcial, diferente da familiar, podendo se comparar com outros modos de ser, de agir e de perceber; ou seja, "um instrumento, talvez o primeiro adequado, para a focalização prática do problema-chave de nosso tempo: a relação tensa entre o indivíduo e a comunidade" (p. 26).

Por sua vez, Grinberg, Langer & Rodrigué (1957) propõem, ainda dentro do referencial psicanalítico, a técnica interpretativa 'de' grupo, que toma o grupo - e não mais apenas o indivíduo - como fenômeno central e ponto de partida de toda interpretação, lidando com a totalidade de suas manifestações e transcendendo os seus elementos (pacientes).

Inicialmente na Inglaterra, e, posteriormente, nos Estados Unidos, Bion publica, em 1961, 'Experiências com Grupos', no qual, partindo de observações feitas em grupos militares, aplica-as à psicoterapia de grupo. Concebendo o grupo enquanto totalidade, Bion se refere a três atitudes ou princípios básicos na formação de grupos, que podem agir simultaneamente e em intensidade variável:

- dependência: seus membros buscam um líder que lhes proporcione apoio e proteção espiritual;
- formação de pares: eventualmente, os participantes do grupo reconhecem a existência deste líder apenas em fantasia, a irracionalidade da expectativa de ajuda de uma figura onipotente e onisciente e a necessidade de buscar em si mesmos sua salvação e sua sobrevivência, o que lhes leva à formação de grupos de pares;
- luta e fuga: compreendendo a inexistência de tal líder, os membros se sentem incomodados e desapontados. Alguns reagem brigando entre si ou com o líder; outros abandonam a situação grupal por acharem-na insuportável (Bion, 1975). O papel do líder, para Bion, seria interpretar oportunamente a ocorrência das atitudes citadas acima, facilitando ao grupo a obtenção de um funcionamento maduro, no qual seus membros sejam responsáveis por suas decisões e ações (Kaplan & Sadock, 1983).

Em 1962, é fundada, na Califórnia (EUA), a comunidade de Esalen, que se tornou um importante centro de crescimento, influenciando a formação de outros, integrando psicologia, filosofia e meditação oriental, onde viveu Perls, o criador da gestalt-terapia, no período de 1964 a 1969 (Kaplan & Sadock, 1983).

Surpreendentemente esquecido pela maioria dos historiadores da psicoterapia de grupo, não poder-se-ia deixar de citar Rogers (1970), o criador dos 'grupos de encontro', que influenciou a atuação de psicoterapeutas grupais de vários referenciais, principalmente o humanista, entre eles a gestalt-terapia. Rogers (1970) define o 'grupo de encontro' como aquele que "pretende acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial" (p. 14), acrescentando que

"... os grupos de encontro conduzem a uma maior independência pessoal, a menos sentimentos escondidos, maior interesse em inovar, maior oposição à rigidez institucional ... Eles produzem a mudança construtiva ..." (p. 23).

Atribuía o nascimento e o desenvolvimento deste tipo de grupo a uma certa marginalidade em relação às instituições sociais, levando à criação de um movimento baseado nos referenciais da psicologia gestáltica (principalmente Lewin) e da abordagem centrada na pessoa, do próprio Rogers. Acreditava que tais grupos eram procurados devido à crescente desumanização da cultura ocidental e, por outro lado, a uma busca da satisfação das necessidades psicológicas.

Pode-se destacar a contribuição rogeriana com sua visão de que o grupo

"... é semelhante a um organismo, possuindo o sentido de sua própria direção ... (Rogers, 1970, p. 52) [, de que] os grupos de encontro só podem florescer num ambiente essencialmente democrático (p. 154) [, sendo] uma tentativa para enfrentar e superar o isolamento e alienação do indivíduo na vida contemporânea" (p. 156).

Podemos, neste, ponto, resumir e analisar a evolução da psicoterapia de grupo, desde Pratt até os tempos atuais.

Grinberg, Langer & Rodrigué (1957) denominam a forma de trabalho em grupo de Pratt e de seus primeiros seguidores (que tratavam principalmente de pacientes com distúrbios orgânicos) de "terapias exortativas paternais que atuam 'pelo' grupo" (p. 32-33), pois estimulam e se utilizam das emoções grupais, sem buscar compreendê-las, centrando-se na figura 'paternal' do psicoterapeuta. Afirmam que esta forma de psicoterapia suscitou o surgimento de psicoterapias "que atuam 'pelo' grupo com estrutura fraternal" (p. 33), citando como exemplos o psicodrama moreniano, bem como os trabalhos de Marsh, Wender, Low e Lazell, que adotam um dinamismo parecido com as 'terapias exortativas paternais', mas propiciam uma fraternidade e uma homogeneização dos componentes do grupo, o que restringe a influência do líder grupal. Com a incorporação da interpretação psicanalítica aos grupos de psicoterapia (com Slavson, Schilder e Klapman) e a formação de grupos homogêneos (em termos de sintomatologia, sexo, nível sócio-econômico, idade etc.), passou-se cada vez mais a se fazer "terapia interpretativa individual 'no' grupo" (Grinberg, Langer & Rodrigué, 1957, p. 38), que utiliza interpretações individuais, mas comuns a todos os membros do grupo.

"É relativamente recente o intento de tratar o grupo como uma totalidade, ou unidade dinâmica; quer dizer que data de pouco tempo a chamada psicoterapia 'do' grupo. Como a partícula 'do' o sugere, esta concepção terapêutica se interessa pelo núcleo em si mesmo, fazendo do fenômeno grupal seu campo de investigação e de possíveis operações terapêuticas" (Grinberg, Langer & Rodrigué, 1959, p. 6-7).

Como podemos perceber, as primeiras tentativas de psicoterapia grupal (Pratt e seus seguidores) concebiam o grupo como 'massa', necessitando da intervenção e da exortação de um 'patriarca', que o conduzisse 'pelo' manancial de suas emoções confusas. Posteriormente, surgem práticas que se isentam da intervenção sistemática do psicoterapeuta, buscando uma homogeneidade do grupo, quer concebiam os membros grupais como 'irmãos' ou como indivíduos diferenciados entre si. Finalmente, cada vez mais se abandona a concepção meramente 'individualista', adotando-se a perspectiva 'grupal' como abrangedora dos aspectos intrapsíquicos, interpessoais e do grupo propriamente dito, além de sofrer as repercussões sócio-culturais do meio no qual o grupo está inserido.

Outra conclusão a que podemos chegar a partir do histórico da psicoterapia de grupo diz respeito aos seus aspectos pedagógicos.⁶ Pratt iniciou uma abordagem eminentemente 'didática', adotada por vários profissionais que o seguiram ao longo dos anos, mas este nível de atuação era essencialmente 'exortativo', quando não 'repressivo' (Zimmermann, 1971). Com a introdução da psicanálise na prática da psicoterapia de grupo e a conseqüente compreensão do grupo como uma espécie de família, a perspectiva 'pedagógico-familiar' se amplia, saindo da interpretação do indivíduo isolado para interpretações das relações interpessoais: entre os pacientes (relação 'filho'-'filho'), entre o paciente e o psicote-

6. São inegáveis as diferenças entre psicoterapia (grupal ou individual) e pedagogia. Enquanto a primeira centra-se em questões emocionais e apenas secundariamente em questões intelectuais e informativas, a segunda parece priorizar estas questões de forma inversa. Entretanto, acreditamos que ambas as atividades trabalham com a aprendizagem: na pedagogia, de conhecimentos e habilidades geralmente formais, e, na psicoterapia, de atitudes e comportamentos suscitados por vivências significativas para a vida da pessoa.

rapeuta (relação 'filho'-'pai'), entre o paciente e o grupo (relação 'filho'-'mãe') etc.

Entretanto, é a partir daqueles que influenciaram as psicoterapias grupais humanistas, como Moreno (com o 'teatro da espontaneidade'), Adler ('interesse' ou 'sentimento social'), Burrow e Bierer (criação de 'comunidades terapêuticas' e ênfase no 'tratamento situacional'), Lewin ('dinâmica de grupo' e noção de 'campo') e Rogers ('grupos de encontro'), que a perspectiva da psicoterapia de grupo como **pedagogia da vida**⁷ atinge seu grau máximo, criando possibilidades e recursos múltiplos para a facilitação da resolução das questões não apenas individuais, mas também relacionais e grupais, a partir do **contexto real** em que estão inseridas, indo além das suas possíveis representações ideais ou simbólicas. Dizendo mais claramente: incluindo todas estas 'realidades' como pertinentes a esta 'gestalt' ou totalidade que se configura no 'aqui-e-agora' do grupo.

Esta passagem da perspectiva individual 'pelo' ou 'no' grupo para a perspectiva 'do' grupo também faz parte da evolução histórica da psicoterapia de grupo em gestalt-terapia, como abordaremos a seguir.

7. Observe-se que, apesar do termo 'pedagogia da vida' ser pouco preciso e excessivamente abrangente, visa a destacar os necessários vínculos entre a vivência grupal e as relações sociais, compreendendo o espaço do grupo como um meio de articulação e de mediação da aprendizagem pessoal, interpessoal e coletiva, bem como da conscientização da reprodução das relações sociais de dominação que se manifestam mascaradamente no contexto do grupo. Portanto, esta perspectiva requer que se leve em conta o poder das pessoas, de suas relações e de suas formas de organização como meios de interferência, resistência, pressão e ação sobre a sociedade, além da consideração de como o grupo sofre a influência desta mesma sociedade.

2.2 - Caracterização da Gestalt-Terapia e de seu Trabalho com Grupos

É sempre uma experiência profundamente emocionante para o grupo e para mim, ver cadáveres antes mecanizados começarem a voltar para a vida, a ganhar substância e a dar início à dança da entrega e da auto-realização. Pessoas de papel tornam-se pessoas reais.

FRITZ PERLS

2.2.1 - Fritz Perls: uma marca pessoal

A gestalt-terapia não é uma criação apenas de Frederick S. Perls. Recebeu, como veremos adiante, a contribuição de muitos, e este processo continua ainda hoje. Entretanto, Perls, ao reunir várias influências, construiu uma abordagem que, da forma como se tornou conhecida, é uma totalidade ('gestalt') integrada única. Assim, é essencial conhecermos alguns dados biográficos de Perls⁸, pois, apenas investigando criticamente o processo histórico da construção da gestalt-terapia, podemos compreender os determinantes concretos de sua prática, particularmente de sua aplicação aos grupos.

Friedrich (Frederick ou Fritz) Salomon Perls nasceu num gueto judeu nos arredores de Berlim, em 8 de julho de 1893. Filho de Amelia Rund e Nathan Perls, judeus liberais

8. Os dados biográficos de Perls, aqui apresentados, foram extraídos principalmente de Perls, F.S. Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo. São Paulo: Summus, 1979; Shepard, M. Fritz Perls - la terapia guesaltica. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 1977; e Tellegen, T. A. Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica. São Paulo: Summus, 1984.

de classe média, cresceu no tempo do 'kaiser', quando o respeito à cultura, à educação clássica, à autoridade e à disciplina, à cidadania e à aristocracia e às tradições de urbanidade, serviço ao Estado, austeridade pública e dignidade pessoal pontificavam como valores extremos. Seu nascimento foi difícil, dando-se a fórceps e, nas primeiras semanas, sofreu enfermidade quase fatal, constituída de vômitos, diarréia e desidratação.

Sua mãe provinha de família judia ortodoxa da baixa classe média, carecendo de maior educação formal, mas tinha paixão pela arte, o teatro e a ópera, o que transmitiu ao filho. Seu pai era um corretor de vinhos, um homem engenhoso e encantador, que ostentava uma magnífica barba, mas que se isolou da família, não se dando bem com Fritz.

Em 1896, a família mudou-se para um bairro mais elegante, no centro de Berlim. Fritz teve uma infância feliz, freqüentando o teatro, a ópera e os museus com a mãe e fazendo representações teatrais com o vizinho Theo Freiberg. Entretanto, no início da puberdade, começou a ter problemas com os pais, pois entrou no quarto secreto do pai, onde este guardava seu material maçônico, e roubou uma moeda de ouro, gastando-a com selos para um amigo cristão que queria agradar. Fugiu de casa e, ao voltar, sofreu grave penitência: o pai o 'perdoou', mas lhe disse que jamais esqueceria o que ele lhe fizera.

Após estudar durante três anos no 'Mommsen Gymnasium', deste foi expulso, revoltado com a disciplina rígida, o antisemitismo e o ensino rotineiro, passando a trabalhar como aprendiz num comércio de telas, de onde também foi expulso por indisciplina. Nesta época, revoltou-se também com a religião, declarando-se ateu. Por volta dos 14 anos, ingressou no 'Askanische Gymnasium', escola liberal, com professores mais interessados nos alunos do que nos programas, onde pôde obter alguns progressos.

Na adolescência, trabalhou como extra no 'Royal Theater' e descobriu o famoso diretor e maestro Max Reinhardt, "o primeiro gênio criativo que conheci" (Perls, 1979, p. 32), do 'Deutsch Theater', com quem aprendeu a perceber a consonância/discrepância entre as palavras, o gesto e a ação e a valorizar a linguagem corporal.

Com o início da I Guerra Mundial, teve que interromper, aos 21 anos, o curso de medicina na Universidade de Berlim, e, no ano seguinte, alistou-se como voluntário na 'Cruz Vermelha'. Em 1916, alistou-se no batalhão 'Lutschiffer' (dirigíveis) e, posteriormente, no 36º Batalhão de Sapadores (ataques com gases), quando viveu o período mais difícil de sua vida, passando nove meses como assistente médico, vivendo num ambiente de profundo antisemitismo, o que o abalou e desiludiu com a humanidade (Shepard, 1977; Tellegen, 1984).

Em 1920, aos 27 anos, graduou-se em medicina, interessando-se por neuropsiquiatria. Nesta época, morreu seu pai, mas não assistiu a seu funeral. Identificado com a contracultura, integra-se à classe boêmia de Berlim e ao grupo 'Bauhaus' (artistas, poetas, arquitetos e escritores dissidentes e políticos radicais que desafiavam a ordem estabelecida, com o propósito de fundar uma sociedade menos autoritária e mais criadora). Neste contexto, conhece o filósofo Sigmund Friedländer, autor de 'Indiferença Criativa', concepção semelhante ao taoísmo, que veio a influenciá-lo.

Em 1923, viaja a Nova York, para trabalhar no 'Departamento de Neurologia do Hospital de Enfermidades Articulares', mas não se adapta ali e volta para a Alemanha, no ano seguinte. Em 1926, aos 33 anos, sua psicoterapeuta (Karen Horney, psicanalista neo-freudiana e culturalista) lhe sugere que se transfira para Frankfurt para concretizar a sua formação psicanalítica. Ali, trabalha com Kurt Goldstein, no 'Instituto de Soldados Portadores de Lesões Cerebrais', sob a visão da psicologia da gestalt, sentindo-se atraído pelos

existencialistas (Buber, Tillich e outros). Num seminário de Goldstein, conheceu Lore (Laura) Posner, psicóloga da escola gestáltica acadêmica e psicanalista de 21 anos, com quem viria a se casar, em 1929, apesar da oposição da família desta, devido à postura marginal de Fritz.

Muda-se para Viena, onde é supervisionado por Helene Deutsch e A. Hirshman e trabalha num hospital psiquiátrico dirigido por Paul Schilder, durante o período de 1927 e 1928. Sua formação psicanalítica se estende de 1926 a 1932, entre Frankfurt, Viena e Berlim (para onde volta), absorvendo uma série de contribuições.

Em 1928, é analisado por Reich, de quem incorporou o questionamento da importância de trabalhar as recordações infantis e a ênfase sobre a 'courage muscular' (posição, gesto, tensão muscular). Reich foi o primeiro psicanalista a afirmar a possibilidade de se obter mais terapeuticamente mediante a observação da atitude atual do paciente e do contato corporal direto do que da indagação verbal de fatos históricos.

Em 1931, nasce sua filha Renate e Fritz participa do movimento antifascista, ensinando no 'Colégio dos Operários' e tentando, junto com outros, conciliar comunistas e socialistas para conter Hitler. Em abril de 1933, sua situação política se torna insustentável, tendo que fugir para a Holanda, refugiando a mulher e a filha no sul da Alemanha. Alojou-se numa casa repleta de judeus refugiados, onde encontrou o psicanalista Karl Landauer, com quem prosseguiu sua capacitação psicanalítica.

Por indicação e ajuda do psicanalista Ernest Jones, instala-se com a família na África do Sul. Fritz e Laura eram os únicos psicanalistas do país e viveram ali com bastante conforto, fundando o 'Instituto Sulafriano de Psicanálise', em 1935. Nesta época, nasce seu filho Steve, iniciando os problemas de Fritz com a família e o casamento.

Estas dificuldades perpassam toda a sua vida, tanto nas relações amorosas quanto com sua esposa e filhos, numa evidência de sua resistência a se adaptar à imagem de bom marido e pai.

Em 1936, realiza-se o 'Congresso Internacional de Psicanálise', na Tchecoslováquia (a 6.400 Km de distância da África do Sul). Fritz comparece com uma contribuição chamada 'Resistências Orais', ansioso com seu primeiro contato direto com o grande mestre, Freud. O 'Congresso' é, para ele, uma grande decepção: seu trabalho é recebido friamente, pois psicanaliticamente as resistências eram concebidas como anais; a audiência com Freud foi breve (cerca de 45 minutos) e fria, de pé, diante de sua porta; Reich mostrou-se esquivo e mal humorado, tendo dificuldade de reconhecê-lo.

A distância geográfica da África do Sul e o isolamento cultural de outros psicanalistas levam Fritz a uma flexibilização de seu estilo terapêutico, tornando-o mais experimental e aberto. Amplia o trabalho do 'Congresso', incluindo elementos úteis de seu trabalho com Reich e do pensamento existencial e, em 1940, conclui seu primeiro livro, 'Ego, Hunger and Aggression: A Revision of Freud's Theory and Method' (subtítulo suprimido na edição de 1969). O livro é publicado em Durban, em 1942, e, posteriormente, na Inglaterra (1947) e nos E.U.A. (1969). Trata, resumidamente, da importância da criança relacionar-se com o mundo por meio da ingestão de alimento físico e mental, da relação entre os hábitos alimentares do adulto e suas interações com outras pessoas; da crítica à supersexualização da vida por Freud; do privilégio da auto-conservação (fome) sobre a conservação da espécie (sexo); da convicção de que o desenvolvimento das atitudes em relação ao alimento (os esquemas de comportamento que rodeiam a atividade de comer) assenta, a respeito da maneira como nos relacionamos com o mundo, um precedente mais básico do que as motivações sexuais, que se desenvolvem depois; da importância do 'tempo presente', criticando Freud (passado) e Adler (futuro); da consciência das polaridades

(os opostos), assinalando zonas que os psicanalistas descuidaram, por exemplo, o 'corpo' e a 'síntese' (importância de novas experiências); da negação da teoria psicanalítica da transferência e da conveniência de se pôr fim ao anonimato artificial do psicanalista; da proposta da 'terapia de concentração', que, posteriormente, chamar-se-ia 'gestalt-terapia'. A partir desta época, Perls abandona a psicanálise.

No início de 1942, alista-se como voluntário no exército sul-africano (inglês) contra a Alemanha, engajando-se até o início de 1946. Nesta época, após a morte de Jan Smuts (primeiro ministro e filósofo sul-africano, autor de 'Holism and Evolution', que afirmava que os fenômenos devem ser examinados e entendidos em função de sua unidade orgânica, não atentando apenas às suas partes), não mais suportando a pobreza cultural da África do Sul e prenunciando o avanço do fascismo da política do 'apartheid', vai para Nova York, aos 53 anos, sob o patrocínio de Karen Horney.

Inicialmente, recebe o apoio de Erich Fromm, Clara Thompson e de outros membros da 'Escola de Psiquiatria Washington' (grupo neo-freudiano culturalista, posteriormente auto-denominado de 'Instituto Psicanalítico William Alanson White'). Fritz inicia formalmente a gestalt-terapia, influenciado pelas teorias de Harry Stack Sullivan (importância das relações interpessoais): propõe encontros cara-a-cara com o paciente (e não mais o 'divã fóbico' psicanalítico) e uma concepção de psicoterapia de grupo mais audaz do que a da escola neo-freudiana, o que o faz se afastar dela.

Em fins de 1947, conhece Paul Goodman (cliente de Laura, escritor, crítico e professor de literatura), que o introduz no círculo da 'anticultura' e lhe possibilita a busca da integração terapia-vida. Esta também é uma luta constante de Fritz: romper a dicotomia entre vida pessoal e profissional. O contato com Paul Goodman, um jovem libertário, e seu grupo, permite a Fritz um largo passo no sentido desta integração (Tellegen, 1984). Fritz participa do

'Living Theater', com os atores Julian Beck, Judith Malina e outros, e, em 1950, constitui um grupo, liderado por ele e Laura e seguido por Paul Goodman, Elliot Shapiro, Paul Weisz, Isadore From, Ralph Hefferline e Jim Simkin.

Em fins de 1951, publica aquela que é considerada sua maior obra: 'Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality'. Fritz contribui com o projeto, idéias, discussões, suas anotações e o título. Ralph Hefferline (professor na Universidade de Columbia) ensaiou com seus alunos, desenvolveu os exercícios de terapia de concentração e escreveu a primeira parte. Paul Goodman escreveu quase toda a segunda parte. A denominação do livro e da abordagem psicoterápica sofreu oposição de Laura (que via pouca relação com a psicologia da gestalt acadêmica e previa problemas com seus teóricos), de Goodman (que a achava muito esotérica) e de Hefferline (que propunha algo como 'Integrative Therapy'), mas a opinião de Fritz prevaleceu (Burow & Scherpp, 1985; Shepard, 1977; Tellegen, 1984).

No início de 1952, funda o 'Instituto Gestáltico de Nova York'. A partir daí, Fritz passa a viajar constantemente, divulgando sua proposta e absorvendo influências: a consciência corporal, de Charlotte Selver; o psicodrama, de J. L. Moreno; a 'dianética' ou 'cientologia' (técnica da lembrança emocional de problemas passados 'no momento atual', levando à catarse, à comunicação e à assunção da responsabilidade pelos próprios sentimentos), de Arthur Ceppos; e o zen (tomada de consciência no aqui e agora), através de Paul Weisz. Durante os anos 50, inclui a idéia de que os pacientes representem as pessoas, atitudes e fatos de seus sonhos, identificando-se com suas emoções. A partir de 1954, funda institutos gestálticos em Cleveland, Los Angeles e San Francisco. Em 1956, não se sentindo mais aceito pelo grupo de Nova York, separa-se, aos 63 anos, de Laura e deste grupo, mudando-se para Miami (Flórida), onde conhece Marty Fromm (32 anos, professora de psicologia no 'college' comu-

nitário de Miami-Dade), "a pessoa mais importante de minha vida" (Perls, 1979, p. 228).

Em 1958, torna-se temporariamente instrutor de psiquiatras na 'Clínica de Psiquiatria de Columbus do Hospital do Estado de Ohio'. Em 1959, faz experiências com L.S.D. e tem problemas sérios de saúde. Viaja à Europa e se separa de Marty. Muda-se para a Califórnia, a convite do fenomenólogo Wilson Van Dusen.

Em 1962, faz uma viagem de quinze meses pelo mundo (Japão, Israel, Europa e Nova York), passando dois meses no templo zen 'Daitokuji', de Kioto (Japão) e um mês em Elath (Israel), onde encontrou uma colônia de vagabundos norte-americanos, seu primeiro contato com a cultura 'beatnik'.

Em 1964, muda-se para o 'Instituto Esalen' (o mais conhecido 'growth center' do 'human potential movement', onde se efetiva intensa busca de novas experiências de vida e de expressão pessoal em arte, ciência, filosofia oriental, conscientização sensorial, comunicação e integração), em Big Sur, Califórnia, passando ali cerca de cinco anos e assumindo papel destacado.

No turbulento ano de 1968, publica sua autobiografia, 'In and Out the Garbage Pail', escrita de forma pessoal. Richard Nixon é eleito presidente dos E.U.A. e Ronald Reagan governador da Califórnia, e Fritz, temendo uma repressão iminente e percebendo nestes fatos um sinal de um fascismo norte-americano em ascensão, procura um local onde possa se expressar mais plenamente. Em 1969, publica 'Gestalt Therapy Verbatim', com trabalhos gravados em 1967 e 1968. Sempre irrequieto, em junho de 1969, muda-se para Lago Cowichan, Ilha de Vancouver, na Colúmbia Britânica, no Canadá, fundando, aos 76 anos, o 'Instituto Gestáltico do Canadá': um 'kibbutz' gestáltico, cujos participantes compartilham o trabalho material e terapêutico, refletindo mais plenamente suas vidas concretas.

No final de 1969, faz sua última viagem à Europa e, na volta, sentindo-se muito mal, é internado no 'Weiss Memorial Hospital', de Chicago, onde vem a falecer em 14 de março de 1970, provavelmente de câncer de pâncreas.

Em 1973, foi publicada sua obra póstuma, 'The Gestalt Approach to Therapy'.

2.2.2 - Fontes e Influências da Gestalt-Terapia

Tendo descrito sucintamente a história de vida de Fritz Perls, pode-se extrair dela uma gama de conclusões acerca das fontes e influências sofridas pela gestalt-terapia e sua elaboração sobre a psicoterapia grupal. Entre outras, podemos destacar:

- a) Psicanálise (Freud), Análise do Caráter (Reich), Técnica Ativa (Ferenczi) e Psicoterapia Grupal (Schilder).

Referindo-se a Perls, Tellegen (1984) afirma que "... sua leitura de Freud data de uma época em que o próprio Freud estava reformulando o seu pensamento ..." (p. 34), o que nos leva a crer que as próprias mudanças de Freud facilitaram o questionamento de Perls acerca das idéias freudianas. Apesar da relação ambivalente (admiração/ressentimento) de Perls em relação a Freud, suas críticas se prendem mais à sua metodologia psicoterápica e à sua concepção de homem: "não as descobertas de Freud, porém sua filosofia e técnica tornam-se obsoletas ..." (Perls, 1979, p. 49). Mesmo com o crescente descontentamento de Perls com a rigidez psicanalítica, seu rompimento com a psicanálise se deu apenas na África do Sul, após sua tentativa de contribuir com a mesma, através de seu primeiro livro, 'Ego, Hunger and Aggression'.

"O rompimento veio quando conheci Maria Bonaparte, Princesa da Grécia, na Cidade do Cabo. Ela era amiga e discípula de Freud. Eu havia completado e mimeografado o manuscrito de 'Ego, Hunger and Aggression' e dei a ela para que lesse. Quando me devolveu o manuscrito, ela me deu o tratamento de choque que eu precisava. Disse: 'Se você não acredita⁹ mais na teoria da libido, é melhor apresentar sua renúncia'. Não pude acreditar nos meus ouvidos. Uma abordagem científica baseada numa profissão de fé?" (Perls, 1979, p. 108).

E mais adiante: "em todo caso, não apresentei minha renúncia. Não fui expulso; a minha relação com o Instituto de Psicanálise etc., simplesmente se esgotou" (p. 109).

Quanto à prática psicoterápica, em vez da associação livre¹⁰ freudiana, Perls preferia a concentração

"na percepção e conscientização da 'forma' ou 'gestalt expressiva', no 'aqui e agora' da situação terapêutica (postura e sensações corporais, movimentos, gestos, tom de voz, linguagem). Ao ficar atento ao que acontece na experiência do encontro terapeuta-paciente, este, ajudado pelos assinalamentos do terapeuta, vai se dando conta das eventuais interrupções, dissociações, lacunas, distorções que ocorrem. Ao invés de interpretar, Perls prefere ajudar o paciente a se dar conta destas ocorrências e a torná-las mais evidentes ... (Tellegen, 1984, p. 34-35).

9. Em itálicos, no original.

10. Sobre este método psicanalítico, consultar Laplanche & Pontalis (s.d.), p. 71-73.

"Assim, Perls destaca mais o material óbvio do que o recalcado¹¹; o presente e o processo mais do que o passado e a causalidade; e a homeostase¹² mais do que as pulsões¹³" (Boris, 1990, p. 118).

De Freud, entre outras contribuições, Perls incluiu ainda a concepção do sonho como "'via regia', o caminho real para o inconsciente... O caminho real para a integração ... e a nossa criação mais espontânea" (Perls, 1977a, p. 98).

Apesar de se reconhecer um "psicanalista medíocre" (Perls, 1979, p. 13), o criador da gestalt-terapia também incluiu da psicanálise a visão acerca das motivações ocultas (importância do sexo e da agressão), a valorização da escuta atenciosa e o modo como as experiências infantis gravitam sobre o comportamento adulto.¹⁴

A influência de Reich¹⁵ sobre Fritz Perls é reconhecida por ele, tanto teórica quanto pessoalmente:

-
11. Sobre a noção de recalque, ver também Laplanche & Pontalis (s.d.), p. 558-560.
 12. Para maiores detalhes acerca da noção de homeostase, ver Perls, F. S. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: Zahar, 1977b, p. 20-24.
 13. Sobre a concepção de pulsão, consultar Laplanche & Pontalis (s. d.), p. 506 seq.
 14. Para maiores detalhes sobre as influências e diferenças entre as perspectivas gestáltica e psicanalítica, consultar Perls, F. S. Ego, hunger and aggression: the beginning of Gestalt therapy. New York: Random House, 1969, part one, p. 13-104.
 15. Maior compreensão sobre a análise do caráter e sua influência sobre a gestalt-terapia pode ser obtida em Reich, W. A função do orgasmo: problemas exonômico-sexuais da energia biológica. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

"Reich era vital, vivo, rebelde. Ávido por discutir qualquer situação, especialmente política e sexual ... O interesse nas atitudes passou mais para o primeiro plano. Seu livro, 'A Análise do Caráter', foi uma contribuição fundamental" (Perls, 1979, p. 66).

Perls foi analisado por Reich, em 1928, e absorveu influências dele, principalmente relativas à sua primeira fase, pois Reich, perseguido politicamente, enveredou por seus próprios problemas psicopatológicos.

"A primeira descoberta dele, a couraça muscular, foi um passo importante além de Freud. Trouxe para a terra a noção abstrata da resistência. As resistências tornaram-se agora funções orgânicas totais ..." (Perls, 1979, p. 66).

"Outro passo que deixou atrás a vida no divã foi o fato de agora, o terapeuta entrar realmente em contato com o paciente. O 'corpo' ganhou seus próprios direitos" (p. 67).

Perls se refere a uma série de objeções às concepções de Reich, mas, "no entanto, comparadas com a importância de ter dado um tremendo passo em direção a uma abordagem holística, estas minhas objeções não são grande coisa" (p. 68).

"Quanto a Reich, foram incorporados a ênfase nos processos corporais (quando estes se evidenciam como um fenômeno óbvio) e o conceito de couraça muscular como uma resistência psíquica expressa fisicamente. A noção de

'retroflexão'¹⁶ (direcionamento de impulsos ativos contra o próprio indivíduo, devido à contração muscular) em Perls parece derivar deste último conceito de Reich (Boris, 1990, p. 118).

Petzold (1984) vê claras semelhanças entre a técnica ativa¹⁷ de Ferenczi e as técnicas de Perls, talvez uma influência de Hirschman, ex-aluno de Ferenczi e supervisor de Perls em Viena. Pode-se inferir deste fato o incentivo de Perls a que o paciente 'atue', seja ativo, mobilize suas forças no processo psicoterápico, em oposição à prescrição psicanalítica de que deve manter-se passivo e aberto às interpretações de seu analista (Perls et al., 1977).

Uma influência mais específica, geralmente pouco citada, e mais relacionada à concepção da psicoterapia grupal, refere-se a Schilder, com quem Perls trabalhou em Viena.

"Fui assistente num hospital psiquiátrico onde Wagner-Jauregg, famoso pelo seu tratamento de malária para a sífilis cerebral, e Paul Schilder eram meus chefes. Schilder era inteligente e tinha uma compreensão bastante boa da estrutura/função/relações do organismo" (Perls, 1979, p. 73).

A possível influência de Schilder e a tendência centralizadora de Perls parecem ter levado o criador da ges-

16. Sobre a noção de retroflexão, ver: Perls, 1969, part two, chapter III, p. 119-121, e part three, chapter VIII, p. 220-227.

17. Pode-se confrontar a discussão da técnica ativa de Ferenczi feita por Perls (1969, p. 74 e 249) com a descrição de Laplanche & Pontalis (s.d.), p. 652-654.

talt-terapia a se utilizar de um modelo de psicoterapia individual 'no' e 'pelo' grupo, como aprofundaremos mais adiante.

- b) Psicologia da Gestalt (Wertheimer, Köhler, Koffka e Kurt Lewin) e Teoria Organísmica (Kurt Goldstein).

A psicologia da gestalt parece ter sido muito mais uma teoria de fundo para as propostas de Perls do que um fundamento a partir do qual foi desenvolvida a gestalt-terapia. Talvez isto explique a resistência de Laura Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline, quando da definição da denominação da abordagem psicoterápica e do segundo livro de Perls, 'Gestalt Therapy'. Na introdução desta obra (Perls, Hefferline & Goodman, 1980, xiii), temos:

"as compreensões da Psicologia da Gestalt têm sido frutíferas na abordagem à arte e educação; e na psicologia acadêmica o trabalho de Wertheimer, Koehler, Lewin, etc. é agora totalmente reconhecido; contudo, seguindo o interesse no behaviorismo, o qual é em sua maior parte motorialmente orientado, os círculos acadêmicos agora superenfatizam o aspecto perceptual da Gestalt. O trabalho de Goldstein em neuropsiquiatria ainda não encontrou o lugar que merece na ciência moderna".

Os limites de Perls quanto à psicologia da gestalt acadêmica são reconhecidos em sua auto-biografia:

"a minha relação com os psicólogos da gestalt era muito peculiar. Eu admirava muita coisa

no trabalho deles, especialmente o trabalho inicial de Kurt Lewin. Não pude concordar com eles quando eles se tornaram positivistas lógicos. Não li nenhum dos seus livros-texto, só alguns artigos de Lewin, Wertheimer e Köhler. Para mim, mais importante era a idéia da situação inacabada, a gestalt incompleta. Os Gestaltistas acadêmicos obviamente nunca me aceitaram. Eu não era certamente um Gestaltista puro" (Perls, 1979, p. 81).

De qualquer forma,

"os gestaltistas contribuíram com algo extremamente interessante para a nossa compreensão: a diferenciação da gestalt em figura e fundo. Esta contribuição se relaciona com a semântica, ou com o significado do significado" (p. 83).

Tellegen (1984) afirma que as ligações de Perls com a psicologia da gestalt se relacionavam mais especificamente com as concepções de Kurt Goldstein,¹⁸ com quem Perls trabalhou no estudo de soldados com lesões cerebrais.

"A teoria organísmica de Goldstein ampliou as bases da Gestalt-psicologia, tomando por objeto não mais 'funções' psicológicas (por ex., percepção, aprendizagem), mas o 'organismo' como um todo, nas suas funções e ações" (p. 37).

18. Um resumo da influência das idéias de Goldstein sobre Perls pode ser encontrado em Ribeiro, J. P. Gestalt-Terapia: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985, p. 107-113.

"O princípio de que 'a organização é o dado primeiro' e que ela se dá numa configuração de figura e fundo, e as leis daí decorrentes, foram usados por Goldstein para apreender a dialética vital da relação organismo-meio e os processos de adaptação do organismo" (p. 38).

Para Perls (1977b, p. 18),

"a premissa é que é a organização de fatos, percepções, comportamentos ou fenômenos, e não os aspectos individuais de que são compostos, que os define e lhes dá um significado específico e particular".

Partindo, entre outros, dos pressupostos básicos e das leis da organização perceptual da psicologia da gestalt (Burow & Scherpp, 1985; Ribeiro, 1985), Perls criou uma psicoterapia viva e que vai além dos rígidos preceitos acadêmicos. Saidon et al. (1983) analisam a gestalt-terapia não como

"... uma instrumentação metodológica e técnica de uma teoria 'stricto sensu' ...[, mas como] ... um movimento psicoterapêutico, ou mais ainda, ... um movimento filosófico e ideológico liderado pelo carisma e estilo pessoal de seu fundador" (p. 97).

Mesmo com os trabalhos de Koffka e de Lewin sobre o conceito de grupo e sobre a fundamentação teórica das práticas grupais, Perls parece não ter absorvido fidedignamente estas influências, praticamente abandonando a psicoterapia individual nos últimos anos de vida, mas fazendo de seus 'workshops' muito mais uma psicoterapia dual entre terapeuta e cliente, no grupo, do que uma psicoterapia de grupo propriamente dita (Saidon et al., 1983).

- c) Filosofia Existencial-Fenomenológica (Kierkegaard, Nietzsche, Husserl, Buber, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e outros).

Tellegen (1984) afirma que "a postura fenomenológica da abordagem gestáltica está historicamente ligada à psicologia da Gestalt, cuja linha se insere na fenomenologia husserliana" (p. 40). Por sua vez, Perls (1977a, p. 98) diz que "a Gestalt-terapia é uma abordagem existencial, o que significa que não nos ocupamos somente em lidar com os sintomas ou estrutura de caráter, mas com a existência total da pessoa". Tellegen (1984) complementa:

"a Gestalt-terapia tem em comum com as terapias da linhagem existencial a ênfase no homem-em-relação, na sua forma de estar no mundo, na radical escolha da sua existência no tempo, sem escamotear a dor, o conflito, a contradição, o impasse, encarando o vazio, a culpa, a angústia, a morte, na incessante busca de se achar e de se transcender" (p. 41).

Apesar da evidente vinculação da gestalt-terapia à filosofia existencial-fenomenológica, Perls, em várias obras (Perls in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977; Perls, 1977a; Perls et al., 1977; Perls, 1979) critica representantes do existencialismo (Buber, Marcel, Sartre, Heidegger, Binswanger e Kierkegaard) por apoiarem suas concepções em outros sistemas (respectivamente, no judaísmo, catolicismo, comunismo, linguagem, psicanálise e protestantismo). A verdade é que, mesmo reconhecendo não ter se envolvido diretamente com estes pensadores, Perls (1979) admite que foi influenciado pelo existencialismo: "... a filosofia existencial exige que se assuma responsabilidade pela própria existência" (p. 78). Dentre as suas várias vertentes, destacaremos algumas.

Como Kierkegaard,¹⁹ o pai do existencialismo, Perls também manifestava a crença na subjetividade ou a compreensão de "... que o significado que o fato objetivo tem para o ser humano depende de seu relacionamento com esse fato ..." (Burow & Scherpp, 1985, p. 46).

Mas é em outra vertente que se apóia Perls. Esta é representada pelo 'filósofo maldito' (e talvez por isso pouco reconhecido), Friedrich Nietzsche.²⁰ Dele, diz Perls: "Se vocês entenderem Nietzsche corretamente, quando ele fala do Super-homem ... Ele fala da pessoa que é capaz de usar seu potencial ao máximo" (Perls, 1977a, p. 251). Fonseca (1988) nos auxilia, demonstrando a influência da noção do 'trágico', do 'apolíneo' e do 'dionisíaco' nos grupos, como uma elaboração de Nietzsche advinda da Antiguidade:

"o apolíneo - de Apolo, deus da bela forma, deus da escultura, dos limites individualizantes, da lucidez - fora a tônica do mundo de então. O dionisíaco - de Dionísio, deus da música, da dispersão, da ultrapassagem dos limites, da desmesura, da embriaguez - era a tônica do espírito dos povos bárbaros, que invadiram a Grécia ... Dessa conjugação apolíneo-dionisíaca resultou a arte trágica, a tragédia, o trágico grego (p. 58). Assim, a situação grupal tem características que marcam nitidamente a natureza de suas possibilidades dionisíacas, ao mesmo tempo em que a

19. Parte das suas obras está resumida em Kierkegaard, S. A. Diário de um sedutor; Terror e tremor; O desespero humano. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os pensadores).

20. As idéias deste filósofo podem ser parcialmente conhecidas em Nietzsche, F. W. Obras incompletas. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores).

sua proposta e a proposta de facilitação reverenciam de um modo intrínseco a uma postura trágica" (p. 65).

Husserl,²¹ o pai da fenomenologia, forneceu o método utilizado pelos existencialistas.

"O ponto de partida de Husserl é a crítica que dirige às teorias científicas, particularmente as de inspiração positivista, excessivamente apegadas à objetividade, à crença de que a realidade se reduz àquilo que percebemos pelos sentidos" (Penha, 1984, p. 28).

De Husserl, Perls incorpora a noção de 'intencionalidade', a característica básica da consciência: "toda consciência é consciência de alguma coisa. Quer isso dizer que todos os atos psíquicos, tudo que se passa em nossa mente, visa um objeto, logo, não ocorre no vazio" (Penha, 1984, p. 30).

De Buber (1979; 1982), Perls incorpora os conceitos de 'encontro' e de 'relação Eu-Tu'. Quanto a isto, diz:

"Observem que, quando duas pessoas se encontram, inicia-se o jogo do encontro: uma diz 'Como vai?', 'O tempo está bom', e a outra responde alguma outra coisa. Assim, elas estão à procura de um interesse comum, onde,

21. Suas obras estão parcialmente resumidas em Husserl, E. Investigações lógicas: sexta investigação (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).

com o interesse, a comunicação e a união, passamos repentinamente do 'eu' e 'você' para o 'nós'. Desta forma, surge um novo fenômeno, o 'nós', que é diferente do 'eu' e 'você'. O 'nós' não existe por si só, mas se constitui a partir do 'eu' e 'você' e é um limite do intercâmbio onde duas pessoas se encontram. E quando nos encontramos lá, então eu mudo e você muda, através de um encontro mútuo ..." (Perls, 1977a, p. 21).

De Buber, Perls também inclui "a categoria do diálogo como a possibilitadora da formação de comunidades humanas. Destaque-se o projeto de Perls de criação de um 'kibbutz' gestáltico, no final de sua vida" (Boris, 1990, p. 119).

"Para além do individualismo inconseqüente e do coletivismo totalitário, Buber erige a relação dialógica como o ponto de partida para a procura do sentido da existência humana, e, a nível prático, para a construção de uma comunidade onde o princípio ético, ao lado do princípio político, encontre o lugar de sua realização" (Zuben in: Forghieri [org.], 1984, p. 76).

De Heidegger,²² Perls incorpora a concepção de 'Dasein' ('ser aí'), "ser determinado, aquele que existe devidamente localizado no tempo e no espaço ..., ser singular concreto ..., o ser humano, o ente que pergunta pelo sentido do Ser" (Penha, 1984, p. 40). Este 'Dasein' é um 'Ser-no-

22. Encontramos parte de suas obras resumidas em Heidegger, M. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os pensadores).

mundo' ('in-der-Welt-Sein'), dotado de 'facticidade', ligado à realidade concreta das coisas; é um 'Ser-com' ('mit-Sein'), se relacionando com outros 'Dasein'; é também dotado de 'temporalidade', construindo através dela a sua essência. Este 'Dasein' é o mesmo a que se refere a gestalt-terapia quando fala acerca do ser humano, do paciente ou do psicoterapeuta, ou mesmo de um grupo, capaz de realizar as "categorias básicas da existência humana, ... os 'existencialia': entendimento, sentimento e linguagem" (Penha, 1984, p. 42).

Perls não se refere diretamente às idéias de Sartre como influenciadoras de sua concepção de homem, da mesma forma que assim procede quanto aos demais filósofos existencialistas. De qualquer maneira, parece absorver as noções de 'projeto' e de 'responsabilidade'. Sartre (1978) afirma que

"o homem primeiro existe, ou seja, que o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente ... , nada existe anteriormente a este projeto; ... o homem será antes de mais nada o que tiver projetado ser ... Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência" (p. 6).

Perls (1977a), por sua vez, declara que

"num certo contexto a responsabilidade dá idéia de obrigação ... Mas a palavra responsabilidade pode ser também 'habilidade de

responder': de ter pensamentos, reações, emoções numa determinada situação" (p. 96).

"Eu creio que esta é a característica básica da pessoa madura" (p. 141).

Burow & Scherpp (1985) citam, entre outros fenomenólogos e existencialistas franceses, a influência de Merleau-Ponty,²³ sobre Perls. Podemos comparar a visão organísmica de Perls (1969) sobre a questão mente-corpo e a busca do filósofo e psicólogo francês de eliminar a interpretação 'causal' da relação entre alma e corpo, vendo nesta relação uma dualidade dialética de comportamentos, dotados de 'níveis' e 'significados' diferentes (Abbagnano, 1984). Boris (1987) expõe os critérios de Merleau-Ponty quanto a uma psicologia fenomenológica:

"Primeiramente, a psicologia deve ser uma ciência humana, ou seja, partir do próprio homem para compreendê-lo e a seus caminhos. Esta psicologia deve ser estrutural, isto é, deve investigar as diversas experiências humanas, integrando-as em seus vários níveis, formas e fundos. Outro aspecto é seu caráter dialético, reconhecendo a pluridimensionalidade no interior da existência, por oposição ao psicologismo. Um outro critério referente à psicologia fenomenológica é que ela deve ser simbólica, já que o homem é polissêmico, encarnando os seus vários significados. Finalmente, esta psicologia não deve ser apenas existencial, uma teoria sobre o humano, mas

23. Parte de suas obras resumidas pode ser encontrada em Merleau-Ponty, M. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).

um estudo do seu existir concreto" (p. 73-74).²⁴

Tellegen (1984) admite que

"talvez tenha faltado uma maior explicitação destas bases fenomenológico-existenciais e, certamente, um maior aproveitamento da obra dos filósofos desta corrente. A função de Perls foi a de abrir pistas para quem quisesse segui-las" (p. 41).²⁵

d) Behaviorismo

Esta é uma influência pouco admitida entre os gestaltistas, porém Perls (1979) declarou: "eu também sou comportamentalista, mas em outro sentido" (p. 48). Perls (1977a) elogia a capacidade dos comportamentalistas de lidarem com o óbvio: "o que há de bom com os comportamentalistas é que eles realmente trabalham com o aqui e o agora" (p. 89), apesar de criticá-los pelo seu mecanicismo, reducionismo e elementarismo. Por sua vez, Kepner & Brien (in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977) chegaram a conceber a gestalt-terapia como uma fenomenologia behaviorista.

24. Esta questão é discutida a partir de Rezende in: Forghieri (org.), 1984, p. 35-48.

25. A questão do pouco aproveitamento das bases filosóficas nos referenciais humanistas, inclusive a gestalt-terapia, é discutida também em Boris, G. D. J. B. "Uma reflexão acerca da consistência teórica das psicoterapias humanistas". Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 69-75, jan./jun. 1987.

e) Teatro Expressionista (Reinhardt) e Psicodrama (Moreno).

Como já nos referimos anteriormente, as ligações de Perls com o teatro e a dramatização começaram muito cedo, em sua infância (quando ia ao teatro, aos museus e à ópera com a mãe e fazia representações com um amigo), estendendo-se pela adolescência (quando trabalhou no 'Royal Theater') e chegando à vida adulta, quando se aproximou de atores do 'Living Theater', nos E.U.A. (Boris, 1990; Perls, 1979; Petzold, 1984; Shepard, 1977; Tellegen, 1984).

Com Reinhardt, do 'Deutsche Theater', Perls aprendeu a integrar as palavras, o gesto e a ação, e a compreender e a decifrar a linguagem corporal, o que aplicou na sua abordagem psicoterápica e mesmo nas suas tentativas como diretor de teatro e de cinema (Perls, 1979; Shepard, 1977; Tellegen, 1984).

Apesar de fragmentadas, as referências feitas ao psicodrama de Moreno pelo próprio Perls (1969; 1977a; 1977b; Perls, Hefferline & Goodman, 1980) e por outros autores (Boris, 1990; Petzold, 1984; Polster & Polster, 1979; Saidon et al., 1983; Shepard, 1977; Tellegen, 1984) são várias. Em sua primeira obra, Perls (1969) descreve o psicodrama como "a técnica de Moreno que trata psiconeuroses incitando os pacientes a escrever, produzir e atuar seus próprios papéis como um meio de auto-expressão e auto-realização" (p. 222). Na sua segunda obra (Perls, Hefferline & Goodman, 1980), afirma que

"Moreno, tratando com delinqüentes num internato, desenvolveu um método de terapia grupal, uma situação que em essência deveria desenfaturar o fenômeno da transferência e levar a sociabilidade mais tratável" (p. 328).

Em obras posteriores, Perls diferencia a sua técnica de dramatização ('cadeira quente' x 'cadeira vazia') do psicodrama moreniano:

"se eu faço o próprio paciente representar 'todos' os papéis, a gente obtém uma figura mais clara do que quando usamos a técnica de psicodrama de Moreno, que envolve pessoas que sabem muito pouco a respeito de você, porque trazem as 'suas próprias' fantasias, as 'suas próprias' interpretações" (Perls, 1977a, p. 168).

Boris (1990) esclarece que "enquanto, em GT, o cliente desempenha todos os papéis, em psicodrama, ele escolhe auxiliares para vivenciar os papéis secundários" (p. 120). Apesar de existirem diferenças técnicas, em sua obra póstuma, Perls (1977b) destaca que "é insuficiente simplesmente contar um incidente passado, tem-se que retornar a ele 'psicodramaticamente'" (p. 78).

Polster & Polster (1979), seguidores de Perls, afirmam que

"o que talvez tenha tido um impacto maior sobre a Gestalt terapia é a lição que está implícita no psicodrama: é mais provável fazer-se descobertas 'participando-se' de uma experiência do que 'falando-se' sobre ela" (p. 276).

f) Filosofia Oriental (Friedländer, Zenbudismo e Taoísmo).

A partir de seu contato com o filósofo Friedländer, em Berlim, nos cafés boêmios onde se reuniam os intelectuais

e políticos radicais, Perls (1979) foi aprofundando seu contato com a filosofia:

"meu primeiro encontro com o nada foi nada em forma de zero. Descobri-o sob o nome de 'indiferença criativa', através de Sigmund Friedländer. Reconheço três gurus na minha vida.²⁶ O primeiro foi S. Friedländer, que se autodenominava neokantiano. Com ele aprendi o significado do equilíbrio, do centro-zero dos opostos" (p. 89).

Baseado em Friedländer, Perls (1969) afirma que

cada evento está relacionado a um ponto-zero a partir do qual uma diferenciação em opostos ocorre. Estes 'opostos' apresentam 'em seu contexto específico' uma grande afinidade entre si. Permanecendo alertas no centro, podemos obter uma habilidade criativa de ver ambos os lados de uma ocorrência e completar uma metade incompleta. Evitando uma perspectiva unilateral, conseguimos uma compreensão interna mais profunda da estrutura e função do organismo" (p. 15).

Tellegen (1984) afirma que, na África do Sul, Perls encontrou pontos de aproximação entre a concepção de Friedländer e as filosofias orientais. O próprio Perls (1979) diz que

26. Os dois outros gurus citados por Perls (1979) são Selig, escultor e arquiteto do 'Instituto Esalen', por sua despreziosidade, humildade, sabedoria e conhecimento, e Mitzie, sua gata branca, por tê-lo ensinado sabedoria dos animais.

"mais tarde percebi que este [o centro-zero dos opostos] é o equivalente ocidental do ensinamento de Lao-Tsé. Para mim a orientação da indiferença criativa é lúcida. Não tenho nada a acrescentar ao primeiro capítulo de 'Ego, Hunger And Aggression'" (p. 96).

Esta afirmação de Perls foi feita em sua autobiografia, publicada um ano antes de sua morte, o que demonstra a manutenção desta posição até o final de sua vida.

Shepard (1977) esclarece que

"a palavra alemã 'Gestalt' significa 'totalidade'. Tem, em muitos sentidos, afinidade com o conceito oriental de Tao. Reconhece que o primeiro plano e o plano de fundo configuram uma totalidade e não podem separar-se um do outro sem perder seus significados particulares ou sem destruir aquela totalidade ... Neste sentido, a Gestalt é tão velha como o antigo símbolo chinês de Yin e Yang, onde uma forma define a outra e ambas são necessárias para completar o todo" (p. 18).

A iniciação de Perls no zenbudismo se deu através de Paul Weisz, de Nova York, seu amigo e confidente gestalt-terapeuta (Perls, 1979; Shepard, 1977). Em sua autobiografia, Perls (1979) diz:

"daí por diante, fiquei cada vez mais fascinado pelo Zen, seu potencial e sua atitude não-moral. Paul tentou integrar Gestalt e Zen. Eu me empenhava mais em criar um método viável de abrir este tipo de autotranscendência humana para o homem ocidental (p. 136-137).

São muitas as referências de Perls à filosofia oriental, tendo freqüentemente utilizado termos comuns a ela, como 'satori', 'koan', 'meditação', 'zendo', 'nada', 'mudra', 'Yin' e 'Yang' etc.

Perls (in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977, p. 60) reconhece que

"um importante aspecto do treinamento em Zen é o adestramento da vivacidade, o que envolve, realmente, ter um centro, para que a pessoa possa estar alerta para o que se passa ... A mente vazia, na filosofia oriental, é digna do maior louvor".

Para Ribeiro (1985),

"este sentido de integração da pessoa na sua totalidade é mensagem contínua da Gestalt e do zen" (p. 125).

"Para o zen, como para Gestalt, o crescimento vem freqüentemente através da frustração. É preciso que as pessoas experienciem por si mesmas os próprios limites e incapacidades" (p. 129).

"Estas considerações nos levam a compreender a forte influência da religião zen-budismo, do taoísmo e o budismo tântrico sobre a Gestalt-terapia na sua insistência comum sobre a vivência e consistência do aqui e agora, sobre a visão do sentido das polaridades, sobre a ênfase em um contínuo processo de crescimento, no apelo à totalidade do corpo, ao predomínio das emoções sobre o pensamento, sobre a necessidade de auto-confiança, de auto-realização e auto-atualização, sobre a

necessidade de aceitar as experiências mais que analisá-las, na crença na capacidade de um verdadeiro crescimento optimal do ser humano" (p. 131).

Por sua vez, Tellegen (1984) afirma que

"a insistência em diminuir a atividade e acalmar o pensar agitado, para deixar emergir a forma e o ritmo fundamental da experiência presente, tem semelhança com o esvaziar da mente na meditação oriental. O paradoxo, tão presente no pensamento oriental, permeia a linguagem de Perls: mudar é tornar-se o que já é; o árido é fértil; não tentar dominar uma dor pela supressão, mas acompanhá-la atentamente, é um meio para não ser dominada por ela; permanecendo no vazio, encontra-se o pleno; o momento do caos prenuncia uma nova ordenação desde que não se tente impor ordem". (p. 42)²⁷

Entretanto, em vários textos de Perls, encontramos críticas e restrições ao zenbudismo, à meditação e a outras práticas orientais. Reconhece saber "o que é uma experiência de 'satori', embora não tenha passado por toda a escala da iluminação, caso exista tal coisa" (Perls, 1979, p. 131). Também diz: "o Zen havia me atraído como a possibilidade de uma religião sem Deus ... Simbolismo ou não, para mim tratava-se mais uma vez de 'reificação' conduzindo à 'deificação'" (p. 133).

27. Sobre as relações entre gestalt-terapia e as filosofias orientais, consultar também Fagan, J. & Shepherd, I.L. (orgs.) Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, e Perls, F. S. Gestalt-terapia explicada. 3. ed. São Paulo: Summus, 1977a.

Perls (1979) diverte-se ao se referir à sua experiência com o zenbudismo, sob a orientação de um mestre zen, num templo japonês:

"fiquei dois meses ali. Não houve tempo para ser adequadamente apresentado ao jogo do 'koan'. Ele só me deu um 'koan', simples e infantil: 'Qual é a cor do vento', e pareceu satisfeito quando eu, como resposta, soprei no seu rosto" (p. 134).

Mais adiante, comparando o zenbudismo à psicanálise, diz que

"deve estar errado se são precisos muitos anos e décadas para não se chegar a nenhum lugar ... O valor de ambos, o aumento da tomada de consciência e a liberação do potencial humano, devem ser afirmados; a eficiência de ambos os métodos deve ser negada. Eles não podem ser eficientes porque não são centrados nas polaridades de contato e retraimento, o ritmo da vida" (p. 137).

Adotando uma postura fenomenológica, Perls (1977a) afirma:

"a idéia Zen sobre tomada de consciência absoluta é, na minha opinião, uma bobagem. A tomada de consciência absoluta não pode existir porque, a 'meu' ver, a consciência possui sempre um conteúdo. Sempre se tem consciência de 'alguma coisa'" (p. 30).

De qualquer forma, como admitem Saidon et al. (1983),

"esta premissa, de que a centração no presente e a aceitação sincera da própria experiência são as condições para sentimentos de satisfação e realização, muito deve, sem dúvida, ao pensamento oriental (Zen-Budismo, Sufismo, etc.)" (p. 101).

g) Influências Sócio-Políticas (Socialismo Anarquista, Movimentos Anti-Fascistas e de Contracultura).

Os textos produzidos por Perls são, em geral, escassos e pouco esclarecedores quanto às suas posições sócio-políticas, o que nos obriga a fazer inferências a partir dos dados de sua história de vida e de sua própria literatura.

Perls nasceu e viveu seus primeiros anos numa cultura conservadora e autoritária, que, apesar do liberalismo de seus pais, criou em si inegáveis traços de rebeldia e de inquietação, detectáveis ao longo de sua vida. Sofreu os rigores da I e II Guerras Mundiais, submetido ao antisemitismo e à destruição que estas exacerbaram. Sua primeira vinculação 'política' parece ligar-se ao grupo 'Bauhaus', de ideologia socialista anarquista, mas este vínculo parece ser mais uma identidade emocional e intelectual do que um posicionamento político definido (Shepard, 1977).

Seu contato com o filósofo Friedländer, entretanto, parece envolvê-lo com a metodologia dialética, o que Perls (1969) manifesta já no seu primeiro livro:

"pensamento diferencial apresenta uma semelhança com as teorias dialéticas, mas sem suas implicações metafísicas ... A transposição de Marx do método dialético do materialismo é um progresso, mas não uma solução. Sua mistura de pesquisa científica com pensa-

mento desejoso, da mesma forma, não atingiu o realismo dialético" (p. 14).

Acrescenta que "o pensamento em opostos é a quinta-essência da dialética. Opostos 'dentro' do mesmo contexto estão mais estreitamente relacionados entre si do que em relação a qualquer outra concepção" (p. 17).

Apesar de suas relações com Reich, psicanalista e comunista expulso de ambas as organizações, não se refere explicitamente às possíveis influências do posicionamento político do mesmo. Entretanto, no início dos anos trinta, aproxima-se de socialistas e comunistas, trabalhando no 'Colégio dos Operários' e busca uma união que impedisse a ascensão de Hitler. De qualquer forma, a influência das idéias de Reich podem ser detectadas em seus textos, mas sem uma referência direta à mesma:

"bastante freqüentemente, contudo, o autocontrole exigido socialmente pode ser alcançado apenas à custa de desvitalização e de debilitação das funções de grandes partes da personalidade humana - à custa de criação de neurose coletiva e individual. O desenvolvimento religioso e capitalista da sociedade é responsável pela maior parte da criação de neuroses coletivas, das quais as guerras suicidas atualmente assolando por todo o mundo são sintomáticas" (Perls, 1969, p. 61-62).

Acrescenta-se que

"Após a agressão ter sido suprimida, o corpo repudiado e a 'alma' glorificada, a era do industrialismo produziu uma nova dificuldade: hoje, a alma do trabalhador não é de interesse para o fabricante. Ele necessita apenas

das funções do 'corpo', e especialmente daquelas partes que são exigidas para o trabalho ... Assim, a desvitalização progride mais adiante: a individualidade está sendo morta. Este processo afeta trabalhadores altamente especializados também, abalando a harmonia de sua personalidade" (p. 121).

Perls (1969) critica aqueles que, como Reich, tentaram integrar as visões de mundo e de homem propostas por Freud e por Marx, apesar de, em muitos aspectos, concordar com eles:

"muitas pessoas, esperando uma integração de suas 'Weltanschauung' a partir do estudo dos mundos objetivo e subjetivo do homem, tentaram fazer o corpo de sua filosofia andar sobre duas pernas - marxismo e freudismo. Tentaram construir pontes entre os dois sistemas, mas fracassaram em ver que as complicações econômicas nas quais Marx estava interessado decorriam do instinto de auto-preservação. Embora compreendendo totalmente a necessidade básica de alimento, roupas e abrigo do homem, Marx não persistiu nas implicações do instinto de fome da mesma forma que Freud fez com os impulsos sexuais - sua de pesquisa era principalmente aquela das relações sociais e apenas raramente o indivíduo" (p. 128).

Afirma que

"Marx foi, de certa forma, um precursor de Freud: 'Marx descobriu o fato simples (até agora oculto sob superestruturas ideológicas) de que os seres humanos devem ter alimento,

bebida, vestuário e abrigo primeiro que tudo, antes que possam se interessar por política, ciência, arte, religião e semelhantes. Isto implica que a produção de material imediatamente requerido significa subsistência, e, além disso, a fase de desenvolvimento atual de uma nação ou de uma época constitui a fundação sobre a qual as instituições do Estado, a perspectiva legal, as idéias artísticas e até as religiosas são desenvolvidas. Implica que estas últimas devam ser explicadas a partir das primeiras, enquanto as primeiras têm sido geralmente explicadas como resultantes das últimas' (F. Engels)" (p. 129).

Mesmo assim, compara psicanálise e marxismo:

"esta é a base comum de Freud e Marx: as necessidades do homem (para Freud os instintos de preservação da raça e para Marx os instintos de auto-preservação) são primárias; a superestrutura intelectual é determinada pela estrutura biológica e pela necessidade de gratificação destes dois grupos de instintos" (Perls, 1969, p. 129).

De qualquer forma, se refere a temas comuns ao marxismo:

"com a propriedade privada, surgiu a divisão de terra e a criação de vizinhanças amigáveis ou hostis. Se os fazendeiros, hoje, se unissem num grupo coletivo, a confluência seria restabelecida, mas as fronteiras entre as fazendas coletivas (cf. a competição socialista na Rússia) permaneceriam" (Perls, 1969, p. 144-145).

Em sua estadia na África do Sul, Perls engajou-se no exército inglês contra as forças fascistas, e, mesmo sendo alemão, preferiu ser um judeu anti-fascista lutando contra seu próprio país. Ao fim da guerra, já não suportando os conflitos raciais provocados pela política do 'apartheid', emigra para os Estados Unidos. Lá, une-se inicialmente à vertente neo-psicanalítica de cunho culturalista - ramo que "concentrou sua atividade terapêutica mais no relacionamento social do paciente" (Rattner, 1977, p. 17), mas, devido à sua concepção mais ousada da prática psicoterápica, logo dela se afasta.

O início oficial da gestalt-terapia coincide com os contatos com Paul Goodman, que, através de seu exemplo, permitiu a Perls desenvolver uma integração entre vida pessoal e profissional e a inclusão no círculo da contracultura. Burrow & Scherpp (1985), que defendem uma proposta pedagógica a partir da gestalt-terapia e das idéias de Goodman, assim se referem a este:

"em 1945, por se negar a prestar o serviço militar, é condenado à prisão. Lá escreve um 'manifesto anarquista' ... Seus livros 'Growing Up Absurd' e 'Drawing the Line' forneceram à juventude em rebeldia, uma crítica teoricamente fundamentada à sociedade de consumo americana. O campo de ação de Paul Goodman não se limitou à publicação de livros: foi ativo organizador e colaborador em diversas campanhas. Assim tomou parte no 'Free Speech Movement' em Berkeley, em ações anti-rascistas e em demonstrações contra a guerra. Goodman tinha também especial interesse por uma crítica exaltada ao sistema educacional americano. Em seu livro 'Compulsory Miseducation' editado em 1964, critica arduamente o sistema escolar americano e exige a abolição da escola, alegando que esta emburrecia a ju-

ventude e a tornava dependente. Propõe a criação de 'escolas livres', como, por exemplo, as que realizou com o seu amigo Georges Dennison" (p. 21).

Concluem que

"o principal mérito de Paul Goodman reside no fato dele ter relacionado pontos de vista na gestalt-terapia com questionamentos político-pedagógicos. A diferença em relação a Perls, que se dedicava principalmente à prática psicoterápica, é que Goodman, utilizando-se das perspectivas da gestalt-terapia, criticava a sociedade ..., em especial, o sistema educacional americano ... Neste sentido Goodman ampliou os horizontes da gestalt-terapia e da gestaltpedagogia no que se refere ao inter-relacionamento da sociedade como um todo" (p. 22).

Burow & Scherpp (1985) parecem acreditar que Perls, com sua ênfase à psicoterapia, não assumia uma posição crítica em relação à sociedade americana, o que não é verdade, como veremos a seguir, mas é inegável que, principalmente em sua fase de vida nos E.U.A., Perls se preocupou muito mais com a divulgação da gestalt-terapia (como uma criação sua) do que com questões sociais mais amplas.

Em sua segunda obra, 'Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality' (lembramos que grande parte dela foi escrita por Goodman e Hefferline), Perls demonstra preocupações com o panorama sócio-político de sua época, discutindo:

"'pessoal' e 'social': esta separação comum continua sendo a ruína da vida comunitária. É

tanto o efeito como a causa do tipo de tecnologia e de economia que temos, com sua divisão de 'emprego' e 'passatempo', mas não trabalho ou vocação; e de burocracias tímidas e política de 'fachada' vicarial. É da atribuição dos terapeutas de relações interpessoais tentar curar esta divisão, até mesmo esta escola ..." (Perls, Hefferline & Goodman, 1980, p. 285);

ou

"... em nossa sociedade com seu isolamento e necessidade neuróticos de 'fazer por si mesmo', não pedir ajuda é uma resistência (nota de rodapé à p. 331).²⁸ "Esta é a sociedade da divisão de trabalho, na qual as pessoas deliberadamente usam-se como ferramentas ... A divisão de trabalho pode ser buscada de tal forma que o trabalho seja sem sentido para os trabalhadores e seja servidão" (p. 368),

declaram ao questionar as relações de trabalho na sociedade norte-americana. Tratando ainda da questão indivíduo-sociedade e da formação da personalidade, concluem que

é enganoso pensar nos 'indivíduos' como primitivos e associados nas relações sociais, pois não há dúvida de que a existência de 'indivíduos' acontece como o resultado de uma sociedade muito complicada ... Novamente, as 'pessoas' são reflexos de uma totalidade interpessoal, e a 'personalidade' é melhor con-

28. Esta afirmação deve ser confrontada com a famosa 'oração gestáltica', divulgada por Perls (1977a, p. 17) e discutida mais adiante.

cebida como uma formação do self através de uma atitude social compartilhada" (p. 368-369).

Além disso, acrescentam que

"relações sociais, como dependência, comunicação, imitação, amor objetal, são originais em qualquer campo humano, muito anteriores ao próprio reconhecimento como uma pessoa idiossincrática ou à identificação dos outros como uma sociedade constituinte" (p. 374).

Quando tratam da relação entre psicopatologia e decadência social, Perls, Hefferline & Goodman (1980) afirmam que

"... o declínio da comunidade em sociedades políticas não é redutível às neuroses dos indivíduos, que de fato se tornam 'individuais' por causa do declínio da comunidade; nem é redutível às más instituições, pois estas são mantidas pelos cidadãos; é uma doença do campo, e apenas um tipo de terapia grupal poderia ajudar" (p. 414).

Concluem tratando do papel da psicoterapia:

"é, ao contrário, a interferência interna de forças sociais fora-da-pele que deliberadamente perturba o sistema interno espontâneo e requer psicoterapia ... Uma grande função da psicoterapia é um processo de desocupar ... tais forças econômicas e políticas mais remotas e duvidosas como a competição, o dinheiro, o prestígio, o poder, de interferir dentro do sistema pessoal primário de amor, pe-

sar, raiva, comunidade, paternidade, dependência e independência. O ponto de vista que estamos desenvolvendo aqui, contudo ..., é que, fundamentalmente, 'nenhum' conflito deve ser dissolvido pela psicoterapia ... A tarefa da psicoterapia é torná-los cômicos de modo que possam alimentar material ambiental novo e chegar a uma crise ... O conflito é uma colaboração que vai além do que é pretendido, em direção a uma figura completamente nova" (p. 415-416).

Finalizam propondo 'experimentos' (experiências criadas a partir de uma situação grupal concreta). Estes, "politicamente, ocorrem em comunidades cooperativas; ... e existem em toda sessão de psicoterapia" (p. 465).

Podemos inferir desta obra que, se Perls não é o único responsável por estas idéias, pelo menos deve ter delas compartilhado, o que pode não ser constatado em sua prática como um todo, mas em parte de suas propostas, como a comunidade que criou no final de sua vida. Perls não foi um militante político, mas tinha consciência da interrelação entre os problemas psíquicos e sociais, chegando a propor formas de resolvê-los através de uma vivência cooperativo-comunitária.

Perls parece acreditar que suas propostas e aquelas dos que compartilhavam das mesmas serviriam para barrar a motivação da ideologia conservadora e reacionária, detectada, no final dos anos sessenta, na eleição de Nixon para a presidência dos E.U.A. e de Reagan para o governo da Califórnia. Assim, adverte:

"como vocês sabem, existe uma rebelião nos Estados Unidos. Nós descobrimos que produzir coisas, viver para coisas, trocar coisas não é o sentido fundamental da vida. Descobrimos

que o sentido da vida é que ela deve ser vivida e não comercializada, conceituada e restrita a um modelo de sistemas. Achamos que a manipulação e o controle não constituem a alegria fundamental de viver. Mas devemos também compreender que até agora temos apenas uma rebelião. Ainda não temos uma revolução. Ainda falta muita coisa. Existe uma disputa entre o fascismo e o humanismo. Neste momento, parece-me que a disputa está quase perdida para os fascistas ... É um protesto, uma rebeldia que é boa como tal, mas que não representa um objetivo" (Perls, 1977a, p. 16).

Por outro lado, provoca uma polêmica quando divulga a sua 'oração gestáltica':

"Eu faço minhas coisas, você faz as suas
 Não estou neste mundo para viver de acordo
 com suas expectativas
 E você não está neste mundo para viver de
 acordo com as minhas
 Você é você, e eu sou eu
 E se por acaso nos encontramos, é lindo
 Se não, não há nada a fazer.

Fritz Perls" (1977a, p. 17).

Perls parece querer destacar a importância da diferenciação e do reconhecimento da fronteira eu-meio para a saúde do organismo e da sociedade, pois

"homem que pode viver em contato íntimo com sua sociedade, sem ser tragado por ela nem dela completamente afastado, é um homem bem integrado ... O objetivo da psicoterapia é

justamente criar tal homem ... [Numa sociedade democrática,] ... a barreira entre o indivíduo e o grupo está claramente traçada e claramente sentida. O indivíduo não é subserviente ao grupo, nem o grupo fica a mercê do indivíduo" (Perls, 1977b, p. 40).

Entretanto, Perls é severamente criticado especialmente pelos dois últimos versos da 'oração gestáltica'.

Burow & Scherpp (1985) advertem que

"é real o perigo de uma prática individualizante que tenha como objetivo proporcionar a grupos já socialmente privilegiados, alívio e 'reparos' de dificuldades, resultantes de um processo de trabalho alienante, sentido como fardo" (p. 49).

"Existe então o perigo de que não se perceba que as causas dos distúrbios psíquicos estão vinculados às condições sociais de vida. Além disso corre-se o risco de se despertar a ilusão de que somente a compreensão da estrutura de um distúrbio no aqui-e-agora bastaria para resolver de modo duradouro a neurose do cliente sem mudança no meio social" (p. 97).

"Se a gestalt-terapia degenera para uma egocêntrica 'mostra de umbigo' ..." (p. 98),

"na sua expressão máxima, isso acarretará o 'fenômeno de dois mundos': de um lado, o grupo de encontro nas horas livres ('aqui eu posso ser um ser humano'); do outro, o mundo do trabalho e do cotidiano ('aqui eu preciso funcionar'). Sem ser capaz de fazer com que

os dois mundos entrem em sintonia, o grupo de encontro poderá converter-se numa droga para a fuga da desagradável realidade social. A mudança necessária das estruturas sociais é assim projetada exclusivamente no indivíduo" (p. 99).

São inegáveis as tendências individualistas na prática de Perls. Entretanto, quando se confrontam a postura pessoal e alguns textos de Perls, em momentos diferentes, pode-se constatar uma contradição interna no seio da gestalt-terapia, que pode configurá-la como uma 'faca de dois gumes', podendo ser alienada e alienante ou, de outra forma, integradora e conscientizante. A partir disso, evidencia-se a importância do papel do psicoterapeuta de grupo como um agente sócio-pedagógico de cooperação e de transformação, como trataremos no próximo capítulo.

O destaque a esta importância é desenvolvido por vários autores pós-Perls. Gudjons (1978 apud Burow & Scherpp [1985], p. 50) afirma que

"começar pelo fator subjetivo não quer dizer ficar restrito a ele. Mas sua inclusão consciente nos processos de emancipação individual e coletiva significa, em segundo lugar, também levar a sério este que seria o nível 'mais baixo' do desenvolvimento de competência concreta e interacional. Sem a percepção social desenvolvida, sem a capacidade de relacionamento no trato com outras pessoas, sem a análise diferenciada dos próprios âmbitos da personalidade com o objetivo de autodesenvolvimento, auto-responsabilidade e auto-aceitação, sem a capacidade de participação consciente nos processos de regulação em grupos por meio de 'feedback' recíproco, sem a capacidade de reflexão de processos de coope-

ração, de decisão e de processos grupais, ou seja, sem uma competência interacional abrangente do ser humano individual, todas as tentativas necessárias de conciliar a dimensão da história da vida concreta, bem como o plano do aqui-e-agora com o contexto da totalidade social e de colocar a auto-reflexão numa relação dialética com a ação e a antecipação de uma sociedade mais humana, ficarão sem uma base adequada".

Beisser (in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977, p. 113-114) reconhece que a área de interesse das ciências psicológicas

"... ampliou-se agora além do indivíduo, quando se tornou evidente que a questão mais crucial diante de nós é o desenvolvimento de uma sociedade que apóie o indivíduo em sua individualidade. Acredito que a mesma teoria de mudança aqui esboçada também é aplicável aos sistemas sociais, que a mudança ordenada dentro dos sistemas sociais se realiza na direção da integração e do holismo; creio ainda que o agente de mudança social tem como sua função principal trabalhar com (e em) uma organização, para que esta possa mudar sistematicamente com as variações no equilíbrio dinâmico, dentro e fora da organização. Isso requer que o sistema se torne cômico dos fragmentos alienados internos e externos, para poder integrá-los nas principais atividades funcionais por processos semelhantes à identificação no indivíduo".

Besems (in: Petzold & Brown, 1977 apud Burow & Scherpp, 1985.), ao conceber uma proposta de 'ensino intersubjetivo', destaca como um dos objetivos "proporcionar dis-

cernimento sobre o próprio funcionamento e sobre as relações históricas e sociais desse funcionamento nos contextos interpessoal e social" (p. 110).

Por sua vez, também indo além de Perls, Cesarino (in: Burow & Scherpp, 1985) lembra que

"pode parecer estranho que de uma linha de pensamento originalmente psicoterápica se tirem idéias aplicáveis à pedagogia. Sempre pensamos a psicoterapia como muito próxima da pedagogia em muitos aspectos ... Assim o novo não é fornecido, é desenvolvido conjuntamente. Não é por aí o caminho da pedagogia? ... Assim, se o homem (e o aluno) existem com sentido apenas enquanto vistos em relação ao fundo, isto é, em relação ao meio, um trabalho pedagógico só tem sentido dentro de uma preocupação que junte ao crescimento pessoal uma visão de mundo mais ampla, isto é, que ultrapasse o pequeno individualismo habitual. E que esteja apta a fornecer uma historização do fato que está discutindo (isto é, que possa relacioná-lo situando-o dentro de um contexto de conexões)" (p. 10-11).

Esta preocupação, que Perls parece, quando muito, ter visualizado, mas sem pô-la em prática, é anunciada por alguns de seus seguidores:

"dada esta ênfase às necessidades humanas comuns e ao grupo como sendo uma minicomunidade baseada em princípios terapêuticos, o passo sociológico seguinte vai além não somente da 'cura', mas também do 'crescimento pessoal', levando ao desenvolvimento de um novo clima comunitário ..." (Polster & Polster, 1979, p. 40).

2.2.3 - Análise Crítica do Trabalho com Grupos em Fritz Perls

Podemos agora analisar criticamente a prática de psicoterapia grupal como foi concebida e concretizada por Perls e, a partir disso, as propostas de seus seguidores que, como já anunciamos, vão além daquela de seu precursor.

As primeiras referências ao trabalho de Perls com psicoterapia de grupo se relacionam ao período de dez anos (1946-1956) em que viveu em Nova York. Shepard (1977) relata que

"Fritz ainda recorria ao divã, mas começava a utilizar cada vez mais os encontros de cara a cara ..., assim como a explorar no campo da terapia de grupo" (p. 57).

Pode-se supor que as primeiras experiências efetivas de Perls com a psicoterapia de grupo se deram no início dos anos 50, quando da fundação do primeiro instituto de gestalt-terapia, em Nova York, e da abertura da capacitação de psicoterapeutas, juntamente com sua esposa, Laura.

Só em 1967, num texto ("Terapia de grupo versus terapia individual") já considerado clássico e reimpresso juntamente com os de outros autores em 1975, Perls revela sua insatisfação com a psicoterapia individual, questiona a própria psicoterapia de grupo e anuncia a sua proposta de 'workshops' de gestalt-terapia. Assim, diz:

"qual é a mensagem que recebemos da terapia de grupo? A terapia de grupo nos diz: 'Sou mais econômica que a terapia individual'. A terapia individual retruca: 'Sim, mas você é menos eficiente'. 'Mas', pergunta a terapia de grupo, 'quem diz que você é eficiente'?

Você notará que no meu íntimo estas duas terapias imediatamente começam a brigar e a entrar em conflito. Durante algum tempo, tentei resolver este conflito em gestalt-terapia, pedindo a meus pacientes que se submetessem a ambas ... ultimamente, entretanto, eliminei totalmente as sessões individuais, exceto nos casos de emergência. De fato, cheguei à conclusão que toda terapia individual é obsoleta e deveria ser substituída por **Workshops** de gestalt-terapia. Em meus workshops agora integro o trabalho individual e grupal. Entretanto, isto somente tem resultado com o grupo se o encontro de terapeuta com o 'paciente individual dentro do grupo for efetivo'". (Perls in: Perls et al., 1977, p. 29).

Mais adiante, acrescenta:

"nos meus 'workshops' de gestalt, quem sentir necessidade, pode trabalhar comigo. Estou disponível, mas não forço nada. Uma dupla é desenvolvida temporariamente entre eu e o paciente, mas o resto do grupo é totalmente envolvido, embora raramente como participantes ativos. Na maioria das vezes eles agem como uma audiência, que é estimulada pelo encontro a fazer um pouco de autoterapia silenciosa. Há outras vantagens de se trabalhar em grupos. Muito do desenvolvimento individual pode ser facilitado fazendo-se experimentos coletivos ..." (p. 35).

Há muito o que discutir e questionar a respeito destas afirmações de Perls, que parece vislumbrar como única vantagem da psicoterapia grupal sobre a individual o fato da primeira ser mais econômica, questionando, por outro lado, a

sua eficiência. De fato, os preços cobrados em psicoterapia grupal costumam ser relativamente mais baratos do que os da psicoterapia individual. Entretanto, pensamos que a 'economia' relacionada à psicoterapia de grupo não se deve apenas aos preços mais acessíveis, mas à sua inegável possibilidade de acesso a um maior número de pessoas e por tratar de relações mais amplas e compatíveis com a realidade social. Quanto à eficiência da psicoterapia grupal, há quem argumente que esta limitar-se-ia a um trabalho mais voltado para a horizontalidade, portanto mais amplo, mas mais geral e superficial; por sua vez, a psicoterapia individual faria um trabalho vertical, mais restrito, porém mais profundo. Este argumento é questionável: temos presenciado trabalhos grupais (tanto intrapessoais quanto interpessoais e coletivos)²⁹ inegavelmente dotados de profundidade e de abrangência da totalidade das pessoas. Esta questão parece depender da disponibilidade do cliente ou do grupo de 'ir a fundo' e da atitude facilitadora e cooperativa do psicoterapeuta.³⁰

29. Basicamente, os 'trabalhos' grupais são efetivados em três níveis sistêmicos: o intrapessoal, quando tratamos das questões individuais de um participante; o interpessoal, quando enfocamos o relacionamento entre dois ou mais membros grupais; e o coletivo ou grupal, quando o 'trabalho' aborda o grupo de forma geral, envolvendo-o como uma totalidade. Estes níveis sistêmicos freqüentemente podem ser tratados concomitantemente.

30. Tellegen (1984) lembra que "existem inúmeros fatores, não diretamente relacionados com a tarefa ou objetivo principal, que influenciam no desenvolvimento da estrutura relacional de um grupo. São os objetivos encobertos, coletivos ou individuais, pressupostos não explícitos, necessidades pessoais, envolvimentos emocionais, trazidos para dentro do grupo, não só pelos participantes, mas também pelo terapeuta. Detectá-los e, oportunamente, explicitá-los, faz parte das funções do terapeuta, como também reconhecer as estruturações defensivas do grupo como um todo, e perceber o grau de tolerância à ansiedade de cada participante ligado à experiência presente e passada de cada um" (p. 77).

Um outro questionamento que se pode fazer às afirmações e à prática grupal de Perls se relaciona à sua proposta de integração entre psicoterapia individual e grupal em seus 'workshops'. Perls destaca que o trabalho com o grupo dependeria da efetividade do encontro entre psicoterapeuta e paciente individualmente. Isto revela uma visão isolacionista e concentradora várias vezes criticada por ele mesmo em outras pessoas. Perls parece não confiar nas potencialidades psicoterápicas do encontro entre os participantes grupais e do grupo como representação social efetiva. Restaria aos demais participantes (que não estivessem em contato direto com ele) se conformar com uma atitude passiva e com um aproveitamento indireto e limitado. Desta forma, Perls deixava de aproveitar e explorar aquela que talvez seja a maior qualidade potencial das vivências grupais: sua riqueza comunitária, dialógica e cooperativa.

Mesmo quando afirma existirem outras vantagens no trabalho grupal, restringe-as às possibilidades de desenvolvimento individual. Este, em grande parte, poderia ser estimulado através de experimentos coletivos: infelizmente, mesmo aqui, seus exemplos, na maioria, enfocam experimentos intrapsíquicos ou, quando muito, interpessoais, feitos paralelamente com os participantes em grupo, sem focar o sentimento comunitário e a cooperação.

Perls parece dar um grande salto qualitativo neste sentido (infelizmente pouco usufruído por ele devido à sua morte) com a criação da comunidade gestáltica de Cowichan, no Canadá, onde criou um espaço propício à vivência psicoterápica e ao trabalho comunitário visando à manutenção e ao cuidado das necessidades daquela comunidade.

Em outro texto, Perls (1977a) reconhece parcialmente que o tipo de trabalho que fazia com grupos era restrito: "basicamente o que eu estou fazendo é uma terapia individual em contexto de grupo, mas não se limita a isto. Muitas vezes, o que acontece num grupo acontece por acontecer" (p.

105). Parece não perceber a ocorrência de regularidades grupais, ou seja, a existência de fenômenos que comumente ocorrem em situações de grupo, e a necessidade de conhecê-las e de estudá-las. Mais adiante, anuncia a criação de seu 'gestalt-kibutz', antevendo suas potencialidades:

"a divisão entre a equipe e os participantes será superada. O principal é o espírito de comunidade propiciado pela terapia - vamos chamá-la assim por enquanto, na falta de uma expressão melhor. Pretende-se que tudo seja uma experiência de crescimento, e que possamos criar pessoas 'reais', pessoas dispostas a assumir uma posição, pessoas dispostas a assumir responsabilidade pelas suas vidas" (p. 106).

As propostas e a aplicação de uma visão mais integrada do trabalho psicoterápico-comunitário, visando à cooperação, vão ser lançadas por aqueles que, a partir das idéias de Perls, desenvolveram esta nova perspectiva, como veremos no próximo capítulo.

**CAPÍTULO III - A MEDIAÇÃO INDIVÍDUO-SOCIEDADE
NOS GRUPOS GESTÁLTICOS COMO PROCESSO
PEDAGÓGICO DE COOPERAÇÃO**

... o indivíduo não se insere de forma imediata no social mas através de instâncias intermediárias. Estas instâncias intermediárias são as que se encontram abrangidas pelo conceito de 'Grupo' ...

HORKHEIMER & ADORNO

3.1 - A Cooperação na Psicoterapia de Grupo em Gestalt-Terapia

Se a universalidade e a singularidade se respeitam mutuamente é porque elas se fundem concretamente sobre a 'solidariedade' essencial das pessoas, o que Scheler chama de 'corresponsabilidade'. Esta significa que a realização de meu bem pessoal se repercute na realização do bem de outras pessoas, portanto, eu contribuo, ao buscar o que é melhor para mim, para a busca do bem de cada um.

DARTIGUES

Ao analisar o percurso da gestalt-terapia entre os anos de 1965 a 1986, percebemos que, no período entre os meados dos anos 70 e 80, esta abordagem vem vivenciando uma crise:

"embora a teoria básica da Gestalt Terapia enfatize o contato e o apoio, isto é, o auto-suporte para o contato e a retração interpessoais, a falta de clareza e consistência da definição freqüentemente conduziram à confusão teórica e prática. O auto-suporte era freqüentemente discutido de uma maneira que o confundia com a auto-suficiência e pregava-se uma atitude excessivamente negativa com relação a qualquer indício de confluência.³¹ Isso obscureceu a importância da interdependência e cooperação no funcionamento sadio enormal. Essa confusão pode ter sido instigada pela negação de Fritz e de outros Gestalt terapeu-

31. Perls (1977b) afirma que "quando o indivíduo não sente nenhuma barreira entre si e seu meio, quando sente que ele próprio e o meio são um, está em confluência com este meio. As partes e o todo são indistinguíveis entre si. Os recém-nascidos vivem em confluência; não possuem o sentido de distinção entre dentro e fora, entre si mesmo e o outro. Em momentos de êxtase ou extrema concentração, as pessoas adultas também se sentem confluentes com o que as cerca ... Mas quando este sentimento de completa identificação é crônico e o indivíduo torna-se incapaz de ver a diferença entre si mesmo e o resto do mundo, está doente psicologicamente. Não pode vivenciar a si mesmo porque perdeu todo o sentido de si próprio" (p. 51-52). Apesar de necessária nos recém-nascidos e saudável em situações de intimidade social, a confluência significa um distúrbio neurótico de contato que impede o reconhecimento da diferença do outro e a assimilação da experiência de cooperação, já que 'eu' e 'tu' não existem, mas apenas um 'nós' indiferenciado.

tas de sua interdependência" (Yontef, 1987, p. 8).

Ao confrontar a postura de antagonismo de Perls nos seus relacionamentos terapêuticos nos anos 60 com uma real atitude psicoterápica de cooperação, constatamos que

"a 'awareness'³² cãndida e ingênua do paciente e o comportamento resultante dessa 'awareness' parcamente desenvolvida eram freqüentemente considerados com desrespeito e suspeita... A terapia era muitas vezes encarada não como uma aventura cooperativa do terapeuta e do paciente, mas, sim, como uma aventura entre adversários" (p. 9).

Conseqüentemente,

"a Gestalt Terapia foi muitas vezes erroneamente igualada a um estilo e ponto de vista específicos sobre terapia de grupo. O estilo que Fritz usou nos últimos dez anos de sua vida era estritamente um modelo de trabalho de um-a-um com o terapeuta no grupo (modelo da 'cadeira quente') com os outros participantes como meros observadores. Os grupos começavam com 'turnos', todo 'trabalho' começava com 'eu quero trabalhar', e terminava em 'há algum 'feedabck'?' Os modelos de relação

32. A palavra inglesa "awareness" não tem um equivalente fidedigno em português, tendo um sentido mais amplo do que o nosso "consciência". Assim, mantemos o termo em inglês ou a expressão "conscientização", buscando significar um processo que tende a envolver todo o organismo.

com o grupo eram como os raios de uma roda, com o terapeuta no centro e toda interação passando por ele" (Yontef, 1987, p. 12-13).

No entanto, a limitação do trabalho meramente individual dos últimos anos de Perls passou a ser cada vez mais reconhecida e seus seguidores foram propondo mudanças na abordagem dos grupos.

"No grupo, o trabalho de um-a-um é crescentemente contrabalançado por uma ênfase nos relacionamentos no grupo ou ênfase no grupo como um todo, o trabalho de 'awareness' concentra-se no relacionamento no grupo ..." (Yontef, 1987, p. 8).

Assim, vai sendo configurado o chamado 'processo de grupo gestáltico',

"uma integração dos princípios e práticas de Gestalt terapia e dinâmica de grupo. É um modelo no qual o líder usa lentes bifocais, dando atenção ao desenvolvimento dos indivíduos no grupo e³³ ao desenvolvimento do grupo como um sistema social. A partir desta perspectiva, o grupo é considerado não apenas como uma coleção de indivíduos, mas como um potente meio psicossocial que afeta profundamente os sentimentos, atitudes e comportamentos dos indivíduos nesse sistema, e inversamente, é profundamente afetado pelos sentimentos, atitudes e comportamentos dos indivíduos nesse sistema... (Kepner in: Feder & Ronnall [orgs.], 1980, p. 1).

33. Grifado no original.

"Este modelo é baseado em duas suposições: primeira, que o desenvolvimento do potencial criativo nos indivíduos é dependente e relacionado a um sistema social que funcione bem e saudável; e segunda, que grupos, como indivíduos, atravessam estágios de desenvolvimento no processo de mudança, que podem ser grosseiramente caracterizados comportamentalmente como um movimento a partir da dependência, através da contradependência, para a independência" (p. 4).

As transformações do "processo de grupo gestáltico", no sentido de um "modelo orientado para o processo grupal", determinam mudanças nas intervenções do psicoterapeuta, que se dirigem para níveis diferentes de processo fenomenológico, como demonstraremos no próximo tópico.

Podemos inserir o processo de grupo gestáltico numa proposta que inclui cada vez mais questões pedagógicas, envolvendo os seguintes aspectos:

- a) tarefas ou objetivos principais do grupo: estes são dispostos num 'continuum' que se estende da aprendizagem (mudança cognitivo/perceptual), passando por um espaço de sistemas de duplas tarefas (tarefas de aprendizagem e mudança) e chegando à mudança psicológica (capacidade alterada de enfrentamento, estrutura de personalidade, ou repertório de reação);
- b) níveis psicológicos envolvidos na tarefa (que são concomitantes em cada momento do grupo): processos intrapessoais, processos interpessoais e processos grupais, todos passíveis de reconhecimento nas vivências grupais (Singer et al., 1975 apud Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980).

As transformações no enfoque da gestalt-terapia podem ser ilustradas pela evolução dos modelos grupais do 'Instituto Gestáltico de Cleveland', cujos professores foram treinados por Fritz e Laura Perls, Isadore From, Paul Goodman e Paul Weisz, do 'Instituto Gestáltico de New York'. Inicialmente, todos utilizavam o modelo de psicoterapia de grupo individualmente orientado. Com o tempo, este tipo de grupo revelou seus limites: era muito tensionante e extenso para que a experiência intrapessoal fosse assimilada e integrada; muitos participantes, mais do que a cura para suas neuroses, desejavam apenas conhecer algo sobre si mesmos e se relacionar melhor entre si. Assim, a equipe foi desenvolvendo um 'modelo de crescimento pessoal', que inclui experiências com tarefas duplas de aprendizagem e mudança psicológica. Entretanto, muitos destes professores experienciaram uma dissonância entre seus valores e o que as pessoas recebiam como reforços durante um grupo de crescimento pessoal:

"... este tipo de processo de grupo, ... entre outras coisas, reforça o 'culto do indivíduo', e cria no relacionamento entre membros e líderes uma dependência do líder" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 15).

Conseqüentemente, chega-se ao 'processo de grupo gestáltico', que

"é uma tentativa de criar condições para a aprendizagem sobre o que significa ser um membro de um grupo... de forma que as polaridades e dilemas de separação e unidade possam ser experienciados no contexto de crescimento pessoal" (p. 16-17).

Este tipo de grupo enfatiza e trabalha tanto com o indivíduo como com as relações e com o grupo, e sofre in-

fluências de Bion (psicanálise), Berne (análise transaccional), Whitaker e Lieberman, Yalom, Astrachan (psicoterapia de grupo e teoria dos sistemas), visando à integração da perspectiva de grupo-como-um sistema na prática de grupo gestáltico. O processo a nível dos sistemas é definido como

"os padrões dinâmicos de interação que se desenvolvem entre as pessoas, ao longo do tempo, que criam um padrão de forma de estar juntas. Estes processos sistêmicos criam um 'milieu' social que afeta a forma como as pessoas, nesse sistema, se sentem sobre si mesmas e umas com as outras, e a forma como elas se comportam nesse meio, e são estes processos sistêmicos que explicam que o todo seja maior do que a soma das partes" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 19).

Baseando-nos em Schutz (1974; 1978), podemos conceituar o grupo em termos de estágios de desenvolvimento. Assim, existem três categorias de necessidades interrelacionadas que as pessoas trazem para os grupos, tendendo a emergir numa ordem seqüencial: necessidade de se afiliar ou de pertencer; necessidade de autonomia; e necessidade de afeição. A nível emocional, certos temas são vivenciados correspondentemente às necessidades citadas: identidade; poder e influência; e intimidade. Estes temas e necessidades, por sua vez, estão associados a certos tipos de comportamento:

"a necessidade de se afiliar e de pertencer e de estabelecer sua identidade produz comportamento dependente; a necessidade de autonomia mobiliza o indivíduo a testar os limites de autoridade e controle, e produz comportamento contradependente; a necessidade de afeição e de intimidade motiva as pessoas a se relacionar efetivamente umas com as ou-

tras e a se comportar interdependentemente" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 23-24).

Estas necessidades básicas, temas e comportamentos ocorrem repetidamente em qualquer grupo, mas tendem a ocorrer em sequência.

No primeiro estágio,

"a identidade de cada membro do grupo é dependente, em certo grau, da forma na qual eles são percebidos e respondidos por cada outro membro do grupo, incluindo o líder" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 24).

São freqüentes os questionamentos dos membros grupais sobre si mesmos e sua identidade no grupo, a identidade dos demais, sobre o líder e o processo.

No estágio seguinte (influência e contradependência),

"os temas principais que os indivíduos e o grupo devem enfrentar ... são aqueles que se relacionam a influência, autoridade e controle. Neste estágio, cada membra/o do grupo está consciente de que ela/ele está sendo influenciada/o pelo que está acontecendo no grupo e que certas normas implícitas ou explícitas estão operando, as quais tornam difícil se comportar de uma forma que difira do que pareça ser aceitável ... Os membros podem começar a desafiar quaisquer normas que estejam operando, interrompendo, expressando reações negativas a uns e a outros, ou ao que esteja ocorrendo, ou afrontando o líder e

questionando sua autoridade e competência" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 28-29).

Finalmente, no terceiro e último estágio, de intimidade e interdependência, o contato real ocorre nos e entre os membros do grupo, contrastando

"com a pseudo-intimidade que se desenvolve no primeiro estágio, quando cada um está descobrindo que todos eles pertencem à raça humana e estão se sentindo cordiais e confortáveis uns com os outros" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 33).

O contato real requer estar frente-a-frente com o diferente e com o outro em relação ao próprio 'self'. Por sua vez, a intimidade real se refere aos relacionamentos nutritivos e apoiadores ao longo do tempo e através da separação e geralmente são forjados na provação da divergência e do conflito. Nos grupos, como na vida em geral, a luta freqüentemente precede o amor real. Trabalhando através dos temas característicos da segunda fase (influência, poder e autoridade) e vivenciando esta experiência, possibilita-se o apoio para se assumir altos riscos num nível intra e interpessoal. Assim, no terceiro estágio, o comportamento dos membros grupais é interdependente - ou cooperativo, necessitando uns dos outros em termos de compreensão, apoio e desafio, com relações recíprocas. Aqui, então, os membros grupais tornam-se significativos entre si e o grupo um outro significativo, proporcionando a nutrição e os recursos para o crescimento.

É importante advertir que

"é necessário estar juntos por um longo tempo para um grupo ser capaz de sustentar o funcionamento neste terceiro estágio, e minha

experiência tem sido de que a capacidade de um grupo de mantê-los neste estágio requer pelo menos um ou dois anos. Os grupos que se encontram por um tempo mais curto às vezes alcançam este estágio, mas é provável ser uma condição temporária" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 34), pois

"um grupo é mais do que a soma de suas partes, e o processo de grupo gestáltico é mais do que a soma dos princípios e elementos que revisei" (p. 37).

Kepner (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) conclui tratando da missão primária da psicoterapia e do crescimento pessoal:

"a missão, como eu a vejo, é elevar a consciência, e isso é diferente das metas geralmente associadas à psicoterapia em geral, e à Gestalt terapia em particular. A meta prevalente da terapia como eu a vejo não³⁴ é simplesmente curar pessoas (o que quer que 'cura' possa significar), nem é ensinar os clientes como se tornarem mais hábeis em manipular o meio do que a si mesmos. Nem é habilitar as pessoas a desenvolver um 'self' mais diferenciado e integrado. Pode ser todas acima, mas a meta essencial é auxiliar na evolução de um 'self' que possa finalmente transcender o 'self'. Isto significa que a polaridade central, que é o âmago do crescimento pessoal, é a liberdade e liberação por um lado, e a disciplina pelo outro. É a ten-

34. Grifado no original.

são entre estes opostos que permite tudo o que fazemos" (p. 38).

Fonseca (1988) também analisa os grupos psicoterápicos de cunho humanista, entre os quais se inclui o processo de grupo gestáltico. Lembra Marx, que

"observa que, para o ser humano, o objeto maior de necessidade é a outra pessoa, o outro ser humano. No grupo, o participante encontra uma multiplicidade de 'outros' seres humanos, de modos bastante próximos e imediatos" (Fonseca, 1988, p. 141).

Destaca que os grupos vivenciais³⁵ "são um fenômeno característico da sociedade de consumo" (Fonseca, 1988, p. 147), e, ao mesmo tempo,

"... parecem, numa certa perspectiva, surgirem e desenvolverem-se como contratendências e como formas de resistência, ou pelo menos

35. Apesar de terem objetivos diferentes, o 'processo de grupo gestáltico' e o 'grupo vivencial' apresentam uma qualidade em comum: ambos buscam utilizar os recursos disponíveis para o 'trabalho' nos três níveis sistêmicos. Assim, estas duas propostas vão 'além da psicoterapia', pelo menos quanto ao modelo tradicional. Melhor dizendo, concebem a psicoterapia como uma das possibilidades das vivências do grupo. Portanto, a partir deste ponto, nossa discussão acerca de cada um destes modelos aplicar-se-á, em grande parte, ao outro. Na verdade, não se trata de 'ir além da psicoterapia propriamente dita', mas da inclusão, na perspectiva psicoterápica, do tratamento da consciência individual e coletiva, e da construção de um sentimento comunitário.

heterogêneas, em relação às tendências de alienação e de manipulação dominante na sociedade de consumo" (p. 150).

No entanto, nem sempre isto acontece, mas os grupos vivenciais, os grupos de psicoterapia e a psicoterapia em geral representam uma virtual potencialidade nesse sentido, pois

"o que de melhor se oferece neles é a disponibilidade, eventualmente farta, de objetos humanos de interação, sob a forma de pessoas concretas, sob a forma de interação imediata com essas pessoas concretas em múltiplos níveis, sob a forma da tomada de conhecimento de outras realidades existenciais, de dificuldades e crises, realizações e conquistas humanas, sob forma da alegria de estar junto, de se estar integrado dentro dos difusos limites de um coletivo, sob forma da possibilidade de objetivação e de criação da singularidade da subjetividade de si, através de vivências e interações com as outras pessoas, com o grupo e com os seus subgrupos, sob forma da possibilidade da afirmação do querer-viver que anima e que é animado pelas múltiplas dimensões de nossas necessidades, de nosso ser" (p. 150).

Isso justificaria a dita grande potencialidade 'terapêutica' e de crescimento humano dos grupos vivenciais, já que

"no grupo existem possibilidades para que a pessoa descole-se um pouco de sua particularidade própria e perceba-se e vivencie-se como ser humano genérico. Que assuma a universalidade em si do humano" (Fonseca, 1988, p. 167).

Assim, o grupo constituiria um terreno potencialmente manifestador e claro das necessidades básicas do contexto sócio-histórico específico no qual se situa, expressando facilmente sua inserção na sociedade de consumo e, ao mesmo tempo, sua resistência à tendência destruidora dos objetos humanos desta mesma sociedade. Esta potencialidade dos grupos vivenciais está intrinsecamente ligada à noção de 'pessoa', "uma composição complexa e dinâmica, permanentemente relacional, de individualidade e de transindividualidade³⁶" (p. 171).

A psicologia humanista e a gestalt-terapia têm, muitas vezes, negligenciado irresponsavelmente a consideração com a pessoa, aniquilando a sua transindividualidade (cooperação), com a justificativa de valorizá-la. Esta desconsideração da transindividualidade, que já analisamos na prática de Perls, nos reporta à importância da cooperação nos grupos vivenciais, bem como do psicoterapeuta de grupo como facilitador de atitudes cooperativas, questão que trataremos no próximo tópico.

O papel do grupo enquanto instância humana, então, seria a mediação entre a particularidade individual e a totalidade social:

"se parece evidente o processo de dissolução dos grupos na sociedade de consumo, não podemos negligenciar, por outro lado, o fato de que proliferam formas grupais de resistência, num espectro que abrange desde os sindicatos e suas organizações macro e microssociais, até os microgrupos dos botecos, das mesas de bar de sábado à noite, os grupos de amigos, grupos religiosos, associações de bairro,

36. Entendemos 'transindividualidade' como a capacidade humana de transcender, ir além de sua fronteira individual, o que inegavelmente possibilita a construção de vínculos cooperativos.

grupos de estudantes, alguns grupos formados no companheirismo do trabalho, associações de classe etc., onde se entrincheira a resistência à dissolução, havendo uma conservação relativa das funções humanizantes do grupo e da comunidade" (Fonseca, 1988, p. 175-176).

Portanto,

"os grupos de Psicoterapia, ou os grupos menos específicos que se desenvolveram como prática corrente no âmbito da chamada Psicologia Humanista, podem, ainda que não irremediavelmente, ser situados nesse contexto particular dos modos de resistência à dissolução das formas grupais na sociedade de consumo" (Fonseca, 1988, p. 176).

Entretanto, deve-se advertir que "... até agora a maioria dos gestalt-terapeutas não têm dado muita atenção ao processo grupal" (Feder & Ronall [orgs.], 1980, ix). Simkin (1974), por exemplo, diz: "em gestalt terapia, não é necessário enfatizar a dinâmica de grupo, embora alguns gestalt terapeutas enfatizem" (apud Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 4). Por outro lado, acreditamos que a totalidade grupal é uma força poderosa que,

"se reconhecida e habilidosamente usada pelo líder, as forças inerentes no grupo tornam-se agentes do crescimento e da cura; se ignoradas, mal compreendidas ou mal utilizadas, estas forças podem evitar ou obstruir o crescimento e o movimento, e seu efeito pode ser tóxico" (Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. ix-x).

Um evento de um grupo gestáltico ocorre em um ciclo, que se inicia no nível de sensação, passando por seu próprio senso de conscientização, seu grau característico de energia e seu sistema de ação dialética, criando um tipo peculiar de contato grupal, desenvolvendo soluções específicas para suas questões e, finalmente, chegando ao repouso ou recolhimento, conforme percebemos na Figura I, no anexo II.

Mais detalhadamente, podemos descrever cada um destes níveis:

- Fase de sensação grupal

Os membros grupais buscam captar a situação do grupo e os demais membros através dos próprios sentidos, utilizando a comunicação verbal apenas para transmitir os conteúdos sensoriais: 'você parece tenso'; 'sua voz treme'; 'minhas mãos estão frias';

- Fase de conscientização grupal

A partir das sensações experienciadas no aqui-e-ago-ra da vivência grupal, os participantes do grupo buscam conferir estas sensações em relação aos outros, visando à compreensão de suas vidas. Esta é, freqüentemente, uma fase de trocas significativas e o interesse pelo outro cresce consideravelmente; surgem temas comuns que podem ser explorados;

- Fases de energia e de movimento de ação grupal

Conseqüentemente, a energia do grupo é crescentemente mobilizada, tendendo à ação. Muitos gestalt-

terapeutas, nestas fases, geralmente buscam criar um clima que propicie um meio seguro e confiável para a ação e o intercâmbio. É comum que possam sugerir experimentos que desenvolvam a conscientização individual e/ou a cooperação entre os participantes. Estes experimentos, apesar de permitirem uma certa estruturação prévia, sempre são utilizados na situação e no momento em que o grupo já se dirige a uma certa realização, facilitando a consecução dos objetivos dos próprios participantes. Nunca são propostos de forma previamente pronta, sendo, na verdade, criados em conformidade com a vivência grupal. Estes experimentos possibilitam a transformação das pessoas, permitindo novas aprendizagens, e desenvolvem conteúdos temáticos e contatos significativos;

- Fase de contato grupal

É o momento em que o grupo passa a se perceber enquanto comunidade, deixando de ser o que Lane (1987b) chama de 'não grupo' para se tornar cada vez mais um 'grupo-sujeito' (Loureau, 1975);

- Fase de resolução grupal

São comuns os sentimentos de completude, integração e afeto mútuo. Os 'problemas pessoais' deixam de ser meramente individuais para ser o 'nosso problema' e o grupo cada vez mais se mobiliza para resolver suas dificuldades, quer se manifestem em alguns de seus elementos, quer sejam obstáculos do grupo-como-um-todo;

- Fase de silêncio, recolhimento ou repouso grupal

O grupo parece 'digerir' sua experiência vivida, revendo suas expectativas e ansiedades, seus dramas e conquistas, freqüentemente assumindo uma postura reflexiva e serena.

"Se há tempo disponível, um novo tema pode emergir, de forma que o ciclo grupal possa se desenvolver uma vez mais da sensação para a conscientização, a energia, a ação, a completude e o repouso. Cada uma destas modalidades entra no espaço fenomenológico do grupo e então retrocede - às vezes em ordem, em forma linear, e, às vezes, como os instrumentos de uma orquestra, colaborando simultaneamente no mesmo tema. Nos estágios iniciais de um grupo, as transições de uma fase para outra podem ser desconexas e embaraçadas; o grupo pode ficar fincado em sua conscientização, incapaz de se mobilizar para a ação, ou incapaz de decidir a ação e o recolhimento. No curso do tempo, o grupo não se fixa em nenhuma modalidade, mas se move fluentemente de um ciclo para o seguinte, em uma espiral ascendente ..." (Zinker *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 58-59).

A partir desta perspectiva, podemos descrever os objetivos individuais em um grupo gestáltico:

"integrar polaridades intrapsíquicas conflitantes; tornar-se mais conscientizados de sua vida sensorial; enriquecer e expandir a conscientização; estender a conscientização à excitação e à ação; obter contato consigo e com os outros; aprender uma forma confortável de recolhimento, de nutrição e de renovação

de si mesmos; aprender a apoiar a si mesmos em seus seres totais; aprender a fluir suavemente através do ciclo conscientização-excitação-contato sem bloqueio sério" (p. 59).

Quanto aos objetivos grupais,

"os membros aprendem como pedir a uns e a outros o que querem ou necessitam - e a tratar tanto com os sins e os nãoos que lhes retornam. Aprendem como tratar efetiva e criativamente com conflitos interpessoais ... Também aprendem como energizar uns aos outros e como usar o grupo para obter um sentido de comunidade, apoio mútuo e respeito. Descobrem como aprender sobre suas próprias identidades a partir de um outro e do líder grupal, também como ser inventivos e experimentais em resolver problemas como uma comunidade. Verificam como obter um sentido de confiança, lealdade e intimidade e, ao mesmo tempo, como respeitar as necessidades de distância, as preferências pessoais, e os valores uns dos outros. Aprendem como dar 'feedback' uns aos outros, sem interpretar o que vêm e sentem. Aprendem a trabalhar com e a ajudar cada um sem depender constantemente do líder grupal, e como usar o/a terapeuta não como um guru papai-mamãe projetado/a, mas como um/a companheiro/a-adulto/a habilitado/a que pode facilitar seu trabalho uns com os outros" (Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 59-60).

Da mesma forma, os grupos gestálticos tendem a seguir estágios de desenvolvimento, que começam com um contato superficial e, eventualmente, atingem níveis de coesão e cooperação (Yalom, 1970):

- Contato e exploração superficiais

No início, a experiência do grupo é desconexa e embaraçada. Há freqüentemente uma tendência à reprodução dos modos de ser e de comunicação a que os participantes estão acostumados fora do grupo. Muitas vezes, ocorre tensão e os silêncios são difíceis de suportar, sendo facilmente quebrados com risos e brincadeiras; geralmente, os membros grupais não olham para os rostos dos demais e a comunicação é dirigida para o espaço vazio.

"Não há nenhuma construção: os membros do grupo não respondem ao conteúdo das indagações uns dos outros. Melhor, cada um derrama seu seixo verbal no vácuo existencial de uma comunidade informe ..." (Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 62).

Nos grupos que conduzimos, eventualmente utilizamos experimentos que permitam aos participantes contactar e explorar a realidade física do meio em que estão inseridos, suas atualidades existenciais (como se sentem, suas expectativas e temores etc.) e o fato de estarem convivendo, naquele momento, com outras pessoas concretas. As reações a esta fase são variadas: alguns mantêm-se calados até que o clima grupal lhes pareça propício a que se expressem; outros falam constante e compulsivamente, mostrando-se sociáveis mas incapazes de ouvir os demais; outros, ainda, defendem-se de expressar sentimentos que pareçam deixá-los vulneráveis. Grande parte da atenção é dirigida ao(s) líder(es).

Caso sejamos perspicazes, podemos perceber que o grupo freqüentemente cria suas 'regras do jogo' (geralmente implícitas), nesta fase. Muitas vezes, inicia-se um movimento de testagem (confrontação ou conformação) destas mesmas regras.

Conflito e identidade

Esta testagem do outro e de suas afirmações, bem como os eventuais conflitos gerados pelas diferenças interpessoais, propiciam a evolução da identidade individual. Os líderes geralmente buscam criar um clima receptivo ao reconhecimento, explicitação e aceitação das diferenças interpessoais. Esta é uma fase muitas vezes difícil, pois freqüentemente alguns participantes adotam uma postura que disfarça o conflito ou que o torna insuportável ou beligerante, levando-os a uma atitude de resistência persistente ou mesmo ao abandono do grupo. Contudo, se os conflitos são detectados, evidenciados e trabalhados no sentido de uma aceitação respeitosa mútua (que nem sempre significa concordância), o grupo evolui para uma vivência cada vez mais coesiva e cooperativa (Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980).

Confluência e isolamento

Esta fase parece ser, na verdade, uma modalidade da anterior, quando o grupo não consegue avançar da fase de conflito e identidade, assumindo uma perspectiva rígida e fixa, cristalizando as características pessoais dos participantes.

"Cada pessoa é posta em um papel, apesar mesmo de ele ou ela ter mudado significativamente em sua vida privada. Uma outra forma disto é o apoio indiscriminado acompanhado de jocosidade e contato físico, ou ataques e desafios hostis indiscriminados que carecem de calor e entrega" (Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 67).

Alta coesividade

"O processo não conhece seu próprio final. Ele flui enquanto um grupo funciona e serve como um fórum para o desenvolvimento contínuo de seus membros. A alta coesividade em um processo grupal gestáltico é caracterizada pela confiança interpessoal, capacidade de cuidado e de confrontação, e um respeito pelo nível de individuação desenvolvimental de cada um. Nenhuma pessoa é mais valorizada do que outra. Cada uma tem algo a dar e a receber do grupo. Dar e receber são fundidos em unidade funcional. Há um interesse contínuo em explorar uns aos outros com seriedade e com paciência. O processo é conduzido enquanto necessário para cada pessoa (dentro dos limites de tempo fixados). As pessoas são capazes, com relativa facilidade, de compartilhar suas reações emocionais com o comportamento umas das outras, mais do que de aconselhar ou de pregar. O trabalho do grupo assume mais clareza, evidência temática e elegância na resolução" (Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 69).

Resumidamente, podemos integrar o ciclo dos eventos grupais de Zinker (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) e os estágios de desenvolvimento grupal conforme Yalom (1970): na fase de contato superficial, os níveis sensorial e cognitivo dos membros grupais é baixo, mas há uma grande disponibilidade de energia, vivida como ansiedade, o que proporciona pouco sentido de resolução; na fase de conflito e identidade, a atenção dos participantes do grupo se volta para as incongruências do comportamento alheio, expandindo a conscientização, e a energia é utilizada para buscar temas, o que propicia o uso de experimentos que intensifiquem o con-

tato intrapsíquico e interpessoal (geralmente ocorrem a resolução e o repouso, com o conseqüente consumo da energia no processo); se o grupo se dirige a papéis confluentes e caricatos, há um alto nível de conscientização e de disposição para o desafio a estes mesmos papéis, sendo necessário um nível intenso de energia para isto e, geralmente, há uma renovação da proximidade e do contato (aqui também seguem a resolução e o recolhimento). Finalmente, no estágio de alta coesividade, a conscientização é enriquecida e variada e o grupo se dispõe a enfrentar riscos ao buscar novas aprendizagens; o experimento pode ser usado para esclarecer temas e para fazer descobertas significativas, sendo possível apenas com alto nível de energia e com disponibilidade para tolerar contatos conflituosos ou amorosos. Há alta conscientização e a energia é utilizada para a resolução dos assuntos grupais, proporcionando relaxamento e serenidade.

Podemos contrastar os modelos de Zinker e Yalom na Figura 2, no Anexo II.

Portanto,

"a partir do começo, quando as pessoas estão conversando como se num coquetel, aos estágios mais avançados de coesividade, o processo grupal tem uma estrutura interna, uma integridade, uma validade de movimento. A trajetória e a qualidade deste movimento são sempre determinadas pela configuração especial, pela gestalt única que uma comunidade de pessoas é capaz de esculpir por si mesma. O potencial criativo de um grupo gestáltico emerge da amplitude de talentos, limitações e resistências ao contato de seus membros e de seus líderes" (Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 76-77).

Assim, definimos o processo de grupo gestáltico como um 'processo autonomogênico',

"um empreendimento que é organizado tanto para favorecer a conscientização de um potencial autônomo onde essa conscientização esteja faltando, quanto para encorajar um movimento em direção a essa porção de autonomia. Os gestalt-terapeutas planejam relevantes experimentos autonomogênicos tanto para os indivíduos quanto para o grupo-como-um-todo, os quais se delinham sobre o fundo seguro do apoio grupal. O apoio em si mesmo tem que ser desenvolvido; proporciona uma condição ótima de experimentação autonomogênica. Um grupo de pessoas, no início relativamente estranhas, estarão mais desejosas de trabalhar juntas em direção a maior autonomia quando há confiança. Uma vez que um espírito de confiança no processo tenha sido estabelecido em geral, o movimento em direção ao auto-apoio individual e grupal pode ocupar o primeiro plano do processo terapêutico" (Flynn *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 134).

Portanto, um movimento que visa à cooperação.

Podemos constatar uma relativa escassez de textos específicos sobre a cooperação nos grupos de psicoterapia gestáltica. Entretanto, é possível fazer inferências e tirar conclusões a partir das discussões de gestalt-terapeutas a este respeito. De qualquer forma, é de se pensar que a questão do processo de cooperação nos grupos de gestalt-terapia ainda não tem se configurado como uma preocupação básica de seus profissionais.

Neste contexto, Yontef (1987) nos dá uma grande contribuição, ao analisar o percurso e o estilo da prática gru-

pal de Perls e de outros gestalt-terapeutas entre meados dos anos 60 e 80, afirmando a conseqüente crise surgida desta prática. Critica este modelo (e podemos concordar com ele) menos por sua efetividade e mais por sua restrita abrangência: trata-se de uma perspectiva individualista centrada no psicoterapeuta. Entretanto, a crise, por ser conflituosa, é geradora de mudanças: os grupos gestálticos vão se concentrando nos relacionamentos interpessoais e, finalmente, no processo grupal como um todo. Esta última modificação se baseia não apenas na teorização da gestalt-terapia ('o todo é diferente da soma de seus elementos'), mas também na dinâmica de grupo (noção de 'campo'), compreendendo o grupo como um meio psicossocial inserido em um sistema social mais amplo e determinante, sendo o grupo um mediador das relações indivíduo-sociedade.

Estas transformações geram também uma modificação no caráter dos grupos gestálticos. Kepner (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) descreve esta nova proposta como incorporadora tanto de estratégias de mudança psicológica e de crescimento pessoal (psicoterapia) quanto de estratégias de aprendizagem (pedagogia).

Acreditamos que a inclusão deste enfoque pedagógico constitua a grande novidade quanto aos grupos de gestalt-terapia e à psicoterapia de grupo de modo geral. Já não se trata de 'trabalhar' apenas a subjetividade ou as relações entre os participantes, mas de fundar as condições, a partir da disponibilidade cooperativa, para a aprendizagem destes participantes sobre seus processos intrapessoais, interpessoais e grupais.

Diferenciando-se da visão de grupo enquanto massa, Schutz (1974; 1978) e Kepner (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) destacam as regularidades grupais em termos de necessidades e estágios de desenvolvimento, que, se necessariamente não acontecem ordenadamente, permitem compreender o

grupo como um sistema que apresenta fenômenos frequentes e que propicia teorização psicossociológica.

Seria maçante repetir a discussão destes autores sobre as necessidades e estágios grupais. Salientamos o fato de que, apenas no terceiro estágio, de interdependência, cuja necessidade mais marcante visa à intimidade, se constitui a verdadeira cooperação, já não um intercâmbio paralelo (mesmo com o objetivo comum de crescimento pessoal), mas mútuo, transformando o objetivo da psicoterapia grupal, e, mais extensivamente, das comunidades (agora como comunidades de aprendizagem): tornar-se 'grupo-sujeito' (Loureau, 1975; Lane, 1987b) e 'trabalhar' conjunta e cooperativamente com o fim de vir a ser concretamente um grupo.

Fonseca (1988) demonstra a contradição dialética dos grupos vivenciais: o fato de serem um fenômeno característico da 'sociedade de consumo' e, ao mesmo tempo, uma potencialidade de resistência à alienação e manipulação inerentes a este tipo de sociedade.

Esta contradição nos reporta à importância da cooperação e, inserido nesta questão, o papel sócio-pedagógico do psicoterapeuta grupal como facilitador da explicitação das necessidades do contexto sócio-histórico em que estão inseridos os participantes do grupo e de sua oposição às tendências aniquiladoras desta sociedade.

Numa perspectiva microssociológica, Zinker (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) detalha os diferentes momentos de um evento gestáltico de grupo, num ciclo que parte da sensação, levando à conscientização, energização e movimento, contato, resolução e, finalmente, ao silêncio, recolhimento ou repouso grupal. Para tanto, propõe experimentos que facilitem a realização dos objetivos individuais e grupais em cada uma das fases do ciclo. A utilização dos experimentos é uma questão que merece cuidado, pois requer habilidade do psicoterapeuta para que a evolução de uma fase à outra não se

torne uma mera tecnologia mecânica. Da mesma forma que Schutz (1974; 1978) e Kepner (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980), e baseado em Yalom (1970), Zinker (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) também descreve estágios de desenvolvimento dos grupos gestálticos: contato e exploração superficiais; conflito e identidade; confluência e isolamento; e alta coesividade. O estágio de alta coesividade, conforme podemos perceber, caracteriza o momento grupal no qual a cooperação atinge um ápice, sendo uma fase difícil de alcançar e de manter, sendo fugaz, no sentido de que é um objetivo constantemente buscado e perdido, mas sempre desejável.

Finalmente, Flynn (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) define o processo de grupo gestáltico (aquele que leva em conta seus diferentes níveis psicológicos envolvidos na tarefa: intrapessoal, interpessoal e grupal) como gerador de autonomia, ou seja, da capacidade de auto-gestão.

Portanto, o processo de grupo gestáltico parece ser uma situação constantemente mutável que visa à promoção da autonomia de seus participantes. Para que esta autonomia possa vir a ser construída, faz-se necessário que o grupo possa se constituir como um espaço continente de acolhimento e que se permita vivenciar o conflito e a diferença. A confiança mútua se constitui, assim, como pré-requisito da cooperação grupal, sendo esta última dependente da autonomia que se possa criar na fenomenologia concreta do processo grupal.

Neste sentido, a criação de um clima propício à cooperação assume um papel fundamental no processo de grupo gestáltico, tendo como bases essenciais o trabalho com o grupo-como-um-todo (e não apenas com seus elementos individuais), o reconhecimento das diversas fases pelas quais passa um grupo (dependência, contradependência e interdependência, ou contato superficial, conflito e identidade, confluência e isolamento, e alta coesividade) e a aceitação das diferenças interpessoais. Neste contexto, o processo de um

grupo gestáltico tem no psicoterapeuta grupal um papel social destacado: facilitar a formação de atitudes cooperativas. É esta questão que desenvolveremos no próximo tópico.

3.2 O Papel Sócio-Pedagógico do Psicoterapeuta de Grupo em Gestalt-Terapia como Facilitador de Atitudes Cooperativas

"O líder é capaz de ver o grupo como um sistema mais do que um mero conglomerado de pessoas. Os indivíduos são vistos não apenas por sua singularidade, mas também pela maneira única que cooperam ou conspiram com outros na construção de uma comunidade. O compartilhar do líder de sua compreensão de um sistema grupal modifica seu processo de encontros individuais fragmentários, para a conscientização do grupo-como-um-todo. Esta é uma pré-condição para a ação cooperativa e uma valorização de um sentido de comunidade.

ZINKER

3.2.1 - Delimitação do Papel do Psicoterapeuta

A literatura sobre a psicoterapia em geral tem destacado, desde sua origem, o papel do psicoterapeuta como condutor deste processo, especialmente no que diz respeito aos aspectos técnicos. Sendo cronologicamente mais recente e um processo reconhecidamente multideterminado, a psicoterapia de grupo tem mais escassamente desenvolvido esta discussão. Entretanto, é no seio das psicoterapias humanistas, no qual se insere a gestalt-terapia, que o papel do psicoterapeuta de grupo (dada a ênfase aos processos grupais) tem sido par-

tualmente delineado. Portanto, destacaremos as considerações feitas por pensadores humanistas acerca do papel do psicoterapeuta em geral e do psicoterapeuta (especialmente o gestáltico) de grupo, em específico, como um dos principais determinantes, neste tipo de grupo, da mediação indivíduo-sociedade e, particularmente, da criação de um espaço cooperativo entre os membros grupais.

O psicoterapeuta (não especificamente o de grupo) é descrito como aquele que "atua dialeticamente como o profissional competente, que domina os conhecimentos sobre o psiquismo e o existir humanos, mas também entrega-se ao ser-com o cliente de modo espontâneo" (Forghieri *in*: Forghieri [org.], 1984, p. 28). Assim, é destacada não apenas a capacidade profissional e intelectual do psicoterapeuta, mas também sua disponibilidade para o contato com o ser-para-outro do cliente, evidenciando o fato de psicoterapeuta e cliente serem seres-em-relação.

O gestalt-terapeuta é comparado a um catalisador químico,

"um ingrediente que precipita uma reação que, de outro modo, não poderia ocorrer. Não prescreve a forma da reação, que depende das propriedades reativas intrínsecas que os materiais apresentam, nem entra como uma parte em qualquer componente que ajude a formar. O que ele faz é iniciar um processo, e há alguns processos que, uma vez iniciados, são autômatizados ou auto-catalíticos" (Perls, Hefferline & Goodman, 1980, p. 17).

"O que é essencial não é que o terapeuta aprenda algo sobre o paciente e, então, ensine-o a ele, mas que o terapeuta ensine o paciente 'como' aprender sobre si mesmo" (p. 18).

Portanto, o gestalt-terapeuta é um facilitador, alguém que evidencia o que já está, não acrescentando nada de novo às capacidades do cliente, mas possibilitando o desenvolvimento das potencialidades nem sempre reconhecidas por este.

Este referencial destaca o psicoterapeuta como seu próprio instrumento de trabalho, sendo esta característica diferença decisiva do referencial gestáltico e humanista comparativamente às terapias não-vivenciais. Portanto, o psicoterapeuta

"há de estar, tanto em relação a si próprio quanto ao meio, em estado de vigília ('awareness'), devendo externar seus sentimentos e idéias. A ajuda que pode dar ao cliente consiste justamente na possibilidade de 'feedback' sobre o comportamento deste" (Burow & Scherpp, 1985, p. 93).

O psicoterapeuta gestáltico não precisa de nenhum recurso técnico exterior, além de suas próprias emoções e percepções, para estar por inteiro com seu cliente, devolvendo-lhe apenas o que já lhe pertence. Destaque-se que a expressão das emoções e percepções do gestalt-terapeuta devem sempre estar a serviço do(s) cliente(s).

Assim,

"ao invés de ser um 'expert', o terapeuta se transforma num colaborador, num companheiro na exploração do mundo imediato do cliente. O terapeuta tem de renunciar ao poder e controle sobre a situação que desabrocha e estar preparado para entrar plenamente na dança de possibilidades que os dois juntos criarão" (O'Hara in: Rogers et al., 1983, p. 99).

"Não temos que 'consertar' nada. Nossos clientes consertar-se-ão por si próprios se pudermos aprender a estarmos presentes com relação a nós próprios, a eles e a nossos grupos, nesse estado de nos entregarmos ao que quer que brote em nós. Nossos companheiros humanos nos necessitam não pelo que podemos fazer, mas pelo nosso essencial ser, pela nossa natureza. Necessitam de nós para trazerem nossa energia à sua jornada, que, no momento, é muito difícil de ser empreendida a sós. Precisam de nós para que testemunhemos os eventos que estão vivendo, e para sermos pelo menos um outro, de tal forma que a união com o universo possa ser possível (p. 102).

Portanto, mais do que um especialista em comportamento humano, o psicoterapeuta é um agente cooperativo que se dispõe a abdicar de seu poder e controle sobre a situação e o cliente, caminhando e desbravando com ele as veredas de sua atualidade existencial. Assim, nosso trabalho é muitas vezes chamado de "terapia para normais" (Kaplan & Sadock, 1983, p. 5), já que freqüentemente não 'curamos' nada nem damos 'alta' a nossos clientes, pois geralmente lidamos com pessoas que se encontram insatisfeitas com seu funcionamento total e vêm em nós pessoas capacitadas e disponíveis a acompanhá-las na descoberta de caminhos mais plenos.

Podemos prescrever cinco condições básicas para o trabalho do psicoterapeuta: padronização, controle, potência, humanidade e comprometimento. Diferentemente de um mero diagnóstico, o psicoterapeuta deve ser capaz de 'padronizar', ou seja, ter

"... um corpo de teoria que é preponderantemente cognitivo em sua natureza, um fundo de

experiências passadas e um certo número de tomadas de consciência e reações pessoais derivadas da interação em curso e que têm importantes componentes emocionais e intuitivos. A partir de tudo isto, ... ele começa formulando uma compreensão da interação de acontecimento e sistemas que resultaram num dado estilo de vida que serve de apoio a um dado padrão de sintomas" (Fagan in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977, p. 124).

"Como tais aptidões são de importância na interseção de quaisquer sistemas, desde o biológico ao social, o gestalt-terapeuta considera-se investido da função de preparar o indivíduo para interatuar mais eficientemente em todos os aspectos da vida" (p. 127-128).

Destacam-se as idéias de Perls sobre a comunidade terapêutica como uma provável ampliação do sistema gestáltico a sistemas sociais mais amplos.

Assim,

"controle é definido como a capacidade do terapeuta para persuadir ou compelir o paciente a obedecer aos procedimentos que ele fixou, os quais podem incluir uma grande variedade de condições" (Fagan in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977, p. 128).

"A necessidade de controle diminui com o incremento do controle cooperante do paciente e do terapeuta, em virtude da maior capacidade de comunicação na linguagem um do outro e do desenvolvimento da confiança" (p. 132).

O 'controle' diz respeito às intervenções do psicoterapeuta, que, inicialmente unilaterais (da parte deste), vão sendo substituídas por uma interação cooperativa entre cliente e psicoterapeuta.

A 'potência' do psicoterapeuta se refere às técnicas, sugestões, procedimentos, experimentos, direções e mesmo 'truques' propostos ao cliente pelo psicoterapeuta e que podem vencer a inércia e propiciar o movimento, 'potência' esta que é esperada pelo cliente ao procurar um determinado psicoterapeuta (Fagan in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977).

"A humanidade, no sentido em que a empregamos aqui, inclui uma variedade de envolvimentos: a preocupação e solicitude do terapeuta a respeito do seu paciente, em um nível pessoal e emocional; sua disposição para dar-se e dar ao paciente suas próprias respostas emocionais diretas e/ou explicações pertinentes de suas próprias experiências; sua capacidade para reconhecer as tentativas do paciente no sentido de uma autenticidade mais profunda, que necessitam de apoio e reconhecimento, que serve de modelo para o paciente" (Fagan in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977, p. 41).

Destacam-se os 'workshops' de gestalt-terapia como um espaço propício aos psicoterapeutas no sentido de se depararem diretamente com suas inautenticidades e evitações.

Ocorrem também uma série de comprometimentos do psicoterapeuta ao longo do processo terapêutico: com sua 'vocação' profissional e com suas conseqüentes exigências de aperfeiçoamento da compreensão e das aptidões; com os clientes, ao trabalhar cooperativamente com eles; com o campo profissional, através de pesquisas, artigos e treinamento de outros psicoterapeutas; com a utilização de seu interesse e

de sua energia nas atividades que exerce; e com o tédio, a depressão e as dúvidas inevitáveis que eventualmente surgem, no processo psicoterápico, quanto a seus próprios procedimentos (Fagan in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977).

Como requisito necessário ao gestalt-terapeuta, além de sua perícia, treino, experiência e discernimento,

"a capacidade de viver no presente e de oferecer uma sólida presença a pontos para observar e intervir é essencial ... A capacidade do terapeuta para relações eu-tu, aqui-e-agora, constitui um requisito básico e é desenvolvida através de uma ampla integração de aprendizagem e experiência" (Shepherd in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977, p. 303-304).

A aplicação eficaz das técnicas gestálticas é, em grande parte, produto dos 'workshops' de treinamento profissional e do trabalho com psicoterapeutas e supervisores competentes, as técnicas devendo ser sempre dependentes do momento, a quem se destinam e da situação.

3.2.2 - Objetivos e Tarefas do Psicoterapeuta Grupal

No âmbito grupal, deve-se advertir que

"um importante risco, porém, consiste no terapeuta assumir demasiada responsabilidade pela orientação do grupo mediante uma atividade excessiva, assim favorecendo a passividade do paciente e, portanto, frustrando o seu próprio objetivo de promover a independência do paciente. Neste caso, o grupo também responde passivamente, considerando o te-

rapeuta um 'expert' ou mágico e que eles, os membros do grupo, não dispondo dessas técnicas e recursos especiais, com muito pouco poderão contribuir" (Shepherd in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977, p. 307).

Aqui, o grande antídoto contra este tipo de procedimento parece ser a abertura de espaço, por parte do psicoterapeuta grupal, para um psicoterapeuta maior e freqüentemente mais sábio: a comunidade grupal, que se configura a partir da cooperação entre seus membros. Neste mesmo sentido, podemos reforçar a opinião acima, afirmando que, ao criar

"um clima que permita diferenças dentro e fora, o grupo pode ser um meio nutritivo para cada membro - o líder incluído - e é, por sua vez, apoiado e nutrido por seus membros e por seu meio. Em tal grupo, os membros não apenas aprendem e crescem livremente, confrontando seu meio com entusiasmo, mas também vivem juntos em um clima no qual diferenças e conflitos não são nem obscurecidos nem apagados. Quando as fronteiras são reconhecidas, ali gradualmente emerge um sentido de pertinência, um sentido de comunidade" (Ronall in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 182).

Ainda dentro desta questão, devemos esclarecer que, neste caso, "o grupo, num certo sentido, se torna o terapeuta" (Wood in: Rogers et al., 1983a, p. 27).

"Confiar na intuição e ser sensível a um facilitador 'emergente' são faculdades necessárias que um facilitador adquire trabalhando desta forma. Um perceptivo facilitador de grupo favorece um clima em que a pessoa certa, no momento certo, pode não apenas se be-

neficiar com a experiência de grupo mas pode também se tornar facilitadora" (p. 29).

Assim, fica claro que

"a mudança não gira em torno do sol solitário do líder; é forte a evidência de que as relações psicossociais no grupo desempenham um papel sumamente importante no processo de mudança" (Lieberman, Yalom & Miles, 1973 apud Wood in: Rogers et al., 1983b, p. 70).

A partir da já descrita proposta acerca das fases grupais (inclusão, controle e afeição), podemos aplicá-la às relações entre o psicoterapeuta e os membros grupais (Schutz, 1978):

- Fase de inclusão:

O interesse dos membros grupais se concentra prioritariamente nos compromissos do psicoterapeuta, acima dos compromissos dos demais membros, observando e avaliando a frequência, o interesse, o preparo e a pontualidade do líder;

- Fase de controle:

Ainda centrados no relacionamento com o psicoterapeuta, os membros grupais lutam entre si e com o líder pelo poder, influência, orientação e estrutura do grupo, com bastante determinação, numa situação de ambivalência de autoridade. Ao mesmo tempo que buscam tomar o poder do psicoterapeuta grupal, tentam fazê-lo assumir toda a responsabilidade pelas atividades e decisões do grupo;

- Fase de afeição:

Diferentes tipos de apegos pessoais entre os membros do grupo e com o psicoterapeuta são estabelecidos, predominando temas como o ciúme, o amor não correspondido, o intercâmbio afetivo e a atração sexual e, havendo maior sensibilidade, desenvolvem-se calor e intimidade entre os vários componentes grupais. É nesta fase que a cooperação pode ser plenamente percebida, caso o psicoterapeuta seja capaz de facilitar seu desenvolvimento, ensejando a passagem do contato superficial à explicitação das diferenças e o surgimento da colaboração mútua.

Numa visão mais inserida na perspectiva gestáltica, podemos definir o papel do psicoterapeuta de grupo e detalhar uma série de possíveis atividades nas diferentes fases grupais. Assim, o psicoterapeuta de grupo é "... um professor de processo em um nível intrapessoal, interpessoal e grupal" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 3). Portanto, há, desde logo, a intrínseca necessidade de o psicoterapeuta gestáltico de grupo, afastando-se da perspectiva de Perls, 'trabalhar' nestes três níveis de intervenção, que, como mostraremos, são componentes do processo de cooperação. Então,

"em um certo sentido, um gestalt-terapeuta está sempre trabalhando a partir de uma perspectiva sistêmica, ... e considera a terapia como um processo que ocorre dentro das fronteiras de um sistema social. Como todos os sistemas sociais, a situação terapêutica consiste de pessoas, uma tarefa comum e um método para a realização desta tarefa" (p. 18).

Nesta visão pós-Perls,

o terapeuta, agora, tem a opção de ser um administrador³⁷ de um processo de aprendizagem, no qual as questões críticas se tornam: 'Como eu posso criar as condições que capacitarão estas pessoas a recorrer umas às outras como recurso agora?', 'Como eu posso ajudá-las a criar o tipo de relacionamento que proporcionará o meio de aprendizagem mais rico para todas?' e 'Como eu posso ajudá-las a desenvolver a conscientização das polaridades e escolhas entre cuidar dos indivíduos e cuidar do grupo?' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 20).

Assim, podemos perceber que o psicoterapeuta gestáltico de grupo, desde o início, se depara com a inquietante questão da inserção de atitudes cooperativas no processo grupal:

"o líder do processo de grupo gestáltico acrescenta a tarefa de aprendizagem da conscientização dos processos grupais à tarefa de conscientização intra e interpessoal. Esta nova tarefa requer uma mudança no papel e nas habilidades do líder ... O líder tem três tipos disponíveis de escolhas de papéis que determinam o nível no qual a intervenção ocorrerá. Ele/ela pode funcionar como um terapeuta para um indivíduo, como um facilitador de processos interpessoais ou como um consultor para o grupo-como-um-sistema" (p. 20-21).

Podemos exemplificar os três níveis de intervenção por parte do líder de grupo gestáltico descrevendo uma situação ocorrida num de nossos 'workshops', que, apesar de

37. Grifado no original.

não se constituir como grupo psicoterápico, inclui vivências pessoais, interpessoais e grupais, geralmente em fins-de-semana. Evidentemente, por motivos éticos, os nomes citados são fictícios. Num segundo encontro deste grupo, Laura acusa Vilma de assumir posturas autoritárias, no que é corroborada por Elsa, que diz que Vilma, por vezes, assume o papel de 'dona da verdade'. Se priorizássemos o nível de intervenção intrapessoal, poderíamos 'trabalhar' com qualquer uma das três componentes do grupo no sentido de tratar de suas (de Laura ou Elsa) dificuldades de se relacionar com figuras de autoridade ou dos seus (de Vilma) motivos inconscientes que lhe fazem transparecer posturas autoritárias. 'Trabalhando' no nível interpessoal, poderíamos incentivar Laura, Elsa ou Vilma, ou as três, a expressar suas percepções, sentimentos e diferenças umas às outras, enfocando seus padrões de comunicação. Num nível grupal, poderíamos destacar os padrões de relacionamento no grupo com figuras de autoridade (os psicoterapeutas, por exemplo), envolvendo o grupo com questões comuns a todos; da mesma forma, poderíamos esclarecer ao grupo que a ocorrência dos fatos acima expressa um momento grupal: a manifestação de diferenças entre os participantes. Não se trata, na verdade, de 'escolher' um destes níveis, mas de estar atentos à emergência das vivências de cada um deles.

Pretendemos também descrever as fases grupais sob a perspectiva do psicoterapeuta gestáltico de grupo, abordando seus objetivos e suas tarefas principais (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980):

1. Estágio de identidade e dependência:

O objetivo principal do psicoterapeuta de grupo é estabelecer relações com e entre os membros grupais, obtendo dados acerca das questões vivenciadas por estes. Como atividades facilitadoras desta tarefa, destacam-se:

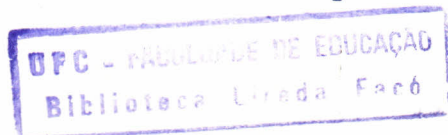
a. Fornecimento e constituição de fronteiras

Trata-se de esclarecer as tarefas do grupo e a função do psicoterapeuta grupal quanto a estas tarefas. "Nesta fase, o líder está investido com tanto poder que tudo que ele/ela faz e diz é muito mais importante e impressionante do que o que qualquer outro no grupo diz e faz" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 26).

Por conta disto e devido ao fato de que, para muitos, a vivência grupal como aprendizagem cooperativa e autônoma é inusitada, é extremamente importante que os membros do grupo sejam informados sobre o que podem esperar do psicoterapeuta grupal e o que se espera deles, evitando-se, assim, a sensação muitas vezes comum de se estar 'perdido no espaço'. Pode-se optar por estruturar atividades estimulantes, dirigidas pelo psicoterapeuta, o que torna esta fase inicial mais dinâmica e interessante, mas que podem manter os participantes mais dependentes dos 'truques' do líder, ou, por outro lado, escolher o difícil caminho do tédio de acompanhar o movimento natural do grupo. Em nossos grupos, temos escolhido um caminho intermediário, propondo atividades que propiciem um contato inicial e a conscientização acerca do ambiente físico e do clima psicológico do local, das sensações, percepções, sentimentos e fantasias pessoais e da presença dos outros, deixando, a seguir, que o grupo parta do que constatou, ou de qualquer outro fenômeno que esteja ocorrendo;

b. Encorajamento do contato interpessoal dos membros entre si

Este é um meio de os participantes explorarem o espaço interpessoal e descobrirem recursos presentes nos demais membros. Freqüentemente, sugerimos a formação de díades entre os membros grupais, o que proporciona a criação de vínculos interpessoais e de novos intercâmbios, mais amplos do que a tradicional relação biunívoca entre psicoterapeuta e um dos clientes;



c. Dar algumas mensagens sobre quais são os métodos que estaremos usando

Este aspecto se insere no que foi dito no item 'a', no que se refere ao psicoterapeuta enquanto um modelo de atuação. Neste sentido, costumamos compartilhar com o grupo nossos sentimentos, observações e impressões, o que fornece um incentivo aos membros do grupo para que assim procedam também;

d. Legitimar trabalho em todos os níveis sistêmicos

Kepner (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) afirma que:

"Neste estágio, mais do que intervir num nível intrapessoal quando um indivíduo traz um assunto ou problema pessoal, trabalho a partir do pressuposto de que esta pessoa é um porta-voz para os outros e está verbalizando o que pode ser um assunto ou tema importante para alguns, se não para todos os membros do grupo ... Neste sentido, o assunto individual é visto e tratado como um tema mais universal e um assunto do sistema como um todo" (p. 28).

Portanto, é necessário fazer 'pontes' entre os níveis intrapessoal, interpessoal e grupal, permitindo com que os membros grupais relacionem suas vivências individuais com as dos demais membros e a criação de um sentimento comunitário. Quando um dos participantes do grupo se expressa, costumamos pedir aos demais que expressem de volta não apenas suas impressões acerca do outro, mas como a expressão deste os toca, de forma a incluí-los mais integralmente nas vivências dos demais e do grupo como um todo.

2. Estágio de influência e contradependência:

"a tarefa prioritária para o líder, nesta fase, é trabalhar pela ampliação da diferenciação, divergência e flexibilidade do papel dos membros" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 29).

As principais atividades facilitadoras do processo cooperativo por parte do psicoterapeuta gestáltico de grupo devem ser:

a. Aumento da conscientização das normas que estão operando no grupo

Como esta fase é caracterizada pela diferenciação, divergência e rigidez do papel dos membros grupais, muitas vezes, estes resistem a se desprender da fase anterior, evitando confrontar a semelhança e a diferença alheia e assumindo uma postura receptiva e polida, mas que escamoteia conflitos, desagradados e rejeições. Assim, o grupo pode adotar a norma implícita de que é inaceitável brigar, discutir ou se desagradar com o que o outro faz ou diz. Kepner (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) sugere que o psicoterapeuta gestáltico de grupo transforme os pressupostos (nos quais se baseiam estas normas implícitas) em perguntas, confrontando e conscientizando os membros grupais sobre suas atitudes baseadas em suposições não testadas;

b. Encorajamento do desafio e da expressão aberta de diferença³⁸ e de insatisfação

Pelo mesmo motivo referido no item anterior, esta é uma fase de tensão e de risco para os membros grupais e re-

38. Se pensarmos dialeticamente, o tratamento de nossas diferenças pressupõe o reconhecimento de identidades ou semelhanças, que, mais caracteristicamente, são expressas no primeiro estágio.

quer habilidade do psicoterapeuta para trilhar um caminho 'minado' em direção à autenticidade e à cooperação, gerando dilemas quanto ao nível de intervenção:

"quanto conflito um indivíduo pode tolerar é uma função dessa pessoa e da situação em que elas estão inseridas. Quanta divergência um grupo pode tolerar e ainda operar como um sistema é uma função da coesividade desse grupo. É nesse estágio em particular que o líder é confrontado com algumas escolhas críticas em torno do nível de intervenção" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 30).

Como já foi referido anteriormente, as fases grupais nem sempre seguem a seqüência de identidade e dependência, influência e contradependência, e intimidade e interdependência. Frequentemente, estas fases se misturam, se interpoem e variam conforme a situação. No exemplo citado anteriormente (Laura e Elsa x Vilma), acontecido no segundo encontro do grupo, era de se esperar que este grupo estivesse ainda vivenciando sua primeira fase (identidade e dependência), mas, como o exemplo demonstra, apresenta características da segunda (influência e contradependência). Assim, os facilitadores priorizaram o nível interpessoal, já que o grupo necessitava confrontar suas diferenças e papéis. Foi proposto um experimento no qual cada uma das três componentes do grupo deveriam tentar impor-se às outras duas, mostrando-se a 'dona da verdade' e expressando suas diferenças, insatisfações e necessidades de desafio. Como forma de criar espaço para os demais membros do grupo, estes foram convidados a se incluir na vivência de Laura, Elsa e Vilma, possibilitando também um trabalho a nível grupal. Na verdade, aqui temos a manifestação de vários níveis sistêmicos. A vantagem do uso do experimento é que permite a expressão das projeções intrapessoais, envolvendo todo o grupo;

c. Diferenciação entre papéis e pessoas

"Num grupo, os membros freqüentemente desempenham papéis que são uma função das necessidades de um grupo mais do que simplesmente uma função da personalidade ou caráter dessa pessoa" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 31).

Entretanto, eventualmente, estes papéis se tornam rígidos e fixos, tornando-se estereótipos para um dado membro do grupo ou para o grupo como um todo, fazendo com que ocorram resistências quando se tenta mudar estes estereótipos, pois a mudança em um elemento do grupo afeta o funcionamento do sistema total.

"O líder pode transformar este comportamento de assumir papéis em conscientização, comentando sobre os estereótipos quando ele/ela os vê operando e ajudar o grupo a se tornar conscientizado das conseqüências disto para o grupo como um sistema e para os membros individuais. Freqüentemente, os papéis que são representados num grupo são projeções da parte rejeitada da personalidade dos membros. O 'bode expiatório' é um exemplo disto" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 32).

Nestas situações, é importante que o facilitador faça intervenções a nível grupal, no sentido de que o grupo se conscientize do quê está evitando ao ter alguém que represente esta parte alienada e projetada pelos membros grupais. Num grupo de psicoterapia por nós conduzido, com freqüência semanal e duração semestral, composto de membros de ambos os sexos, a maioria com nível de instrução superior e pertencente à classe média, Armando, um homem de cerca de 45 anos, se destacava por sua postura conservadora e rígida, com cla-

ra dificuldade de expressar emoções, apesar de seu evidente desejo de mudança. As mulheres do grupo freqüentemente se sentiam chocadas ou revoltadas com as idéias e atitudes 'machistas' de Armando para com sua esposa e as mulheres em geral. Para os homens, Armando poderia ser uma escapatória de eventuais acusações por parte das mulheres devido às suas posições conservadoras claramente diferenciadas. Ou seja: Armando poderia ser um 'prato cheio' para as projeções do grupo, um sério candidato a 'bode expiatório'. Nosso papel, enquanto psicoterapeutas gestálticos de grupo (trabalhávamos em dupla), era criar formas que o ajudassem a conscientizar-se e ao grupo de suas evitações de lidar com as pessoas reais, o que os levava a projetar suas dificuldades e preconceitos sobre as pessoas com as quais conviviam.

3. Estágio de intimidade e interdependência:

O psicoterapeuta gestáltico de grupo deixa de ser percebido como a autoridade máxima e passa a ser um recurso que o grupo pode utilizar devido à sua experiência. Seus exemplos de intervenções a nível grupal permitem ao grupo funcionar efetivamente como sistema, criando um clima favorável à cooperação entre os membros grupais. As funções do facilitador, neste estágio, passam a ser:

a. Manutenção de um papel consultivo

Nesta fase, as intervenções do psicoterapeuta grupal diminuem drasticamente, tornando-se um 'fundo' para a 'figura' central do grupo e seus membros, o que faz com que estes busquem seu próprio caminho;

b. Ajuda ao grupo a chegar a algum fechamento

"Grupos, qualquer que seja sua duração, são sistemas temporários, e devem atravessar um processo de fechamento que inclui uma re-entrada em seu mundo 'real'" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 34-35).

Grupos de psicoterapia e 'workshops' são situações artificiais e, por mais agradáveis que sejam, têm como perspectiva básica a sua vinculação com a 'realidade' do cotidiano de seus participantes. É essencial que estes possam levar sua aprendizagem vivencial nestes grupos para suas vidas, descobrindo estratégias de aplicação e integração destas novas experiências;

c. Reconhecimento de assuntos inacabados que não puderam ser tratados neste grupo

Como as fases grupais tendem a ser cíclicas, nem todos os grupos atingem uniformemente o estágio de intimidade e interdependência.

"Neste caso, o processo de fechamento necessita reconhecer tanto os aspectos negativos quanto os positivos da experiência - as necessidades que não foram satisfeitas e as expectativas que não foram cumpridas. Alguma avaliação deve ser feita sobre a discrepância entre o que era esperado e o que realmente aconteceu. É a partir deste processo de avaliação que as polaridades e os dilemas de mudança são aprendidos" (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 35).

Em nosso caso específico, tanto no que se refere à psicoterapia individual quanto à psicoterapia gestáltica de grupo, a avaliação tem papel fundamental. Após um período de experiência (geralmente de quatro sessões), discutimos tanto a disponibilidade do(s) cliente(s) para investir nesta proposta (a psicoterapia) quanto para compartilhar este mesmo processo - freqüentemente doloroso e difícil, com a(s) pessoa(s) do(s) psicoterapeuta(s) e seus co-participantes (no caso da psicoterapia grupal). Trata-se também de uma oportunidade para o(s) psicoterapeuta(s) avaliar(em) igualmente sua disponibilidade para acompanhar o processo deste(s) cliente(s). Da mesma forma, ao final da psicoterapia, a avaliação (que, na verdade, é freqüentemente retomada ao longo de seu processo), assume um caráter decisivo, pois todos têm a oportunidade de confrontar suas expectativas, frustrações e satisfações, e, no caso do(s) cliente(s), avaliar sua capacidade de 'caminhar com suas próprias pernas' ('self-support' ou autonomia).

Neste sentido, devido ao não reconhecimento dos objetivos coletivos, nem sempre a 'cultura' grupal é propiciadora da realização do projeto comunitário, sendo papel regulador do gestalt-terapeuta de grupo reconhecer estas distorções e facilitar que o grupo as corrija. O psicoterapeuta gestáltico de grupo tem uma função múltipla: além de sua auto-manutenção e do grupo nos limites impostos por sua tarefa, deve atentar aos fenômenos explícitos ou implícitos da dinâmica pessoal, das relações interpessoais e dos processos grupais, bem como às articulações com o contexto social (Tellegen, 1984).

Os vários níveis não devem ser compreendidos de forma hierárquica ou concêntrica, como pode sugerir a Figura 3, no anexo II. Estes vários níveis requerem a atenção do psicoterapeuta grupal e impõem um diagnóstico móvel das funções de intercâmbio predominantes e uma priorização da intervenção em um destes níveis sistêmicos. A Figura 4, no anexo II, ilustra aproximadamente a perspectiva de Kernberg (1975).

Concordamos com Tellegen (1984) quanto à valorização da flexibilidade e da capacidade do psicoterapeuta grupal de intervir nestes vários níveis, oportuna e adequadamente, buscando o máximo de clareza quanto à sua tarefa principal num dado momento. Nesta perspectiva, deve-se destacar o cuidado de evidenciar a relação entre o envolvimento afetivo e a produção grupal (tarefas), mantendo o espaço aberto para as diferenças pessoais. Pode-se concluir que o trabalho do psicoterapeuta gestáltico de grupo se dá na fronteira de contato entre os vários níveis citados.

Assim, o psicoterapeuta gestáltico de grupo é um catalisador que integra a energia dispersa dos participantes grupais num sistema comunitário organizado e criativo no sentido de um objetivo comum.

"Tal esforço cooperativo exige, por parte do grupo, aceitação e respeito por seus membros individuais, assim como, por parte do que dirige, a especial capacidade necessária para converter os talentos e resistências do grupo em um sentimento de comunidade unificada" (Zinker, 1977, p. 129).

Podemos comparar e criticar diferentes propostas quanto ao papel do psicoterapeuta grupal em relação ao processo gestáltico de grupo, conforme Zinker (1977):

a. Rogers (1970) e a abordagem centrada na pessoa:

O psicoterapeuta centrado na pessoa estimula indiretamente o grupo, acompanhando-o como veículo de confiança e apoio mútuos, permitindo que os participantes esclareçam e determinem sua própria direção. A Figura 5, no anexo II, ilustra os grupos centrados na pessoa com um esquema no qual todos os participantes têm igual poder (o psicoterapeuta

grupal, na figura, está marcado com um 'X' e é apenas um outro membro do grupo).

"O terapeuta rogeriano procura outorgar máxima potência ao grupo e a seus processos. Dentro do grupo se abre aos demais, em vez de se apresentar como indivíduo dotado de conhecimento ou como fonte de poder. Atribui-se por missão a de facilitar, ou seja, estar 'ali' com total liberdade para expressar seus sentimentos, observações ou respostas ao grupo; como simples membro de uma comunidade que se administra por si só, atenta sobretudo ao processo em marcha e ao desenvolvimento dos sentimentos" (Zinker, 1977, p. 130-131).

É de se louvar a disponibilidade dos psicoterapeutas centrados na pessoa de compartilhar seus sentimentos e impressões com seus grupos - o que encontra concordância de grande parte dos gestalt-terapeutas, mas parece-nos que, em conformidade com o que afirma Zinker (1977), os seguidores de Rogers freqüentemente omitem seu próprio poder, sua autoridade, seu conhecimento e sua experiência, adotando uma postura de humildade e ingenuidade irreais.³⁹

39. Numa perspectiva crítico-política, Freire (1989) acredita que Rogers avançou da perspectiva individual para a grupal, aplicando-a à psicoterapia, à indústria, à Igreja, ao Governo, às relações sociais e até mesmo às tensões internacionais, mas adotou uma visão ingênua e idealista, compreendendo o grupo através do indivíduo, e a sociedade através do grupo. Destaca que "as necessidades de subsistência das pessoas que procuram tais grupos foram ou estão sendo satisfeitas. Isto torna caracterizada a população que se utiliza de tais grupos nos EUA - a pequena burguesia - mas não condiz diretamente com a realidade latino-americana e brasileira, especificamente" (Freire, 1989, p. 62). Acreditamos que estas críticas se apliquem à maioria das propostas psicoterápicas, senão a todas.

b. Perls (1977a; Perls et al., 1977) e a antiga psicoterapia gestáltica de grupo:

Esta proposta foi discutida no capítulo anterior, e Zinker (1977) a compara a uma roda de carro rota, pois há pouca interação entre os participantes do grupo, que apenas acompanham a ação central. A roda não gira, já que não há sentido de comunidade.

"A debilidade do sistema estriba-se em que não emprega as idéias, sentimentos e talentos de quem integra o grupo a serviço de um processo criativo que beneficie o grupo inteiro. Outra desvantagem deste modelo reside em que o terapeuta executa todo o trabalho ..."
(Zinker, 1977, p. 132).

A Figura 6, no anexo II, ilustra a concepção de grupo de Perls, conforme Zinker (1977).

c. Moreno (1974; 1975) e o psicodrama:

Além das críticas citadas em Hiebsch & Vorweg (1980) e Lane (1987b) quanto à concepção generalizante de 'grupo' no psicodrama e sua ênfase à representação de 'papéis', Zinker (1977) questiona o fato de o 'protagonista' (o participante que expõe seu drama particular) ser mantido como centro único das atenções do grupo, limitando-se este enfoque à estrutura formal e à integridade do drama, descuidando do processo grupal e da conscientização dos membros enquanto integrantes do grupo.

d. O processo de grupo gestáltico:

Em conformidade com as proposições aqui apresentadas, descrevemos os quatro princípios básicos desta proposta:

"1) primazia, em cada momento, da experiência grupal em marcha; 2) processo de desenvolvimento da consciência grupal; 3) importância do contato ativo entre os participantes, e 4) emprego de experimentos de interação estimulados por um líder que intervém ativamente neles" (Zinker, 1977, p. 133).

"No processo de grupo gestáltico, o terapeuta constitui inequivocamente uma autoridade, mas se move com fluidez no grupo. Pode decidir-se por ocupar o centro e estimular ativamente o trabalho individual com os membros do grupo, ou pode optar por se colocar de lado, retirar-se do centro e participar no grupo como um de seus integrantes. Sua presença sempre se sente e seu poder se experimenta com clareza" (p. 135).

A Figura 7, no anexo II, ilustra o processo de grupo gestáltico. O psicoterapeuta gestáltico de grupo (marcado com um 'X', na figura citada) se constitui como uma autoridade dotada de poder, não para ser imitado ou obedecido, mas no sentido de que é reconhecido enquanto um modelo de 'autor' de sua própria atuação, propiciando a experiência e a conscientização grupais, e, através do contato e da cooperação ativa dos membros do grupo, possibilitando que estes assumam sua autoridade sobre si mesmos, suas relações, o grupo em que convivem e a sociedade da qual participam.

Em decorrência da crise dos anos 70 e 80, referida por Yontef (1987), a gestalt-terapia vem sofrendo influências tanto na sua proposta de atuação em grupos quanto na postura do psicoterapeuta. As maiores contribuições têm vindo principalmente da abordagem centrada na pessoa, que se tem configurado como uma das pioneiras do trabalho com grupos no referencial humanista, guardadas as restrições referidas por Zinker (1977) anteriormente. Particularmente, têm sido propostos, numa perspectiva gestáltica, os chamados 'grupos de encontro' ou 'grupos vivenciais'. Estes grupos, geralmente residenciais (os participantes se deslocam para um local previamente preparado para tal, onde convivem, comem e dormem), duram de dois a vários dias e se caracterizam

"por uma disposição dos organizadores-facilitadores do encontro de, com o exercício do poder de que dispõem, permitir ao sistema social que então se configura um desenvolvimento a partir das demandas de cada um de seus participantes, e do conjunto destes, sem que haja exigências limitativas ou normativas deliberadamente determinadas 'a priori', além das exigências culturais que espontaneamente se impõem" (Fonseca *in*: Rogers *et al.*, 1983, p. 143-144).

Os grupos vivenciais - que já não se limitam à psicoterapia, mas têm fins de treinamento, aprendizagem, intercâmbio, lazer, criatividade, trabalho corporal e uma série de outras possibilidades, visam ao desenvolvimento da consciência coletiva e individual e à ação decorrente desta, propiciando um processo grupal criativo a partir da construção da cultura do grupo, o que requer, da parte dos facilitadores, o desenvolvimento de suas próprias consciências e ações pessoais, de momento a momento. Para tanto, estes facilitadores renunciam ao controle institucionalizado sobre as coisas, processos e seres e se dispõem a vivenciar a in-

certeza da mudança e os impasses do crescimento e da vida (Fonseca in: Rogers et al., 1983).

Sobre o poder do psicoterapeuta de grupo, pode-se afirmar que

"o facilitador não se obriga a limitar sua consciência simplesmente à consciência do 'status' e papel que ocupa no seu desempenho; o poder de que está investido, por sua iniciativa, pela sociedade e pelo grupo passa a ser secundário, diante de seu poder pessoal para ser, para ser com, e para ser realisticamente, advertindo que isto não significa, todavia, que sua atitude é uma atitude de 'laissez-faire' ou uma atitude espontaneísta. Sua participação é ativa e plena, no fluxo da dialética entre sua subjetividade e a objetividade da realidade em que está enredado. Apenas, não se vê como elemento de uma realidade que teria a função de controlar e modelar para um 'bem' ideal. Vê-se, antes, como inteiramente imerso nela e no constante processo de sua transcendência" (Fonseca in: Rogers et al., 1983, p. 148).

O facilitador de grupo, portanto, é um agente social destacado e responsável pelo desempenho da instituição grupal perante a sociedade, sendo depositário parcial do poder institucional, definido por esta mesma sociedade, frente ao grupo e seus participantes. Distinguem-se dois níveis deste poder: o poder institucional objetivo, adquirido através de sua habilitação legal, reputação e iniciativa, que lhe imputa compromissos e privilégios, reconhecidos pela cultura comum e pelos participantes do grupo; e, ligado ao anterior, mas mais subjetivamente, temos o poder associado ao fato de o psicoterapeuta grupal, pelo menos de início, ser o único

ponto pré-definido, que determina a infraestrutura material, viabilizadora do grupo, e que afeta os membros grupais e o grupo em sua totalidade sistêmica. Assim,

"o facilitador é um elo de articulação da configuração de poder do sistema social mais amplo com o grupo como sistema diferenciado. O grupo se funda e cresce sobre um ato de poder seu, é permitido graças à sua posição no sistema social mais amplo. De uma forma concreta, o facilitador cria um universo para o seu poder" (Fonseca in: Rogers et al., 1983, p. 160).

Pode-se inferir da discussão acima a importância do modo como o psicoterapeuta de grupo exerce seu poder, que, como vimos, é, em grande parte, determinante da natureza, dos rumos e da qualidade do processo grupal. A questão passa a ser como deve o facilitador gerir o seu poder: usá-lo para influenciar o grupo a satisfazer suas próprias (do psicoterapeuta) necessidades de controle, reproduzindo a cultura comum, ou, por outro lado, para facilitar as buscas e as criações genuínas da coletividade grupal, apropriando-se (o grupo) destas e de seu poder de transformar esta cultura particular e vinculando-se ao todo social?

"Parece importante que o promotor-facilitador seja o primeiro a estar consciente e a lidar com este dado da realidade. Na resposta que o seu desempenho concreto no grupo dá a essa questão parece residir muito da sua natureza facilitadora ou inibidora. O modo como lida com o paradoxo evidencia e operacionaliza, ou não, a sua arte como facilitador" (Fonseca in: Rogers et al., 1983, p. 167).

Assim, investido de um poder institucional outorgado pela sociedade e reconhecido aprioristicamente pela cultura grupal, o psicoterapeuta de grupo deve renunciar a este poder e, ao mesmo tempo, conquistar uma nova autoridade constituída pela criação e busca de sua competência na coletividade grupal emergente. Este poder renunciado é re-conquistado com o fim de servir cooperativamente com a totalidade do grupo.

Por outro lado, o facilitador de grupo é

"uma presença que integra o recordar e o planejar como dimensões espontâneas da realidade. Não possui, todavia, um caminho particular que deseje levar o grupo a trilhar. Entende que o grupo possui naturalmente um potencial de sabedoria para a construção de seu próprio caminho, um potencial superior à sabedoria de um único indivíduo ou subgrupo. E dispõe-se a participar na construção deste caminho e da singular caminhada por ele. Tal realidade, entretanto, não é para ele algo a que observa como espectador e em que intervém, do 'alto da sabedoria' que supostamente lhe conferiria o 'status' de facilitador, ora para apontar (ao grupo ou aos indivíduos) direções, ora para determinar correção de rumos. A realidade grupal, de uma forma concreta, o envolve inteiramente como pessoa e entranha-se dentro dele" (Fonseca in: Rogers et al., 1983, p. 178-179).

Uma das principais características dos grupos vivenciais é a inexistência de um programa prévio, por parte da equipe de facilitação. Sua proposta é que as diferentes realidades existenciais dos participantes efetivamente se encontrem e se criem e recriem a partir de suas perspectivas

personais e coletivas. É neste sentido que é investido o poder dos facilitadores gestálticos. Pelo menos de início,

"na perspectiva do grupo como sistema global é importante ressaltar a sua intrínseca dependência para com o facilitador, ou para com a equipe de facilitação. Dependência que pode diluir-se, à medida do transcurso do processo grupal, mas que é fundamental nos primórdios deste" (Fonseca, 1988, p. 23).

Assim, justifica-se o papel do facilitador de, partindo da dependência inicial (reprodução do 'poder institucional' do psicoterapeuta grupal, imposto socialmente), auxiliar o grupo a transpor os conflitos e impasses da contradependência, diferenciando-se do sistema social, e desenvolvendo uma interdependência cooperativa específica. Portanto, ao descentralizar seu poder e ao investí-lo a favor do grupo, o psicoterapeuta de grupo gestáltico propicia o desenvolvimento do poder do próprio grupo.

Para tanto,

"pressupõe-se no facilitador um fascínio natural e entusiasmado pelas pessoas, pelos dinamismos e pela expressividade dos dinamismos de suas atualidades existenciais. Pressupõe-se igualmente um fascínio pela paulatina e complexa emergência e configuração da realidade grupal, nas articulações de seus vários níveis de sutileza ou de evidenciação de intensidade ou de diluição... De modo que o facilitador não está isento nem é exterior à realidade grupal, como um sujeito que manipula um objeto que lhe é independente" (Fonseca, 1988, p. 28).

Esta disponibilidade para se envolver com a atualidade existencial do outro é um pré-requisito básico para o psicólogo de forma geral, para o psicoterapeuta mais especificamente e, para aqueles que se propõem a trabalhar com grupos, constitui uma característica essencial. Em termos de gestalt-terapia, esta disponibilidade é básica e constitui um dos seus pilares enquanto abordagem humanista e humanizante.

Deve-se advertir que,

"de um modo geral, não é com o facilitador que se desenvolvem as relações mais importantes do participante no contexto do grupo, ainda que as relações com o facilitador tenham para este o seu lugar de relevância nas reuniões formais" (Fonseca, 1988, p. 34).

Este fato se evidencia particularmente nos grupos vivenciais, nos quais grande parte dos encontros interpessoais (destaque-se o seu caráter 'terapêutico') se dá fora das reuniões formais, nas quais, potencialmente, pela presença marcante do facilitador, ocorre a psicoterapia. Isto requer do psicoterapeuta grupal modéstia, parcimônia e discernimento quanto à sua participação e especialmente quanto à sua intervenção, pois evidencia um outro poderoso e eventualmente mais próximo facilitador: os outros participantes e, particularmente, o grupo enquanto comunidade.

O facilitador tem, para com o grupo, uma dupla relação: momentos 'isomórficos', nos quais interpreta (teatralmente e não no sentido psicanalítico) e expressa a subjetividade coletiva que se constitui nele, tornando-se uma 'voz' do grupo, e, em outros momentos, confronta esta mesma subjetividade, expressando a sua diferença subjetiva em relação à coletividade ('tensão da diferença'). Neste sentido, a equipe de facilitação necessita desenvolver um caráter tan-

to 'homogêneo' quanto 'heterogêneo' entre seus elementos: deve haver uma coincidência entre os facilitadores quanto à concepção de sua proposta de grupo, ao papel e ao desempenho da equipe, sua prática e seus interesses, o que não significa unanimidade. Por outro lado, é importante resguardar suas diferenças subjetivas e comportamentais, sem com isto impedir a cooperação, entendimento e entrosamento pessoais, o que abalaria a estrutura grupal, na ausência de um modelo cooperativo básico (Wood in: Rogers et al., 1983a).

A constituição da equipe de facilitação é variável, podendo ir de um a vários elementos.

"Nada impede que um pequeno grupo seja facilitado por um único facilitador, desde que ele esteja efetivamente habilitado para tal. Em geral, entretanto, é interessante e mesmo importante que os grupos sejam facilitados por pelo menos dois facilitadores. No caso dos pequenos grupos ou de grupos de tamanho médio, o segundo facilitador pode mesmo ser um treinando mais apto. Nos casos de grupos maiores (mais de vinte pessoas), é de fundamental importância que trabalhem dois ou três facilitadores" (Fonseca, 1988, p. 38-39).

Em nossa experiência, principalmente nos grupos de psicoterapia, temos preferido trabalhar com dois facilitadores, de ambos os sexos, pois isto parece facilitar a identificação dos clientes e a utilização das 'energias' masculina e feminina. De qualquer forma, a composição da equipe de facilitação deve ser a mínima possível, evitando sua superposição institucional sobre o poder facilitador da comunidade, seguindo as prescrições acima. A presença de um outro facilitador auxilia o trabalho da equipe tanto no sentido de se poder compartilhar experiências comuns, semelhanças e diferenças, quanto permitir o relaxamento ou o retraimento de um deles, quando isto se fizer necessário.

As 'coalizões', que frequentemente ocorrem através de díades, tríades ou de subgrupos, são definidas como o

"processo no qual um certo conjunto de pessoas participantes, voluntária ou involuntariamente, conscientemente ou não, atuam de modo articulado e coordenado, no sentido de alcançar certos objetivos" (Fonseca, 1988, p. 86).

Estas coalizões são inevitáveis e, muitas vezes, são irritantes, perturbadoras e desagradáveis quando buscam boicotar ou desviar os objetivos do processo grupal. Portanto, não devem ser confundidas com o que chamamos de 'cooperação', pois, apesar da existência de um objetivo comum (a sabotagem do grupo, de sua meta ou do poder do facilitador), tendem a dividir e a minar as aspirações mais amplas do coletivo grupal: sua constituição enquanto grupo.

Deve-se ter claro que as coalizões são desafiantes e devem ser consideradas como oportunidades de explicitação de interesses e objetivos diferenciados em relação ao psicoterapeuta gestáltico de grupo e de interação e confronto honestos com outras metas, o que propicia a revelação da proposta do grupo, ou seja, da criação e da descoberta da realidade e da consciência grupais através da facilitação deste(s) psicoterapeuta(s). Esta postura facilitadora, por parte do psicoterapeuta gestáltico de grupo, realça, para o próprio grupo, o fato de que não compete ao psicoterapeuta resolver os 'problemas' do grupo, mas ao grupo enquanto comunidade, como a instância responsável tanto por seus modos de dificultar ou de facilitar seu próprio processo. (Fonseca, 1988)

Além das capacidades citadas acima,

"... é imprescindível que o facilitador conheça de modo efetivo, ainda que não especia-

lizado, a realidade sócio-histórica em que se inserem ele próprio, o grupo que facilita e as pessoas que dele participam. Que ele conheça as lutas concretas - e esteja humanamente posicionado com relação a elas - do processo de humanização nesse contexto sócio-histórico particular, de modo que possa entender a forma como as ressonâncias das tensões dessas lutas se particularizam de modo especial na atualidade existencial e nas relações da atualidade existencial dos participantes do grupo" (Fonseca, 1988, p. 177).

Assim, o psicoterapeuta gestáltico de grupo pode compreender, neste grupo em particular que facilita, as manifestações das atitudes impeditivas e facilitadoras da atualização da essência e do potencial humanos, evitando uma participação irracional e alienada de seu próprio poder.

3.2.3 - Ilustração do Processo de Grupo Gestáltico e do Trabalho do Psicoterapeuta Grupal

Acreditamos que as discussões acerca do papel do psicoterapeuta gestáltico de grupo como facilitador de atitudes cooperativas podem se tornar mais claras através da ilustração de casos práticos e concretos. Portanto, apresentaremos a descrição e a análise crítica, a partir de registro após as sessões, de um grupo de psicoterapia que se encontrava semanalmente, por duas horas e meia a cada semana, com duração de quatro meses, sob a facilitação de dois psicoterapeutas, João e Ana, em sala de um consultório particular especialmente preparada para tal atividade. Evidentemente, os nomes dos participantes são fictícios. A maioria da clientela é constituída de ex-clientes dos psicoterapeutas (a nível particular) ou que procuraram participar da psicoterapia grupal a partir de divulgação prévia. A faixa etária média

dos participantes gira em torno dos 30 anos (inclusive os psicoterapeutas), com apenas duas exceções (dois clientes acima dos 40 anos), sendo todos da classe média e com nível de instrução secundária ou superior.

1ª sessão: participam apenas mulheres (Zilda, jornalista; Márcia e Vânia, bancárias; Poliana, publicitária; Lúcia, funcionária pública; e Alice, profissional paramédica).

Após a recepção e os contatos iniciais, tendo sido criada espontaneamente uma conversa informal, a equipe de facilitação se apresenta, tratando das expectativas e objetivos do processo psicoterápico, e a sessão inicia com a proposta de um experimento (definido anteriormente) grupal que visa a que os participantes tomem consciência do ambiente físico em que se encontram, de suas expectativas, temores, sensações e metas e de como se sentem consigo mesmos e com a presença dos demais. Caminham pela sala, sem contato verbal entre si, respirando ao som de música instrumental, atentando aos seus objetivos, percepções, desejos e preocupações, voltando por fim aos seus lugares, sentando-se em almofadas. O grupo fica sabendo que Poliana e Zilda já se conheciam (trabalham em área profissional afim), bem como Vânia e Lúcia (são amigas há bastante tempo, tendo a primeira convidado a segunda a participar do grupo).

Lúcia é a primeira a se manifestar: percebe, com estranheza, que não consegue falar o que gostaria. Márcia indaga sobre o estado civil das demais: ela e Lúcia são solteiras; Vânia é casada, e Zilda, Poliana e Alice estão ou já estiveram separadas de seus companheiros. Poliana comenta a inexistência de homens no grupo e brinca, dizendo que irá receber o único (que faltou) 'como quem não quer nada'. Zilda destaca a presença de Poliana, por ser do mesmo campo profissional.

Alice relata mais ou menos longamente sobre vários assuntos familiares: seu relacionamento com a filha de três anos, que vinha se tornando agressiva; a doença da mãe; o relacionamento difícil com o ex-marido; e problemas no trabalho. Vânia fala de sua dificuldade de conciliar seu papel de mãe (3 filhos) e outros aspectos de sua vida. Lúcia a 'acusa' de não 'curtir' nada além do trabalho, o marido e os filhos. Márcia conta que rompeu um relacionamento afetivo que era bom, mas que precisava ser rompido: não quer mais se conformar com 'migalhas'; fala de sua insatisfação com o trabalho, seu 'egoísmo' e, por outro lado, sua disponibilidade para aquele que ama; diz também ter sofrido uma queda de bicicleta 'por que quis' (para se machucar). Vânia se compara com ela.

Poliana fala de sua dificuldade de lidar com a 'realidade' e de sua vontade de conviver com outras pessoas, estando aberta para ouvir e ser ouvida. Diz que decidiu 'parar' nesta cidade para ficar próxima ao pai, a quem é muito ligada, buscando maior estabilidade, já que sempre foi 'nômade', com emprego instável etc. Zilda se compara com ela, dizendo de sua vontade de sair da cidade e de fazer outras coisas. Fala de sua insatisfação com o que faz profissionalmente, queixando-se de sua falta de iniciativa, pouca energia, sono e indisposição. Lúcia diz se identificar com ela, fazendo-lhe perguntas.

O grupo encerra com muita comparação entre as participantes. Surge espontaneamente uma brincadeira ('troca-troca'): são expressos desejos de trocar trabalhos indesejados pelos das demais (que, por sua vez, também não desejam os seus). Psicoterapeutas e participantes discutem o 'contrato grupal' (compromisso, sigilo, objetivos, horários, preço, regras etc.) Os psicoterapeutas expressam sua satisfação de trabalharem novamente juntos e Ana diz de sua emoção com a presença de Márcia (sua ex-cliente individual), participando do grupo, contra o qual resistia anteriormente.

As participantes parecem fazer um 'reconhecimento do terreno': 'quem somos nós'? 'Onde estão os homens'? 'Como você se sente no seu trabalho'? Apesar da idade mais ou menos homogênea, as participantes parecem ter interesses heterogêneos, mas buscam pontos de contato (identificações), o que parece ilustrar características da 'fase de inclusão' (Schutz, 1978) ou de 'identidade e dependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980).

Com exceção do experimento inicial, a intervenção dos psicoterapeutas é mínima, limitando-se ao destaque, a nível grupal, do interesse das participantes em saber mais umas sobre as outras.

2ª sessão: todas as participantes anteriores estão presentes, com exceção de Márcia, que avisou que não poderia vir. Dois novos participantes são incluídos: Wilson (mais de 30 anos, artista plástico, desempregado e separado) e Armando (mais de 40 anos, bancário em vias de se aposentar, e comerciante, casado).

Após a apresentação dos novos participantes, Lúcia expõe suas dúvidas sobre a mudança para um estado do sul do país. Diz-se muito ansiosa quanto a um relacionamento com um rapaz de lá. Pensa em fazer curso de pós-graduação, o que seria uma forma de se afastar também da família. Fala da superproteção dos pais quanto a ela e a irmã, ficando em dúvida se iria só ou os levaria consigo. O grupo, de forma geral, estranha que os pais de Lúcia sejam tão jovens, pois, pelo modo como falava, estes pareciam ser idosos. Vânia repete queixa anterior sobre sua vida (filhos x trabalho), dizendo de sua dificuldade de se afastar dos filhos.

Armando conta problema com um empregado de seu estabelecimento comercial, que, apesar de ser seu melhor funcionário, não vem assinando o 'ponto', sendo um 'mau exemplo' para os demais. Adia o enfrentamento com o empregado, sentindo-se mal com isso. Zilda conta que começou a praticar ioga, sentindo-se mais disposta e motivada.

Apesar (ou talvez por causa) da inclusão de novos participantes e da expressão e identificação dos clientes entre si, a sessão não apresenta grandes novidades, parecendo ser mais uma seqüência da anterior.

3ª sessão: um dos psicoterapeutas, João, teve que se ausentar, por motivo de viagem, e Márcia também não está presente. Há a inclusão de um novo participante, Ricardo, um gerente empresarial, casado, de cerca de 40 anos, um homem afável e simpático, que é bem recebido pelo grupo. Reunido na sala de recepção, o grupo só se dirige à sala de psicoterapia grupal após a convocação de Ana.

Após a justificativa da ausência de João e da apresentação de Ricardo, Poliana relata sua experiência numa seita religiosa, cujos componentes, como ritual de iniciação, tomam um chá alucinógeno. Há vários apartes do grupo, com pedidos de esclarecimento (principalmente de Wilson) e de expressões de conhecimento (Zilda). Wilson e a própria Poliana acrescentam informações sobre outras seitas.

Ana registra que o grupo, de forma geral, está tratando de alternativas de ajuda e que, neste grupo, seus participantes estão buscando isto e, para tanto, também se utilizam de rituais. Temos aqui um exemplo de intervenção no nível grupal, que não se dirige a um participante específico, mas ao grupo como um todo.

Lúcia volta a tratar longamente sobre seu relacionamento afetivo com o rapaz do sul do país, que conhece há pouco tempo, mas já tem planos de se unir a ele. Com muita vergonha, fala para o grupo de sua virgindade, pois sente-se a 'mascote' do grupo. Acha que seus problemas são infantis, como se estivesse entrando na adolescência; profissionalmente, sente-se bastante segura, mas revela muita insegurança no plano afetivo.

O grupo faz um excesso de perguntas e 'interpretações' a Lúcia. Ana registra tal fato e reflete como o relato de Lúcia 'tocou' cada um, buscando que os participantes diferenciem o que percebem intelectualmente no outro do que este provoca emocionalmente em si. Aqui, a psicoterapeuta busca estimular o intercâmbio afetivo e consistente entre os vários participantes.

Vânia, a partir disso, descreve suas próprias 'vozes internas recriminantes', associando-as à desvalorização de Lúcia e relata acontecimentos da semana relacionados a isto. Armando fala de sua tendência a associar carinho a dominação e de sua dificuldade de dar e de receber carinho. Conta que, a partir de uma observação de Alice, conseguiu resolver o problema com seu funcionário. Discute sua dificuldade de relacionamento com a esposa, o que gera discordâncias do grupo, principalmente de Lúcia e de Alice. Wilson faz muitas perguntas e 'interpretações', falando muito impessoalmente e sem nada dizer sobre si diretamente. Discorda de Armando quanto aos significados de amor e de autoridade.

Wilson cobra mais interferências técnicas por parte dos psicoterapeutas e Zilda observa que a sessão mais pareceu um 'bate-papo' sem aprofundamento. A sessão se encerra com a reflexão de Ana a Zilda sobre a importância de sua intervenção, de sua energia e do registro de sua insatisfação quando esta ocorrer.

Esta sessão é significativa, pois parece demonstrar tanto a grande necessidade dos participantes saberem uns dos outros, bem como pode-se pensar na iniciação do grupo em manifestações da 'fase de controle' (Schutz, 1978) ou de 'influência e contradependência' (Kepner *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980), que se expressa na identificação de papéis entre os participantes, no estabelecimento de regras (em geral implícitas) e no questionamento da atuação dos psicoterapeutas.

4ª sessão (sessão de avaliação): com exceção de Zilda, os demais participantes estão presentes, e é incluído um novo participante, Ernesto, casado, bancário, com mais de 30 anos.

Lúcia conta que alguns participantes do grupo, após a sessão anterior, saíram juntos. A partir disto, propõe mais uma sessão por semana ou sessões mais extensas. João sugere que a discussão sobre esta proposta se dê quando da avaliação grupal. Os psicoterapeutas propõem que a avaliação seja feita através da utilização de papel, lápis, tinta, pincéis etc., destacando como cada participante se sente no grupo.

Poliana descreve suas dúvidas em cada sessão: na primeira sessão, deu-se seu contato com o desconhecido; na segunda sessão, a possibilidade do encontro e, ao mesmo tempo, a confusão de idéias; na terceira sessão, o riso fácil e a percepção de identidades e diferenças; nesta quarta sessão, sua dúvida é: 'é possível o mergulho'?

Márcia expõe sua dúvida quanto à sua permanência no grupo. Diz perceber Poliana mais participativa e exposta, diferentemente dela. Conta que faltou à sessão anterior por não estar bem: não quis vir. Informa que fará uma pequena cirurgia, tendo que faltar pelo menos a duas sessões, lamentando o fato de que voltará a se sentir estranha ao grupo. Sente saudades de Ana e da intimidade que tinham quando era

sua cliente individual. Acha que nunca conseguiria se 'desnudar' no grupo.

Wilson concorda com a percepção de Poliana. Diz ter a sensação de 'repetir o filme', vendo o grupo como uma potencialidade ainda não realizada. Ernesto manifesta-se apaticamente, sem muita energia. Por sua vez, Lúcia mostra-se muito preocupada com a possibilidade de desintegração do grupo, procurando defendê-lo.

Alice diz que seu 'mergulho' está distante. Conta que se vê muito calada, tendo muito o quê falar, mas não sabe porque não o faz. Identifica o 'problema' no grupo, mas não quer conferir o que lhe impede de se manifestar. Faz dois desenhos: o primeiro encobre um olhar triste (fato destacado por Wilson); o segundo é leve e alegre. Indagada sobre o quê 'encobre' (desconfiança?), não quis compartilhar a questão com o grupo.

Armando diz de sua necessidade de 'fazer gols' (atingir objetivos), tomando consciência, através da intervenção dos psicoterapeutas, do fato de não vivenciar o 'prazer do jogo' (processo de conquista de suas metas). Seu desenho parece um sol colorido com um sorriso. Afirma ser, na verdade, tristeza. Diz esconder suas fraquezas. Desenha também um morcego e um rato (como se sente).

Ricardo, em tom confessional, conta ter tido uma vida na qual fez e recebeu muitas 'sacanagens' e diz estar em busca de 'pureza'.

Vânia diz ter aproveitado muito do grupo, não entendendo o que é 'mergulho'. Sente necessidade de maior concretude, de que se trate mais de problemas específicos e de menor 'superficialidade'. Discute com Wilson sobre o que é 'geral' e 'específico', 'superficial' e 'profundo' etc.

Todos aceitam continuar a experiência grupal, com exceção de Zilda, que faltou, telefonando depois para confirmar sua saída do grupo.

A importância desta sessão se deve ao fato de que, ao mesmo tempo que podemos perceber a expressão da preocupação com a possibilidade da 'morte' do grupo (através de Lúcia), encontramos acentuadamente dúvidas e questionamentos tanto em relação à confiança nos demais participantes, às possibilidades de intimidade e aprofundamento, discussões sobre questões objetivas e subjetivas, e quanto à postura, ao papel e ao poder dos psicoterapeutas (por exemplo, Wilson, que assume uma atitude distanciada e intelectual, um estereótipo do 'psicoterapeuta'). Destaca-se a importância deste momento de avaliação, no qual os participantes vivenciam o risco e a possibilidade de cooperar mutuamente e de se constituir enquanto comunidade, o que requer habilidade dos psicoterapeutas para atravessar este instante crítico. Em geral, a 'fase de controle' (Schutz, 1978) ou de 'influência e contradependência' (Kepner *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980) é difícil e contraditória e exige que o grupo possa lidar com as diferenças interpessoais, criando a possibilidade, através de seu reconhecimento e de sua continência, de assumir atitudes cooperativas. Prova disto talvez se encontre no fato de que a grande maioria dos participantes preferiu, apesar de seus temores, dúvidas e questionamentos, acreditar e se dispor a um projeto comum.

5ª sessão: não estão presentes Poliana (viagem) e Lúcia (motivo ignorado). A primeira meia hora da sessão é utilizada para tratar de 'assuntos gerais' (novo preço da psicoterapia, cinema etc.)

Armando conta a demissão de um funcionário de sua firma, relatando o fato inicialmente como um sucesso seu e,

depois, enfatizando as dificuldades e temores com o que poderia acontecer a partir de sua decisão. Os psicoterapeutas intervêm junto a Armando, refletindo com ele sobre sua dificuldade de lidar diretamente com seu presente, tendendo a deslocar-se para o futuro (ansiedade), não usufruindo os aspectos positivos e evitando as dificuldades com que se depara. O restante do grupo, especialmente Wilson, faz muitas considerações a respeito de Armando, e Vânia reflete que este tipo de posicionamento não ajuda em nada o grupo, o que conta com a discordância de Wilson.

Márcia indaga aos homens do grupo por que, para ter sucesso e trabalho, esquecem sua afetividade. João solicita maior especificação de Márcia sobre si mesma: sua colocação é genérica e impessoal, sem evidência de como a percepção de tal fato a perturba. Márcia fala sobre 'seus' homens e parcialmente se inclui em sua fala, posicionando-se pouco consistentemente como uma 'mulher especial'. Indaga-se do porquê de entrar em relacionamentos difíceis com os homens. Os psicoterapeutas destacam a discrepância entre o que Márcia diz aos homens e o que realmente sente e também entre seu papel introjetado de 'mulher independente' e suas reais necessidades, o que a leva a estabelecer limites pouco claros em seus relacionamentos e poucas exigências para a satisfação destas necessidades. Márcia revela preocupação por ter ocupado muito tempo do grupo e indaga se o assunto era de interesse de todos. Vânia e Wilson discordam entre si mais uma vez, agora sobre a questão da infidelidade, levantada por Márcia.

Vânia diz se identificar com a 'mediocridade' da esposa do namorado de Márcia, preocupando-se que seu próprio marido (de Vânia) arranje uma 'Márcia' (uma amante). Parece insatisfeita com seu relacionamento conjugal, mas o marido, de sua parte, revela-se contente com ele. Ela sente vontade e, ao mesmo tempo, medo de se separar. Não sabe se quer 'reacender' o casamento, chegando a dizer ao marido que acha que não gosta mais dele.

Pode-se pensar que esta sessão parece revelar com maior nitidez a citada 'fase de controle' (Schutz, 1978) ou de 'influência e contradependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980), especialmente nos embates dos posicionamentos de Vânia e Wilson e nas colocações de Márcia, que, apesar de suas fantasias de não conseguir falar ao grupo, ocupa o 'espaço' grupal, expondo sua questão central, e, ao mesmo tempo, desculpando-se por fazê-lo. De qualquer forma, há maior aprofundamento dos assuntos pessoais, apesar de participantes como Ernesto ainda assumirem uma atitude neutra e mesmo apática, ou como Wilson, que mesmo sendo participativo, mostra-se distante e impessoal.

6ª sessão: estão ausentes Lúcia, Ernesto e Poliana, a última continuando a viajar.

Armando relata ter conseguido um 'grande gol': despediu o gerente de sua firma, refletindo que 'era a melhor coisa a fazer'. Enfatiza as 'coisas boas' (vantagens de sua atitude), mas logo trata das 'coisas ruins' (desvantagens): grande tensão, inclusive física; não consegue dormir nem comer direito, com dores estomacais, temendo as conseqüências de seu ato.

João fica sabendo, através de Vânia, que Lúcia desistiu de participar do grupo, o que o deixa desapontado, incomodado e irritado com o abandono desta, o que interfere com o seu processo de estar presente junto ao grupo. Tal fato leva Ana a assumir mais diretamente o trabalho grupal. Assim mesmo, João sugere que cada um contacte com as questões levantadas por Armando e como estas os tocam, mas o grupo responde com grande número de interferências, opiniões e sugestões.

Ricardo fala de um pesadelo que se repete: está sobre um prédio, conversando com alguém não identificado e seu fi-

lho mais velho escapole, sem que ninguém se importe, além dele. Não sabendo muito sobre Ricardo, João lhe indaga se relaciona o sonho com algo em sua vida. Ricardo imediatamente o relaciona com seu casamento. Diz que o filho mais velho é muito próximo dele. Está separado da esposa (que já fora cliente de João, em outro grupo), mas coabitam. Apesar de se entenderem e conversarem bastante, há muitas mágoas, não compartilhando mais experiências comuns. Conta um pouco sobre sua vida passada (relacionamentos afetivos, o tempo que morou no exterior etc.) Diz que, no próximo mês, irá reencontrar uma estrangeira com quem se relacionou, após 18 anos sem contato. Wilson tenta intervir, mas é interrompido por João, que lhe propõe que busque se voltar um pouco mais para si mesmo.

Alice interrompe o relato de Ricardo, contando a história de seu casamento e de sua separação. Diz que, no último fim de semana, por sua própria iniciativa, saiu com o ex-marido e que gostou da experiência. Fala sobre a filha adotiva e que não pode ter filhos. Destaca a 'barra' enfrentada durante a separação, a pressão da família e do marido, e os 'casos' deste com suas empregadas. Não tem claro o que quer do ex-marido: sabe que quer que ele mude, mas não consegue definir em que aspectos, não confiando plenamente nas suas mudanças.

A saída de um dos participantes do grupo sempre interfere na dinâmica grupal, pois a modificação de um elemento não transforma apenas sua realidade singular, mas a totalidade do sistema. O abandono do grupo por parte de Lúcia provocou indignação, desapontamento e dificuldade de continuar o processo já desencadeado, especialmente entre os psicoterapeutas, já que Lúcia mostrou-se a mais preocupada com a possibilidade de extinção do grupo, deixando-o sem respeitar o compromisso assumido com seus participantes e o grupo como um todo. Tal fato repercute em particular nesta sessão e, como se poderá perceber, nas sessões seguintes, quando o grupo precisará 'digerir' esta perda. (João toma a

iniciativa de enviar uma carta a Lúcia, expondo seus sentimentos em relação à sua saída). Estes abalos também destacam a importância da constituição e integração da equipe de facilitação, pois, quando há algum impedimento de um dos co-terapeutas, possibilita a pronta disponibilidade do outro no sentido de assumir o acompanhamento do trabalho psicoterapêutico grupal.

Armando continua encobrendo seus 'sucessos' com ansiedade, desfocando sua vivência atual, evitando as dificuldades e o próprio prazer que possa obter. Destaque-se também, nesta sessão, as primeiras colocações aprofundadas de Ricardo e Alice, em contraposição às de Wilson e Ernesto.

7ª sessão: com exceção de Armando, que nada avisou, os demais estão presentes.

Wilson chega bastante atrasado e passa toda a sessão muito calado. Poliana conta que sua viagem foi péssima e que as tentativas de ter um trabalho estável e o filho junto de si fracassaram. Foi maltratada na empresa em que esteve e reagiu pedindo demissão. Comenta ser esta uma postura típica sua: quando uma opção se torna difícil, tende a 'jogá-la fora'. Diz que aprendeu a manter uma certa imagem e que se prende a ela. Deseja ser ela mesma e pede ao grupo que diga como a percebe. Os psicoterapeutas propõem que Poliana diga aos demais o que realmente é. Com dificuldade e confusão, Poliana diz ser feia, gorda, falsa, tendo dificuldade de contactar as pessoas, insegura e frágil, mas mantendo a imagem de fortaleza. Sente-se como uma 'menininha escondida atrás da porta'.

João propõe um experimento a nível intrapessoal em que Poliana adote a postura da menininha atrás da porta. Poliana vai para um canto entre duas paredes, pondo-se atrás de almofadas. Diz sentir-se protegida. João diminui, pouco a

pouco, o espaço de Poliana entre as almofadas e o canto das paredes e lhe propõe olhar para fora e contactar o que sente pelo mundo exterior e as pessoas do grupo. Diz sentir afeição e vontade de gostar. Gradativamente, vai se sentindo 'presa' e com pouco espaço. Indagada sobre o que deseja fazer com seus sentimentos, diz, com dificuldade, que quer utilizar o 'espaço' para conversar com as pessoas do grupo. Os outros se aproximam espontaneamente de Poliana, que confessa que não é diplomada em curso superior e que forjou parte de seu currículo. Tem vasta experiência na área, estuda muito, mas sente-se representando (o que parece fazer com facilidade) e está cansada de ser uma mentira. O grupo discute o conflito entre realidade e irreabilidade por parte de Poliana, afirmando que esta acrescentou mentiras às suas verdades, tendendo a ver tudo como mentira. Os psicoterapeutas e o grupo (assumindo seu papel terapêutico e cooperativo) propõem a Poliana que reconheça pelo quê pode se responsabilizar quanto ao que realmente é. Poliana diz que deseja escrever estórias infantis, mas não coloca o projeto 'prá frente'. Entretanto, sabe que, para tal projeto, não precisa da 'fachada' de um diploma ou de um currículo. Ana e João sugerem a Poliana que busque canalizar sua criatividade para atividades que dependam de si mesma.

A sessão é encerrada com a expressão dos sentimentos (surpresa e decepção) de João ao grupo quanto ao abandono da psicoterapia por parte de Lúcia e à pouca participação de Ernesto, duvidando de tê-lo recebido convenientemente.

Esta sessão apresenta um caráter bastante peculiar: enfoca basicamente um 'trabalho' a nível pessoal (Poliana), mas que encontra a cooperação dos demais participantes (nível grupal) no sentido de atentar e ajudá-la a compreender como lida com sua realidade, suas verdades e mentiras. O grupo parece começar a apresentar características da 'fase de afeição' (Schutz, 1978) ou de 'intimidade e interdependência' (Kepner *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980), na qual os psicoterapeutas passam a assumir um papel consultivo,

ajudando o grupo a reconhecer e a 'fechar' assuntos inacabados. O grupo, por sua vez, se torna menos interferente (no sentido intelectual), deixando de ser um comentador das vivências alheias, para compartilhá-las e aprofundá-las conjuntamente. Esta fase também facilita a expressão da 'personalidade' dos psicoterapeutas, tendo os demais participantes como 'outros' significativos. Entretanto, como cada fase grupal inclui e se diferencia da anterior, o grupo ainda parece apresentar expressões e momentos de 'controle' (Schutz, 1978) ou de 'influência e contradependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980), como se pode perceber nas interrupções de alguns dos participantes pelos outros.

8ª sessão: pela primeira vez, quase na metade do período de duração da psicoterapia, o grupo realiza uma sessão com todos os participantes presentes. Antes da sessão, Lúcia procura os psicoterapeutas, por conta da carta que recebeu, para esclarecer sua saída do grupo. Alega ter estado doente e que sentiu vontade de se experimentar sozinha, sem a psicoterapia. Diz ter-se sentido surpresa e 'chocada' com a carta recebida. João e Ana confrontam Lúcia acerca da contradição entre a sua postura anterior no grupo e sua desistência.

Logo no início da sessão, quando nem todos haviam chegado, Ernesto indaga se é prática da gestalt-terapia que o grupo saiba dos 'problemas' de cada um. Parece tentar saber do grupo e dos psicoterapeutas da necessidade e do interesse na exposição de suas questões. Ernesto relata a respeito de sua vida profissional: dificuldade de se impor, de relacionamento, de progredir no banco, sua falta de energia e de agressividade. Diz-se insatisfeito, mas não tem claro o quê fazer. Considera-se uma pessoa com uma certa 'cultura',

mas não tem muito onde aplicá-la. O relato de Ernesto é monótono, repetitivo e, por vezes, confuso, parecendo pouco acostumado a refletir sobre si mesmo. Expressa desejo de mudança, mas não uma direção clara para esta mudança. Sente-se muito 'cobrado' por ser calado, temendo 'precisar' se expressar. Há vários comentários do grupo, aos quais Ernesto nem sempre responde com clareza.

Poliana propõe trazer para o grupo o jogo de salão 'Enamoramento e Amor', como forma de facilitar e aprofundar as questões vivenciadas pelo grupo. O jogo se assemelha ao conhecido 'jogo da verdade' e apresenta três caminhos: 'fascínio', 'poder' e 'riqueza'. Poliana diz que, na única vez em que o jogou, sua melhor amiga se separou do marido. Alguns levantam dúvidas sobre a adequação de trazer o jogo para a vivência grupal, particularmente João e Ana, questionando a 'esperteza' de Poliana e se o grupo precisa de um instrumento externo para compartilhar e aprofundar suas questões. Wilson apoia entusiasticamente a proposta de Poliana, até mesmo mais do que a proponente. João dirige-se a Wilson, o que permite que este se volte mais para si mesmo, propondo que cada um busque definir quais são suas reais necessidades, em uma única palavra:

- . Wilson: envolvimento (parece ter ficado incomodado quando interpelado pelo grupo por não se expor mais);
- . Poliana: afetividade;
- . Ricardo e Márcia: profundidade crescente;
- . Armando: alívio (havia entrado com outro assunto fora do contexto, tendo um 'branco'; João propôs a retomada da exposição das necessidades);
- . Vânia e Alice: continuidade;

. Ernesto: seriedade.

Vânia se diz insatisfeita com o grupo, ficando em dúvida se não preferiria fazer psicoterapia individual. (Os psicoterapeutas supõem que a insatisfação e a dúvida de Vânia se relacionem com a saída de Lúcia, sua amiga pessoal, pois não manifestou como se sentira com tal fato).

O grupo decide fazer o jogo na casa de Poliana, convidando os psicoterapeutas, já fora da sala, que não acompanham os demais.

Pouco a pouco, a necessidade de intimidade e a cooperação grupal parece ir envolvendo vários participantes. As singularidades individuais vão se revelando, o que parece expressar os diferentes estágios vivenciados pelos participantes. Pode-se pensar que a 'fase de afeição' (Schutz, 1978) ou de 'intimidade e interdependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) ainda é sutilmente manifestada, enquanto clientes como Wilson e Ernesto só agora parecem expressar sua 'necessidade de inclusão' (Schutz, 1978) ou de 'identidade e dependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980); e outros, como Armando, parecem manifestar sua 'necessidade de controle' (Schutz, 1978) ou de 'influência e contradependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980), através de sua tentativa de interrupção do movimento grupal.

9ª sessão: todos estão presentes, com exceção de Vânia.

Poliana comenta sobre o encontro para o jogo 'Enamoramento e Amor'. Estavam presentes, além dela, Alice, Wilson, Márcia, Vânia, Lúcia (que fora convidada) e um amigo de Poliana. Márcia afirma que o jogo não teria dado certo du-

rante a sessão. Conta a ocorrência de uma 'quase catástrofe' (pouco clara): Wilson bebeu demais, acusando Poliana de ser autoritária, tendo derramado cachaça sobre o jogo, o que gerou ciúmes da 'dona do jogo'. Há insinuações de uso de maconha e um clima de segredo e mistério: Poliana comenta que o jogo não teria dado certo na presença dos psicoterapeutas.

A partir da constatação da necessidade de proximidade e intimidade do grupo, Ana e João propõem um experimento interpessoal em que os participantes formem duplas com quem se sentirem mais à vontade, fazendo contato com as mãos e o rosto. Como haviam apenas sete clientes, Ana se oferece para formar uma dupla, com João conduzindo a experiência. Márcia pede para formar dupla com Ana, e Armando, que não 'ouvira' o pedido de Márcia, faz a mesma solicitação, mas desiste. Formam-se duplas entre Poliana e Ricardo, Armando e Alice, e Márcia e Ana. Ernesto e Wilson ficam sós e não se mobilizam para a experiência. Num segundo momento, João propõe que se formem duplas entre participantes que sentem dificuldade de contato entre si, mas o grupo se recusa, com exceção de Márcia, que busca Wilson e formam uma dupla. Ana procura Ernesto.

Terminado o experimento, Wilson diz que sentira necessidade de relaxar, tendo a sensação de que Márcia interrompera o contato logo que João assim havia sugerido. Não estava disponível no início (não quis contato com Ernesto?), mas sentiu-se mais calmo. Teve a impressão de que as pessoas estavam muito 'pesadas'.

Armando diz ter sentido muita tensão e necessidade de proteção, o que o levou a procurar Ana, de início. Acha que tem mais facilidade de tocar do que de ser tocado, pois carinho é geralmente bem recebido. Percebeu diminuição de sua tensão.

Alice sentiu muita ternura em Armando, desejando protegê-lo.

Ricardo achou seu contato com Poliana leve, alegre e sensual. Seguiu seu próprio movimento, mudando as instruções de João.

Ernesto pergunta a Ana como tinha se sentido. Diz ter ficado 'brincando' com as próprias mãos quando se viu sem par. (E Wilson?)

Poliana diz ter facilidade de contato físico, achando-o mais verdadeiro e genuíno do que as palavras. Conta que ficou excitada, suando e falando de seu novo namorado.

Márcia sentiu dificuldade de tocar as pessoas, precisando de tempo e de conhecimento. Disse ter escolhido Wilson 'por causa dele', e não por desejo seu. Conta ter recebido pouco ou quase nenhum toque corporal dos pais. Confirma a percepção de Wilson de que interrompeu o contato com ele logo que João sugeriu.

O grupo retoma a questão da ausência de exposição pessoal de Wilson. Ricardo diz ao mesmo que se sente próximo dele e até aberto para fazer o experimento com as mãos. Pergunta a Wilson como este se sente por argüir as pessoas e não se expor. Wilson responde que este é o seu limite e que gosta de que 'as coisas fluam naturalmente'. Poliana diz que também se sente muito próxima dele, mas que é muito desgastante ter que lidar com suas 'armas'.

João encerra a sessão fazendo uma metáfora de Wilson como um 'porco-espinho', com muita disposição para 'tocar' os outros, mas que usa suas 'armas' para distanciar as pessoas.

O jogo na casa de Poliana parece um passo decisivo para o grupo em termos de um contato mais concreto com sua sensualidade e sua intimidade, o que se manifesta também no experimento interpessoal realizado. A ausência de Vânia parece confirmar a hipótese levantada de ressentimento com os

psicoterapeutas quanto à saída de Lúcia. O grupo também insinua a existência de 'segredos' para com os psicoterapeutas, o que impediu que soubessem mais detalhes sobre as vivências externas do grupo. Pode-se pensar na formação de 'coalizões' (Fonseca, 1988) de 'contradependência' (Kepner *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980) em relação aos facilitadores. Analisando esta sessão, os psicoterapeutas se questionam se é válido insistir junto a Wilson para que este se expresse de forma mais pessoal, pois isto pode reforçar, como reação, a resistência.

10ª sessão: com exceção de Poliana, os demais participantes estão presentes. O grupo começa com uma conversa informal, de cerca de meia hora, principalmente sobre filmes e infidelidade.

Alice conta sobre um encontro amoroso que teve com um colega, marido de uma amiga. Diz ter sentido uma mistura de sentimento de culpa e de satisfação, com a predominância do primeiro, especialmente quanto ao fato de não estar sendo 'legal' com a amiga. Isto a lembrou do que sentia quando o seu ex-marido tinha casos extra-conjugais. Ressalta o fato de estar confiando o fato ao grupo, pois não o contou nem mesmo à sua melhor amiga. Diz ter dificuldade de conviver com o 'cara' após o ocorrido. O grupo inicia uma discussão sobre infidelidade, especialmente entre os homens (Ricardo, Armando e Wilson).

Ricardo fala de sua dúvida sobre a questão da infidelidade e trata amplamente sobre seu relacionamento com a esposa. Inicialmente, descreve-a como sendo temperamental e explosiva, e, mais adiante, como racional, 'fria' com ele, costumando colocá-lo 'lá em baixo' e não reconhecendo seu 'lado bonito'. Confessa ter dificuldade de expressar agres-

sividade, dando exemplos de situações nas quais perdeu a 'consciência', explodindo agressivamente. Percebe uma divisão dos filhos: o mais velho com ele e o mais novo com a esposa. Compara seu relacionamento com esta a uma 'corrida em paralelo', faltando vínculo entre eles. Diz estar em dúvida se vai ao encontro da ex-namorada estrangeira, com a qual não tem contato há 18 anos. Ricardo parece lamentar as coisas boas perdidas em seu casamento, tendo mesmo proposto à esposa que fizessem psicoterapia de casal. Diz ter sido mais fácil do que imaginara expor suas questões ao grupo, achando que tem conseguido atender a suas necessidades junto aos demais participantes.

Armando confessa ter dormido durante boa parte do relato de Ricardo, mas diz que se 'tocou' com fatos que têm a ver com ele.

Esta sessão reforça a impressão dos psicoterapeutas de que o grupo vem desenvolvendo sua capacidade de compartilhar confiantemente sua intimidade, arriscando criar um sentimento de interdependência. Talvez seja sintomático disto que os 'trabalhos' venham sendo menos difusos, centrando-se em poucas pessoas a cada vez, o que pode indicar que os demais participantes podem apreender cooperativamente sem intervenções diretas. Apesar disto, corre-se o risco de participantes, como Armando, evitarem se deixar atingir pelas vivências dos demais. A expressão de sentimentos ligados à sexualidade exige confiança e intimidade mútuas, e, neste grupo, pressupõe o reconhecimento de outros desejos, que, no caso, tocam na questão da infidelidade, discutida nesta e em outras sessões. Por sua vez, Wilson tem estado mais calado, menos 'inquisidor' e com algumas manifestações mais pessoais.

11ª sessão: apenas Armando falta, mais uma vez sem aviso. Os participantes grupais vão chegando aos poucos, primeiro as mulheres e depois os homens.

Poliana informa que, infelizmente, vai ter que deixar o grupo, pois conseguiu boa oportunidade de trabalho num estado sulista. Vê esta oportunidade como um desafio, não pretendendo utilizar seus 'enfeites' (mentiras) e deseja reencontrar o filho. Acha que, aqui, vivia sob o 'princípio do prazer', fazendo ou deixando de fazer o que queria. Crê que, no sul, terá a possibilidade de uma vida mais pautada pela realidade. Destaca a importância do grupo: pôde tirar os 'enfeites' e ser aceita, as pessoas podendo gostar mais dela, e ela abandonando sua tendência de julgá-las pelas aparências e recebendo o que cada uma tinha para lhe dar. Pretende ser mais verdadeira com as pessoas, sem a arrogância que utilizava, reconhecendo o que não sabe.

São dados muitos 'feedbacks' a Poliana:

- Ricardo: diz ter certeza de que Poliana vai se dar bem;
- Márcia: confessa não ter gostado de Poliana no início, achando-a muito 'besta', mas não 'superior'. Passou a gostar da mesma quando esta tirou seus 'enfeites';
- Ernesto: recomenda que Poliana não descarte todas as suas defesas;
- João: destaca o importante papel de Poliana como facilitadora de maior intimidade entre os participantes;

- Ana: adverte que, apesar do aspecto 'festivo' das mudanças de Poliana, é preciso enfrentar outros aspectos também reais, como os seus temores. Faz indicações de psicoterapeutas no local onde Poliana irá morar.

Poliana descreve contos que escreveu, entre os quais um sobre um assalto à casa de seu pai e de sua madrasta. A partir disto, Alice relata uma tentativa de estupro de sua filha, quando esta tinha apenas 6 meses, tendo Alice reagido ao assaltante de sua casa. Conta, com muita emoção, das consequências desagradáveis de tal fato, tendo ficado em estado de 'choque' por 3 meses. João registra que o grupo está compartilhando situações vivenciadas de risco. Vânia solicita espaço para expor um fato acontecido na semana anterior: sentiu-se mal no trabalho ao saber de uma grande tarefa que teria que fazer, temendo não dar conta. João e Ana tratam com Vânia das polaridades de onipotência e impotência, bem como da sua síntese dialética, sua potência real, e das alternativas que Vânia teria para colocar limites em seu espaço de trabalho, da mesma forma que conseguiu fazê-lo em casa.

Indagada por Vânia, Márcia relata seu rompimento com o namorado, em relação a quem tinha sofrido 'quedas' e 'descidas ao fundo do poço', 'caindo na lama' (quedas reais e momentos de depressão). Ana e João destacam ser necessário ter 'fôlego' (coragem e disponibilidade) para ir ao 'fundo do poço' e para contactar com a própria dor, sem precisar 'cair'.

Ao final da sessão, Poliana declama o poema 'Volta à Casa Paterna' para o grupo. Os presentes despedem-se de Poliana, havendo troca de endereços. São tratados também assuntos financeiros com o grupo, baseados em 'contrato' acertado no início da psicoterapia.

Esta é uma sessão essencialmente feminina, sendo todos os 'trabalhos' psicoterápicos centrados nas mulheres, com os homens bastante silenciosos, quando não ausentes (Armando). Talvez uma expressão deste tom feminino se manifeste através dos contos e da poesia descritos por Poliana e pelas metáforas utilizadas por Márcia e pelos psicoterapeutas. A sessão apresenta dois fatos significativos: a saída de Poliana e a vivência de impotência, luta, angústia e perda. Estes fatos indicam provavelmente uma certa maturidade do grupo para lidar com sentimentos negativos, compartilhando-os e cooperando entre seus membros no sentido de buscar coletivamente a sua solução. Pode-se pensar também em uma antecipação da 'morte' do grupo (angústia), reagindo este através da expressão de sentimentos associados a situações de perda, violência, agressão, desamparo, depressão etc. Torna-se importante observar as repercussões da saída de Poliana.

12ª sessão: com todos presentes, o grupo inicia conversa informal, de cerca de meia hora, sobre temas 'lúgubres', a partir de questão levantada por Márcia, que afirma possuir porte de arma e discute a possibilidade de vir a fazer uso da mesma.

Vânia diz estar insatisfeita com o grupo, achando as sessões monótonas. Sente vontade de fazer psicoterapia individual, pois ficaria mais à vontade e teria mais confiança para se expor. Solicita o uso de técnicas que movimentem o grupo. Sente dificuldade de expor 'coisas pequenas' ao grupo. Deseja saber a opinião do restante do grupo, mas não há quase nenhuma manifestação dos demais participantes. Ernesto e Alice queixam-se da falta de seqüência no grupo. Abruptamente, Vânia desiste de continuar com o assunto.

Alice conta que decidiu separar-se oficialmente do marido, reivindicando todos os seus direitos, após verificar a impossibilidade de conviver novamente com o mesmo; acha que seu 'caso' com o marido da amiga a ajudou a tomar esta decisão. Comunica sua renúncia à presidência da associação profissional à qual está vinculada, em virtude de problemas políticos internos. Fala de sua insatisfação com a estadia de três de seus irmãos em sua casa: queixa-se do aumento das despesas, da invasão de sua privacidade e de que dois deles poderiam contribuir com os gastos e não o fazem. Sente vontade de que eles saiam, mas não sabe como lhes falar. Armando faz várias intervenções, sugerindo a Alice que colocasse os irmãos para fora, como única forma de solucionar o caso (rever a 2ª e 3ª sessões, quando Armando despediu seu funcionário, a partir de 'dica' de Alice).

O grupo parece vivenciar a 'ressaca' da saída de Poliana, que proporcionava energia e vivacidade às sessões. Os temas 'lúgubres' (violência, insatisfação, monotonia, interrupção, separação, renúncia) predominam: Wilson parece estar meio à parte e Ernesto dorme durante parte da sessão. A dificuldade de lidar com a perda e o luto parece levar o grupo a recuar a uma posição anterior, a 'fase de controle' (Schutz, 1978) ou de 'influência e contradependência' (Kepner *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980), retomando regras implícitas: não aceitação de colocações 'pequenas' e infantis e expectativa de que os facilitadores 'salvem' o grupo do tédio que vivencia através de soluções 'mágicas' (técnicas). Vânia expressa a ambigüidade de todo o grupo: dá mostras de querer estar no grupo, desenvolvendo mesmo novos vínculos, e, ao mesmo tempo, insatisfação e desejo de deixar o grupo.

A partir desta constatação, os psicoterapeutas cogitam de propor a utilização do 'sociograma' (representação espacial e dinâmica das estruturas real e ideal do grupo, bem como da proximidade e distância entre os participantes), da forma mais não-verbal possível (evitando intelectualização), na próxima sessão, o que será efetivado apenas na 17ª

e última sessão, como forma de avaliação do processo psicoterápico grupal.

13ª sessão: apenas Wilson não está presente.

Ernesto sugere que o grupo 'comece' mais diretamente. Conta que, num grupo de psicoterapia do qual participara, inicialmente havia silêncio, a partir do qual as pessoas se colocavam. Concorde com Vânia (que ainda não havia chegado) sobre a falta de continuidade do grupo. Percebe-se uma clara dispersão dos participantes durante as colocações de Ernesto, fato que se repete novamente. Ernesto ressalta que nem todos estão presentes, mas que, mesmo assim, está se colocando. Parece querer evidenciar o esforço de sua parte. Armando relata suas dificuldades no relacionamento conjugal: sente-se sexualmente desinteressado pela esposa, achando que existe formalidade, falta de intimidade e de diálogo entre eles. Ricardo faz várias indagações, sendo parcialmente acompanhado por Ernesto, Vânia e Alice (todos casados). Armando confessa ter aventado a possibilidade de se separar, mas acha que a esposa se desestruturaria. João ressalta que, em um grupo anterior do qual participaram, Armando expressara surpresa com determinadas atitudes da esposa e como as pessoas destacam o desempenho desta quando da ausência dele. Armando discute com o grupo as posições sexuais que ele e a esposa utilizam (a chamada 'tradicional' ou 'mamãe-papai') como sendo infantis e 'incestuosas'. Conta que fez tentativas de inovações sexuais, mas, devido a resistências da esposa, desistiu. A partir de discussão do grupo, constata o pouco diálogo entre o casal, não conversando sobre seus problemas sexuais ('tema proibido'), a não ser através do uso de bebidas alcoólicas, criando um 'espaço mudo' entre os dois. João destaca ser esta a primeira vez que o grupo trata explicitamente sobre problemas sexuais. Armando diz fantasiar sobre as reações da esposa aos seus 'mal feitos', levando-o a programar sua própria reação, tornando-se irri-

tado previamente. Conta que a esposa calou-se quando ele perguntou se ela se sentia oprimida. Os psicoterapeutas sugerem que Armando busque criar um espaço para a discussão destas questões com a esposa, expressando seus sentimentos positivos e negativos.

Ricardo (principalmente) e Ernesto parecem se identificar em alguns aspectos com Armando. Ernesto fala de ameaças de abandono por parte da esposa e Ricardo discute sua necessidade de também buscar a criação de um espaço entre a esposa e ele.

Após algum tempo, Vânia confessa que, após a sessão anterior, evidenciou que suas dificuldades com o grupo ligavam-se à carta enviada pelos psicoterapeutas (principalmente João) a Lúcia, quando da saída desta. Teme ser 'rejeitada' como acha que Lúcia foi. Acha que 'abandonou' o grupo, isolando-se, e relaciona tal fato aos desmaios que teve quando se deparou com dificuldades no trabalho. Lamenta o tempo perdido com esta atitude. João e Ana, confirmada a hipótese sobre a relação entre o distanciamento de Vânia e a saída de Lúcia, afirmam a Vânia a existência de um espaço para ela, compreendendo seus sentimentos em relação a Lúcia e à 'perda de tempo'. Destacam a importância de que Vânia se diferencie de Lúcia (eliminação da confluência) e a expectativa de que utilize o espaço 'reconquistado'.

Diferentemente da 11ª sessão, esta é uma sessão essencialmente masculina, com a participação de todos os presentes (com exceção de Wilson, que não compareceu), até mesmo de Ernesto (apesar da pouca efetividade de suas colocações e das repercussões destas no grupo). Parece sintomática do 'estágio de intimidade e interdependência' (Kepner *in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980) ou de 'afeição' (Schutz, 1978) a expressão mais direta das questões ligadas à sexualidade, e os homens, em nossa cultura, tendem a estar mais à vontade para tratá-las. Destaque-se também o 'retorno' de Vânia, após um período de distanciamento, podendo enfrentar os con-

flitos com o grupo e os psicoterapeutas, inserindo-se novamente na vivência coletiva de forma mais integrada.

14ª sessão: não estão presentes Ricardo e Ernesto.

Alice relata sobre processo criminal acionado contra ela, por acidente de trânsito ocorrido no ano anterior, que se encontra em andamento na Justiça Pública, sendo acusada de lesões corporais. O grupo faz diversas perguntas e sugestões. Alice diz ter necessidade de descanso e de ser acolhida, tendo dificuldade de pedir, não querendo incomodar os demais. Vânia aproxima-se dela e lhe acaricia a cabeça, não sem antes 'consultar' os psicoterapeutas se poderia fazê-lo. Alice parece não aproveitar totalmente a acolhida de Vânia. Com exceção de Márcia, os demais se aproximam de Alice, alternando-se no cuidado com ela. Alice tem dificuldade de respirar, sentindo-se angustiada, com vontade de chorar, sem conseguir, mantendo a respiração curta. O cuidado com Alice dura até quase o final da sessão, quando sua respiração torna-se mais profunda e tranqüila, relaxando e dormindo.

Márcia permanece em seu canto, chorando. É inicialmente acolhida por Wilson, que avisa Ana, que também se aproxima. Márcia diz estar cansada de manter sua imagem de 'forte', percebendo que existe dificuldade dos outros em acolhê-la quando se sente 'fraca'. Conta que fica rindo no grupo quando, na verdade, está se sentindo exatamente ao contrário. Sente-se deprimida, sem ânimo para a vida. Acha que está incomodando Ana, que poderia estar acolhendo Alice. Diz-se cansada de receber 'migalhas' dos homens com quem se relaciona.

O grupo, pouco a pouco, se junta e conversa sobre a proposta de um 'grupo de encontro' a acontecer no final de semana, fazendo comentários jocosos sobre os psicoterapeutas (principalmente João).

Apesar da necessidade de maior acolhida e intimidade, os participantes do grupo parecem tender a esperar que o contato físico 'aconteça' ou que alguém o ofereça. Pode-se pensar que o grupo ainda resguarda expressões das primeiras fases, de 'inclusão' e de 'controle' (Schutz, 1978) ou de 'identidade e dependência' e de 'influência e contra dependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980), mantendo sua imagem de 'forte' (Alice e Márcia), ou ainda pedindo 'permissão' dos psicoterapeutas para fazer o que deseja (Vânia). De qualquer forma, esta sessão apresenta os primeiros contatos físicos diretos e espontâneos entre os membros grupais.

15ª sessão: pela terceira vez, todos estão presentes.

Ricardo relata viagem mal sucedida para se encontrar com a ex-namorada. Não sentiu-se nada bem, achando que estava traindo a esposa, voltando para casa antes do programado. Afirma ter ido em busca de afetividade. A volta para casa também foi ruim, pois sente-se conferindo as suas possibilidades no casamento, ele e a esposa investindo na relação. Enquanto Ricardo fala, Alice preocupa-se constantemente com a possibilidade de suas roupas permitirem que os demais participantes vislumbrem suas peças íntimas, com alguns comentários jocosos de Armando a este respeito. Vânia diz que, quando consegue conversar com o marido, as coisas melhoram. Sente falta de novidade no casamento e teme que este perca o sentido. Acha que precisa do 'ombro amigo' de um homem. Esteticamente, diz não aceitar sua própria barriga, apesar do marido não se queixar da mesma. Ana sugere que Vânia confira como se sente em relação aos homens do grupo. Vânia coloca-se sempre em situação de desvalorização perante estes, sentindo-se mais próxima de Ricardo; também em relação às mulheres, seu comportamento depende da reação alheia.

Ernesto conta ter se sentido pressionado a falar na última sessão a que veio, o que o levou a faltar à sessão passada. Alice lhe diz que tem dificuldade de compreendê-lo.

CATIVO

Os psicoterapeutas destacam o pouco investimento de energia, por parte de Ernesto, no que deseja: para ser compreendido, no trabalho, no casamento, para dizer 'não'. Ernesto acha que sua falta está relacionada a uma situação vivida em outro grupo, no qual se sentiu julgado. Os psicoterapeutas mostram-lhe o contraste entre seus pedidos para ser 'puxado' e sua evitação quando isto acontece, gerando pouca intimidade com o grupo e pouco investimento neste sentido.

Alice relata experiência muito boa no grupo de encontro, no final de semana anterior, no qual ela e João estavam presentes. Afirma ter sentido, em alguns momentos, extrema solidão, percebendo sua dificuldade de pedir ajuda. Sentiu falta do grupo. Conta ter assistido um filme de vídeo em que aparece e que ficou 'arrasada' por se ver tão gorda e descuidada. João e Ana salientam que, apesar disto, percebem-na entrando em contato com sua sensualidade e com o cuidado consigo mesma, usando roupas mais 'provocantes' e que, em seu trabalho, lida com o corpo das pessoas. Alice brinca, dizendo ao grupo que foi 'judiada' por João, que não a 'socorreu' em sua solidão.

Ricardo propõe a realização de um grupo de final de semana, mas nada é decidido concretamente. João registra, ao final, a ausência de manifestações por parte de Wilson e de Márcia.

As relações homem-mulher vêm sendo a tônica crescente no grupo e o tema da afetividade começa a aparecer, ainda muito ligado à questão da sexualidade e, em parte, 'provocado' pelos psicoterapeutas. Armando tem tido mais participações relacionais, desapegando-se mais de si mesmo e fazendo comentários sobre os companheiros de grupo, enquanto Ernesto mostra-se claramente deflexivo,⁴⁰ não expressando expli-

40. A 'deflexão' diz respeito à não utilização da própria energia do organismo para o contato, gerando um desvio desta para atitudes pouco produtivas.

citamente seus desejos. O grupo, através de Ricardo, expressa o desejo de se reunir em outra situação ('grupo de encontro' de final de semana), mas parece não haver energia bastante para investir em sua concretização.

16ª sessão (penúltima): faltam Ernesto e Ricardo. Há grandes atrasos e a sessão começa depois de quase uma hora, tratando de amenidades. Após várias sessões chegando atrasado, Wilson é o primeiro a chegar; Vânia e Alice chegam depois.

Incitada por Alice, Vânia conta ter sido assaltada em uma 'boutique'. O assalto aconteceu quando estava experimentando roupas no vestiário e o assaltante, que não sabia de sua presença ali, havia prendido as demais pessoas noutra sala. Temendo ser surpreendida ali sozinha, apresentou-se ao assaltante. Contou também que assustou-se muito ao saber que seu pai tinha ido para o hospital (na verdade, como soube depois, para consertar instrumentos médicos). Disse também ter ficado decepcionada com os amigos (expectativa) por não tê-la elogiado por ter conseguido dançar dez músicas com o marido. Vânia acha-se 'infantil' e que 'regrediu', tornando-se mais insegura e sendo influenciada pela opinião alheia. 'Decidiu' (devido à oposição do marido) não participar do 'grupo de encontro' de final de semana.

Márcia expressa sua revolta com as concessões feitas pela mulher no casamento, dizendo de sua disposição de não se submeter a esta situação. Defende sua capacidade de se cuidar e de se sentir bem ao estar sozinha: 'já que ninguém se importa comigo, eu penso apenas em mim'. Conta que, quando menina, o pai criticava suas amigas como 'inferiores' a ela, fazendo-a ver-se como 'superior'. Diz procurar nos

homens uma 'Márcia', a 'superior'. Sente-se, muitas vezes, 'fabricada'. Responde agressivamente às intervenções do grupo, principalmente às dos homens (Wilson, Armando e João), depois desculpando-se por isso. Sente-se, ao mesmo tempo, uma 'merda' e 'super'.

João se refere às expectativas do grupo como tema principal desta sessão, a partir da vivência das 'polaridades' de segurança e novidade, superioridade e inferioridade, expectativa e frustração. O grupo 'decide', por desistência de alguns, não realizar o 'grupo de encontro'. Num encontro social após esta sessão, Ana encontra Wilson, que comenta sobre João, criticando-o por seu papel 'muito profissional' e dizendo de sua vontade de ter um grupo mais 'homogêneo'.

Com a proximidade de seu término, o grupo vivencia a perda do que deixou de ser vivido, o que parece fazer emergir suas contradições, polaridades e conflitos dialéticos. Isto gera contato grupal com as expectativas dos participantes e as conseqüentes frustrações e insatisfações pelo que, de fato, não aconteceu, as fantasias que cada um erigiu e a evidência dos contatos grupais realmente construídos, o eventual enfrentamento das novidades e riscos ou o temor de abandonar o tédio seguro. Ou seja, o grupo se vê 'forçado' a encarar suas semelhanças e diferenças, bases tanto da cooperação quanto dos conflitos humanos.

Assim, Vânia, apesar de seus progressos, não registra os passos dados, lamentando os insucessos e o não reconhecimento alheio, mantendo sua dependência da opinião dos outros. Márcia sente-se conflituada entre as introjeções das posturas de superioridade ('super') e de inferioridade ('merda') e a conseqüente necessidade de relacionamentos especiais. Alice permanece calada nesta sessão, apesar da recente experiência de acolhida do grupo e, por outro lado, se 'expõe' sedutoramente aos olhares dos homens do grupo, ao vir com uma saia curta. Armando, por sua vez, já consegue ouvir e cooperar com os demais. Wilson, apesar de, pela pri-

meira vez, chegar cedo ao grupo, não se permite expressar clara e diretamente sua insatisfação com o grupo e com um dos facilitadores, fazendo-o fora do contexto grupal.

17ª sessão (última): todos estão presentes, com exceção de Ernesto, que não avisou, apesar de termos sabido que estava viajando.

Alice discute com o grupo seu temor de falar em público, pois participará de um congresso em outro Estado. Armando propõe uma despedida festiva do grupo, em um bar. Com fim de avaliar o processo grupal, os psicoterapeutas propõem a realização do 'sociograma'. Como é impossível reproduzir todas as representações feitas pelos clientes, discutiremos as observações a partir dos dados registrados.

Ricardo coloca Alice deitada, próxima a Vânia, com as mãos cruzadas, e João mais afastado; põe-se a si mesmo com 'trânsito livre' no grupo; Márcia (meio rindo) e Wilson estão juntos; Ana está bem descontraída e Armando mais perto de Vânia e Alice.

Alice, Armando e Vânia colocam João e Ana juntos, sem evidenciar suas diferenças pessoais. Com exceção de Armando, todos põem Ernesto 'fora' do grupo. O afastamento de Wilson também é destacado por todos. Vânia expressou muitos 'gostaria': de encostar a cabeça no ombro de Ricardo (que toma a iniciativa de se aproximar, concretizando o desejo da mesma), de estar mais próxima de Márcia etc. Wilson e Márcia pedem insistentemente que João e Ana também façam o 'sociograma'. Alice faz a representação com mais afetividade. Wilson demonstra desagrado com a posição em que foi colocado pelos demais, expressando também seu incômodo com a 'distância profissional' de João. Márcia tenta fazer a representação de 'qualquer jeito' (desleixadamente), começando a

desvirtuar a proposta original, mas não continua. A presença de Poliana é destacada em quase todas as representações. Armando faz uma representação com pouca diferenciação entre os diversos participantes.

Ao final da sessão, Vânia, ajudada por Márcia, toma a iniciativa de festejar o encerramento da psicoterapia, com refrigerantes e 'pizzas'.

A equipe de psicoterapeutas destaca o subgrupo mais coeso, constituído por Ricardo, Wilson e Márcia, com possível e eventual inclusão de Alice, ou mesmo dos demais, o que possibilitou, provavelmente, a concretização de diferentes 'coalizões' ao longo do processo grupal.

Talvez seja interessante destacar que grande parte deste grupo (Ricardo, Márcia, Alice, Vânia, Wilson e Ernesto) participaram de psicoterapia grupal no semestre seguinte, tendo os dois últimos desistido após o período de avaliação e Márcia durante o processo grupal. Mais adiante, tentou-se um novo período de 'contrato', com a participação de Ricardo e Márcia, mas que não evoluiu, tendo os próprios psicoterapeutas desistido de lhe dar continuidade, devido a ter havido pouca procura da clientela.

Analisando esta última sessão e o processo grupal como um todo, o grupo parece, muitas vezes, mais 'social' do que afetivo. Há indicações da existência de afeto, mas frequentemente pouca expressão do mesmo. Da mesma forma, o grupo utiliza pouca energia para modificar ou transformar as relações interpessoais entre seus participantes, limitando-se a constatar a aceitação ou não-aceitação do outro. Assim, o grupo solicita comprovações de amor, interesse, atenção, e, quando as recebe, parece não registrá-las. Pode-se perceber diferentes níveis de cooperação e de expressão dos estágios grupais entre os vários participantes, em diversos momentos. Muitas vezes, tem-se a impressão de que o grupo funciona por avanços e recuos. Alguns participantes parecem ter um pro-

gresso mais ou menos crescente; outros reproduzem o que foi referido acima, num movimento de 'vai-e-vem', sem mesmo perceber seus sucessos e fracassos; outros mais simplesmente resistem ou evitam a disponibilidade da equipe de facilitação e dos co-participantes de receber a expressão de sua atualidade existencial, temendo o risco da assimilação da síntese de novas experiências.

Neste contexto, os facilitadores constituem frequentemente um 'pano de fundo' consultivo que, muito mais do que intervir e propor soluções, permite ao próprio grupo facilitar cooperativamente o processo de constituição do seu 'vir-a-ser'. Portanto, o papel social da equipe psicoterápica é assumir o seu poder institucional previamente outorgado, utilizando-o no sentido de que os participantes do grupo possam se inserir no 'estágio de inclusão' ou de 'identidade e dependência', atravessem os prováveis conflitos do 'estágio de controle' ou de 'influência e contradependência', e facilitando, através da renúncia a este citado poder, o desenvolvimento de atitudes cooperativas, característico do 'estágio de afeição' (Schutz, 1978) ou de 'intimidade e dependência' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980).

Deve-se esclarecer que o processo psicoterápico grupal aqui exposto ocorreu em época bastante anterior àquela em que os pressupostos e preocupações desenvolvidos nesta dissertação se tornaram marcantes em nossa forma de atuação. Assim, podemos destacar, numa espécie de auto-crítica, algumas observações à luz das questões tratadas neste trabalho:

- (1) Os psicoterapeutas não explicitam as inegáveis conexões entre as vivências subjetivas dos clientes participantes do grupo e as determinações concretas e objetivas a que estão submetidos; ou seja, sua ação ideológica, vinculada aos interesses e necessidades de classe (média, no caso da maioria - sabidamente submissa aos interesses da classe dominante), o que possibilita a manutenção

de sua alienação no sistema social (capitalista) em que vivem;

- (2) Também não há uma análise da inserção do grupo na instituição a que este se vincula, até porque esta instituição se encontra diluída nas figuras de autoridade dos próprios psicoterapeutas. As relações de poder entre psicoterapeutas e demais participantes, quando são analisadas, são tratadas de forma pessoal, o que é importante, mas são feitas sem uma clara vinculação com as costumeiras formas de dominação que se reproduzem no grupo como reflexo das relações sociais mantidas em nosso contexto;
- (3) Eventualmente, são analisadas as histórias de vida de cada membro do grupo, porém sem uma compreensão aprofundada destas como uma condensação de papéis assumidos e desempenhados historicamente no processo grupal;
- (4) A pouca profundidade da análise do desempenho de papéis freqüentemente impede a clara percepção da luta pelo poder, das relações de dominação, das oposições, negações, contradições e, principalmente, da negação da negação, que constitui a essência da dialética grupal e que possibilita sua transformação;
- (5) Conseqüentemente, a análise do mascaramento da ação e interação grupais fica comprometida, mantendo ainda o grupo numa perspectiva isolacionista, fragmentada e individualista (ideologicamente determinada) e impedindo-o de se considerar enquanto uma comunidade de vivências comuns e compartilhadas;

- (6) Pelo menos em parte, não deve ser por acaso que o grupo não atinge um nível de consciência da interdependência e das possibilidades de cooperação de seus participantes em sua totalidade. Há membros em processo de conscientização, enquanto outros resistem à mudança propiciada pelas intervenções psicoterápicas e pela ação do grupo;
- (7) Ilustrativas disso, as intervenções dos psicoterapeutas ainda priorizam o enfoque intrapessoal, e, eventualmente, abordam as relações interpessoais que ocorrem dentro do grupo. Apenas raramente, o grupo é tratado como totalidade, sem um devido destaque aos determinantes externos de suas vivências internas; a cooperação, se e quando ocorre, se dá, em grande parte, devido ao acaso da disponibilidade dos participantes, ou, muito esporadicamente, à sutil facilitação dos psicoterapeutas, através de uma indução incentivadora, que poderia ser mais enfática e efetiva.

Esperamos, a partir destas observações, ter demonstrado que o processo de cooperação é uma construção ou produção grupal que nem sempre ocorre. As condições enumeradas acima parecem ser determinantes para que sua concretização se efetive, particularmente no tipo de grupos que descrevemos: os grupos vivenciais e psicoterápicos em gestalt-terapia. A concretização destas condições destacam o papel sócio-pedagógico dos líderes destes grupos como facilitadores de atitudes cooperativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

TUNG JÊN/COMUNIDADE COM OS HOMENS

—
— Acima CH'IEN, O CRIATIVO, CÉU

—
— Abaixo LI, O ADERIR, FOGO

—
—

...A verdadeira comunidade entre os homens deve basear-se em interesses de caráter universal. Não são os propósitos particulares do indivíduo, mas os objetivos da humanidade que criam uma comunidade duradoura entre os homens. Por isso se diz que a comunidade com os homens em espaço aberto tem sucesso. Quando prevalece esse tipo de união, deve-se levar a cabo até mesmo tarefas difíceis e perigosas, como a travessia da grande água. Porém, para que se possa formar uma tal comunidade, é necessário um líder perseverante e lúcido que tenha metas claras, convincentes, que despertem entusiasmo e que possua força para realizá-las. (O trigramma inferior significa claridade, o exterior significa força.)

I CHING. O livro das mutações

Ao longo das páginas anteriores, seguimos uma trilha intrincada mas, nem por isso, ilógica. A pouca maturidade das práticas psicológicas parece justificar sua história tortuosa e, por vezes, confusa. Um dos objetivos desta dissertação foi tentar descrever e analisar as práticas grupais, e, particularmente, esclarecer a evolução e as transformações da cooperação nos grupos gestálticos, a partir de uma perspectiva histórico-crítica.

Num primeiro momento, baseados no entendimento de que toda prática psicológica está vinculada a um contexto social, buscamos compreender como a questão da cooperação tem sido tratada no seio da psicologia social. Analisando criticamente sua história, a partir de diversos autores (Hiebsch & Vorweg, 1980; Lane, 1987a; Pariguin, 1972; Predvechni & Sherkovin, 1986) de orientação materialista histórica e dialética, pudemos perceber o surgimento da investigação psicossociológica como uma expressão das necessidades da sociedade capitalista, dominada pela classe burguesa. Mesmo na filosofia da Antiguidade clássica, já se discutia por conta de duas perspectivas opostas: a 'individualista' e a 'coletivista', centradas, respectivamente, no pensamento de Aristóteles e de Platão. A partir destas duas perspectivas, na Idade Moderna, sob a influência do cristianismo e com o advento do capitalismo, desenvolve-se, por um lado, uma vertente 'individualista' ou baseada no 'livre arbítrio' (em Hobbes, Smith e Bentham), e, por outro lado, uma vertente 'sociocêntrica' (em Shakespeare, Machiavelli, Vico e Proudhon).

Para Hiebsch & Vorweg (1980), a psicologia social torna-se uma disciplina independente na segunda metade do século XIX, sob orientação burguesa, como psicologia individual, de inspiração materialista mecanicista, ignorando propositadamente as contribuições de Marx e Engels. No apogeu imperialista do capitalismo, no final do século passado, com a massificação do proletariado e a exacerbação da luta

de classes, surgem, na psicologia social burguesa, três teorias que buscam explicar estes fenômenos:

- a psicologia dos povos, particularmente na Alemanha (em Hegel, Humboldt, Lazarus, Steinthal, Wundt e Geiger), que advogava a existência de uma alma supra-individual, subordinada ao povo ou à nação;
- a psicologia das massas, na Itália e na França (em Sighele, Le Bon e Tarde), que atribuía as lutas espontâneas do proletariado à imitação e à afetividade irracional;
- as teorias do comportamento social como instinto, na Inglaterra e nos Estados Unidos, no início do século XX, e principalmente em McDougall, que explicavam o comportamento humano, especialmente o social, como 'disposições psicofísicas' ou 'instintos'.

Pariguin (1972) aponta o nascimento da psicologia social em 1859, com Steinthal e Lazarus, e seu assentamento como ciência independente entre 1930 e 1940. Afirma que, após os anos vinte, e particularmente após a II Guerra Mundial, há uma crescente ramificação da psicologia social burguesa, uma diminuição do interesse pelas questões teórico-filosóficas e um predomínio das tarefas aplicadas, principalmente quanto aos pequenos grupos sociais.

Predvechni & Sherkovin (1986) atribuem a fundação da psicologia social a Tarde, Le Bon e McDougall, destacando, nos anos vinte, o surgimento da psicologia social experimental, empirista, bem como a centralização na investigação dos pequenos grupos.

Assim, a psicologia social ocidental tem, até a atualidade, desenvolvido uma série de teorias de alcance inter-

mediário, destacando-se como a vertente mais difundida a investigação acerca da dinâmica dos pequenos grupos. A maioria destas teorias adota uma perspectiva empirista restrita, que compreende a sociedade e as classes sociais como grupos, escamoteando seus conflitos numa aparente homogeneidade social. Entretanto, algumas teorias, como a psicologia gestaltista - poderíamos estendê-la às suas aplicações psicoterápicas no 'processo de grupo gestáltico' - buscam posições menos rígidas e ortodoxas, incluindo entre seus objetos de estudo a interação entre indivíduos e sociedade. Porém, mesmo esta perspectiva, que recebe influência da metodologia fenomenológica, ainda tende a compreender a sociedade e as classes sociais como meros grupos.

No extinto bloco socialista, o desenvolvimento da psicologia social foi dificultado por entraves vários, desde o óbvio reconhecimento de que toda psicologia é social até o fato de que o desenvolvimento de uma ciência psicossocial seria desnecessário por já ter sido investigada por outros ramos científicos, como o próprio materialismo histórico e dialético. Por outro lado, é neste bloco que a questão da cooperação grupal tem sido mais profundamente explorada, o que justifica o apoio buscado neste referencial para os estudos aqui realizados.

Na América Latina e particularmente no Brasil, as investigações psicossociológicas oscilaram entre as perspectivas pragmática e empirista, oriundas dos Estados Unidos, e a perspectiva fenomenológica abstrata, européia. No entanto, a partir do final dos anos setenta, questionamentos foram feitos acerca destas duas perspectivas, surgindo propostas concretas dirigidas ao trabalho comunitário e ao movimento sindical, às especificidades da realidade social, ao cotidiano e à subjetividade daqueles que receberiam a intervenção efetiva dos psicólogos sociais, sem, no entanto, incluírem a investigação acerca dos partidos políticos, por exemplo, e de instituições ideológico-políticas sem vinculação partidária.

Num segundo momento, buscamos definir cooperação. Várias definições destacam o fato de que a cooperação pressupõe o trabalho comum, uma certa organização das pessoas envolvidas e um mesmo objetivo. Marx (1985) destaca as vantagens do trabalho cooperativo sobre o individual por aumentar a força produtiva dos indivíduos e por criar uma força produtiva de massas. Alguns autores, como Pinto (1970), Mannheim (1962), MacIver & Page (1963) e Keller (1967), classificam a cooperação a partir de três critérios: quanto à vontade (espontânea ou voluntária e coercitiva ou forçada); quanto ao modo (direta e indireta); e quanto ao fim (competitiva ou antagônica e ecológica). Deutsch (1949a; 1949b) põe a realização dos objetos individuais, em uma 'situação cooperativa', na dependência da realização dos objetivos dos demais participantes do contexto grupal, e sugere a superioridade desta situação cooperativa por conta de várias hipóteses: maior percepção da dependência dos objetivos individuais aos coletivos; maior valorização da facilitação dos objetivos grupais e maior resistência aos impedimentos; maior sensibilidade às solicitações alheias e maior frequência de ajuda mútua e, após algum tempo, de coordenação de esforços; mais homogeneidade na quantidade de contribuições e participações e mais pressão para realizações coletivas; maior especialização de atividades e maior observação atenciosa dos sinais alheios; mais manifestação amistosa e produtividade qualitativa; maior porcentagem de funções grupais, mais avaliação favorável da produção grupal e melhor percepção da capacidade individual de influir nos demais participantes. Deve-se advertir que toda a classificação acima, apesar de ilustrativa, não esgota a necessidade de uma análise aprofundada do tratamento da questão da cooperação pela ciência psicossocial.

Constatando a maior possibilidade de ocorrência de atitudes cooperativas nos pequenos grupos humanos e sendo estes um campo psicossociológico de observação e investigação por excelência, voltamos para a análise de diversos estudos acerca dos grupos, enfocando particularmente as con-

dições e limitações para o exercício da cooperação em vários enfoques.

Destacando os trabalhos de Lewin (e de seus seguidores Festinger, Deutsch, Bavelas, Cartwright, Kelley, Lippit, Heider, Schachter e Thibaut) acerca das formas de liderança grupal e sua contraposição à ideologia fascista, Hiebsch & Vorweg (1980) questionam estes mesmos autores, e particularmente Moreno (1974; 1975), pela concepção dos pequenos grupos como 'modelo' para o estudo da sociedade e desta como um agregado de pequenos grupos. Estes grupos não são a unidade central, como faziam parecer estas teorias, mas são 'imagens' determinadas pelas relações sociais, sendo a sociedade a totalidade básica, a partir da qual são constituídos seus grupos, classes e indivíduos. As mudanças sociais interferem em todas estas instâncias menores.

Por sua vez, Lane (1986) enfatiza a cooperação como um processo educativo-preventivo das atividades comunitárias, tendo se tornado seu objetivo central, destacando a necessidade de reflexão sobre a origem das necessidades e atividades grupais. Lane (1987b) revê a noção de pequenos grupos, negando sua dicotomia em relação ao indivíduo, mas considera-os como condição de conhecimento das determinações sociais atuantes sobre este e como sujeitos históricos (mediação).

A partir desta perspectiva, pudemos questionar a concepção lewiniana de grupo como a-histórica, inserida numa sociedade também concebida como a-histórica, limitada ao desvelamento da história individual dos participantes entre si, tendo como função a definição de papéis e a identidade social dos membros, o que garantiria sua produtividade social. Assim, Lewin (1978) limitar-se-ia à aparência, conceituando liderança sem atentar às relações de poder, levando à reificação grupal - ou seja, como processo 'natural' e 'universal' - à reprodução da ideologia dominante, sem contextualizá-la histórica e institucionalmente.

Por sua vez, Horkheimer & Adorno (1978) fazem esta contextualização, percebendo o grupo como uma mediação entre indivíduo e sociedade, tendo sua estrutura formas historicamente variáveis.

Loureau (1975) propõe uma análise institucional das relações grupais, caracterizando o 'grupo-objeto' como aquele que sofre 'segmentariedade' com fins de justaposição de seus membros, e divisão do trabalho visando à hierarquização do poder. Apenas a análise transversal possibilitaria conhecer a 'segmentariedade', a autonomia e os limites grupais, possibilitando a transformação do 'grupo-objeto' em 'grupo-sujeito', o grupo que é consciente da mediação institucional.

A análise dinâmico-institucional de Lapassade (1983) determina as características grupais, que ocorreriam numa contradição entre 'serialização' - conceito advindo de Sartre, semelhante ao de 'segmentariedade', abordado acima - e 'totalização'. O reconhecimento da 'serialização' é essencial ao trabalho grupal, pois, apesar do objetivo comum, as relações entre os membros grupais são meramente um somatório. Lane (1987b) denomina de 'não-grupo' à 'segmentariedade' de Loureau e à 'serialização' de Sartre e Lapassade, definindo-o como um mero agrupamento, cujos motivos, necessidades e atividades são individuais e não produto da coletividade e da cooperação de todos os participantes grupais.

A proposta operativa de Pichon-Rivière (1986) é dialética e conscientizadora, mas idealista e tradicional, pois se, por um lado, busca capacitar ativamente o grupo a resolver suas dificuldades internas, a partir de situações cujas contradições são sistematicamente analisadas, por outro, não prioriza a contradição histórico-social fundamental, o que pode propiciar relações antagônicas de dominação, já que o líder é concebido como uma entidade em si, além das vicissitudes do grupo que coordena (Lane, 1987b).

Calderón & De Govia (1978) apresentam proposta próxima à de Lane (1987b), em que a produção grupal é obtida a partir de metas comunitárias, dependentes da cooperação dos participantes, o que levaria o grupo a passar por fases: o 'grupo aglutinado', de baixa produtividade, caracterizado por expectativas de propostas de ações conjuntas; o 'grupo possessivo', no qual o líder se torna um coordenador funcional, propiciando integração, conhecimento mútuo e participação de todos; o 'grupo coesivo', fechado, em que há aceitação recíproca, o líder ainda como coordenador, e as preocupações visam à manutenção da segurança alcançada; e, finalmente, o 'grupo independente', de liderança compartilhada, com a minimização das relações de dominação, tendendo à auto-gestão e à satisfação de suas metas, o que possibilitaria a criação de novas metas. Pode-se perceber a semelhança desta proposta com a do 'processo gestáltico de grupo', conforme Kepner (*in*: Feder & Ronall [orgs.], 1980). Entretanto, Lane (1987b) alerta que a mera caracterização de estágios grupais não garante a compreensão dos processos grupais, a superação das contradições e a conscientização dos membros do grupo, condição básica para que se tornem agentes históricos.

Conseqüentemente, pode-se levantar alguns pressupostos para o devido conhecimento do fenômeno grupal:

- necessidade de uma perspectiva histórica, que considere sua inserção social e seus determinantes econômicos, institucionais e ideológicos;
- por conseguinte, trata-se de um processo grupal e não apenas de um grupo;
- só uma análise histórica da forma de organização e da ação grupais permite compreender a manutenção ou transformação das relações sociais por parte do grupo (Lane, 1987b).

Assim, são necessários alguns passos nesta análise materialista dialética do indivíduo num processo grupal (evitando o estudo isolado dos pequenos grupos, que reforça a ideologia grupal como natural e universal):

1. Parte-se da compreensão de que se está tratando do homem alienado, que opera ideologicamente, numa sociedade capitalista, crendo ser livre, auto-determinado e consciente; suas ações e relações são restritas a papéis sociais, reprodutores do sistema dominante;
2. É necessária uma análise da inserção do grupo na instituição a que se liga, observando-se como se dão as vivências subjetivas e as determinações concretas relativas às tarefas;
3. É importante a análise da história individual dos participantes, mas sempre compreendendo-a como uma condensação dos papéis na história do processo grupal;
4. Deve-se concentrar na análise dialética do desempenho de papéis (nível das determinações concretas), além das vivências subjetivas, pois este é o espaço da reprodução da luta pelo poder e das relações de dominação, propiciando a emergência da oposição, da negação, da contradição e da negação da negação dialéticas do processo grupal;
5. A análise das vivências subjetivas e das representações ideológicas grupais permite refletir o grau de emersão (consciência prática) ou das determinações concretas;
6. Deve-se ter claro que os papéis sociais se manifestam tanto no nível das determinações concretas (reprodução das relações do sistema de dominação)

quanto no nível das representações ideológicas das vivências subjetivas (mascaramento).

Acompanhamos Lane (1987b) na detecção, a partir de alguns autores citados anteriormente (Calderón & De Góvia, 1978; Loureau, 1975), de categorias básicas para a análise do processo grupal:

- categoria de produção: a produção de necessidades induz a produção de relações grupais e o seu processo histórico como 'atividade produtiva';
- categoria de dominação: a sociedade capitalista brasileira reproduz sua infraestrutura através de mediações de relações de dominação, que, por sua vez, se manifestam, nem sempre transparentemente, em suas instituições e grupos. Faz-se necessária a análise das instituições mediadoras dos papéis reprodutores das relações sociais;
- categoria de grupo-sujeito: grupo cujos observadores-participantes analisam as contradições das relações de dominação, induzindo a auto-análise grupal;
- categoria de não-grupo: grupo cujas tarefas são meramente individuais ('segmentariedade' ou 'serialização') e de atividades não encadeadas para a produção; conseqüentemente, é um grupo que não produz a si mesmo. É o grupo típico de nossa sociedade, que apenas se reajusta, sem se auto-analisar.

Baseados nas idéias, categorias e perspectivas apresentadas, voltamo-nos, no capítulo II, para a descrição e a análise histórico-críticas da psicoterapia de grupo, da gestalt-terapia (a partir de Frederick Perls, sua história pes-

soal e das fontes e influências por ele recebidas), da proposta de trabalho grupal do criador deste enfoque e das possíveis implicações do mesmo.

Fundamentados principalmente em Kadis *et al.* (1976), Kaplan & Sadock (1983) e Rattner (1977), consideramos o marco inicial da psicoterapia de grupo o ano de 1905, com Pratt, em Boston (EUA), que formou grupos de pacientes tuberculosos hospitalizados. Seu método era basicamente pedagógico, através de leituras e incentivos, tendo influenciado a criação de grupos homogêneos mais recentes. Moreno, em 1910, na Áustria, cria o psicodrama, que se utiliza da representação de papéis e de situações existenciais para a conscientização dos conflitos e sua resolução, técnica até hoje aplicada. Em 1925, muda-se para os EUA, e, em 1931, cunha o termo 'psicoterapia de grupo', cujo objetivo seria libertar o 'proletariado terapêutico'.

Pautado em conceitos marxistas (especialmente o de 'luta de classes'), Adler, acreditando ser o 'interesse' ou 'sentimento social' a realidade vital do ser humano, criou grupos não-terapêuticos voltados para a comunidade, num clima de igualdade, abertura e discussão livre, no final dos anos dez. Marsh, nesta época, é considerado o pioneiro dos hospitais enquanto 'comunidades terapêuticas' para pacientes mentais, utilizando o método de Pratt.

Freud, no início dos anos vinte, publica obra acerca da psicologia coletiva, voltada prioritariamente para o indivíduo enquanto elemento de uma totalidade maior, enfatizando o papel do líder e aventando a possibilidade de avanços através da psicoterapia grupal. Nesta época, Burrow, nos Estados Unidos, propõe o termo 'análise grupal', destacando as qualidades deste método e criando, nos anos vinte, a primeira comunidade terapêutica não-institucional.

Nos anos trinta, Bierer, na Inglaterra, reuniu ex-pacientes psiquiátricos em 'clubes sociais' e 'comunidades te-

rapêuticas', vindo a fundar 'hospitais diurnos e noturnos' para casos mais brandos, sob 'tratamento situacional'. Wender combinou, num hospital, psicoterapia grupal e individual, bem como o método de Pratt com entrevistas terapêuticas. É considerado o introdutor do método psicanalítico na prática com grupos. Schilder, Slavson e Klapman aprofundaram a prática psicanalítica grupal, adotando a 'interpretação' como método principal, em hospitais para pacientes neuróticos adultos, internos e externos. Schilder propôs o conceito de 'ideologia neurótica' a partir da imagem do eu ou do corpo. Slavson desenvolveu o 'método ativo' em grupos recreativos infantis, atribuindo como princípios básicos a 'transferência', a 'catarse', o 'insight'. A 'prova da realidade' e a 'sublimação'. Em 1948, fundou a 'Associação Americana de Psicoterapia de Grupo'.

As décadas seguintes foram pródigas em propostas de práticas grupais. Destacamos Lewin e seus seguidores, no campo da psicologia social, e suas pesquisas sobre a liderança, a noção de 'campo' e a vida grupal, enfocando a 'dinâmica de grupo' como qualitativamente diversa da soma de seus componentes. A partir de sua influência, foram criados, desde 1947, os 'grupos-T', uma espécie de terapia para pessoas psicologicamente saudáveis, mas aberto a pessoas perturbadas, com fins de enriquecimento do processo educacional.

A partir da II Guerra Mundial, Foulkes, sob o enfoque psicanalítico, desenvolveu relações entre a vida passada e a situação presente dos pacientes grupais, descrevendo os sentimentos transferenciais entre os membros do grupo e destes para com o psicoterapeuta, destacando a psicoterapia de grupo como o melhor instrumento para a focalização prática das tensas relações entre o indivíduo e a comunidade.

Bion, na Inglaterra e nos Estados Unidos, no início da década de sessenta, concebendo o grupo como totalidade, descreveu as atitudes básicas de sua formação: dependência,

formação de pares, e luta e fuga. O papel do psicoterapeuta grupal seria interpretar oportunamente estas atitudes, facilitando o desenvolvimento da maturidade dos membros grupais, no sentido da responsabilidade por suas decisões e ações.

Em 1962, na Califórnia (EUA), é fundada a 'Comunidade de Esalen', centro de crescimento que desenvolve atividades, especialmente em grupos, muitas delas sob os referenciais fenomenológico-existenciais. Fritz Perls, o criador da gestalt-terapia, ali viveu, entre os anos de 1964 e 1969.

Destacamos o trabalho, especialmente a partir dos anos setenta, de Rogers (1970), o criador dos 'grupos de encontro', influenciando psicoterapeutas de vários referenciais, particularmente os de cunho humanista. Os grupos de encontro constituem um processo existencial que destaca o crescimento pessoal e o aperfeiçoamento da comunicação e das relações interpessoais. Apesar de ser considerada uma proposta ingênua e idealista, a influência de Rogers se faz presente, até hoje, em inúmeros trabalhos grupais.

Além de suas propostas e elaborações dentro da perspectiva psicanalítica, Grinberg, Langer & Rodriguê (1957; 1959) classificam as várias propostas de trabalho grupal:

- terapias exortativas paternais que atuam 'pelo' grupo: incluem a proposta de Pratt e de seus primeiros seguidores, que estimulavam e utilizavam as emoções grupais, sem objetivo de compreensão, centrando-se na figura 'paternal' do psicoterapeuta;
- terapias exortativas que atuam 'pelo' grupo com estrutura fraternal: incluem as propostas de Moreno, Marsh, Wender e Lazell, de dinamismo semelhante às citadas acima, mas restringem a influência do líder grupal através da homogeneização dos participantes, propiciando uma vivência fraternal;

- terapias individuais 'no' grupo: surgidas principalmente com a incorporação da interpretação psicanalítica, como em Slavson, Schilder e Klapman, buscam formar grupos homogêneos, analisando os conteúdos comuns aos vários membros grupais;
- terapias 'do' grupo: abordagens mais recentes, que tratam o grupo como totalidade dinâmica, tendo o fenômeno grupal como campo de investigação e de possíveis intervenções psicoterápicas em seus níveis intrapsíquico, relacional e grupal, além de refletirem as repercussões sócio-culturais sofridas pelo grupo do meio em que está inserido.

A história da psicoterapia de grupo revela também uma evolução quanto aos seus aspectos sócio-pedagógicos. As primeiras propostas de psicoterapia grupal eram eminentemente didáticas e exortativas, quando não repressivas. A inclusão da perspectiva psicanalítica na psicoterapia de grupo permite uma ampliação do enfoque sobre o indivíduo isolado para uma perspectiva interpessoal, mais precisamente uma ênfase aos aspectos pedagógico-familiares: o grupo enquanto uma 'família'. O advento de propostas várias, como as de Moreno (teatro da espontaneidade e representação de papéis psicodramáticos), Adler (interesse social), Burrow e Bierer (comunidades terapêuticas e tratamentos situacionais), Lewin (dinâmica de grupo e noção de campo) e Rogers (grupos de encontro), criou um vasto campo de atuação no que se refere às práticas grupais, especialmente entre as psicoterapias humanistas, que podemos caracterizar como uma pedagogia da vida, voltada para a utilização dos vários recursos disponíveis não só para as vivências pessoais, interpessoais e grupais, mas indo além das possíveis representações simbólicas e ideais; ou seja, tratando do contexto real em que estes grupos estão inseridos, suscitando não só a conscientização da reprodução das relações sociais de dominação no contexto grupal, como também o reconhecimento do poder de interferên-

cia, resistência, influência e ação do grupo sobre a sociedade.

É nesta última perspectiva que podemos incluir a gestalt-terapia, apesar de alguns limites quanto às suas iniciativas grupais, pelo menos na prática de seu criador, Frederick Perls, e de alguns de seus seguidores. Psiquiatra de origem judaico-alemã, Perls era um espírito irrequieto e instigante. Enfrentou os horrores das duas grandes guerras mundiais, o 'apartheid' sul-africano e a reativação do fascismo nos Estados Unidos, no final dos anos sessenta. De formação psicanalítica, incorporou, através de sua própria experiência, uma série de influências, que vão desde o teatro expressionista ao zen-budismo, passando pela análise do caráter e as 'viagens' alucinógenas. Perls, que se considerava um psicanalista medíocre, criou uma abordagem viva que, hoje, integra o rol dos referenciais psicológicos mais reconhecidos.

Reunimos em alguns pontos o conjunto de fontes e influências recebidas pela gestalt-terapia, particularmente pela figura peculiar de Fritz Perls:

1. Originalmente um psicanalista, durante anos, buscou contribuir com suas próprias formulações para o corpo teórico da psicanálise. Frustrado em seus intentos, adotou visões outras a partir de suas críticas à metodologia, técnica e concepção de homem freudianas. Mesmo assim, incorporou a valorização dos sonhos como um acesso ao inconsciente e à integração, o reconhecimento da importância das experiências infantis sobre o comportamento adulto, bem como das motivações agressivas e sexuais e a valorização da escuta atenciosa. Por outro lado, diferentemente da psicanálise, Perls priorizava a 'concentração' mais do que a 'associação livre', a 'conscientização' acima da 'interpretação', o material 'óbvio' sobre o 'recalcado', o presente e o

processo prioritariamente ao passado e a causalidade, bem como a 'homeostase' sobre as 'pulsões'.

De Reich, as influências foram tanto pessoais (Perls foi analisado por ele) quanto teóricas. Incorporou da análise do caráter a ênfase aos processos corporais, a concepção de 'couraça muscular' como uma resistência organísmica (psicofísica). A noção de 'retroflexão', em Perls, parece derivar deste último conceito de Reich.

É possível também fazer pontes entre a técnica ativa de Ferenczi e a proposta de Perls de que o paciente seja ativo e utilize suas forças no processo psicoterápico.

A influência de Schilder pode apenas ser inferida sobre a concepção de Perls acerca da psicoterapia de grupo. Fritz trabalhou com Schilder, em Viena, podendo ter incorporado seu modelo de psicoterapia individual (exortativo) 'no' e 'pelo' grupo.

2. A psicologia da gestalt funcionou mais como uma teoria de fundo para a gestalt-terapia, contribuindo com as propostas gestálticas para a arte e a educação. A ênfase exagerada que esta teoria deu à percepção fez com que Perls se afastasse dela por compreendê-la como uma posição positivista lógica. De qualquer forma, suas contribuições se referem principalmente à diferenciação entre 'figura' e 'fundo' e à semântica. A grande influência parece ter vindo de Goldstein, com quem Fritz trabalhou, adotando sua perspectiva organísmica. As proposições de Koffka e de Lewin acerca dos grupos parecem ter repercutido pouco sobre o criador da gestalt-terapia. Assim mesmo, Perls incorporou especialmente a idéia de 'situação' ou 'ges-

talt inacabada', tema freqüente nas sessões de gestalt-terapia.

3. As influências da filosofia fenomenológico-existencial sobre a gestalt-terapia são múltiplas, como são múltiplos os seus contribuidores. Perls, em vários textos, reconheceu esta influência, incluindo a gestalt-terapia neste referencial, apesar de não especificar bem suas fontes e de, muitas vezes, criticar seus expoentes. De Kierkegaard, parece ter absorvido a crença na subjetividade, que se expressa claramente nos textos de Perls. Mas o modelo de Fritz parece mesmo ter sido o 'filósofo maldito' Friedrich Nietzsche, com sua perspectiva acerca do 'trágico' como integração do 'apolíneo' (boa forma) e do 'dionisíaco' (caos), visando à realização do potencial humano. A noção de 'intencionalidade', de Husserl, o pai da fenomenologia, como uma característica da consciência, influenciou Perls a partir da crítica husserliana ao apego à objetividade por parte das ciências humanas e da psicologia positivistas. Buber desenvolveu esta concepção, tratando das categorias do 'diálogo' e do 'encontro' e da 'atitude Eu-Tu', presentes nos textos de Perls. De Heidegger, Perls parece ter incorporado a visão do homem como um 'ente', um 'ser-no-mundo', um 'ser-com', temporal, dotado de entendimento, sentimento e de linguagem. Apesar da pouca explicitação, podemos inferir a influência de Sartre, especialmente com sua ênfase à responsabilidade humana enquanto uma 'habilidade de resposta' quanto a seu próprio destino. Finalmente, outra inferência é a contribuição de Merleau-Ponty, com sua negativa da cisão corpo-alma nos estudos psicológicos, também presente nos escritos de Perls.

4. Uma influência que se deu mais por contraposição é a do behaviorismo, apesar de alguns elogios de Perls à sua ênfase ao 'óbvio' e ao 'aqui-e-agora'.
5. As experiências teatrais de Fritz, desde a infância, influenciaram sensivelmente sua prática psicoterápica, desenvolvendo sua perspicácia e sua capacidade de expressão das nuances de voz e de postura. É provável que estas experiências tenham-no levado a buscar outras práticas expressivas para enriquecer a sua, particularmente o psicodrama. As propostas gestálticas de dramatização assemelham-se, apesar de diferentes, às desta técnica baseada na representação de papéis.
6. O contato de Fritz com a filosofia oriental se deu desde a Alemanha, onde conheceu a teoria dialética da 'indiferença criativa', de Friedländer, desenvolvendo-a na África do Sul, em seu primeiro livro, 'Ego, Hunger and Aggression'. Perls fez ligações entre a concepção de 'gestalt' e a de 'Tao'. Mas é nos Estados Unidos e particularmente após sua viagem ao Japão que Fritz se aprofundou na filosofia oriental, expressando os contatos entre as duas perspectivas - a gestáltica e, especialmente, a do zen-budismo, vindo mesmo a ser considerado um 'guru', quando de sua morte, pelos adeptos do movimento da contracultura.
7. As posições políticas de Perls nunca foram muito explícitas, mas podemos inferí-las a partir de suas experiências de vida:
 - a rebeldia e a inquietação dos seus primeiros anos de vida, também detectáveis ao longo de toda sua existência;

- a participação nas duas guerras mundiais, particularmente na segunda, quando lutou contra as forças de seu próprio país;
- seu contato com o materialismo histórico e dialético, senão diretamente, pelo menos através de filósofos socialistas e libertários, particularmente os do grupo 'Bauhaus';
- suas ligações com Reich, que tentou unir as perspectivas freudiana e marxista;
- sua participação, antes da II Guerra Mundial, junto a socialistas e comunistas, no 'Colégio dos Operários';
- sua rejeição ao antisemitismo alemão e ao 'apartheid' sul-africano, que o levou a mudar sua trajetória;
- sua vinculação ao questionador pedagogo Paul Goodman, com quem escreveu, juntamente às contribuições prática de Hefferline, seu segundo livro, 'Gestalt Therapy';
- sua abominação à ideologia conservadora e reacionária de Nixon e de Reagan, que o fez buscar formas mais livres de viver no Canadá.

Destacamos, mais uma vez, as contradições sócio-políticas de Fritz, como se pode perceber em sua famosa 'oração gestáltica' (Perls, 1977a), acusada de 'individualista', bem como em sua perspectiva acerca das práticas grupais (Perls, 1977; 1977a).

Quanto a este último aspecto, vimos que Perls percebia como única vantagem da psicoterapia de grupo sobre a

psicoterapia individual o fato daquela ser mais econômica, esquecendo a sua qualidade de tratar relações mais amplas e de permitir acesso a um maior número de pessoas. Perls não percebia a profundidade das possibilidades da atitude facilitadora e cooperativa do psicoterapeuta grupal e do próprio grupo, limitando sua perspectiva ao encontro restrito entre psicoterapeuta e apenas um único paciente de cada vez. Sua abordagem era efetiva e eficiente, mas isolacionista e limitada, pois omitia a utilização das qualidades 'terapêuticas' dos grupos que conduzia. Da mesma forma, esta perspectiva impediu Fritz de se debruçar sobre as qualidades, fenômenos, temas, necessidades, comportamentos e níveis (regularidades) grupais. Por outro lado, louve-se sua tentativa, apesar dos limites de sua prática, de criar uma comunidade baseada em princípios gestálticos e cooperativos.

No capítulo III, vimos que, com a morte de Perls, em 1970, a gestalt-terapia, que se pautava pelo estilo de Fritz, sofre uma crise, vivenciando uma confusão teórico-prática, por conta da falta de clareza e de consistência da noção de 'auto-suporte' para o 'contato' e o 'retraimento' interpessoais. A gestalt-terapia era confundida com o estilo de Fritz Perls, cujo trabalho com grupos era centrado no psicoterapeuta, tendo os demais participantes como meros observadores, e feito com cada paciente por vez (Yontef, 1987).

Questionando a confusão de Perls entre independência e auto-suficiência e entre interdependência (que pressupõe cooperação) e confluência, os gestalt-terapeutas desenvolveram uma nova proposta de grupo, o 'modelo de crescimento pessoal', já não individualmente orientado, mas centrado nos relacionamentos no grupo. Este modelo trabalhava sob dois enfoques: experiências e tarefas de aprendizagem (pedagogia) e de mudança psicológica (psicoterapia). Entretanto, mesmo esta proposta, que não deixa de ser um avanço, reforça o 'culto do indivíduo', mantendo os participantes grupais dependentes do líder. Assim, surge o 'processo de grupo ges-

tático', claramente diferenciado da proposta original de Fritz Perls. Mantendo a dupla tarefa de aprendizagem e de mudança psicológica, este modelo trabalha os processos pessoais que ocorrem no grupo, os relacionamentos interpessoais que ali se desenvolvem e os processos grupais ou o 'grupo-como-sistema' (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980).

Esta nova perspectiva parece conceber o processo do grupo em termos de estágios de desenvolvimento, com necessidades e temas relacionados a cada um, tendendo a ocorrer na seguinte ordem (Kepner in: Feder & Ronall [orgs.], 1980; Schutz, 1974; 1978):

1. Estágio de identidade e dependência ou de inclusão: geralmente ocorre no início dos grupos, quando os participantes manifestam necessidade de pertencer ou de se afiliar, tratando de sua identidade, a dos demais participantes, a do líder e a do próprio processo grupal, desenvolvendo comportamento dependente do líder;
2. Estágio de influência e contradependência ou de controle: com o desenvolvimento do processo grupal, os participantes freqüentemente manifestam necessidade de expressar sua autonomia e sua autoridade, resistindo à dependência da fase anterior (contradependência do líder e do grupo). O tema mais comum é o questionamento do poder e da influência de cada um e especialmente do líder grupal;
3. Estágio de intimidade e interdependência ou de afeição: nem sempre os grupos atingem esta fase, pois é claramente uma consequência de um bom desenvolvimento da fase anterior. Suplantados os conflitos característicos do estágio de influência e contradependência ou de controle, o grupo expressa necessidade de intimidade, manifestando in-

terdependência e apoio mútuo entre seus participantes. É neste estágio que parecem se manifestar o contato e a cooperação reais.

Esta proposta de grupo pode ser incluída no que Fonseca (1988) chama de 'grupo vivencial', modelo que surgiu como um fenômeno característico da sociedade de consumo, mas que pode, por outro lado, servir como uma forma potencial de resistência à alienação e à manipulação típicas deste tipo de sociedade. Estes grupos propiciam um contato concreto com a transindividualidade e a capacidade de cooperação existentes nas pessoas, sendo uma instância mediadora entre a particularidade individual e a totalidade social.

Neste sentido, é essencial compreender que cada evento grupal ocorre em um ciclo, que se inicia com uma sensação, que desencadeia seu próprio senso de conscientização e um grau peculiar de energização para a criação de um sistema de ação dialética. Isto gera um tipo característico de contato grupal, que busca soluções específicas para suas questões, levando ao repouso ou recolhimento. Este ciclo se manifesta nos eventos individuais, relacionais e grupais, passando pelos níveis de contato e exploração superficiais, conflito e identidade, confluência e isolamento e, finalmente, alta coesividade (Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980).

Portanto, o processo de grupo gestáltico é potencialmente um 'processo autonomogênico' (Flynn in: Feder & Ronall [orgs.], 1980), dependendo de um trabalho com o grupo-como-um-todo, através de suas diversas fases e, primordialmente, do papel social que desempenha o líder grupal enquanto facilitador de atitudes cooperativas.

Dada a importância do papel sócio-pedagógico do psicoterapeuta, expusemos várias peculiaridades de sua função, conforme pensadores fenomenológico-existenciais:

- Forghieri (in: Forghieri [org.], 1984) destaca o psicoterapeuta como profissional competente e como alguém que se dispõe ao contato com a pessoa do cliente;
- Perls, Hefferline & Goodman (1980) comparam-no a um 'catalisador químico', alguém que facilita a manifestação e desenvolvimento das potencialidades do cliente;
- Burow & Scherpp (1985) vêem-no como seu próprio instrumento de trabalho, estando atento ('awareness') e expressando sua relação com o meio (que inclui o cliente) e consigo mesmo;
- O'Hara (in: Rogers et al., 1983) acredita que, mais do que um especialista, o psicoterapeuta é um cooperador na exploração do mundo imediato do cliente, renunciando ao poder e ao controle sobre a situação, acompanhando-o no desvelamento de sua atualidade existencial;
- Kaplan & Sadock (1983) destacam que o psicoterapeuta humanista freqüentemente lida com pessoas 'normais', mas insatisfeitas com seu modo de funcionar;
- Fagan (in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977) descreve as condições básicas para a atuação do psicoterapeuta: padronização, que mais do que um diagnóstico, requer corpo teórico, experiência anterior, tomadas de consciência e reações emocionais decorrentes do relacionamento com o cliente, resultando numa compreensão deste; controle, a capacidade de intervir e levar o cliente a seguir as propostas facilitadoras que sugere; potência, ou os recursos técnicos, sugestivos, experimentais e direcionais que são propostos aos clientes, propiciando um movimento em direção aos objetivos destes; humanida-

de, a disponibilidade para se envolver com o cliente e para participar junto com o mesmo, reconhecendo suas buscas; comprometimento com seu trabalho, com os clientes, com o campo profissional, com sua disponibilidade e interesse, e com as dificuldades do processo psicoterápico;

- Shepherd (in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977) aponta requisitos básicos e específicos ao gestalt-terapeuta: perícia, treino, experiência, discernimento, e, particularmente, a capacidade de estar presente ('relação eu-tu') no 'aqui-e-agora' para observar e intervir, integrando experiência e aprendizagem.

Todas estas qualidades se aplicam ao psicoterapeuta gestáltico de grupo, sendo acrescentados requisitos específicos ao trabalho grupal. Neste contexto, é importante não assumir uma atividade excessiva, pois isto põe o grupo numa atitude passiva, impedindo-o de assumir sua qualidade de 'terapeuta' cooperativo (Shepherd in: Fagan & Shepherd [orgs.], 1977)

É papel do psicoterapeuta gestáltico de grupo favorecer um clima nutritivo que permita a expressão das diferenças, das fronteiras e dos conflitos, de forma aberta, requisito básico para o surgimento da real cooperação e do sentido de comunidade (Ronall in: Feder & Ronall [orgs.], 1980).

Pode-se pensar que o psicoterapeuta de grupo deve conhecer e ser capaz de registrar a manifestação das regularidades grupais nas suas relações com os participantes, nas fases de:

- inclusão: em que o interesse dos membros grupais se concentra principalmente no líder, acima dos compromissos com os demais, observando e avaliando sua freqüência, interesse, preparo e pontualidade.

- controle: em que, ainda centrados no relacionamento com o líder, os membros grupais lutam ambivalentemente pelo poder, influência, orientação, estrutura e autoridade sobre o grupo;
- afeição: em que diferentes modos de relacionamento pessoal entre psicoterapeuta(s) e participantes grupais são construídos, havendo maior sensibilidade, calor, intimidade e cooperação entre estes (Schutz, 1978).

Kepner (in: Feder & Ronall [orgs.], 1980) concebe o psicoterapeuta gestáltico de grupo como um professor ou administrador de aprendizagem dos processos intrapessoal, interpessoal e grupal, devendo trabalhar, diferentemente da prática de Perls, nestes três níveis sistêmicos de intervenção. Portanto, além dos objetivos de aprendizagem e de conscientização intra e interpessoal, o facilitador grupal se põe o objetivo de trabalhar cooperativamente a aprendizagem e a conscientização dos processos grupais. Assim, suas tarefas, metas e formas de intervenção parecem variar conforme os estágios de desenvolvimento vivenciados pelo grupo que facilita:

- estágio de identidade e dependência: a principal meta do facilitador é se relacionar com os participantes do grupo, favorecendo que estes também se relacionem entre si, obtendo dados sobre suas vivências. Suas tarefas são esclarecer os objetivos do grupo, a função do facilitador, os métodos a serem utilizados, incluindo, para tanto, experiências nos vários níveis sistêmicos e evidenciando a relação entre estes;
- estágio de influência e contradependência: o facilitador visa a ampliar a diferenciação, divergência e flexibilidade dos papéis existentes no grupo,

através da conscientização das normas implícitas que ali ocorrem, do incentivo ao desafio e à expressão clara de diferença, semelhança e de insatisfação, bem como propiciando que os participantes diferenciem papéis e pessoas;

- estágio de intimidade e interdependência: em que o facilitador deixa de ser percebido como autoridade máxima, passando a ser um recurso utilizável pelo grupo, favorecendo a cooperação entre os participantes. Suas funções são: assumir e manter um papel consultivo para o grupo, reconhecendo as situações inacabadas que restaram e ajudando o grupo a chegar a algum fechamento, através de avaliação com todos.

Nem sempre os grupos propiciam a realização do projeto comunitário, sendo papel do psicoterapeuta gestáltico de grupo registrar as distorções, favorecendo sua correção pelo próprio grupo, priorizando, a cada momento, intervenções nos diferentes níveis sistêmicos (Tellegen, 1984), assim propiciando o devido reconhecimento dos objetivos coletivos.

A partir da crítica a várias propostas (abordagem centrada na pessoa, de Rogers; psicoterapia gestáltica, conforme o modelo de Perls; psicodrama, de Moreno) quanto ao papel do psicoterapeuta grupal, destacamos alguns princípios básicos da proposta do 'processo de grupo gestáltico' (Zinker, 1977):

- primazia da experiência grupal em cada momento;
- desenvolvimento processual da consciência grupal;
- valorização do contato ativo entre os participantes;

- uso de experimentos que favoreçam a interação grupal;
- concepção do psicoterapeuta grupal como uma autoridade fluida, que utiliza seu poder a serviço do grupo, no sentido da experiência, conscientização, contato e cooperação grupais, o que favorece com que os participantes assumam sua autoridade sobre si mesmos, seus relacionamentos, o grupo no qual convivem e a sociedade em que estão inseridos.

Como vimos, a nova perspectiva do processo de grupo gestáltico, devido à crise já referida (Yontef, 1987), tem, nos últimos anos, se voltado para as experiências com grupos vivenciais. Estes são grupos que não se limitam à psicoterapia propriamente dita, incluindo objetivos outros (como a aprendizagem, o treinamento de capacidades, o lazer e a criatividade, e várias outras opções), buscando o desenvolvimento de uma consciência individual e coletiva e a construção de um sentimento comunitário. As possibilidades de ocorrência destes grupos são inumeráveis e requerem a abertura de seus facilitadores, tanto para criar um clima receptivo à criatividade dos participantes, como para renunciar ao poder institucionalizado, investido sobre os organizadores pela sociedade e mesmo pelos membros grupais. A 'renúncia' a este poder institucional não significa a adoção de uma atitude espontaneísta ou de 'laissez-faire', mas uma abdicação do controle e da modelagem das vivências grupais, e funciona ativamente no fluxo dialético grupal da realidade objetiva e subjetiva. Portanto, o facilitador de grupos é um agente social, dotado parcialmente de um poder institucional outorgado pela sociedade, e, ao mesmo tempo, um elo de articulação e mediação entre esta sociedade e os participantes do grupo, devendo, assim, utilizar este poder ou autoridade a serviço da cooperação; ou seja, buscando, por conseguinte, facilitar a criação e a apropriação do poder transformador pela coletividade grupal (Fonseca in: Rogers et al., 1983).

O facilitador de grupos vivenciais, apesar de não possuir um rumo predeterminado das ocorrências do processo grupal, deve integrar o recordar e o planejar (análise histórica) das vivências comunitárias, através do uso do poder que lhe é previamente concedido, facilitando a passagem do grupo da situação inicial de dependência em relação ao líder grupal (reprodução do poder institucional), para a reação, os conflitos, impasses e diferenciações relativos à contradependência, propiciando o desenvolvimento da interdependência (cooperação).

Em decorrência deste papel, é importante que o facilitador grupal atente e incentive o poder 'facilitativo' ou 'terapêutico' do grupo, que freqüentemente se sobrepõe ao poder instituído daquele que teria a função de 'conduzir' o grupo (Fonseca *in*: Rogers *et al.*, 1983; Fonseca, 1988). Assim, o facilitador de grupos vivenciais assume uma relação dialética com o grupo: interpretar e expressar a subjetividade coletiva enquanto uma 'voz' que nele se constitui ('isomorfia'), e, ao mesmo tempo, expressar e confrontar sua diferença subjetiva em relação à mesma comunidade ('tensão da diferença') (Wood *in*: Rogers *et al.*, 1983a).

Conseqüentemente, o facilitador, ou a equipe de facilitação, deve estar atento(a) à formação de 'coalizões', que se constituem em formações diádicas, triádicas ou subgrupais que visam ao desenvolvimento ou, mais comumente, à desarticulação dos objetivos da coletividade grupal. Como estas coalizões freqüentemente se dirigem à(s) figura(s) do(s) facilitador(es), é importante a habilidade deste(s) na (re) condução ou revisão das metas da comunidade grupal. Tal fato revela a imprescindível necessidade de que a equipe de facilitação dos grupos gestálticos conheça a realidade sócio-histórica em que se inserem os facilitadores, os demais participantes e o próprio grupo, e que se posicione sobre as lutas concretas provocadas por esta realidade (Fonseca, 1988).

Ilustrativamente, descrevemos um processo psicoterápico grupal ocorrido tempos antes de nossa valorização das questões levantadas nesta dissertação. Como seria repetitivo e exaustivo reproduzir novamente todo este processo, destacamos criticamente que a ausência da atenção a estas mesmas questões, mesmo quando o trabalho de facilitação é tecnicamente correto, leva a falhas no desenvolvimento da consciência grupal, produto do não-estabelecimento de atitudes efetivas de cooperação.

Assim, propomos que o facilitador de processos de grupos gestálticos inclua entre suas preocupações básicas:

- (1) A explicitação das conexões entre as vivências subjetivas dos participantes e as determinações concretas e objetivas a que estão vinculadas. É essencial relacionar como a experiência individual de cada participante se vincula necessariamente à realidade sócio-histórica em que este processo grupal está inserido;
- (2) Esta realidade sócio-histórica se manifesta particularmente nas instituições que a sociedade cria com fins de reprodução e mascaramento dos interesses das classes dominantes. Conseqüentemente, as relações de dominação vão ser mediadas por estas instituições no interior dos grupos que facilitamos. Portanto, deve-se buscar empreender uma análise da inserção grupal na instituição em que o grupo se inclui e, particularmente, da possível reprodução das relações de dominação e de poder entre facilitadores e demais participantes, como reflexo das relações sociais mantidas no sistema social mais amplo;
- (3) Esta reprodução e este mascaramento, por sua vez, se manifestam na história de cada participante, não devendo este processo histórico ser entendi-

do como uma mera peculiaridade idiossincrática, mas como tendo sua expressão social nos papéis desenvolvidos neste processo grupal em específico. Assim, a análise das histórias individuais de cada membro do grupo, a partir da perspectiva destas como uma condensação histórica dos papéis assumidos e desempenhados no processo grupal, configura-se como um passo essencial na compreensão deste fenômeno;

- (4) A atenção à essência da dialética do processo grupal e à sua transformação, geradas pelo poder, as relações de dominação, as oposições, negações, contradições e pela negação da negação, que dependem da criação de um clima propício tanto à expressão da semelhança e da identidade quanto da diferença e da insatisfação;
- (5) A análise do mascaramento ideológico da ação e da interação grupais, que mantém o processo do grupo numa perspectiva isolacionista, fragmentada e individualista, distante de sua compreensão como uma coletividade de objetivos e vivências comuns e compartilhadas, permite compreender a resistência e os impedimentos à emergência tanto do poder facilitativo do coletivo grupal quanto da criação do sentimento comunitário propício à cooperação;
- (6) Um claro propósito de trabalho no sentido de incentivar o desenvolvimento da interdependência e da cooperação entre os participantes grupais é condição necessária para o desenvolvimento da autonomia, da consciência grupal e do poder facilitativo que potencialmente existem neste tipo de grupo e nas pessoas em geral;

- (7) Finalmente, as intervenções da equipe de facilitação devem privilegiar não apenas o enfoque intrapessoal, mas tratar o grupo enquanto uma totalidade que parcialmente tem suas vivências internas determinadas externamente, ampliando as possibilidades de que o grupo se transforme em 'grupo-sujeito' (Loureau, 1975; Lane, 1987b).

Acreditamos que, apenas assim, a cooperação possa realmente ser uma produção grupal, facilitada pelas intervenções efetivas dos líderes do grupo.

Ousamos sugerir, a partir de tudo que afirmamos, uma crescente transformação dos modelos de psicoterapia de grupo, inclusive o da gestalt-terapia, numa perspectiva mais próxima dos grupos vivenciais, pois

... em termos sócio-culturais, a Psicoterapia não é algo consolidado, uma instituição configurada e estável, mas está, antes, transformando-se em algo. Ou seja, é ainda o espaço de um processo de elaboração sócio-cultural, cujos resultados mais estáveis podem ainda estar muito além, fora do alcance de nossas vistas. Neste sentido, ... a Psicoterapia reflete as dinâmicas e crises históricas da sociedade contemporânea, em particular a difusão da cultura européia e a transplantação de suas instituições para outros contextos históricos e sócio-culturais; a emergência e desdobramentos das antinomias da sociedade burguesa, considerando-se nesse contexto a convivência de fases diversas do desenvolvimento dessa sociedade e, inclusive, a convivência dessas formas de desenvolvimento com formas históricas e pré-capitalistas (Fonseca, 1988, p. 132).

Nossa sugestão se baseia também na constatação de que os grupos vivenciais podem se constituir em **comunidades de aprendizagem cooperativa** e que "são de 'geração' posterior à idéia de Psicoterapia'..." (Fonseca, 1988, p. 131) O grupo vivencial, pela natureza própria da sua situação grupal e, em particular, pelo tipo de situação grupal que sua proposta engendra, recupera na nossa sociedade, ... o grande poder de regeneração e de fecundação presentes no funcionamento coletivo (p. 136).

Esta proposta não elimina as vantagens proporcionadas pela psicoterapia grupal, mas acredita que os grupos vivenciais são um espaço onde mais ampla e explicitamente se pode trabalhar a consciência coletiva, já que "... o grupo realiza a mediação entre o indivíduo e a formação sócio-histórica concreta que lhe diz respeito" (Fonseca, 1988, p. 176).

É nosso papel, enquanto psicoterapeutas gestálticos de grupo ou como facilitadores de grupos vivenciais, através do trabalho cooperativo, compreender, analisar e compartilhar os modos de submissão e/ou de resistência ao processo desumanizante das relações sociais ocorrentes em nosso contexto sócio-histórico, que inegavelmente se manifestam nos grupos que facilitamos.

Neste sentido, abre-se um campo de pesquisa vasto e fértil, não apenas para a continuação das investigações das interferências da realidade concreta sobre os grupos de psicoterapia, no sentido da reprodução/transformação de suas peculiares relações de dominação, mas também de uma série de outras práticas grupais, organizadas (os partidos políticos e outras organizações ideológico-políticas apartidárias, por exemplo) ou mesmo informais (como os grupos de amigos, colegas de trabalho, de estudantes, associações de bairro, religiosos, entre muitos outros).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. História da filosofia. 3. ed. Lisboa: Presença, 1984, v. XIV.
- BEISSER, A.R. "A teoria paradoxal da mudança". In: FAGAN, J. & SHEPHERD, I. L. (orgs.) Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 110-114.
- BESEMS, T. "Überlegungen zu intersubjektiven Unterricht in der Integrativen Pädagogik". In: PETZOLD, H. & BROWN, G. I. Gestaltpädagogik. München: Pfeiffer, 1977, p. 45-77.
- BION, W. R. Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUSP/Imago, 1975.
- BORIS, G. D. J. B. "Uma reflexão acerca da consistência teórica das psicoterapias humanistas". Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 69-75, jan./jun. 1987.
- _____. "Abordagem centrada na pessoa e gestalt-terapia: encontros ou desencontros?" Revista de Humanidades, Fortaleza, v. 7, n. 5, p. 111-124, mar. 1990.

- BUBER, M. Eu e tu. 2. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. Do diálogo e do dialógico. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BUROW, O. A. & SCHERPP, K. Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação. São Paulo: Summus, 1985.
- CABRAL, A. & NICK, E. Dicionário técnico de psicologia. São Paulo: Cultrix, 1974.
- CALDERÓN, J. F. & DE GOVIA, G. C. C. El grupo operativo - teoría y práctica. 2. ed. México Df: Extemporâneas, 1978.
- CESARINO, A. C. "Apresentação da edição brasileira". In: BUROW, O. A. & SCHERPP, K. Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação. São Paulo: Summus, 1985, p. 9-11.
- CHRISTIE, A. Autobiografia. Rio de Janeiro: Record, [s.d.]
- DARTIGUES, A. O que é a fenomenologia. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1973.'
- DEUTSCH, M. "A theory of co-operation and competition". Human Relations, [s.l.], v. 2, [s.n.], p. 129-152, 1949a.
- _____. "An experimental study of the effects of co-operation and competition upon group process". Human Relations, [s.l.], v. 2, [s.n.], p. 199-232, 1949b.
- FAGAN, J. "As tarefas do terapeuta". In: FAGAN, J. & SHEPHERD, I. L. (orgs.) Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 123-148.

- FEDER, B. & RONALL, R. "Introduction". In: FEDER, B. & RONALL, R. (orgs.) Beyond the hot seat: Gestalt approaches to group. New York: Brunner/Mazel, 1980, p. ix-xii.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FLYNN, J. D. "Educating for autonomy: a Gestalt approach to higher education". In: FEDER, B. & RONALL, R. (orgs.) Beyond the hot seat: Gestalt approaches to group. New York: Brunner/ Mazel, 1980, p. 133-154.
- FONSECA, A. H. L. da "Instituição, poder e vida ou da transação fascinada com a vida". In: ROGERS, C. R. et al. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983, p. 139-183.
- _____. Grupo - Fugacidade, ritmo e forma. Processo de grupo e facilitação na psicologia humanista. São Paulo: Ágora, 1988.
- FORGHIERI, Y. C. (org.) "Fenomenologia, existência e psicoterapia". In: FORGHIERI, Y. C. (org.) Fenomenologia e psicologia. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984, p. 11-33.
- FOULKES, S. H. "Psicoterapia e psicoterapia de grupo". In: KADIS, A. L. et al. Psicoterapia de grupo. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1976, p. 11-21.
- FREEDMAN, J. L., CARLSMITH, J. M. & SEARS, D. O. Psicologia social. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- FREIRE, J. C. A ética da psicologia centrada na pessoa de Carl Rogers. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 1989.

- FREUD, S. "Psicologia de grupo e a análise do ego". In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 87-179, v. XVIII.
- GOLDMANN, L. A criação cultural na sociedade moderna. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GRAMSCI, A. Concepção dialética da história. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- GRINBERG, L., LANGER, M. & RODRIGUÉ, E. Psicoterapia del grupo: su enfoque psicoanalítico. Buenos Aires: Paidós, 1957.
- _____. El grupo psicológico en la terapéutica, enseñanza y investigación. Buenos Aires: Nova, 1959.
- GUDJONS, H. Praxis der Interaktionserziehung. Bad Heilbronn: Klinkhardt Verlag, 1978.
- HEIDEGGER, M. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os pensadores).
- HIEBSCH, H. & VORWERG, M. Introdução à psicologia social marxista. Venda Nova, Amadora, Portugal: Novo Rumo, 1980.
- HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. "O grupo". In: Temas básicos de sociologia. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 61-77.
- HUSSERL, E. Investigações lógicas: sexta investigação (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).
- I Ching. O livro das mutações. São Paulo: Pensamento, 1989.
- KADIS, A. L. et al. Psicoterapia de grupo. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1976.

KAPLAN, H. I. & SADOCK, B. S. Comprehensive group psychotherapy. 2nd ed. Baltimore: Williams & Williams, 1983.

KELLER, A. K. In: FAIRCHILD, H. P. (ed.) Dictionary of sociology. Totowa, New Jersey: Littlefield, 1967.

KEPNER, E. "Gestalt group process". In: FEDER, B. & RONALL, R. (orgs.) Beyond the hot seat: Gestalt approaches to group. New York: Brunner/Mazell, 1980, p. 1-39.

_____ & BRIEN, L. "Gestalt-terapia: uma fenomenologia behaviorista". In: FAGAN, J. & SHEPHERD, I. L. (orgs.) Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 61-70.

KERNBERG, O. F. "A system approach to priority setting of interventions in groups". The International Journal of Group Psychotherapy, [s.l.], v. 25, [s.n.], p. 251-275, 1975.

KIERKEGAARD, S. A. Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os pensadores).

LANE, S. T. M. O que é psicologia social. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986 (Primeiros passos).

_____. "A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia". In: LANE, S. T. M. & CODO, W. (orgs.) Psicologia social: o homem em movimento. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a, p. 10-19.

_____. "O processo grupal". In: LANE, S. T. M. & CODO, W. (orgs.) Psicologia social: o homem em movimento. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987b, p. 78-97.

- LAPASSADE, G. Grupos, organizações e instituições. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. Vocabulário da psicanálise. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.]
- LEWIN, K. Problemas de dinâmica de grupo. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- LIEBERMAN, M. A., YALOM, I. D. & MILES, M. B. Encounters groups: first facts. New York: Basic Books, 1973.
- LOUREAU, R. A análise institucional. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LUKACS, G. "As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem". Temas de Ciências Humanas. São Paulo, v. 4, [s.n.]; p. 1-18, out. 1978.
- MACIVER, R. M. & PAGE, C. H. Sociologia. Madrid: Ternos, 1963.
- MAKARENKO, A. S. Obras. Moscú: [s.n.], 1951, t. 2.
- MANNHEIM, K. Sociologia sistemática. São Paulo: Pioneira, 1962.
- MARX, K. "Teses contra Feuerbach". In: Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 49-53 (Os pensadores).
- _____. "Cooperação". In: O capital: crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 257-266, v. I, t. 1, cap. XI (Os economistas).
- MERLEAU-PONTY, M. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).

- MORENO, J. L. Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à práxis. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- _____. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.
- NIETZSCHE, F. W. Obras incompletas. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores).
- O'HARA, M. M. "A consciência do terapeuta". In: ROGERS, C. R. et al. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983, p. 97-102.
- PARIGUIN, B. D. A psicologia social como ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- PENHA, J. da. O que é existencialismo. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Primeiros passos).
- PERLS, F. S. Ego, hunger and aggression: the beginning of Gestalt therapy. New York: Random House, 1969.
- _____. "Quatro palestras". In: FAGAN, J. & SHEPHERD, I. L. (orgs.) Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 27-60.
- _____. "Terapia de grupo versus terapia individual". In: PERLS, F. S. et al. Isto é Gestalt. São Paulo: Summus, 1977, p. 29-36.
- _____. Gestalt-terapia explicada. 3. ed. São Paulo: Summus, 1977a.
- _____. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: Zahar, 1977b.
- _____. Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo. São Paulo: Summus, 1979.

- _____, HEFFERLINE, R. F. & GOODMAN, P. Gestalt therapy. Excitement and growth in the human personality. 1st ed. New York/Toronto: Bantam Books, 1980.
- PETZOLD, H. G. "Tendências e desenvolvimento da Gestalt-terapia na Europa: fontes européias da Gestalt-terapia" (Palestra na Associação Neerlandesa de Gestalt-terapia). Utrecht, [s.v.], [s.n.], p. 1-8, 29/jun./1984 (texto datilografado).
- PICHON-RIVIÈRE, E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PINTO, A. T. Noções de sociologia. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.
- PLEJANOV, G. V. Obras filosóficas escogidas. Moscú: [s.n.], 1956, t. 2.
- POLSTER, E. & POLSTER, M. Gestalt terapia integrada. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- PREDVECHNI, G. P. & SHERKOVIN, Yu. A. (colectivo de autores). Psicología social. La Habana: Política, 1986.
- RATTNER, J. Terapia de grupo: a psicoterapia do futuro. Petrópolis: Vozes, 1977.
- REICH, W. A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- REZENDE, A. M. de "Fenomenologia e dialética". In: FORGHIERI, Y. C. (org.) Fenomenologia e psicologia. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984, p. 35-48.
- RIBEIRO, J. P. Gestalt-terapia: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

- RODRIGUES, A. Psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- ROGERS, C. R. Grupos de encontro. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- RONALL, R. "Intensive Gestalt workshops: experiences in community". In: FEDER, B. & RONALL, R. (orgs.) Beyond the hot seat: Gestalt approaches to group. New York: Brunner/Mazel, 1980, p. 179-211.
- RUBINSTEIN, S. L. El ser y la conciencia. La Habana: Pueblo y Educación, 1979.
- SAIDON, O. et al. Práticas grupais. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- SARTRE, J.-P. "O existencialismo é um humanismo". In: O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 1-32 (Os pensadores).
- SCHUTZ, W, C. O prazer: expansão da consciência humana. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. Psicoterapia pelo encontro. São Paulo: Atlas, 1978.
- SÈVE, L. Marxisme et théorie de la personnalité. 5^e éd. Paris: Éditions Sociales, 1981.
- SHEPARD, M. Fritz Perls - la terapia gestaltica. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 1977.
- SHEPHERD, I. L. "Limitações e cautelas na abordagem gestaltista". In: FAGAN, J. & SHEPHERD, I. L. (orgs.) Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 303-309.

- SIMKIN, J. S. Mini-lectures in Gestalt therapy. Albany, California: Wordpress, 1974.
- SINGER, D. et al. "Boundary management in psychological work in groups". Journal of Applied Behavior Science, [s.l.], v. II, [s. n.], p. 137-176, 1975.
- SLAVSON, S. R. Psychothérapie analythique de groupe. Enfants, adolescents, adultes. Paris: Presses Universitaires de France, 1953.
- TELLEGEN, T. A. Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica. São Paulo: Summus, 1984.
- WHELDALL, K. Comportamento social: problemas fundamentais e importância social. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- WILLEMS, E. et al. Dicionário de sociologia. Rio de Janeiro: Globo, 1961.
- WOOD, J. K. "Sombras da entrega". In: ROGERS, C. R. et al. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983a, p. 23-44.
- _____. "Terapia de grupo centrada na pessoa". In: ROGERS, C. R. et al. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983b, p. 45-87.
- YALOM, I. D. The theory and practice of group psychotherapy. New York: Basic Books, 1970.
- YONTEF, G. M. "Gestalt terapia 1986: uma polêmica". The Gestalt Journal. [S.l.], v. X, n. 1, p. 1-17, spring 1987 (texto datilografado).

ZIMMERMANN, D. Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo. 1. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1971.

ZINKER, J. C. El proceso creativo en la terapia gestáltica. Buenos Aires: Paidós, 1977.

_____. "The developmental process of a Gestalt therapy group". In: FEDER, B. & RONALL, R. (orgs.) Beyond the hot seat: Gestalt approaches to group. New York: Brunner/Mazel, 1980, p. 55-77.

ZUBEN, N. A. von "Diálogo e existência no pensamento de Buber". In: FORGHIERI, Y. C. (org.) Fenomenologia e psicologia. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984, p. 71-85.

A N E X O S

ANEXO I

As citações bibliográficas abaixo foram traduzidas pelo autor desta dissertação, sendo, portanto, de sua inteira responsabilidade, e limitam-se apenas aos fins deste trabalho. Seguem suas transcrições conforme as fontes e na ordem em que aparecem:

CAPÍTULO I - A COOPERAÇÃO NA PSICOLOGIA SOCIAL

- Predvechni & Sherkovin (1986, p. 28): "El estudio de la interacción entre los individuos en los sistemas de actividad conjunta organizada, permite establecer algunos mecanismos de los cuales depende, tanto la efectividad de la actividad de organización, como la salud mental y la capacidad de trabajo de los alumnos".

1.1 - Psicologia Social e Caracterização da Cooperação

1.1.1 Análise Histórico-Crítica da Psicologia Social

- _____ (1986, p. 8): "... los fenómenos psíquicos que surgen durante las relaciones de los hombres en los grupos, colectivos y, más ampliamente, en las distintas comunidades humanas organizadas y no organizadas".

- . Makarenko, 1951 apud Predvechni & Sherkovin (1986, p. 20): "El colectivo es un conjunto de individuos organizados con un fin y que posee órganos de dirección colectiva. Donde hay organización de colectivo, hay órganos de colectivo, hay organización de personas con poderes, que goza de la confianza del colectivo; y la cuestión de la relación de un compañero con otro no es una cuestión de amistad, ni de amor, ni de vecino, es una cuestión de dependencia en cuanto a la responsabilidad".

- . Predvechni & Sherkovin (1986, p. 5): "... en determinar las regularidades del reflejo del ser social en la conciencia individual y social, en utilizar las regularidades conocidas para optimizar los procesos de relación entre los hombres".

- . _____ (p. 12): "claramente un interés por los fenómenos de orden psicológico-social. Y en sus trabajos posteriores volvieron, en más de una ocasión, a los intereses sociales de clases y de grupos, a las ilusiones y equívocos de los diferentes grupos sociales, a sus tradiciones y costumbres, es decir, a los fenómenos y procesos que son estudiados en la actualidad por la psicología social".

- . Plejanov, 1956 apud Predvechni & Sherkovin (1986, p. 12): "'para Marx el problema de la historia ha sido también, en cierto sentido un problema psicológico'".

- . Predvechni & Sherkovin (1986, p. 17): "reducir las leyes de la psicología de las masas a leyes físicas fundamentales".

- . _____ (p. 25): "es un grupo donde las relaciones interpersonales están mediadas por el contenido de valor social y de significación personal de la actividad conjunta".

1.1.2 Cooperação: Definição e Investigação Psicossociológica

- . MacIver & Page, 1963 apud Pinto (1970, p. 117): "reside en que la gente hace en compañía las mismas cosas que podría hacer también separada o aisladamente ... actividades en que las personas efectuan tareas claramente desiguales que tienden a un solo fin".
- . Keller in: Fairchild (ed.), 1967 apud Pinto (1970, p. 118): "the co-operation where inevitable antagonisms are supressed in view of the actually experienced, or forecasted, superior expediency of making common cause".

CAPÍTULO II - O GRUPO PSICOTERÁPICO: SURGIMENTO E TRANSFORMAÇÕES. O MODELO GESTÁLTICO

2.1 - Delimitação e Histórico da Psicoterapia de Grupo

- . Grinberg, Langer & Rodrigué (1957, p. 38): "terapia interpretativa 'en' el grupo".
- . Kaplan & Sadock (1983, p. 4): "The trend in group psychotherapy had been to study the individual within the group. Although attempts had been made to examine how the group as a whole functioned, the group was, as Freud put it, simply a collection of individuals gathered together for a particular purpose. It was the social psychology movement, spearheaded by men such as Kurt Lewin, that saw the group as different qualitatively from the simple sum of its parts. According to Lewin, the group is an entity in its own right, with particular and unique qualities that are different from the individuals of which it is

composed. To Lewin, acts of the individual cannot be explained on the basis of the nature of the social forces, the field, to which he is exposed".

- _____ (p. 5): "'therapy for normals', ... disturbed people often find their way to the T-group for the treatment of emotional disorders, instead of to traditional forms of psychotherapy. The T-group appeals especially to those people who feel isolated and alienated, who have difficulty in relating to other people, and who lack self-determination"
- Grinberg, Langer & Rodrigué (1957, p. 32-33): "terapias exhortativas paternas que actúan 'por' el grupo".
- _____ (p. 33): "que actúan 'por' el grupo con estructura fraternal".
- _____ (p. 38): "terapia interpretativa individual 'en' el grupo".
- _____ (1959, p. 6-7): "Es relativamente reciente el intento de tratar al grupo como una totalidad, o unidad dinámica; es decir que data de poco tiempo la llamada psicoterapia 'del' grupo. Como la partícula 'del' lo sugiere, esta concepción terapéutica se interesa por el núcleo en sí mismo, haciendo del fenómeno grupal su campo de investigación y de posibles operaciones terapéuticas".

2.2 - Caracterização da Gestalt-Terapia e de seu Trabalho Com Grupos

2.2.2 Fontes e influências da Gestalt-Terapia

- Perls, Hefferline & Goodman (1980, xiii): "The insights of Gestalt Psychology have been fruitful in the approach

to art and education; and in academic psychology the work of Wertheimer, Koehler, Lewin, etc. is now fully recognized; however, following the interest in behaviorism, which is for the most part motorically oriented, academic circles now overemphasizes the perceptual aspect of the Gestalt. The magnificent work of Goldstein in neuropsychiatry still has not found the place in modern science that it deserves".

- . Perls (1969, p. 222): "the technique of Moreno who treats psycho-neuroses by urging the patients to write, produce and act their own plays as a means of self-expression and self-realization".
- . _____, Hefferline & Goodman (1980, p. 328): "Moreno, dealing with delinquents in a boarding-school, evolved a method of group-therapy, a situation that in principle should de-emphasize the phenomena of transference and make for a more amenable sociality".
- . Perls (1969, p. 15): "every event is related to a zero-point from which a differentiation into opposites takes place. These opposites show in their specific context a great affinity to each other. By remaining alert in the centre, we can acquire a creative ability of seeing both sides of an occurrence and completing an incomplete half. By avoiding a one-sided outlook we gain a much deeper insight into the structure and function of the organism".
- . Shepard (1977, p. 18): "La palabra alemana 'Gestalt' significa 'totalidad'. Tiene, en muchos sentidos, afinidad con el concepto oriental de Tao. Reconoce que el primer plano y el plano de fondo configuran una totalidad y no pueden separarse uno del otro sin perder sus significados particulares o sin destruir aquella totalidad ... Neste sentido, la Gestalt es tan vieja como el antiguo símbolo chino Yin y Yang, donde una

forma define la otra y ambas son necesarias para completar el todo".

- Perls (1969, p. 14): "Differential thinking shows a resemblance to the dialectical theories, but without their metaphysical implications ... Marx's transposition of the dialectical method of materialism is progress, but not a solution. His mixture of scientific research with wishful thinking has likewise not achieved dialectical realism".
- _____ (p. 17): "Thinking in opposites is the quintessence of dialectics. Opposites related to each other than to any other conception".
- _____ (p. 61-62): "Often enough, however, the socially required self-control can only be achieved at the cost of devitalizing and of impairing the functions of large parts of the human personality - at the cost of creating collective and individual neurosis. The religious and capitalistic development of society is responsible for the main share in the creation of collective neuroses, of which the suicidal wars now raging throughout the world are symptomatic".
- _____ (p. 121): "After aggression had been suppressed, the body disavowed and the 'soul' glorified, the age of industrialism brought about a new difficulty: today the soul of the workman is of no interest to the manufacturer. He needs the functions of the 'body' only, and especially of those parts of the organism that are required for the work ... Thus devitalization progresses further: individuality is being killed. This process affects highly specialized workers as well, upsetting the harmony of the personality".

- _____ (p. 128): "Many people, expecting an integration of their Weltanschauung from the study of man's objective and subjective worlds, have tried to make the body of their philosophy walk on two legs - Marxism and Freudism. They have tried to build bridges between the two systems, but failed to see that the economical complications with which Marx was concerned resulted from the instinct of self-preservation. Although fully realizing man's basic need for food, clothes and shelter, Marx did not follow the implications of the hunger instinct in the same way as Freud with the sex impulses - his sphere of research was mainly that of social relations and only rarely the individual".

- _____ (p. 129): "Marx was in a way a forerunner of Freud: 'Marx discovered the simple fact (heretofore hidden beneath ideological overgrowths) that human beings must have food, drink, clothing and shelter first of all, before they can interest themselves in politics, science, art, religion and the like. This implies that the production of the immediately requisite material means subsistence, and therewith the existing phase of development of a nation or an epoch, constitutes the foundation upon which the state institutions, the legal outlook, the artistic and even the religious ideas are built up. It implies that these latter must be explained out of the former whereas the former have usually been explained as issuing from the latter' (F. Engels)".

"This is the common basis of Freud and Marx: the needs of man (for Freud the instincts of race preservation and for Marx the instincts of self-preservation) are primary; the intellectual super-structure is determined by the biological structure and by the needs of gratification of these two groups of instincts".

- _____ (p. 144-145): "With personal ownership there came the division of land and the creation of friendly or hostile neighbours. If to-day the farmers joined in a collective group, the confluence would be re-established, but the boundaries between the collective farms (cf. the socialist competition in Russia) would remain".
- _____, Hefferline & Goodman (1980, p. 285): "'Personal' and 'Social': this common separation continues to be the ruination of community life. It is both the effect and cause of the kind of technology and economy we have, with its division of 'job' and 'hobby', but no work or vocation; and of timid bureaucracies and vicarious 'front' politics. It is to the credit of the therapists of interpersonal relations to try to heal this split, yet even this school ..."
- _____ (1980, nota de rodapé à p. 331): "... in our society with its neurotic isolation and need 'to do it by oneself', not to ask for help is a resistance".
- _____ (p. 368): "This is the society of the division of labor, in which persons deliberately use one another as tools ... The division of labor can be pursued in such a way that the work is senseless to the workers and is drudgery ..."
- _____ (p. 368-369): "... it is deceptive to think of the 'individuals' as primitive and combined in social relations, for there is no doubt that the existence of 'individuals' comes about as the result of a very complicated society ... Again, 'persons' are reflections of an interpersonal whole, and 'personality' is best taken as a formation of the self by a shared social attitude ..."

- _____ (p. 374): "Social relations, like dependency, communication, imitation, object-love, are original in any human field, long prior to one's recognizing oneself as an idiosyncratic person or identifying the others as constituting society ..."

- _____ (p. 414): "... the lapse of community in political societies is not reducible to the neuroses of individuals, who indeed have become 'individuals' because of the lapse of community; nor is it reducible to the bad institutions, for these are maintained by the citizens; it is a disease of the field, and only a kind of group-therapy would help".

- _____ (p. 415-416): "it is, on the contrary, the meddling inward of outside-the-skin social forces that deliberately upsets the spontaneous inner-system and calls for psychotherapy ... A large part of psychotherapy is a process of disengaging ... such more distant unreliable economic and political forces as competition, money, prestige, power, from meddling inside the primary personal system of love, grief, anger, community, parenthood, dependence and independence ... The point of view we are here developing, however ..., is that, fundamentally, 'no' conflict should be dissolved by psychotherapy ... the task of psychotherapy is to make them aware so that they may feed on new environmental material and come to a crisis ... The conflict is a collaboration going beyond what is intended, toward a new figure altogether".

- _____ (p. 465): "Politically they occur in cooperative communities; ... and they exist in every session of psychotherapy".

2.2.3 Análise Crítica do Trabalho com Grupos em Fritz Perls

- Shepard (1977, p. 57): "Fritz aún recurría al diván, pero empezaba a utilizar cada vez más los encuentros de 'cara a cara' ..., así como a explorar en el campo de la terapia de grupo. Sus indagaciones y su apertura a las relaciones interpersonales, tanto en la práctica médica como fuera de ella, resultaron demasiada audaces para sus colegas del Instituto White, de modo que la asociación no duró mucho".

CAPÍTULO III - A MEDIAÇÃO INDIVÍDUO-SOCIEDADE NOS GRUPOS GESTÁLTICOS COMO PROCESSO PEDAGÓGICO DE COOPERAÇÃO

3.1 A Cooperação na Psicoterapia de Grupo em Gestalt-Terapia

- Kepner in: Feder & Ronall (org.), 1980, p. 1: "an integration of the principles and practices of Gestalt therapy and group dynamics. It is a model in which the leader wears bi-focal lenses, paying attention to the development of the individuals in the group and to the development of the group as a social system. From this perspective, the group is regarded not just as a collection of individuals, but as a potent psychosocial environment which profoundly affects the feelings, attitudes and behaviors of the individuals in that system ..."
- _____ (p. 4): "This model is based on two assumptions, that the development of the creative potential in individuals is dependent on and related to a well-functioning and healthy social system; and second, that groups, like individuals go through stages of

development in the process of change that can be roughly characterized behaviorally as a move from dependence through counterdependence to independence".

- _____ (p. 15): "... this type of group process, ... among other things, reinforces the 'cult of the individual', and creates a leader-dependent relationship between members and leaders".
- _____ (p. 16-17): "is an attempt to create conditions for learning about what it means to be a member of a group ... so that the polarities and dilemmas of separateness and unity can be experienced in the context of personal growth".
- _____ (p. 19): "the dynamic patterns of interaction that develop between people over time that create a pattern of way of being together. These system processes create a social milieu that affects the way people in that system feel about themselves and each other, and the way they behave in that environment, and it is these system processes that account for the whole being greater than the sum of the parts".
- _____ (p. 23-24): "The need to affiliate and belong and to establish one's identity produces dependent behavior; the need for autonomy mobilizes the individual to test out the limits of authority and control, and produces counterdependent behavior; the need for affection and intimacy motivates people to relate effectively with one another and to behave interdependently".
- _____ (p. 24): "The identity of each member of the group is dependent, to some degree, on the way in which they are perceived and responded to by every other member of the group, including the leader".

- _____ (p. 28-29): "The major issues the individuals and the group must grapple with in this stage are those that relate to influence, authority and control. At this stage, each member of the group is aware that she/he is being influenced by what is happening in the group and that certain implicit or explicit norms are operating which make it difficult to behave in a way that differs from what appears to be acceptable ... Members may begin to challenge whatever norms are operating by interrupting, by expressing negative reactions to each other, or to what is happening, or by directly taking on the leader and questioning her/his authority and competence".

- _____ (p. 33): "with the pseudo-intimacy which develops in the first stage when everyone is discovering that they all belong to the human race and are feeling warm and cozy with one another".

- _____ (p. 34): "It takes being together for a long time for a group to be able to sustain functioning at this third stage, and my experience has been that a group's capacity to maintain themselves at this stage requires at least a year or two years. Groups that meet for a shorter time sometimes reach this stage, but it is likely to be a temporary condition".

- _____ (p. 37): "A group is more than the sum of its parts, and Gestalt group process is more than the sum of the principles and elements which I have reviewed".

- _____ (p. 38): "The mission as I see it, is to raise consciousness, and that is different from the aims usually associated with psychotherapy in general, and with Gestalt therapy in particular. The overriding aim of therapy as I see it is not simply to cure people (whatever 'cure' may mean), nor is it to teach clients how to become more adept at manipulating the

environment rather than themselves. Neither is to enable people to develop a more differentiated and integrated self. It may be all of the above, but the essential aim is to assist in the evolution of a self which can ultimately transcend the self. This means that the central polarity which is the core of personal development is freedom and liberation on the one hand, and discipline and social responsibility on the other. It is the tension between these opposites which permeates everything we do".

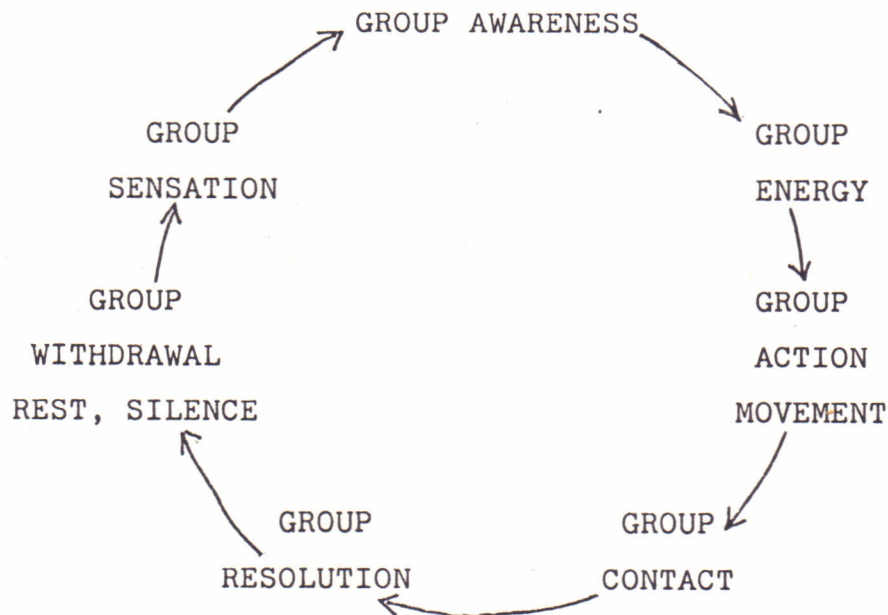
- . Feder & Ronall (orgs.), 1980, ix: "... until now, most Gestalt therapists have not paid much attention to group process".

- . Simkin, 1974 apud Feder & Ronall (orgs.), 1980, p. 4: "In Gestalt therapy, it is not necessary to emphasize the group dynamics, although some Gestalt therapists do".

- . Feder & Ronall (ors.), 1980, ix-x: "If recognized and skillfully used by the leader, the forces inherent in the group become agents for growth and healing; if ignored, misunderstood or misused, these forces can prevent or hamper growth and movement, and their effect can be toxic".

- . Zinker in Feder & Ronall (orgs.), 1980, p. 57:

Diagram I
THE GESTALT GROUP CYCLE*



(*) "The notion of a gestalt awareness cycle, as it was originally referred to, was formulated by Bill Warner and Miriam Polster, of The Gestalt Institute of Cleveland".

. _____ (p. 58-59): "if there is time left, a new theme may emerge, so that the group cycle may develop once again from sensation to awareness to energy to action, contact, completion and rest. Each of these modalities enters the group's phenomenological space and then recedes - sometimes in order, in linear fashion, and, sometimes, like the instruments of an orchestra, collaborating simultaneously on the same theme. In the beginning stages of a group, transitions from one phase to another may be disjointed and awkward; the group may get stuck in its awareness, unable to mobilize itself into action, or unable to resolve the action and withdraw. In the course of time, the group does not fixate on any one modality but moves smoothly from one cycle to the next, in an ascending spiral..."

- _____ (p. 59): "... integrated conflicting intrapsychic polarities; become more aware of their sensory life; enrich and expand awareness; stretch awareness into excitement and action; achieve contact with themselves and others; learn a comfortable way of withdrawing, of nourishing and renewing themselves; learn to support themselves with their whole beings; learn to flow smoothly through the awareness-excitement-contact cycle without serious blockage".

- _____ (p. 59-60): "At the group level, members learn how to ask each other for what they want or need - and to deal with both the yes's and no's which come back to them. They learn how to deal effectively and creatively with interpersonal conflicts ... They also learn how to energize each other and how to use the group to achieve a sense of community, mutual support and respect. They discover how to learn about their own identities from one another and the group leader, as well as how to be inventive and experimental in solving problems as a community. They find out how to achieve a sense of trust, loyalty, and intimacy and, at the same time, to respect each other's needs for distance, personal taste, and values. They learn how to give other feedback without interpreting away what they see and feel. They learn to work with and help each other without relying constantly on the group leader, and how to use the therapist not as a projected daddy-mommy guru but as a skilled professional fellow-adult who can facilitate their work with each other".

- _____ (p. 62): "There is no building: group members don't respond to the content of each others inquiries. Rather, each drops his/her verbal pebble into the existential void of an unformed community..."

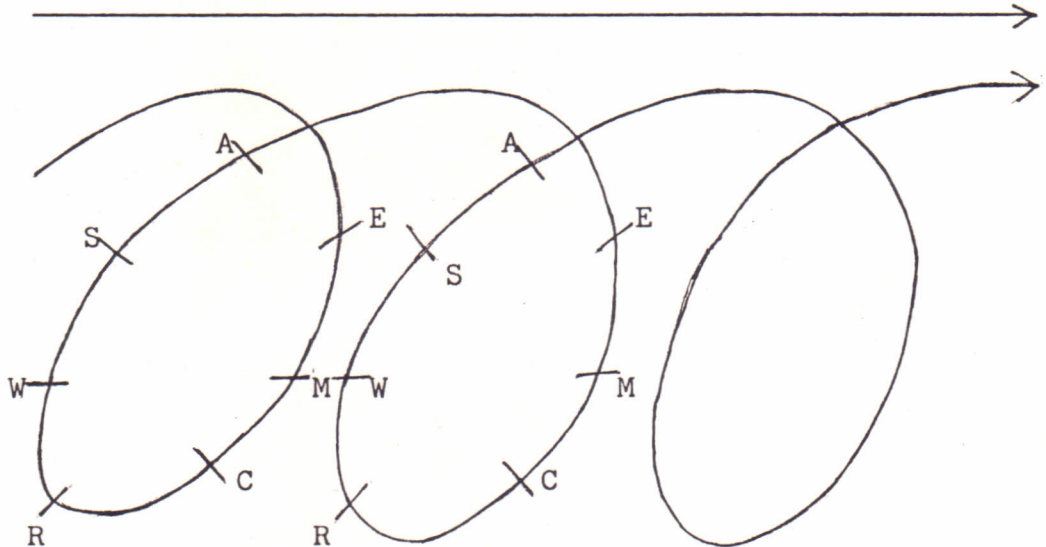
- _____ (p. 67): "Each person is stuck in a role, even though he or she has changed significantly in his or her private life. Another form of this is either non-discriminating support accompanied by playfulness and physical contact, or non-discriminating hostile attacks and challenges which lack warmth and commitment".

- _____ (p. 69): "... process does not know its own end. It flows on as long as a group functions and serves as a forum for its member's continuous development. High cohesiveness in a Gestalt process group is characterized by interpersonal trust, capacity for caring and confrontation, and a respect for each other's level of developmental individuation. No one person is more valued than another. Each has something special to give and to take away from the group. Giving and taking are merged into functional unity. There is a continuous interest in exploring one another with seriousness and with patience. The process takes as long as necessary for each person (within the limits of the time assigned). People are able, with relative ease, to share their emotional reactions to each other's behavior, rather than advising or preaching. The group's work takes on more clarity, thematic pointedness and elegance in resolution".

- _____ (p. 76):

Diagram II
GESTALT GROUP PROCESS

GREATER COHESIVENESS



S = Sensation
A = Awareness
E = Energy

C = Contact
R = Resolution
W = Withdrawal, Rest
Silence

- _____ (p. 76-77): "From the beginning when people are chatting as if at a cocktail party, to the more advanced stages of cohesiveness, the group process has an internal structure, an integrity, a validity of movement. The trajectory and quality of this movement are always determined by the special configuration, the unique Gestalt which a community of persons is able to carve out for itself. The creative potential of a Gestalt group emerges from the range of special talents, limitations and resistances to contact of its members and its leaders".

- . Flynn in: Feder & Ronall (orgs.), 1980, p. 134: "an enterprise which is organized both to foster awareness of an autonomous potential where that awareness is lacking and to encourage a movement toward that bit of autonomy. Gestalt therapists devise relevant autonomogenic experiments for both individuals and the group-as-a-whole which draw on the safe background of group supportiveness. The supportiveness itself has to be developed; it provides an optimal condition of autonomogenic experimenting. A group of people, initially relative strangers, will be more willing to work together toward greater autonomy when there is trust. Once a spirit of trust in the process has been generally established, the movement toward individual and group self-support can occupy the foreground of the therapeutic process".

3.2 O Papel Sócio-Pedagógico do Psicoterapeuta de Grupo em Gestalt-Terapia como Facilitador de Atitudes Cooperativas

3.2.1 Delimitação do Papel do Psicoterapeuta

- . Zinker in: Feder & Ronall (orgs.), 1980, p. 61: "The leader is able to see the group as a system rather than a mere conglomerate of persons. Individuals are seen not only for their personal uniqueness, but also for the unique manner in which they cooperate or collude with others in building a community. The leader's sharing of his/her understanding of a group system changes its process from fragmentary individual encounters to group awareness of the group-as-a-whole. This is a precondition to cooperative action and an enhancement of a sense of community".

- . Perls, Hefferline & Goodman (1980, p. 17): "an ingredient which precipitates a reaction which might not otherwise occur. It does not prescribe the form of the reaction, which depends upon the intrinsic reactive properties of the materials present, nor does it enter as a part into whatever compound it helps to form. What it does is to start a process, and there are some processes which, when once started, are self-maintaining or autocatalytic".
- . _____ (p. 18): "What is essential is not that the therapist learn something about the patient and then teach it to him, but that the therapist teach the patient how to learn about himself".
- . Kaplan & Sadock (1983, p. 5): "therapy for normals".

3.2.2 Objetivos e Tarefas do Psicoterapeuta Grupal

- . Ronall in: Feder & Ronall (orgs.), 1980, p. 182: "... a climate that allow for differences within and without, the group can be a nurturing environment for each member - the leader included - and is in turn supported and nurtured by its members and by its environment.

In such a group members not only learn and grow freely, confronting their environment with zest, but they also live together in a climate in which differences and conflicts are neither blurred nor wiped out. When boundaries are recognized, there gradually emerges a sense of belonging, a sense of community".

- . Kepner in: Feder & Ronall (orgs.), 1980, p. 3: "... a teacher of process on an intrapersonal, interpersonal and group level".

- _____ (p. 18): "In some sense, a Gestalt therapist is always working from a systems perspective, ... and considers therapy as a process that takes place within the boundaries of a social system. Like all social systems, the therapeutic situation consists of people, a common task and a method for accomplishing this task".
- _____ (p. 20): "The therapist now has the option of being a manager of a learning process, one in which the critical questions become: 'How I can create the conditions that will enable these people to tap into each other as resources here?', 'How can I help them create the kind of relationships that will provide the richest learning environment for all?' and 'How can I help them develop awareness of the polarities and choices between taking care of individuals and taking care of the group?'"
- _____ (p. 20-21): "... the Gestalt group process leader adds the learning task of awareness of group processes to the task of intrapersonal and interpersonal awareness. This new task requires a change in the role choices available that determine the level at which the intervention will take place. She/he can function as a therapist for an individual, as a facilitator of interpersonal processes or as a consultant to the group-as-a-system".
- _____ (p. 26): "At this phase, the leader is invested with so much power that everything she/he does and says is so much more important and impactful that what anyone else in the group says and does".
- _____ (p. 28): "At this stage rather than intervening on an intrapersonal level when an individual brings up a personal issue or problem, I work from the assumption that this person is a spokesperson for others and is

verbalizing what may be an important issue or theme for some, if not all of the members of the group ... In this way, the individual issue is seen and treated as a more universal theme and an issue of the system as a whole".

- _____ (p. 29): "The priority task for the leader in this phase is to work for increasing differentiation and divergence and member-role flexibility".
- _____ (p. 30): "How much conflict an individual can tolerate is a function of that person and the situation they are in. How much divergence a group can tolerate and still operate as a system is a function of the cohesiveness of that group. It is at this stage in particular that the leader is faced with some critical choices around the level of intervention".
- _____ (p. 31): "In a group, members often play out roles that are a function of the needs of a group rather than simply a function of the personality or character of that person".
- _____ (p. 32): "The leader can bring this role-taking behavior into awareness by commenting on the stereotypes when she/he sees them operating and help the group to become aware of the consequences of this for the group as a system and for the individual members.

Often the roles which get played out in a group are projections of the disowned part of members personality. Scapegoating is an example of this".

- _____ (p. 34-35): "Groups, whatever their duration, are temporary systems, and must go through a closure process that includes a re-entry into their 'real' world".

- _____ (p. 35): "In this case, the closure process needs to acknowledge the negative as well the positive aspects of the experience - the needs that did not get satisfied and the expectations that were not fulfilled. Some assessment must be made about the discrepancy between what was hoped for and what actually happened. It is from this assessment process that the polarities and dilemmas of change are learned".

- Zinker (1977, p. 129): "Tal esfuerzo cooperativo exige, por parte del grupo, aceptación y respeto por sus miembros, así como, por parte del que dirige, la especial capacidad necesaria para convertir los talentos y resistencias del grupo en un sentimiento de comunidad unificada".

- _____ (p. 130-131): "El terapeuta rogeriano procura otorgar máxima potencia al grupo y sus procesos. Dentro del grupo se abre a los demás, en vez de presentarse como individuo dotado de conocimiento o como fuente de poder. Se atribuye por misión la de facilitar, o sea, estar 'allí' con total libertad para expresar sus sentimientos, observaciones o respuestas al grupo, como simple miembro de una comunidad que se administra por si sola, atenta sobre todo al proceso en marcha y al desarrollo de los sentimientos".

- _____ (p. 132): "La debilidad del sistema estriba en que no emplea las ideas, sentimientos y talentos de quienes integran el grupo al servicio de un proceso creativo que beneficie al grupo entero. Otra desventaja de este modelo reside en que el terapeuta ejecuta todo el trabajo..."

- _____ (p. 133): "1) primacía, en cada momento, de la experiencia grupal en marcha; 2) proceso de desarrollo de la conciencia grupal; 3) importancia del contacto activo entre los participantes, y 4) empleo de experimentos de interacción estimulados por un líder que interviene activamente en ellos".

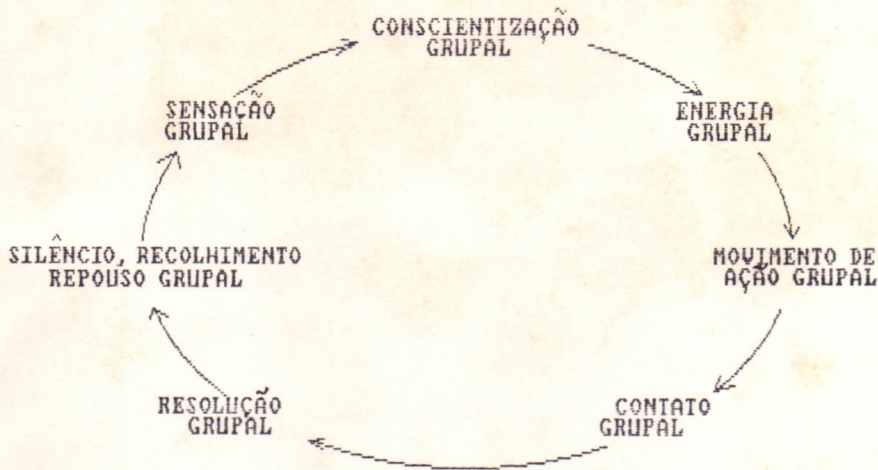
- _____ (p. 135): "En el proceso de grupo guesáltico, el terapeuta constituye inequívocamente una autoridad, pero se mueve con fluidez en el grupo. Puede decidirse por ocupar el centro y estimular activamente el trabajo individual con los miembros del grupo, o puede optar por hacerse a un lado, retirarse del centro y participar en el grupo como uno más de sus integrantes. Su presencia siempre se siente y su poder se experimenta con claridad".

IMPRESSÃO DE COMUNICAÇÃO

As figuras abaixo se referem ao texto desta dissertação, sendo suas notas aduzidas pelo autor da mesma, de sua responsabilidade e para fins deste mesmo trabalho. Seguem na ordem em que aparecem no texto:

DIAGRAMA I

O CICLO DE GRUPO GESTÁLTICO *



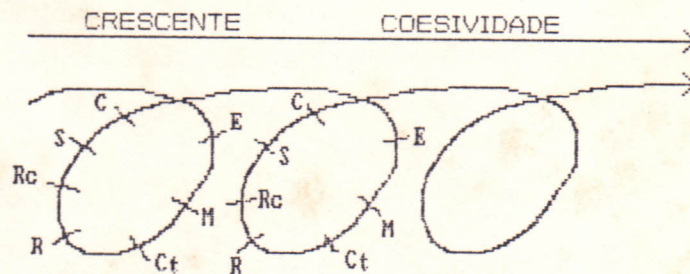
* A noção de um ciclo gestáltico de conscientização, como originalmente referido, foi formulada por Bill Warner e Miriam Polster, do Instituto Gestáltico de Cleveland.

(Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 57)

FIGURA 1

DIAGRAMA II

PROCESSO DE GRUPO GESTÁLTICO

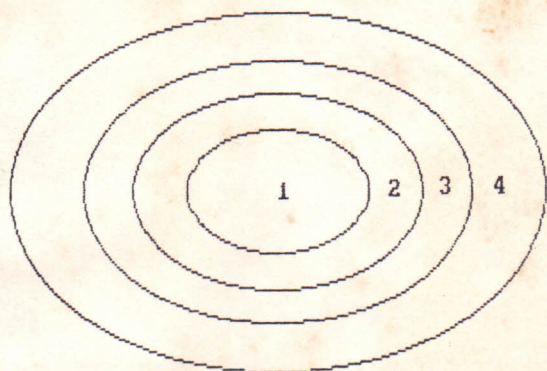


S = Sensação Ct = Contato
 C = Conscientização R = Resolução
 E = Energia Rc = Recolhimento, Repouso, Silêncio

(Zinker in: Feder & Ronall [orgs.], 1980, p. 76)

FIGURA 2

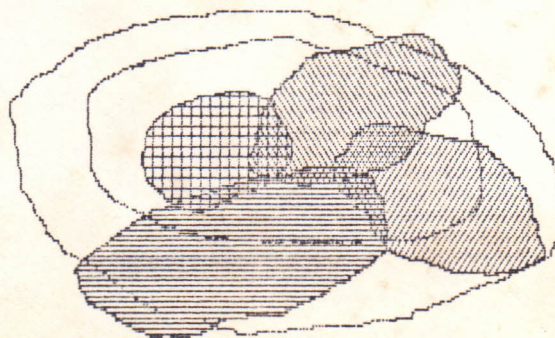
"em que teríamos:



- 1 = nível intrapessoal
- 2 = nível interpessoal
- 3 = nível grupal
- 4 = nível institucional ou social "

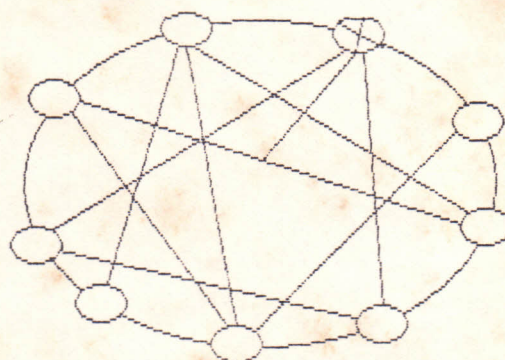
(Kernberg, 1975 apud Tellegen, 1984 , p.79)

FIGURA 3



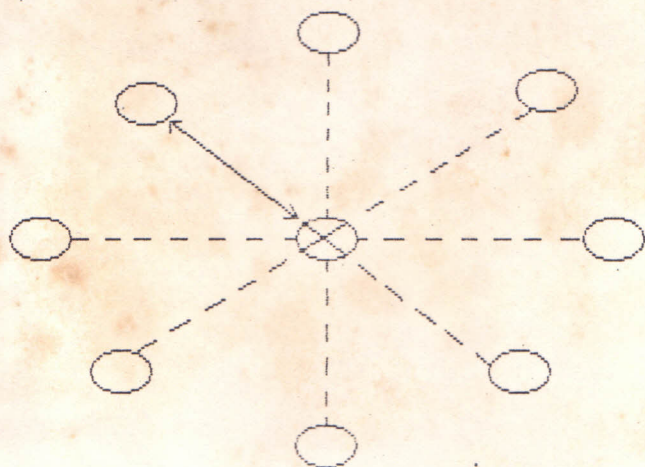
(Kernberg, '1975 apud Tellegen. 1984, p.80)

FIGURA 4

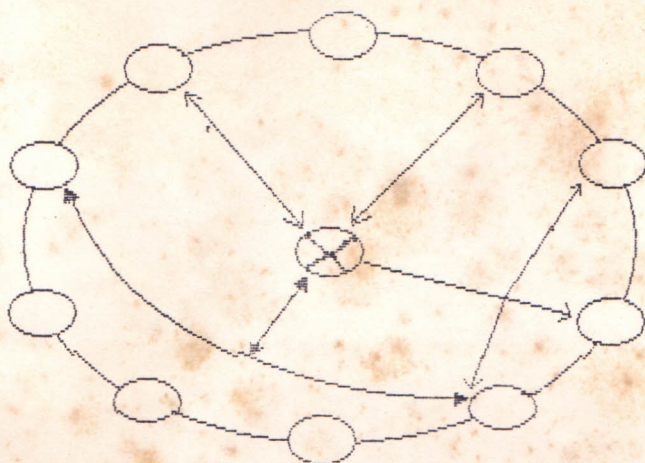


(Zinker, 1977, p.130)

FIGURA 5



(Zinker, 1977 , p.132)
FIGURA 6



(Zinker , 1977 , p. 135)
FIGURA 7